



PROFESSOR E JUIZ
JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS
E O SEU DIÁRIO

MARIA NEIDE SOBRAL



PROFESSOR E JUIZ
JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS
E O SEU DIÁRIO



MARIA NEIDE SOBRAL

GRUPO TIRADENTES

Conselho de Administração

Amélia Maria Cerqueira Uchôa
Dionísio Cerqueira Uchôa
José Henrique Paim
Jouberto Uchôa de Mendonça
Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior
Marília Cerqueira Uchôa Santa Rosa
Tarsila Carvalho (Presidente)

Diretor-executivo do Grupo Tiradentes

Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior

Diretor de relações corporativas e institucionais

Marcos Wandir

Diretora da Editora Universitária Tiradentes - Edunit

Cristiane de Magalhães Porto



UNIVERSIDADE TIRADENTES

Reitor

Jouberto Uchôa de Mendonça

Vice - Reitor

Jouberto Uchôa de Mendonça Júnior

Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Patrícia Severino



EDITORA UNIVERSITÁRIA TIRADENTES

Diretora

Cristiane Porto

Produção Gráfica

Igor Bento

Administrativo

Claudilene Barboza

Conselho Editorial

Ester Fraga Vilas Boas Carvalho do Nascimento
Gabriela Maia Rebouças
Margarete Zanardo Gomes
Ranyere Lucena de Souza



PROFESSOR E JUIZ
JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS
E O SEU DIÁRIO



EDUNIT

Aracaju - Sergipe

2025

Produção Editorial

Cristiane Porto

Normalização

Ana Regina Messias

Revisão

Igor Bento

Diagramação

Direitos autorais 2025

Direitos para essa edição cedidos à EDUNIT.

Feito o Depósito Legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editora Filiada à



EDITORA
UNIVERSITÁRIA
TIRADENTES



Av. Murilo Dantas, 300 Farolândia
Bloco F - Sala 11 - 1º andar

Aracaju - Sergipe

CEP 49032-490

<http://www.editoratiradentes.com.br>

E-mail: editora@unit.br

Fone: (79) 3218-2138/2185

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S667p

Sobral, Maria Neide

Professor e juiz José Bezerra dos Santos e o seu diário [recurso eletrônico] /
Maria Neide Sobral. – Aracaju : Edunit, 2025

396 p. : il.

ISBN: 978-65-88303-36-8

DOI: 10.17564/2025.88303-36-8

1. Biografia. 2. José Bezerra. 3. Memórias. I. Título.

CDU: 929(813.7)



Agradecimentos

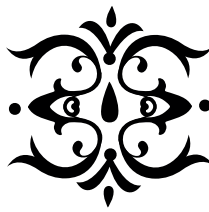
Tecer essa história foi um desafio, pois deixei outros escritos de lado para me concentrar nesse texto, como se houvesse uma urgência, como se projetasse uma finalidade, como se algo novo pudesse ser dito. Depois de escrito, ficou apenas a sensação de mais uma tarefa cumprida, embora cheia de incompletudes, inconclusões e possíveis lacunas. Também permanece a esperança de que possa abrir caminhos para outros pesquisadores e interessados nas coisas e nas pessoas de minha terra.

Devo essa incursão ao professor Ibarê Dantas, com quem tenho procurado aprender os meandros da história de Sergipe e sua didática assertiva sobre como investigar e escrever. Foi Ibarê quem colocou em minhas mãos a cópia do manuscrito do juiz José Bezerra. Por mais que eu expresse minha gratidão, nunca será suficiente.

Também gostaria de expressar minha gratidão ao Dr. José Geraldo Dantas Bezerra, guardião do original do **DIÁRIO**, com quem tive tardes e manhãs ricas de aprendizado, ouvindo-o narrar suas memórias com riqueza de detalhes e significados, transportando-me para os eventos como se pudesse testemunhá-los pessoalmente. Sua contribuição foi inestimável e, por isso, sou profundamente grata.

3 às 10h. chegando às 8,30h. - De volta passei no cantão de Estúdios, na Exatidão, na larg. de Antônio de Paiva, no bar onde costumo me encontrar, vizinho à barbearia, onde encontrei alguns que me deram notícias começando me falar da Comarca de Ita Lúcia do Itaipu. Roberto me disse que o Dr. Moura, do Juízo de Agravo, nada sabia me que o Dr. Moura de Oural não é de confiança, que me disse quando me vi em companhia de Roberto. Que ele tem oportunidade de combater melhor com a justiça a verdade. - que eu não sei. - De volta do fórum, fui, por enquanto, ali, das 14,30h. Tinha de Bar no cantão que a estu- gaço em Brasília não está lá. De 3 minutos, os longos amarelos reuniram-se, a todos fechados, e foram combater com o presidente, no grupo de Tóth. - Pedrinho me disse que Daniel (ex-vaquero) mandou dizer a deinho que "enquanto estiver vivo, o presente apanha- se de sempre a morte de Enchiliza Tóth". - Comprei 10 melindres assados no bar de Rufino para o café. - Pedrinho mais um bate com sempre preparado. Com ele não 3.

19.9.63 - Oulor. - As 10 horas, audiência de mine de 5ª feira. José - Meir de Jesus Lima, re, Meir Jofa o, 1.ª de, vítima. Pudente reio e Antônio Oli- peiro, defensor. Antônio 2º Ofício. Combatei um Pudente sobre o Pudente inquérito policial do caso Enchiliza. Disse-me que nada há a tomar pois não cabe a Juiz angustia por esta. Que Solano Pinto deu muitas declarações, e começaram-se que não eu, nem Manoel Tóth, etc. Enchiliza, a ver com o caso, embora tivesse gostado. - Fiquei mais satisfeito. - Pedrinho, João Araújo, mandado de requisição de Manoel Tóth, melindres café. O Dr. Arthur deu demonstrações de desagrado,



Sumário

“Seis décadas depois: memória e legado”	13
José Geraldo Dantas Bezerra	
Prefácio	15
Ibaré Dantas	
Rabiscando tessituras de vidas	19
José Bezerra e Cacilda: retalhos biográficos	29
José Bezerra e breve ancestralidade	32
José Bezerra: pais e irmãos	40
Em Aracaju: estudos primários e seminário	43
Casamentos e filhos	49
Professor catedrático de Educação	
Rui Barbosa e Autoria	67
Concurso para professor catedrático	70
Autoria	78
Bacharel em Ciências Jurídicas, advogado e magistrado	85
José Bezerra: Primeiro presidente do Partido Democrata Cristão	89

Em Itabaiana: José Bezerra como professor do Ginásio Murilo Braga	93
O Grêmio professor José Bezerra dos Santos	107
MEC-USAID e o Murilo Braga: anotações	109
Escola de Aplicação Zenaide “Schultz”	112

Alguns cenários de Itabaiana: presença do “coronelismo”	115
Euclides Paes Mendonça e o coronelismo: algumas notas	127

Cartografia do diário de José Bezerra	139
Início do manuscrito	142
Rendas, empréstimos e compras	148
Diversões: cinema e circo	156
Anotações sobre homicídios e falecimentos	166
Padre Rivas: do sacerdócio ao casamento	171

Movimentação política: as pelejas no golpe em Itabaiana (Um aparte)	174
Ecos do Golpe Militar em Sergipe	184
Movimentação em Itabaiana	191
Encerramento do diário	199

Juiz José Bezerra na Comarca de Itabaiana: proximidade com Euclides	201
Encontros sociais e políticos	210

Imbróglios e denúncias (nos dois primeiros anos na Comarca)	229
Eleições em 1958 e afastamento do juiz do serviço eleitoral	236
Eleições de 1962: retorno ao serviço eleitoral de José Bezerra	240
Itabaiana é “péia”! Escreveu o juiz	251
Ruptura de José Bezerra com Euclides: invasões de terras	264
Abertura de ruas e a modernização impositiva	271
Guarda Municipal x Polícia Militar, em Itabaiana	282
Tiroteio e major Teles atingido	291
Passeata da água e a morte de Euclides e de Antônio	302
Planejamento e organização da passeata	306
Suspeição e repercussão da tragédia	315
Comissão Parlamentar de Inquérito	325
Lucas de Oliveira, “vestido de velha”	349
Manoel Teles e José Bezerra: proximidade e articulação	357
“Sinhã” e “Cacil” (outro aparte)	363
(In) conclusões possíveis: disponibilidade, aposentadoria e morte	369
Referências	377



Seis Décadas Depois: Memória E Legado

Escrevendo em uma de suas obras, o historiador, pesquisador e escritor gaúcho Rodrigues Trespach nos ensinou que: “É impossível considerar qualquer evento histórico dissociado das trajetórias de quem os protagonizou. Com base nessa imensa trama de enredos individuais, podemos compreender melhor os mecanismos que movem pessoas, povos, nações e a próprio mundo desde os primeiros registros da caminhada do ser humano sobre a Terra”.

De repente, uma miríade de lembranças aflorou em nossa mente; seis décadas passadas em que os acontecimentos registrados por meu pai, então Juiz de Direito da Comarca de Itabaiana, haviam ocorrido. O período de sua vida ali assinalado pode ter grandes distorções na narrativa e muito mais nas interpretações, porquanto o tempo e as mentes humanas se encarregam disso.

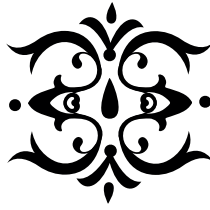
É interessante observar certos detalhes mínimos das grandes crises. A mim, o que mais se em estampou na memória foi a brutalidade dos acontecimentos e a maneira nefasta contra nossa família, quanto todos buscaram uma justificativa e os culpados pelos eventos.

Aguardei seis décadas até encontrar alguém com maturidade espiritual, conhecimento histórico, isenção de ânimo e inigualável capacidade de pesquisa para trazer à luz da realidade histórica que me foi legado guardar.

Cabe-me agradecer à autora, professora Neide Sobral, por preencher todos os requisitos referidos supra, fraternalmente nos brindar com sua maestria, e acrescentar, única e tão somente o que nos fala a poesia de Chico Buarque: “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”.

Ou até confirmar o grito da família Paiva: “Ainda estou aqui”.

Dr. José Geraldo Dantas Bezerra



PREFÁCIO

Ibarê Dantas

Este livro biográfico apresenta algumas características especiais.

Tem como objeto de estudo o juiz José Bezerra dos Santos (1919-1982), que esteve como magistrado em Itabaiana por dez anos e oito meses. Pode-se dizer que foi o ápice de sua vida profissional, quando vivenciou o maior desafio de sua existência numa conjuntura dramática do município. Atuando em um cenário marcado por uma dominação coercitiva, o juiz encontrou dificuldades para exercer sua autoridade face à omissão dos poderes públicos estaduais.

Situações semelhantes poderiam ser encontradas em várias partes do país numa fase em que o poder privado predominava sobre o público. Com a Revolução de 1930, o poder público fortaleceu-se, mas, mesmo depois do processo de democratização em 1945, aqui e acolá, ainda sobreviviam formas de dominação coercitiva como no exemplo estudado neste livro.

Daí as especificidades desse estudo. De um lado, uma resistência tardia num país predominantemente democrático. De outro, a existência de uma base empírica por meio de uma documentação privilegiada, permitindo uma análise reveladora e eloquente.

A principal peça dos registros é o Diário elaborado pelo magistrado no período 06.06.1956 a 31.12.1964, supostamente como uma forma de memorizar e precaver-se diante dos problemas imponderáveis.

A história da divulgação do documento é a seguinte. Nos anos oitenta publiquei um livrinho intitulado *Coronelismo e Dominação*, ilustrando com o caso de Itabaiana, fato que obteve alguma repercussão. Décadas depois, quando eu presidia o Instituto Histórico e Geográfico, Dr. Geraldo Bezerra, filho do magistrado, me doou o Diário de seu pai, em quatro volumes, composto de 1.210 páginas. Analisei a preciosidade e, em 2019, ao publicar a segunda edição da citada obra, explorei o documento em 90 páginas e reproduzi uma amostra fac-símile de 13 páginas nos anexos.

O Dr. Vladimir Carvalho, grande conhecedor da História do seu município, ao publicar sua alentada biografia sobre Euclides Paes Mendonça, utilizou várias transcrições da nova edição de minha obra, ratificando a importância do documento.

Após esses precedentes, surge agora o texto de Maria Neide Sobral, que, dispondo do Diário e das entrevistas com Geraldo Bezerra, propôs-se a biografar a vida do seu genitor.

A autora, natural de Itabaiana, com raízes entre alguns atores envolvidos, doutora com currículo robusto e grande produção, inclusive em estudos biográficos, elaborou um texto de grande mérito. Pesquisadora experiente, levantou dados sobre os ancestrais da família do magistrado, assim como de sua esposa. Acompanhou a formação intelectual e profissional do biografado até ser indicado juiz de Itabaiana. A partir daí tomou o Diário como objeto de análise circunstanciada do seu trabalho, aproveitou as informações preciosas do Dr. Geraldo Bezerra e, além de tudo, ilustrou o texto com inúmeras

ras imagens representativas de pessoas e de acontecimentos. Explorou a riqueza informativa do documento com arguta percepção dos detalhes.

Conhecedora das pessoas e da cidade, mostrou as cenas específicas do ambiente de Itabaiana. Investigou como alguns acontecimentos externos repercutiram na cidade, entre os quais as repressões decorrentes do domínio militar. Examinou as reuniões recreativas, políticas e até os ajuntamentos conflituosos. Observou como o juiz transitava com alguma frequência por Aracaju.

Aproveitando as narrativas no Diário sobre seus afazeres e seus contatos, acompanhou seu percurso colhendo alguns êxitos e enfrentando dificuldades. Para tanto foi de grande importância compreender a vasta teia de relacionamentos do magistrado com cidadãos de todas as classes, profissões e autoridades de vários graus de influência tanto no cenário local quanto no estadual.

Contudo, os problemas mais difíceis no exercício da judicatura decorriam das tratativas com o chefe político voluntarioso. Nos primeiros tempos, considerou-o como amigo, depois houve o afastamento e, por fim, passou a ser tido como adversário. Como cumprir suas obrigações de juiz, garantindo a vigência dos direitos civis dos cidadãos, diante das ações intempestivas do chefe que controlava o Poder Executivo e o aparelho policial na medida em que resistia ao cumprimento das normas legais? A análise dessa relação, geradora de dilemas complexos, está entre as páginas mais bem elaboradas do trabalho.

Como os conflitos foram se acumulando e o Tribunal de Justiça parecia conivente com as arbitrariedades, os problemas ganharam uma dimensão extrema. Algumas vítimas do chefe político perderam a esperança na Justiça e uma manifestação pública serviu de oportunidade para vinganças.

Como indicou a pesquisadora, nasceu outro capítulo na vida do juiz. Como se não bastassem as tragédias que aconteceram na cidade, vieram as ameaças reais ou imagináveis, provocando insegurança e temor, tornando sua existência ainda mais sofrida. Mas o texto não termina aí, acompanha também o percurso do juiz fora de Itabaiana, pontuado de padecimentos até seu fim.

Enfim, esta biografia se constitui em uma obra que lança luz não apenas sobre a vida política do Estado, mas, sobretudo, mostra como as instituições do Estado de Direito nos anos cinquenta e sessenta encontraram dificuldades para se afirmarem.

Aracaju, Sergipe



Rabiscando tessituras de vidas

*Confronto-me comigo mesma ao ler seu diário esquecido.
Com a vida que se foi, sem despedida!*

Em uma tarde qualquer, fiz mais uma visita a um casal com quem convivo pouco, mas com quem, em momentos singulares, sinto imenso prazer em conversar, contar um pouco das minhas histórias e ouvi-los falar das suas: **Ibarê Dantas** e **Beatriz Dantas**. São profissionais que têm um legado de produções impecáveis, frutos de suas pesquisas em História e Antropologia.

Em um desses encontros, compartilhei dados sobre a pesquisa que venho realizando sobre minha família há cerca de dez anos, desde o falecimento de meu pai, Manoel Sobral, em 10 de agosto de 2016. Ele deixou tantas incompletudes que imaginei preenchê-las escrevendo sua história e a de nossos ancestrais. A partir desse primeiro passo, percorri os labirintos das pesquisas genealógicas, com levantamentos documentais, bibliográficos, orais e imagéticos, em um mundo de fontes que me parece interminável. Mesmo assim, segui os mesmos passos com relação à família de minha mãe, que está viva, ativa, presente e com uma energia invejável. Nessa trajetória, encontrei inúmeros elos de parentesco entre eles e, a partir deste ponto, foi possível entender como se constituiu a parentela de Itabaiana desde sua colonização.

Ibarê Dantas nasceu em 6 de dezembro de 1939, em Riachão do Dantas, Sergipe, filho de David Dantas de Brito Fontes e Miralda Costa Fontes. Ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 1965, mudando de curso para História no segundo ano. À época, era bancário. Tornou-se professor de História no Colégio Castelo Branco e, posteriormente, ingressou como professor na UFS, no Departamento de Ciências Sociais. Fez Mestrado em Ciência Política na UNICAMP, Campinas. Foi Diretor do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Ao longo de sua carreira, publicou diversas obras de natureza histórica, predominantemente voltadas para a história política, mas com alguns estudos de caráter biográfico. Dentre suas obras, destacam-se *A Tutela Militar em Sergipe (1964-1984)*, *Os Partidos Políticos em Sergipe (1889-1964)* (1989), *O Tenentismo em Sergipe: Da Revolta de 1924 à Revolução de 1930* (1974) e *Coronelismo e Dominação* (2019, segunda edição). De natureza biográfica: *Leandro Maynard Maciel na Política do Século XX* (2017), *Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909): O Patriarca de Serra Negra e a Política Oitocentista em Sergipe* (2009) e *Memórias de Família: O Percurso de Quatro Fazendeiros* (2013), esta última tratando, de certa forma, da história da casa de Sergipe, no nível de uma prosopografia. A política e os seus protagonistas têm sido o centro motor de seus escritos.

Beatriz Góis Dantas nasceu em Lagarto, em 21 de setembro de 1941. Formou-se em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Tornou-se mestre em Antropologia na Universidade Estadual de Campinas, sendo a primeira antropóloga de Sergipe. Sua dissertação tornou-se livro em 1988, *Vovô Nagô e Pai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil*, obra que se tornou um clássico dos estudos afro-brasileiros. Realizou pesquisas sobre os índios, religiões afro-brasileiras, folclore, cultura popular, patrimônio imaterial, festas populares e outros temas. Escreveu vários livros, frutos de suas pesquisas, dentre eles o já citado e *Divina Pastora: Caminhos da Renda Irlandesa* (2013), *Destinatário: Felte Bezerra: Cartas a um Antropólogo Sergipano* (1945-1959) (2009), *Rendas e Rendeiras no São Francisco – Estudos e Documentos sobre a Renda de Bilro de Poço Redondo e Missão Indígena no Geru* (1984), *Vovô Nagô e Papai Branco* (1988), dentre outros.

Foi durante essa visita que compartilhei minha leitura da segunda edição de “Coronelismo e Dominação” (Dantas, 2019), intrigada e encantada com o diário do juiz José Bezerra, que havia sido incluído em sua análise. Dantas (2019), interessado nos aspectos políticos descritos e narrados, recolheu várias informações a respeito de Euclides Paes Mendonça no referido diário, o que ampliou sobremaneira o entendimento do “coronelismo” em Sergipe, com a inclusão do testemunho do juiz José Bezerra dos Santos. Didaticamente, ele estabeleceu três fases nos manuscritos que correspondem à relação entre Euclides Paes Mendonça e o juiz José Bezerra dos Santos: a primeira, de proximidade e amizade entre Euclides e José Bezerra (Diário JBS, 12.10.1956 a 31.12.1961), a segunda, quando o convívio se tornou difícil e houve o rompimento (Diário JBS, 01.01.1962 a 07.08.1963), e a terceira, depois da morte de Euclides de seu filho, até o dia em que José Bezerra deixou de fazer os registros (Diário JBS, 08.08.1963 a 31.12.1964).

O diário lançou novas luzes sobre o entendimento da história recente de Itabaiana, na chamada “era euclidiana”, caracterizada pelo historiador itabaianense José de Almeida Bispo (2013). O texto de Dantas, porém, é uma leitura obrigatória para compreender a trama política desse fenômeno, que se desenvolveu ao longo do século passado, e muitos vieses ainda se mantêm presentes no contexto político local. Ao me presentear com a leitura desses manuscritos de valor inestimável para a história, Ibarê também me encaminhou para o encontro com o seu guardião, o filho do juiz, o médico José Geraldo Dantas Bezerra, que ampliou sobremaneira a compreensão dos acontecimentos vivenciados por seu pai. Enfronhei-me na compreensão de muitas nuances do texto que, por ser uma escrita de si (de José Bezerra), torna-se lacunar e, por vezes, cifrada durante a minha leitura.

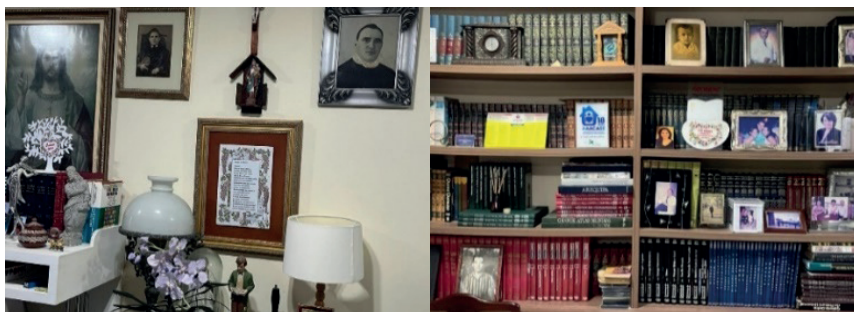
Ele, José Geraldo Dantas Bezerra, manteve (e mantém) viva a memória de seu pai e tem preservado os documentos deixados por ele: iconografias, manuscritos e impressos. Esses vestígios foram deixados por seu pai ao longo de sua trajetória como juiz e professor, tanto no Ginásio Murilo Braga, em Itabaiana, quanto no Instituto de Educação Rui Barbosa, em Aracaju, onde se tornou catedrático em 1953. José Geraldo organizou e mantém uma biblioteca com parte do acervo de seu pai, ampliado por ele próprio, que tem dado significativa contribuição a pesquisadores de diferentes áreas, por conter muito da história de Sergipe, especialmente da Medicina, da Justiça e da Educação no estado.

Figura 1. José Geraldo.



Fonte: Autora, 26 de janeiro de 2024.

Figuras 2 e 3. Biblioteca.



Fonte: Autora, 26 de janeiro de 2024.

José Geraldo Dantas Bezerra, filho do juiz José Bezerra dos Santos e de Cacilda Dantas Bezerra, nasceu em 29 de setembro de 1946, em Aracaju. Tornou-se professor de Biologia Geral no Colégio de Aplicação entre 1968 e 1975. Formou-se em Ciências Médicas em Sergipe, em 1971, e especializou-se em oncologia e hematologia no Rio de Janeiro. Ingressou, por concurso público, como professor auxiliar na Faculdade de Medicina da UFS, de onde está aposentado. Fez residência médica em Oncologia e Hematologia no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro. É membro titular da Academia Sergipana de Letras e da Academia Sergipana de Medicina, onde ocupa a cadeira nº 10, que tem como patrono o **Dr. Edélzio Vieira de Melo**. É também membro da Academia Maçônica de



Edélzio Vieira de Melo nasceu em 8 de setembro de 1909, em Rosário do Catete. Era filho do desembargador José Sotero Vieira de Melo e Arminda Barreto de Meneses Melo. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1936. Foi prefeito de Capela, pelo PSD (1942-1945), e depois mudou-se para Aracaju, onde atuou em diversas instituições de saúde. Foi deputado estadual e vice-governador de Sergipe, na chapa de Arnaldo Rollemberg Garcez. Faleceu em 23 de dezembro de 1962 (JusBrasil, 2009).

Sergipe, ocupando a cadeira nº 21. Atuou também na medicina do trabalho e no Instituto Nacional de Assistência Médica da Providência Social (INAMPS), no âmbito da oncologia. Atualmente, Dr. Geraldo se dedica a uma investigação inédita no campo da oncologia em Sergipe. Ele destacou que possui em seu acervo mais de 1.500 prontuários de pacientes, sobre os quais está elaborando um perfil epidemiológico e clínico do câncer de mama em Sergipe. Ressaltou que Itabaiana e Lagarto, depois de Aracaju, apresentam a maior frequência dessa patologia no estado, possivelmente devido ao fato de muitos residentes desses municípios ainda serem aparentados.

Ao narrar sua escolha profissional e sua identificação com a área de oncologia, considera, “sem exagero e nem boçalidade”, que foi o primeiro a se dedicar a essa especialidade em Sergipe, porque, até então, era “uma especialidade maldita”. Relembra que esse interesse surgiu quando ele tinha 6 anos de idade, ao presenciar o adoecimento de uma de suas tias-avós, Maria da Glória, com câncer de mama. Ao ouvir do Dr. Augusto Leite, que a operou, que era uma doença incurável, criou-se em sua mente infantil o desejo de um dia ser médico e encontrar a cura. Nasceu ali seu “anseio de ser médico”! Maria da Glória partiu e, sem querer, deixou esse legado, que foi cuidadosamente conquistado e exercido ao longo de sua vida. Ele ainda atua na área e pesquisa a respeito. Esse foi o ponto de partida de nossa conversa, para depois imergirmos no diário de seu pai e em suas próprias memórias.

José Geraldo Dantas Bezerra viveu em Itabaiana por alguns anos com sua família e trouxe muitas lembranças daquele período, acompanhando a movimentação de seu pai. No diário, muitas vezes o juiz José Bezerra faz menção ao filho, tratando-o

carinhosamente por “Geraldinho”. Foi nesse diário que me baseei para estruturar este texto. Inicialmente, procurei traçar um perfil do autor do diário, José Bezerra dos Santos, trazendo alguns dados genealógicos, além de sua trajetória formativa e atuação profissional. Debrucei-me, então, sobre os achados feitos na leitura do referido diário, no qual destaquei os (des)encontros entre Euclides Paes Mendonça e José Bezerra dos Santos, desvelando também o calor dos acontecimentos da vida social e política de Itabaiana. Dantas (2019, p. 116) destacou sobre o manuscrito:

Em Itabaiana, ao vivenciar as dificuldades do exercício de sua profissão, em meio a injunções que restringiam seu espaço de atuação, passou a anotar diariamente fatos do ambiente em que atuava, envolvendo relações com autoridades e com cidadãos de todos os estratos sociais. Ao final, produziu um manuscrito de 1210 páginas, formando quatro volumes, no período de 06.06.1958 a 31.12.1964.

Ousei, neste escrito, trazer como chave o diário de José Bezerra dos Santos, que contém muitos dados sobre Itabaiana e Euclides e, particularmente, sobre a vida do juiz e de sua família. O juiz teve um papel singular na vida política de Euclides, apoiando-o por um tempo, apesar das ações pouco ortodoxas deste na administração do município, que criavam inúmeros impasses jurídicos. Posteriormente, rompeu com ele e foi considerado suspeito como um dos envolvidos no assassinato de Euclides e de seu filho. Essa trama, revelada particularmente em seu diário, expôs seu sofrimento, perseguição, isolamento, questionamento e busca de afirmação de si. José Bezerra dos

Santos foi uma pessoa que viveu de forma peculiar em um universo marcado por embates em nível pessoal, entre o que considerava certo e o que era possível fazer, além de ter que sobreviver em uma situação política inquestionavelmente marcada por violência, corrupção, fraudes e o mandonismo desmedido de chefes políticos que assumiram poderes sem limites. Os (des)encontros entre José Bezerra e Euclides foi inevitável.

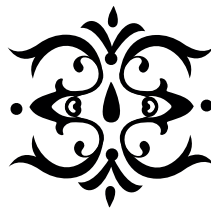
Euclides Paes Mendonça foi casado com Maria de Oliveira Mendonça, sua prima em terceiro grau, apelidada de “Sinhá”, tia de minha mãe, Glória Angélica Sobral, apelidada de “Glorinha”. O juiz da Comarca de Itabaiana, José Bezerra dos Santos, natural de Japoatã, Sergipe, foi casado com Cacilda Dantas, apelidada de “Cacil”. Euclides Paes Mendonça e José Bezerra dos Santos conviveram por cerca de seis anos, em um relacionamento marcado por trocas, apoios mútuos, conflitos e ruptura. Esses momentos foram analisados no texto de Dantas (2019) do ponto de vista político. Aqui, tratei do diário de José Bezerra dos Santos, trazendo alguns dados genealógicos de sua família, além de outras histórias contadas por seu filho, José Geraldo Dantas Bezerra, enfocando os registros feitos em sua intensa movimentação entre Itabaiana e Aracaju, no Murolo Braga, onde exercia o magistério, e nas instâncias jurídicas na capital e nas palacianas, conforme as exigências de seu cargo de juiz da Comarca de Itabaiana. Sobretudo, destaquei os (des)encontros entre ele e Euclides Paes Mendonça, devidamente registrados no referido diário. Para isso, contribuíram sobremaneira as diversas entrevistas realizadas com o Dr. José Geraldo Dantas Bezerra, filho caçula do juiz, que também testemunhou muitos dos acontecimentos no período em que viveu em Itabaiana. Uma testemunha ocular, com memória aguçada e minuciosa sobre aquele tempo.

Junto aos dados coletados, procurei, nas análises feitas sobre o “coronelismo” em Sergipe por Dantas (2019), Santos (2015), Mendonça (2014) e Carvalho (2022), referenciar a tão explorada e ainda nebulosa fase da história de Itabaiana, no período em que Euclides Paes Mendonça esteve no comando dos destinos do município. Ao longo deste texto, trouxe temas centrais do diário do juiz como forma de acompanhar a movimentação de Euclides e do próprio José Bezerra, traçando cenários possíveis para situá-los no tempo. Tentei manter um distanciamento, embora tenha sido influenciada pelo envolvimento que tive nesse processo, com lembranças de minha vida em Itabaiana, a partir do final da década de 1960. Trata-se, portanto, de um texto biográfico e exploratório, de natureza histórica, tomando como ponto de partida o diário do juiz José Bezerra, sobre o qual me debrucei de forma temática, obedecendo a certa cronologia dos acontecimentos por ele anotados.

Esse texto foi produzido com o apoio da literatura e dos documentos levantados no Arquivo do Judiciário Geral de Sergipe, no Centro de Memórias do Atheneu, no Centro de Memórias do Instituto de Educação Rui Barbosa e na Biblioteca da UFS. Também foram consultados os sites Family Search, UFS em Jornais de Sergipe, a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E foi fundamental, sobretudo, a realização de várias entrevistas com Dr. José Geraldo Dantas Bezerra, durante o ano de 2024¹. Assim, foi possível acompanhar a trajetória de vida e de

¹ Foram vários encontros que renderam muitas informações a respeito do contexto político de Itabaiana e de Aracaju, dos fatos ocorridos com a família de José Bezerra dos Santos e da trama política de Itabaiana em que o juiz, seu pai, esteve presente. Algumas entrevistas foram gravadas, outras só anotações no caderno.

atuação no magistério e na magistratura, marcada por muitas idas e vindas, contradições e buscas, e pela riqueza de sua humanidade, guiada por valores cristãos e por uma inquietante busca de viver em cenários belicosos e complexos de disputas intestinas pelo e no poder. Por fim, destaquei sua transferência para a comarca de Itaporanga, depois seu processo de disponibilidade, aposentadoria do magistério, adoecimento e morte.



José Bezerra e Cacilda: retalhos biográficos

*Sou uma tessitura - puro embaraço; às vezes, me faço presente,
me enlaço na tua história como se fosse minha!*

Quem era o juiz José Bezerra dos Santos, que chegou a Itabaiana aos 37 anos com vasta experiência no magistério, mas recém-formado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Alagoas em 1953. Ele se tornou juiz em 1956 para atuar em uma das comarcas mais emblemáticas do interior do estado, marcada pelas disputas acirradas entre políticos que assumiam papéis semelhantes aos dos coronéis: Manoel Francisco Teles e Euclides Paes Mendonça. Ser juiz no interior, nas décadas de 50 e 60 do século passado, implicava em adotar parcerias partidárias quase como uma vestimenta protetora e de sobrevivência em meio às disputas intestinas pelo poder e, por conseguinte, pelas benesses econômicas que esse poder possibilitava.

Procurei trazer aqui alguns retalhos biográficos de José Bezerra e de sua esposa, Cacilda Dantas, que foram costurados a partir de seu diário, das entrevistas realizadas com José Geraldo Bezerra e do levantamento documental e biográfico ao qual tive acesso. Graças ao gosto de José Bezerra dos Santos

pela fotografia, muitas imagens foram preservadas e disponibilizadas por seu filho, José Geraldo Dantas Bezerra, de grande valor histórico, compondo registros iconográficos de sua trajetória de vida, sempre anotados em seu diário.

Quando tirava as fotos, mandava revelá-las e as colava em seus álbuns. Na década de 1950, já se encontrava em Itabaiana, atuando como professor e juiz, quando José Bezerra dos Santos anotou a aquisição de sua máquina fotográfica, com a qual fez muitos registros, sobre a revelação das fotos e do tempo que dedicou a compor os álbuns de fotografias². Trago aqui uma pequena parte desse acervo para contar a história da família de José Bezerra dos Santos.

Certamente, estudos biográficos mais alargados e aprofundados precisam ser realizados para dar conta da história desta família, atravessada pelas tramas políticas itabaianenses. O núcleo familiar de José Bezerra dos Santos foi de Japoatã, região Norte de Sergipe. A origem de Japoatã remonta à presença de seu fundador, Frei Jaboatão, que esteve naquelas terras e construiu uma capela. Embora ainda haja controvérsias nesse dado, sabe-se que foi a Campanha de Jesus, com seus jesuítas, que, em 1630, construiu um convento sobre o monte Jaboatão. Sobre essa origem, Ferreira (1959) cita o “Tesouro de Jaboatão”, de José Bezerra dos Santos, para indicar a construção da Igreja de Nossa Senhora das Agonias, local de acolhimento e descanso de muitos que percorriam aquelas paragens. Em 1757, Jaboatão era uma fazenda-modelo com a Igreja de Nossa Senhora do Desterro, um mosteiro e casas de

² Viana (2021) organiza e cataloga retratos e retratistas de Sergipe, trazendo em destaque, dentre outros, de Itabaiana: Miguel Teixeira da Cunha, João Teixeira Lobo, Percilio da Costa Andrade e José Paulo de Oliveira que eternizaram imagens da cidade de Itabaiana. Muitas dessas imagens foram reproduzidas por Rogério dos Santos. O retratista Romeu foi seu amigo e responsável por muitas fotos suas e de seus familiares.

escravos dispostas ao seu redor. Com a expulsão dos jesuítas, o local ficou abandonado e quase em ruínas, sendo que só no século XIX, com a presença das carmelitas e de donos de grandes extensões de terra na região, voltou a ser povoado. Japoatã, não mais Jaboatão, só se tornou município desmembrado de Pacatuba em 25 de novembro de 1953.

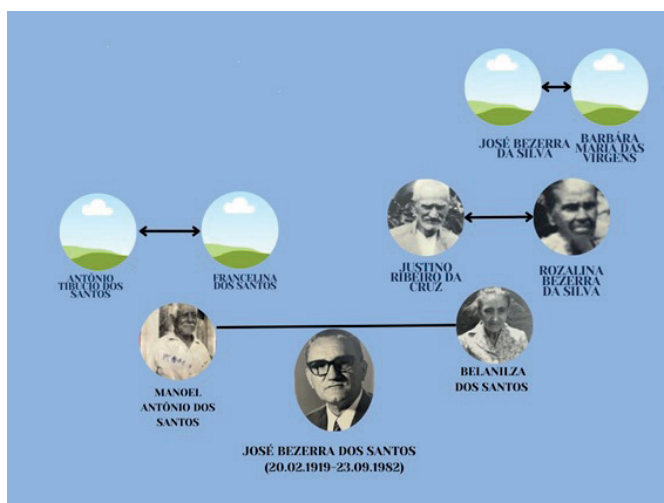
Figuras 4 e 5. Praça principal de Jaboatão, década de 1960.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 8.5.2024.

Nessa localidade, seus pais se casaram, viveram e faleceram. Desse lugar, José Bezerra saiu ainda em tenra idade para morar com seus avós maternos em Aracaju. A narrativa aqui foi pautada principalmente nas entrevistas que realizei com José Geraldo Bezerra Dantas, como já mencionei. Ele tem uma memória aguçada e uma fala articulada, entremeada de narrativas e argumentações que transformam suas lembranças em fontes privilegiadas para recompor cenários, fatos e pessoas de forma detalhada, cuidadosamente lapidadas por sua fluente oralidade.

Gráfico 1. Ancestralidade de José Bezerra dos Santos.



No gráfico, consegui arrolar os pais de José Bezerra e avós maternos e paternos de José Bezerra e os bisavôs maternos. Seus pais que viveram em Japoatã, onde estão sepultados. Manoel Antônio dos Santos nasceu no povoado Pacatuba e era filho de Antônio Tibúrcio dos Santos e Francelina dos Santos. Ele trabalhava como marceneiro e barbeiro em Japoatã. Sua mãe, Belaniza, era filha de Justino Ribeiro da Cruz, natural de Santo Amaro das Brotas³, e de Rosalina Bezerra da Silva, de Japoatã.

³ Sobre a História de Santo Amaro das Brotas, consultar Bonfim (2007) e Santos (2017).

José Geraldo Dantas Bezerra contou-me sobre seus avós maternos, pais de Belaniza: Justino Ribeiro da Cruz e Rosalina Bezerra da Silva, que nasceram em Santo Amaro das Brotas. Rosalina era filha de José Bezerra da Silva e Bárbara Maria das Virgens. Justino perdeu o pai cedo, vítima de febre amarela. Quando tinha 14 anos, Justino estava dando muito trabalho à sua mãe, o que a levou a escrever uma carta ao seu filho mais velho, Eustáquio Ribeiro, que na época residia em Japoatã, onde administrava um engenho. Ela pediu-lhe que tomasse conta do irmão, evitando assim que ele se desviasse do bom caminho.

Justino, então, foi morar com o irmão e trabalhar como camboeiro em Japoatã, transportando mercadorias de um lugar para outro em seu cavalo. Posteriormente, ele adquiriu terras para cultivo. Seis anos após estar residindo em Japoatã, Justino, aos 19 anos, acompanhou o irmão, Eustáquio, ao casamento deste no engenho Borda da Mata, onde avistou uma moça que lhe despertou a atenção; por sinal, ela era irmã da noiva do irmão. Justino, então, conversou com o irmão a respeito, e este o incentivou a procurar o pai da jovem e fazer o pedido de casamento, prática ainda muito comum no meio rural, especialmente porque o pai era considerado o responsável pelo destino de seus filhos, particularmente das mulheres.

A princípio, o pai da moça, José Bezerra da Silva, recusou-se a atender o pedido, devido aos poucos recursos apresentados por Justino: uma roça e um cavalo. Disse-lhe então: “Você não tem nada; arranje-se e venha pedir, que eu dou a mão de minha filha”. José Bezerra da Silva, apelidado de “Ioiô Bezerra”, um resquício do período da escravidão, no qual os escravos tratavam seus senhores de “Ioiô” e suas senhoras de “Iaiá” era casado com Bárbara Maria das Virgens, bisavós maternos de José Bezerra.

Nas paragens de Japoatã, contou-me Geraldo Dantas, era comum os donos de fazendas e engenhos chamarem um ou dois frades para celebrar matrimônios, realizar batizados e rezar missas uma vez por ano em suas propriedades. No caso, o bisavô de José Bezerra trouxe os frades de Penedo, e, no ato da confissão, relatou o pedido negado. O frade teve uma postura assustadora para ele, dizendo que estava amaldiçoado e que iria para o inferno por negar a mão da filha a um homem de caráter, apenas por causa do poder financeiro dele. Pouco depois, o velho mandou um recado para Justino, pedindo que ele fosse vê-lo. Ao chegar, disse-lhe que se preparasse para se casar com a jovem. Justino retornou e se preparou para o casamento, embora não tivesse dado o dote dela, como mencionava Maria José, uma das filhas de Justino, fato que sempre era lembrado no seio da família.

O casamento se realizou, e Justino e Rosalina tiveram 17 filhos; porém, apenas sete deles chegaram à fase adulta: seis mulheres, sendo elas Maria José, Eloída, Maria da Glória, Esther, Guiomar e Belaniza; e um homem, que carregou o nome de seu avô, José Bezerra da Silva. Este José Bezerra da Silva (neto) migrou para Aracaju para trabalhar nos Correios. A filha Eloída, apelidada de “Eloí”, casou-se em Japoatã em 1902, teve seus filhos e, posteriormente, migrou para o Rio de Janeiro.

As fotografias a seguir compõem o acervo deixado por José Bezerra dos Santos, de seu avô Justino e de suas tias maternas, irmãs de Rosalina.



Figura 6. Justino, avô de José Bezerra. Ele está em frente ao armazém da família, no bairro Santo Antônio, em Aracaju, onde residiu, na avenida Ivo do Prado. Esta foto tirada um ano antes de seu falecimento, em 12.02.1941.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.

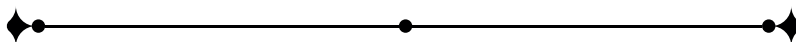


Figura 7. Ester, apelidada de “Teté”, tia de José Bezerra. Ela foi cantora e organista na igreja, e casou-se com o seu ex-cunhado, Álvaro Carneiro Leal, que havia sido casado em primeiras núpcias com sua irmã, Maria da Glória. Ester faleceu de câncer e o casal não teve filhos. Foto de 1952.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Em seu diário, José Bezerra registrou uma das viagens a Santo Amaro das Brotas, lugar de sua ancestralidade paterna, onde se encontrou com Álvaro, a quem chamava de tio, esposo de “Teté”, fazendo o seguinte registro:

Acordei às 4 horas com o despertador. Preparação para viajar para Santo Amaro das Brotas. Bosco resolveu ficar, antes das 5 saímos para o ponto da lancha e aí ficamos até 7,10 quando partimos. Chegada e café lá para as 9h. Missa festiva na igreja. Passeio com tio Álvaro. Tiramos retratos. [...] A tarde acompanhei a procissão de Santo Amaro, toda procissão. Depois do jantar preparativo para voltar. Em Santo Amaro estive a Banda de Música dos meninos de Riachuelo (Diário JBS, 21.01.1962).



Figura 8. Guiomar e Luiz de Moura Matos, seu esposo. Guiomar era muito tímida e bastante míope. Faleceu de câncer de bexiga. O casal não teve filhos, mas adotou Renato Mesquita (Entrevista de Geraldo Dantas, 15.01.2024).

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 8.5.2024.

Figura 9. Maria José, apelidada de “Santinha” e de “Bebém”, pelo seu sobrinho José Bezerra.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Há passagens no diário que José Bezerra no qual faz anotação de Bebém: empréstimos que fazia a ela, viagens a Itabaiana em duas ocasiões, presença dela em jantares e almoços, e conversas com ela. Foi professora primária em Japoatã. Ela foi uma figura forte na família e que organizou e administrou economicamente as finanças pois tinha tino para os negócios. José Geraldo Dantas afirma que “Bebém” sempre foi “o esteio da família”. Viveu 108 anos.

O casal, Justino e Rosalina, viveu boa parte de sua vida de casados em Japoatã. Contou-me José Geraldo Dantas que, em 1913, um impasse político indesejado ocorreu com o cunhado de seu avô, Eugênio Bezerra da Silva (16.12.1855 – 04.03.1915), irmão de Rosalina, casado com Rosa Soares Bezerra. Talvez esse conflito seja explicado no contexto da época, quando houve mudança no ordenamento da política estadual e certamente nas intendências do interior. Lembrando que Sergipe foi governado por Rodrigues Dória (1911-1914), eleito pelo Partido Republicano Conservador, em meio às disputas ocorridas na Primeira República, na chamada política “café com leite”, entre mineiros e paulistas. Com a eleição do presidente da República, marechal Hermes da Fonseca (1910-1914), este indicou, para substituir Rodrigues Dória, o marechal José Siqueira de Menezes, do Partido Republicano Sergipense. Certamente essa alternância de poder, em Sergipe, mudou a configuração da intendência em Japoatã.

À frente dela, encontrava-se Eugênio Bezerra da Silva⁴, irmão de Rosalina, que foi exonerado, sendo indicado Ananias Melo, compadre de Eugênio, para ocupar o cargo.

Ananias Melo, então, resolveu mandar prender seu antecessor e designou dois soldados e um cabo, que, sensibilizado pela ordem recebida, avisou Eugênio. Este reagiu, confrontando Ananias com um chicote e dizendo que iria batê-lo para justificar a ordem de prisão. Ananias, então, foi à delegacia e suspendeu a prisão de Eugênio, mas ordenou a prisão de Justino. Um homem pacato, sem maior envolvimento com a política local, Justino sentiu-se incomodado com a situação e foi passar um tempo em Aracaju, na casa de seu filho, José Bezerra, funcionário dos Correios. Provavelmente foi um dos irmãos de Rosalina, chamado Pedro Bezerra da Silva, funcionário dos Correios, quem arranhou o emprego para o sobrinho. Ele residia na Rua de Lagarto, na região onde passou a funcionar o Campus I da Universidade Tiradentes.

Depois de alguns dias em Aracaju, Justino pediu à sua filha Maria José, apelidada de “Santa” pelos pais e de “Bebém”

4 Outros irmãos de Eugênio Bezerra da Silva foram: Manoel Bezerra da Silva, nascido em 1835, criador; Luiz Bezerra da Silva, nascido em 1841, lavrador e Domingos Martins do Sacramento, nascido em 1850. Lista de Qualificação de Divina Pastora, 1970. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça. Dois anos depois, em 14 de maio de 1815, em que se sentiu traído por Ananias Melo, Eugênio Bezerra veio à óbito. Ele era casado com Rosa Soares Bezerra, sendo esta sua inventariante, onde arrolou no inventário, aberto em 18 do mesmo mês e ano, deixando os seguintes filhos: Edmemé Soares Bezerra, nascida em 16.12.1900; Edith Soares Bezerra, nascida em 1.09.1902; Deusdeth Soares Bezerra, nascido em 28.08.1904; Eugênio Soares Bezerra, nascido em 01.02.1906; Erundino Soares Bezerra, nascido em 18.001.1907; Rosa Soares Bezerra, nascida em 06.01.1908; Eunice Soares Bezerra, nascida em 05.06.1909; Mariana Soares Bezerra nascida em 01.03.1911; Euthencia Soares Bezerra, nascida em 03.07.1913 e Cecília Soares Bezerra, nascida em 09 de dezembro de 1914. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Sergipe. (Inventário de Eugênio Bezerra da Silva, Termo de Pacatuba, Comarca de São Francisco, 18.03.1915).

por José Bezerra dos Santos, que naquele momento estava a passeio em Aracaju, para que retornassem a Japoatã e buscar sua esposa e as outras filhas que lá estavam. Eles tomaram um barco até Maruim e, depois, seguiram a cavalo até Japoatã. Justino, então, vendeu todos os seus bens sem informar a família sobre isso e veio para Aracaju com sua esposa e filhas.

Acompanhando a narrativa de Dr. Geraldo Dantas Bezerra, filho de José Bezerra, ele assinalou que Justino, seu avô, informou à filha que os recursos haviam terminado. Ela, então, sugeriu ao pai que a família retornasse a Japoatã. Ele, no entanto, deu-lhe ciência de que havia vendido tudo ao vir para Aracaju e que voltar para Japoatã não era uma opção. Surpresa, mas pragmática, “Bebém”, junto com as irmãs, iniciou suas atividades no comércio. Primeiro, venderam nas feiras; depois, instalaram uma bodega e, com o progresso financeiro, conseguiram adquirir um terreno no Santo Antônio, onde construíram três casas: uma para o comércio, onde instalaram um armazém, outra para moradia e a terceira para alugar. Justino Bezerra vendia painéis de barro no mercado, adquiridas em Santo Amaro das Brotas, onde tinha uma casa.

Figura 10: Armazém da família Bezerra, na Avenida Ivo do Prado, em Aracaju. Ao lado do armazém, a casa de moradia de Justino e sua família; depois de José Bezerra e família.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.1.2024.



Na fotografia acima, na esquina, foi instalado o armazém da família e na casa ao lado a residência de Justino e Rosalina, local onde José Bezerra foi criado, depois tornou-se proprietário e onde viveu até o seu falecimento. Ainda hoje os dois imóveis fazem parte do patrimônio do filho, José Geraldo Dantas.

José Bezerra: pais e irmãos

“Mãe Bela” e “Pai Antônio”, pais de José Bezerra, casaram-se em 30 de fevereiro de 1909, na cidade de Japoatã. Essa data foi anotada no diário quando o casal completou bodas de ouro, em 1959.

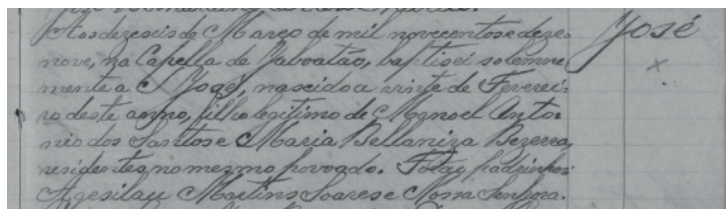
Figuras 11 e 12. (1) José Bezerra e sua mãe, Belanilza; (2) seu pai, Antônio.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 22.07. 2.2024.

O casal, Antônio e Belanilha, teve os seguintes filhos: Marizete, Maria do Carmo, Maria de Lourdes, Jovita e Maria dos Santos, Braulio, Francisco e Etelvino e José Bezerra dos Santos. José Bezerra dos Santos nasceu em Japoatã no dia 20 de fevereiro de 1919. Quando José Bezerra nasceu, seus avós maternos já residiam em Aracaju. Ele foi batizado em 18 de março do mesmo ano, tendo como padrinhos Agesilau Martins Soares e Nossa Senhora.

Figura 13. Registro de Batismo de José Bezerra dos Santos.



Fonte. Family Search. Livro de Batismo.

(Transcrição: Aos 18 de Março de mil novecentos e dezenove, na Capella de Japoatã, batizei solenemente a José, nascido a vinte de Fevereiro deste anno, filho legítimo de Manoel Antônio dos Santos e Maria Bellaniza Bezerra residentes neste mesmo povoado. Forão padrinhos Agesilau Martins Soares e Nossa Senhora).

Exceto José Bezerra, que migrou para Aracaju para viver com seus avós maternos, os demais mantiveram-se em Jaboatã. Os homens tornaram-se marceneiros como pai e as mulheres dona de casa, com pouca escolarização.

Figura 14. Braulio,
irmão de José Bezerra.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Figura 15. Em uma das viagens de José Bezerra a Japoatã, José Bezerra tirou a foto ao lado: Belaniza, sua filha, Jovita, e seu neto Bosco, filho mais velho de José Bezerra.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Quando José Bezerra completou 10 meses de vida, Belaniza estava grávida e tinha receio de morrer no parto e deixá-lo. Chamou sua mãe, Rosalina, que residia em Aracaju, e pediu que ela tomasse conta da criança. Ele tinha problemas de saúde, como otite e dermatite, e havia sofrido uma queda das bordas de um pinico, o que lhe deixou uma cicatriz. Com a drenagem de um abscesso, desenvolveu uma escoliose acentuada e, ao andar, levantava a perna para compensar a diferença. Era, por vezes, apelidado pelas alunas da Escola Normal de “professor coxo” (Geraldo Dantas). Embora Belaniza tenha tentado levar seu filho de volta para Japoatã, isso não ocorreu.

Ao ser criado longe de seus pais biológicos, José Bezerra teve a oportunidade de estudar e alcançar o nível superior. Foi criado sem riqueza, mas com uma rede de relações sociais que o ajudou ao longo da vida, ressaltou José Geraldo, seu filho.

Em Aracaju: estudos primários e seminário

Quando José Bezerra veio residir em Aracaju, seus avós, Justino e Rosalina já estavam na capital há cerca de seis anos. Eles tinham vencido suas dificuldades de adaptação e detinham estabilidade financeira, com a instalação do armazém.

José Bezerra veio para Aracaju e foi criado pela avó e pelas tias “em meio a mimos e com rédeas curtas”, como relatou José Geraldo Dantas Bezerra. A família se instalou inicialmente na Rua de Lagarto, onde José Bezerra cursou os primeiros anos do ensino primário em algumas escolas particulares daquela localidade, como as de D. Nenzinha, D. Marocas, D. Baião e D. Elvira. Depois, estudou no Grupo Escolar General Valadão, sob a direção das professoras Emília e Amália (Santos, 2019). Essa instituição de ensino havia sido concebida pelos sócios do Comércio Agrícola, destinada inicialmente ao ensino noturno para adultos. Posteriormente, foi doada ao Estado, que se responsabilizou pela conclusão da construção de seu prédio, então situado na Praça Tobias Barreto, sendo inaugurada em 1923. Mais tarde, a escola foi transferida para o bairro Santo Antônio, na antiga Rua da Vitória, hoje chamada Avenida Carlos Burlamaqui, provavelmente no período em que José Bezerra frequentou o ensino primário (Mendonça, Cruz e Silva, 2017).

Em 1930/31, aos 10 anos de idade, José Bezerra ingressou no Colégio Salesiano para terminar o primário. Em 1931, iniciou o ginásio, após o exame de admissão realizado pelo então

inspetor federal, Franco Freire. Era uma escola de grande referência em Aracaju, de natureza confessional, inaugurada em 15 de novembro de 1908, na Rua São Paulo, onde os salesianos implantaram o Oratório Festivo “Nossa Senhora Auxiliadora”, voltado para a evangelização de jovens pobres, “seguindo as orientações do Papa, expostas por meio das encíclicas e das cartas pastorais dos bispos brasileiros” (Andrade, 2019, p. 82). Em 1909, como forma de ajudar financeiramente na manutenção das atividades do Oratório, foi fundada uma seção de ensino secundário que seria paga pelos estudantes. As atividades na Escola Agrícola iniciaram-se em 1911, em Tebaida, São Cristóvão, sendo depois transferidas para a capital, onde foi aberto um colégio de ensino primário e secundário para estudantes pagantes em Aracaju. Em 1927, o colégio foi equiparado ao Ginásio Pedro II.

O universo da cultura escolar do Salesiano era composto por diversas práticas festivas e religiosas, junto aos estudos regulares, sempre intermediados por dramatizações, declamações, jogos, esportes e ginástica, entre outras atividades, além do ensino religioso e dos valores morais e códigos de comportamento social, especialmente com o Manual do Jovem. De fato, havia um esforço dos salesianos em induzir conteúdos religiosos e morais, sempre tratados em experiências práticas frequentes, com premiações e adesão rigorosa ao regulamento da instituição, que era de leitura obrigatória para os estudantes. Internamente, os alunos se organizavam em associações, como, por exemplo, aqueles que apresentavam vocação sacerdotal, que se reuniam na associação chamada Pequeno Clero. Outras associações reuniam os alunos com melhores desempenhos e com aqueles mais bem-comportados. Não sei se José Bezerra fez parte das referidas associações, que alimentavam

a cultura escolar do Colégio Salesiano e fortaleciam os laços de pertencimento a ela (Bonifácio, 2017).

Dois anos depois, como aspirante ao sacerdócio, viajou para Jaboatão dos Guararapes para estudar. José Bezerra registra: “Faz hoje 27 anos que, com Nestor Sampaio, saí de Aracaju com destino ao aspirantado Salesiano de Jaboatão - Pernambuco. Fomos de navio ‘Itatinga’ até Salvador - BA e, de lá, seguimos para Recife no ‘Itapagé’” (Diário JBS, 22.02.60). No livro do **Padre Gumerindo dos Santos**, guardado por seu filho, a citação abaixo foi rabiscada por José Bezerra, afirmando que ali chegou em 2 de fevereiro de 1933 (Santos, 1981, p. 25).

Na estação de Jaboatão, duas aranhas, pequenas charretes, receberam nossas malas e nos conduziram por mais de meia hora de bem, à colônia dos padres salesianos. Estávamos em Japoatão, no aspirantado salesiano do Norte. Entramos no Santuário de N. Senhora Auxiliadora, construção do Pe. Vellar, e nos encontramos com a imagem da Virgem Auxiliadora. Depois descemos os setenta degraus da escadaria, rezamos na gruta de Lourdes e por entre alas de pitangueiras aparadas, descemos até aquele querido Aspirantado da Escola Agrícola São Sebastião de Japoatão.

Era o ano de 1933, quando lá chegou. O padre José Gumerindo dos Santos foi seu professor e se tornou seu amigo por toda a vida. Um ano antes ele tinha tirado a foto abaixo.



Figura 16. José Bezerra e um amigo, aos 13 anos de idade.

Fonte: Álbum de família. Cedida à autora por José Geraldo Dantas Bezerra, em 20.09.2024.

Durante o período em que estive no seminário de Jaboatão dos Guararapes, José Bezerra adquiriu uma vasta cultura linguística. Estudou latim, tornou-se fluente em italiano, além de aprender inglês e francês. Com a bagagem cultural adquirida no seminário, foi designado para o exercício do magistério no Colégio Salesiano Domingos Sávio⁵, em Baturité, no Ceará, onde lecionou História do Brasil e Desenho. Era uma prática dos Salesianos enviar os candidatos ao sacerdócio para realizarem missões após o curso de Filosofia, com o propósito de testar a vocação deles.



José Gurmecindo Santos nasceu em Itabaiana em 15 de agosto de 1907. Era filho de José Januário dos Santos e de Maria Rita de Jesus. Foi um dos egressos do Aspirantado da Congregação Salesiana na Escola Agrícola de São Cristóvão. Ordenou-se sacerdote em 08 de setembro de 1934, em Recife. Faleceu em Faria de Santana em 1 de setembro de 1991. Criou a Congregação Santa Terezinha em 1947; Joseleitos de Cristo, em 1950 e Divino Mestre, em 1960. Há um processo e beatificação do Padre Gurmecindo em andamento, aberto em 7 de novembro de 2021, em Serrinha, na Bahia (Sociedade Joseleitos, s/d).

⁵ O Colégio Salesiano Domingos Sávio foi fundado em 1930 e funcionava em regime de internato e externato. Ele foi fechado em 1970.

Figuras 17 e 18. José Bezerra no meio, na frente, em 1939, no Seminário em Japoatão dos Guararapes-PE.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.

No final do ano, José Bezerra descobriu que não queria prosseguir com a vida religiosa e decidiu voltar para Aracaju. Conversou com seus superiores, que lhe deram a passagem até a Bahia e, ao chegar lá, ligou para suas tias, pedindo-lhes ajuda para poder retornar para casa. Era o final do ano de 1938. Essa decisão surpreendeu a família, que já havia se mobilizado para compor o enxoval para que ele fosse para o Seminário Maior e cursar Teologia, como narra José Geraldo Bezerra Dantas.

Sua desistência do sacerdócio “gerou uma guerra” no seio familiar, levando-o a retornar a Japoatã, à casa de seus pais, onde ficou por um curto período. Sem condições de se adaptar ao lugar que havia deixado ainda bebê, voltou para Aracaju e começou sua peregrinação para se estabelecer profissionalmente. Nessa época, seus avós e tias-avós já estavam residindo em uma casa no Santo Antônio, aposentados, com o espaço comercial alugado. Sua avó, Rosalina, havia falecido em 1938. O armazém e uma das casas eram alugados; pois elas

já estavam aposentadas. Preocupada com o futuro do sobrinho, “Bebém” pediu a Albino Silva da Fonseca⁶, comerciante de Itabaiana que era proprietário da padaria Ceres em Aracaju e que, todos os dias, a cavalo, distribuía sacos de pão nas bodegas da região, que arranjassem uma colocação para seu sobrinho. Albino, então, pediu a Constâncio Vieira, dono da Empresa de Fiação e Tecelagem de Estância, implementada em 1912, que conseguisse a referida ocupação. Este, em contato com Zezinho Cardoso, então diretor do Colégio Tobias Barreto, pediu-lhe uma vaga para José Bezerra. Ele foi admitido no cargo de bedel, responsável pela disciplina no colégio, e, posteriormente, passou a ser professor. Foi nesse colégio que conheceu interessados em fazer o curso superior na Faculdade de Direito de Alagoas, muitos dos quais, egressos dessa instituição, assumiram funções importantes na magistratura de Sergipe.

Com uma formação intelectual sedimentada pelos estudos realizados no seminário, em um período em que o saber era considerado um passaporte para o ensino, algumas oportunidades surgiram, especialmente no Colégio Salesiano, onde passou a ministrar aulas de Português. Dando aulas no Salesiano, foi convidado pelo bispo Dom José Tomás, quando este soube do regresso de José Bezerra do seminário, para dar aulas de italiano no Seminário Menor, em Aracaju. Ele era fluente na língua e ensinava os seminaristas que se preparavam para ir a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e, posteriormente, para a Itália. Nesse seminário, ele se tornou professor de várias figuras ilustres do patriarcado sergipano, como Dom Luciano Cabral, que chegou a arcebispo, e Padre Carvalho e Hildebrando Mendes, nascido em 1926, que foi bispo de Estância e transferido para Arapiraca.

⁶ Albino Silva foi fundador da Rádio Liberdade e chegou a ser suplente de senador.

Abaixo fotografia do encontro de ex-alunos do Salesiano, no qual José Bezerra participou em 1942. Possivelmente foi após o retorno do seminário que José Bezerra passou a frequentar o grupo de egressos do Salesiano.

Figuras 19 e 20. (1) Nota sobre o encontro dos ex-alunos do Salesiano. (2) Ginásio Salesiano, agosto de 1942. Encontro de ex-alunos. José Bezerra no segundo plano no canto a esquerda.



Fonte: Folha da Manhã, n. 341, 20 de agosto de 1942 e Álbum de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.

Casamento e filhos

Ainda nos primeiros anos da década de 1940, José Bezerra manifestou o desejo de casar-se. Embora esse anseio não

*Os ex-alunos salesianos vão
celebrar a sua festa no próximo 23
do vigente.*

*Festa social de profunda significação,
que vai confraternizar os estudantes
de ontem, a fim de que, unidos,
possam por um dia ao menos,
durante o ano, hoje, recordar o
passado longínquo de lutas escolares,
que tantas saudades nos trazem e nos
encorajam para a continuação da
longa e penosa jornada da vida.*

*É, ainda, mais, festa de gratidão
e saudade; gratidão para com os
superiores e mestres inesquecíveis
a que devemos tudo o que somos;
saudade do colégio onde aprendemos
e debaixo de cujo teto passamos os
melhores e mais felizes dias da nossa
infância.*

*O Colégio Salesiano receberá pois
no próximo dia 23 todos os ex-
alunos sergipanos numa festa de
confraternização.*

TOPICOS

Os ex-alunos salesianos vão celebrar a sua festa no proximo 23 do vigente.

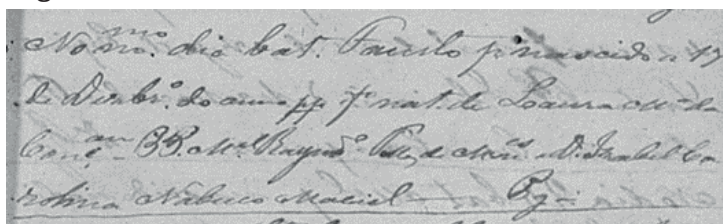
Festa social de profunda significação, que vai confraternizar os estudantes de ontem, a fim de que, unidos, possam por um dia ao menos, durante o ano, hoje, recordar o passado longínquo de lutas escolares, que tantas saudades nos trazem e nos encorajam para a continuação da longa e penosa jornada da vida.

É, ainda, mais, festa de gratidão e saudade; gratidão para com os superiores e mestres inesquecíveis a que devemos tudo o que somos; saudade do colégio onde aprendemos e debaixo de cujo teto passamos os melhores e mais felizes dias da nossa infância.

O Colégio Salesiano receberá pois no proximo dia 23 todos os ex-alunos sergipanos numa festa de confraternização.

tivesse o apoio de suas tias, que o consideravam ainda imaturo para o matrimônio, ele assumiu alguns relacionamentos, mas não deram certo. Quando estava noivo de uma itabaianense, conheceu Cacilda Dantas, filha de Fausto Dantas e Maria Júlia Dantas, originários de Divina Pastora. Fausto Dantas era filho natural de Laura Maria da Conceição.

Figura 21. Batismo de Fausto.



Fonte: Family Search. Livro de Batismo n. 41. Divina Pastora

(Transcrição: No mesmo dia batizei Fausto nascido a 17 de outubro, branco, filho natural de Laura Maria da Conceição. Foram padrinhos Manoel Raymundo Telles de Mendonça e Isabel Carolina Nabuco Maciel).

Maria Júlia de Sant'Ana (Dantas depois do casamento) era filha de Manoel José de Sant'Ana e de Maria José de Sant'Ana. Segundo José Geraldo Dantas Bezerra, Maria José era do Zanguê, em Itabaiana, e migrou para Divina Pastora devido a questões políticas enfrentadas por sua família naquela localidade.

Fausto e Júlia se casaram em 3 de junho de 1905, em Divina Pastora, seguindo os rituais, com o casamento precedido de três proclamações feitas na Matriz em três dias festivos consecutivos à celebração da Missa Conventual, em Divina Pastora e no Rosário do Catete, conforme os trâmites das regras da Igreja.

José Geraldo Dantas narrou fatos de seus ancestrais maternos, informando que Fausto Dantas, seu avô, foi educado em Maruim, tornou-se contador e trabalhou nessa função na Usina Fortuna, de Flávio Prado. Quando Cacilda nasceu, em 1920, seus pais se separaram após o parto, devido a uma briga por ciúmes, mas o pai manteve o sustento da família e visitava os filhos periodicamente.

Figura 22. Fausto Dantas

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Um dos filhos de Fausto e Júlia, o mais velho, Epaminondas, nascido em julho de 1910, em Divina Pastora, foi para o Rio de Janeiro servir ao Exército, mas, por motivo de doença, retornou e se fixou em Aracaju. Aqui, seu pai conseguiu um emprego para ele na empresa Força e Luz. Casou-se com uma professora chamada Maria Rodrigues, teve seus filhos em Aracaju e, depois de se aposentar, retornou para o Rio de Janeiro.



Figura 23. Epaminondas, irmão de Cacilda.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.

O outro irmão de Cacilda, José Dantas, apelidado de “Dantinhas”, nascido em 1911, ainda jovem, veio trabalhar em uma padaria em Aracaju. Foi sorteado pela Caixa Econômica e ganhou uma boa quantia. Descobriu a casa para alugar da família de José Bezerra, comprou um ponto comercial e se instalou no Santo Antônio, tendo sucesso em seu negócio.

Casou-se com Valdete de Freitas Dantas, nascida em 1922. Um dos filhos desse casal foi Valdir de Freitas Dantas, que nasceu em 1958. Casou-se com Isaura Maria Querino Dantas, e o casal teve três filhos: Renato Querino Dantas, Renoir Querino Dantas e Isadora Querino Dantas. Valdir era promotor do Ministério Público e foi assassinado no entroncamento da cidade de Cedro de São João, em março de 1998, por questões de corrupção política que ele investigava à época (Santos, 1998).



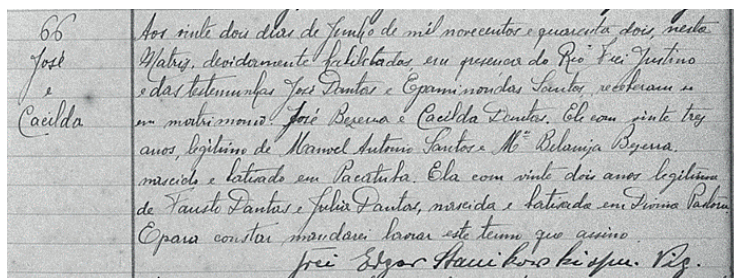
Figuras 24. José Dantas, irmão de Cacilda, apelidado de “Dantinhas”, saiu de Aracaju, levando sua mãe, Júlia. Em 1962, no entanto, ele retorna, trazendo-a para residir em uma casa sua, na Rua do Carmo, conforme aponta José Bezerra: “Tivemos notícias da chegada de D. Júlia amanhã, com Dantinhas. Vêm de Ilhéus para a casa própria de Dantinhas, na Rua do Carmo. O sogro

de Dantinhas veio trazer a chave da casa. Cacilda foi logo ver a casa” (Diário JBS, 21.10.1962). “Regressa D. Júlia, minha sogra, de Ilhéus para Aracaju” (Diário JBS, 22.10.1962).

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.

Dessa ascendência, temos então os familiares maternos de Cacilda Dantas, esposa de José Bezerra dos Santos. Eles se conheceram na casa de comércio que a família de José Bezerra tinha alugada ao irmão dela, José Dantas. Namoraram e casaram-se depois de seis meses, em 26 de junho de 1942, no religioso, na Igreja do Bairro Santo Antônio, em Aracaju, tendo como testemunhas os dois irmãos de Cacilda: Epaminondas, nascido em 3 de outubro de 1910, em Divina Pastora, e José Dantas, apelidado de “Dantinhas”. O casamento civil só ocorreu em 17 de janeiro de 1957, nove anos após o religioso, quando ele havia assumido a magistratura em Itabaiana.

Figura 25. Registro do casamento religioso de José Bezerra e Cacilda.



Fonte: Family Search.

A princípio, contou-me José Geraldo Dantas, ele teve o apoio das tias para se relacionar com ela, encerrando seu noivado com uma moça de Itabaiana. No entanto, as tias o consideravam imaturo para o casamento e, ao perceberem que ele realmente se casaria, decidiram ir embora para Santo Amaro das Brotas, onde tinham uma casa, expulsando-o

de casa. A família de Cacilda pressionou pela realização do casamento, argumentando que isso garantiria a manutenção da reputação dela, que estava sendo abalada pelos falatórios sobre uma possível gravidez.

Figuras 26 e 27. (1) José Bezerra e Cacilda; (2) Cacilda. Interessante que o juiz faz menção a essa fotografia em seu diário: “Encomendei um retrato de Cacilda com moldura, a ser preparado em São Paulo” (Diário JBS, 21.07.1960). “Recebi o retrato de Cacil, encomendado em 21.07.1960” (Diário JBS, 14.12.1960),” Sr. Ferreira me emprestou 2000,00 para pagar a d. Glorinha 1.400, pelo retrato de Cacilda” (Diário JBS, 31.01.1960).



Fonte: Álbum de Família de José Geraldo Dantas. Cedida à autora em 24.01.2024.

José Bezerra e Cacilda Dantas residiram, inicialmente, na Rua do Riachuelo, perto do Salesiano, entre as ruas Araújo e Lagarto. Cacilda deu à luz ao primeiro filho do casal, João Bosco Dantas Bezerra, em 3 de junho de 1943, em um parto de grande sofrimento que a levou à exaustão. O parto, realizado a fórceps, ocorreu numa época em que a cesariana ainda não era uma

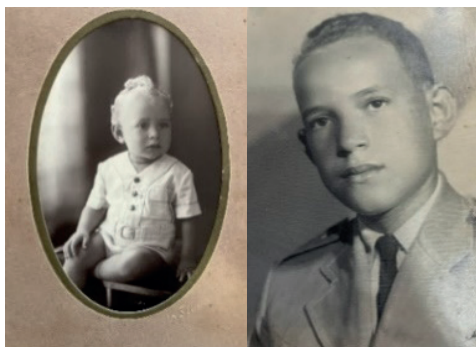
opção em Aracaju. Foi o irmão de Cacilda, já bem-sucedido no comércio, quem pagou todas as despesas na maternidade. Cacilda quase morreu e precisou ficar internada por 21 dias.

Quando Bosco nasceu, em 1943, Geraldo Dantas nos relatou sobre a reação de suas tias-avós: “As velhas ficaram loucas, pois era um menino louro e de olhos azuis; puxou ao lado do meu bisavô, pois dizem que ele era francês ou descendente de francês, da Guarda Nacional”. Esse foi o momento de reaproximação delas com o casal, embora Cacilda nunca tenha esquecido a oposição das tias de José Bezerra ao seu casamento. Manteve sempre um relacionamento cordial e prestativo, cuidando delas quando adoeciam (Bezerra, entrevista em 24.01.2024).

Figuras 28 e 29.

João Bosco em
dois tempos.

Fonte: Álbum de família
de José Geraldo Dantas
Bezerra. Cedida à autora em
31.01.2024.



José Bezerra fez muitos registros sobre seu filho mais velho: da escola, cursos, prestação de serviço militar, pequenos desentendimentos familiares, atritos por se opor à namorada dele, compras constantes que fazia para ele, além de idas ao cinema, passeios e viagens entre Itabaiana e Aracaju. Destaquei aqui o registro que fez acerca do primeiro emprego de seu filho, quando foi nomeado para o cargo de escrivão, lotado na Secretaria da Justiça.

à noite, o secretário de Justiça e Interior, **Antônio Torres**, esteve em casa, comunicando que Bosco estava nomeado, desde hoje, para o cargo de escriturário, lotado na Secretaria de Justiça. Que o governador havia assinado o decreto para ele, apesar de outros deputados interessados na vaga pedirem-na. Foi um presente de Euclides, devo observar que nunca lhe falei *em tal* causa. Há muito que me falou que estava pleiteando um lugar para Bosco. Entretanto nunca lhe toquei tal cousa. Foi um presente espontâneo, por ter observado o mérito (Diário JBS, 22.08.1061).

Registrou José Bezerra a respeito do seu filho que se encontrava fazendo o serviço militar: “chega Bosco, cabelo cortado a militar por ordem do capitão da CR. Já é soldado a partir de Hoje: Soldado Bosco, n.22, 10ª Cr” (Diário JBS, 12.01.1962).



Figura 30. João Bosco

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Antônio Torres nasceu em 2 de outubro de 1926, em Canhoba, filho de Antônio Torres Neto e de Leonilda de Souza Torres. Casou-se em 9 de dezembro de 1949 com Gicélia Mendonça de Araújo, sobrinha de Maria de Mendonça Teles, d. Pequena. Foi deputado estadual e foi assassinado no centro comercial de Aracaju, por vingança relativa a um assassinato ocorrido na sua cidade natal, no qual era considerado responsável (Carvalho, 2022).

João Bosco tornou-se funcionário do Banco do Brasil, casou-se em 25 de janeiro de 1969 com a professora Silvia de Almeida Gomes, nascida em 28 de junho de 1948, filha de Juarez Gomes da Rocha e de Haydê de Almeida Gomes. O casal teve os seguintes filhos:

- —◆— Hayda Gomes Bezerra que se formou em Letras;
- —◆— José Bezerra dos Santos Neto, formado em História;
- —◆— Valéria Gomes Bezerra, formada em Jornalismo;
- —◆— Maria Auxiliadora Gomes Bezerra, dona de casa.

As dificuldades financeiras de José Bezerra continuavam, a ponto de o diretor do Salesiano convidá-lo para residir em uma casa grande, dividida em três compartimentos, nos fundos do colégio. Era uma forma de amenizar a sua situação financeira.

No mesmo ano que seu primeiro filho nasceu, José Bezerra foi aprovado nos exames de Licença Ginásial, nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário do Colégio Estadual. No ano seguinte, em 1944, foi aprovado no exame de suficiência para o ensino de Latim, um exame obrigatório para aspirantes a professor dessa língua, imposto pela lei de

1942 para suprir a falta de professores, com a realização de títulos e provas. O latim, considerado uma “língua morta”, passou por uma revitalização e valorização nesse período pela Lei Orgânica do Ensino, promovida por Capanema⁷. José Bezerra foi aprovado nesse exame.

Na movimentação de José Bezerra dos Santos para se afirmar profissionalmente, ele ia abrindo caminhos sobretudo através de estudos e exames, sendo também apoiado por uma rede de sociabilidade que construiu durante sua permanência no Seminário e nas diversas escolas privadas que atuou como professor, o que lograva reconhecimento pela responsabilidade e competência com que exercia o magistério, alinhada a uma cultura humanista e teológica, fruto de seus anos na instituição religiosa. Era preciso ir um pouco mais adiante, ingressar no magistério público.

Era uma exigência do Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942, Lei Orgânica do Ensino Secundário, que reformou o ensino, com a exigência da conclusão do curso clássico para ingressar no magistério público. O primeiro ciclo era voltado para o curso ginasial, e o segundo ciclo, com três anos de duração, voltava-se para o curso clássico e o curso científico. Além desses, havia outras modalidades, como Normal, Agrícola, industrial e Comercial, voltadas para o mercado de trabalho, e o ensino superior, embora este ainda estivesse ausente em Sergipe. Foi em 1942 que ele iniciou o referido curso no Colégio Estadual de Sergipe (Almeida, 2017). Nesse período, o colégio estava sob a direção do catedrático **Joaquim Vieira Sobral**.

⁷ Sobre os reflexos da Reforma Capanema em Sergipe, consultar Alves, Oliveira e Costa (2020).



Joaquim Vieira Sobral nasceu em 3 de abril de 1898, em Japarutuba, no engenho São João; Era filho de Domingos Dias de Menezes Sobral e de Ana Vieira Sobral. Era conhecido como “Dr. Mingau”, formado em agronomia, casou-se com sua prima Alzira Garcez Sobral. Foi professor do Atheneu Pedro II, de Aracaju, lecionando Desenho e/ou Inglês, chegando a ser diretor da referida escola. Faleceu aos 83 anos de idade, em 28 de setembro de 1980 (Maynard, 2024).

Vale lembrar que sua formação, até então, havia ocorrido no Seminário, onde era postulante ao sacerdócio. Por isso, fez o curso clássico, que abriu as portas para lecionar no sistema de ensino público. O curso era realizado em três anos, cujas disciplinas e o desempenho de José Bezerra estão demonstrados no quadro abaixo. As avaliações eram feitas com base na média de exercícios, duas provas parciais e uma prova oral.

Quadro 1. Disciplinas do Curso Clássico e desempenho de José Bezerra

Disciplinas/Séries	1ª Série/1944	2ª Série/1945	3ª Série/ 1946
Português	10	9,2	9,6
Latim	9,4	9,2	9
francês	5,7	7	-
Inglês	5,9	5,9	-
Espanhol	8.8	-	-
Matemática	7	5,3	7,2
Física	-	5,5	7
Química	-	6	7,5
História Geral	6,4	9,6	-
História do Brasil	-	-	8,1



Disciplinas/Séries	1ª Série/1944	2ª Série/1945	3ª Série/ 1946
Geografia Geral	7,3	8,7	-
Geografia do Brasil	-	-	7,3
Filosofia	-	9,6	8,2
Biologia	-	-	5,8

Fonte: Arquivo do Colégio Estadual de Sergipe.

Observa-se, no quadro acima, que o desempenho de José Bezerra era alto nas disciplinas de Português e Latim, justamente as disciplinas que ministrou com maior frequência ao longo de seu exercício no magistério.

Diplomado no Curso Clássico do Colégio Estadual de Sergipe, José Bezerra viu surgir diversas oportunidades para trabalhar no sistema público de ensino, as quais soube aproveitar para firmar seu nome no magistério. Após sua passagem pela referida instituição como professor de Latim e auxiliar de direção, pela Portaria 06. 07. 1947, e foi nomeado professor catedrático interino, por decreto de 12 de maio de 1949, para o magistério no Instituto de Educação Rui Barbosa.



Figuras 31 e 32. Turma de 1946, Curso Clássico, 3º ano. José Bezerra, primeiro à esquerda.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.



Fonte: Arquivo do Colégio Estadual de Sergipe.

Em 1946, concluiu o Curso Clássico no Colégio Estadual de Sergipe, necessário para seu exercício no magistério laico, sendo contratado, no mesmo ano, para lecionar Latim (já habilitado pelo exame) no mesmo colégio, iniciando seu exercício docente em escola pública. José Bezerra se tornou professor de Latim no Colégio Estadual de Sergipe, sendo nomeado auxiliar de direção pela portaria de 06/07/1947, sob a direção do professor Joaquim Vieira Sobral. Permaneceu no referido colégio até 1949.

Nesse período, o diretor do Colégio Estadual de Sergipe, José Joaquim Vieira Sobral, indicou seu nome para dirigir o Asilo Rio Branco, onde dispunha naquela instituição de uma moradia. O referido Asilo era uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos, fundado em 1 de outubro de 1911, na antiga Sede da Associação Comercial.

Residiu no Asilo, durante dois anos e foi lá que nasceu o seu segundo e último filho José Geraldo Dantas Bezerra, em 29 de setembro de 1946. O parto também complicado, o que levou o médico a informar que ela não poderia mais engravidar pois corria o risco de morrer durante o parto.

Figuras 33 a 35. José Geraldo em três tempos: (1) juventude; (2) formatura (3) com seus pais.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.

José Geraldo Dantas Bezerra casou-se 27 de setembro de 1976, com Elizabeth Melo Bezerra, nascida em 23 de janeiro de 1950, filha de José Ferreira Mello, que foi funcionário da Capitania dos Portos, e de Altair Leite Melo, diretora de escola. A família de “Bete”, como é conhecida, é de Capela. O casal teve três filhos, a saber:

- —◆— **Marília Mello Bezerra** nasceu em 29 de agosto de 1982. Formou-se em Direito pela Universidade Tiradentes e, atualmente, é funcionária do Ministério Público. Casou-se com um ortodontista e tem uma filha, Maria Júlia Bezerra Mattos, nascida em 2022.
- —◆— **Raquel Maria Bezerra** nasceu em 25 de abril de 1981. Formou-se em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba, tem mestrado e, atualmente, atua na Associação de Voluntários a Serviço da Oncologia de Sergipe (AVOSOS) como coordenadora. Casou-se com o tenente-coronel Victor Anderson, comandante da Rádio Patrulha, e o casal tem uma filha, Maria Bezerra.
- —◆— **José Geraldo Mello Bezerra** nasceu em 9 de fevereiro de 1980. Formou-se em Medicina pela Escola Baiana de Medicina, especializou-se em cirurgia e, atualmente, é cirurgião oncológico. Casou-se, em primeiras núpcias, com Natacha Cabral, com quem teve dois filhos: David Cabral Bezerra e Antônio Cabral Bezerra. Atualmente, é casado com Leane, sem filhos.

Figura 36. José Bezerra com os dois filhos: Geraldo e Bosco, em 1952.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 19.10.2024.

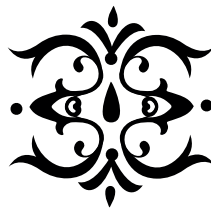


Pai de dois filhos, José Bezerra enfrentou a luta cotidiana para se afirmar profissionalmente, ocupando espaços no magistério e conquistando respeito pela vasta cultura que adquiriu ao longo de sua vida, especialmente durante sua formação no seminário. Passou por diversas provas e exames que o habilitaram a atuar em sala de aula.

Em suma, na trajetória de vida de José Bezerra, vislumbra-se uma caminhada peculiar que a racionalidade humana pode até explicar, embora sem conclusões definitivas. Uma criança, ainda em tenra idade, entregue aos avós e tias, que se mudou de uma cidade pequena e sem grandes recursos para a capital, onde teve oportunidades e escolhas que seus irmãos não tiveram em Jaboatã, em particular, a escolarização. Afeito às coisas da Igreja, ingressou muito cedo no seminário, onde permaneceu durante toda a adolescência, certamente sob o rigor e a disciplina que as instituições religiosas impõem como forma de “moldar” a alma e “domar” o corpo dos aspirantes ao sacerdócio. Um longo período cercado de rezas e estudos, que

lhe proporcionou uma forte religiosidade, sempre presente ao longo de sua vida, além de um lastro intelectual significativo que o habilitou ao magistério, especialmente na área de humanidades.

Abandonou a proteção da Igreja e teve que enfrentar a luta cotidiana para encontrar seu lugar ao sol, buscando afirmar-se profissionalmente e alimentando seu anseio de constituir uma família, o que fez, embora enfrentando dificuldades, especialmente em relação à moradia.



Professor catedrático do Instituto de Educação Rui Barbosa e autoria

Voltando ao passado, permito-me a viagem na saudade!

José Bezerra foi nomeado professor catedrático interino do Instituto de Educação Rui Barbosa, no governo do Dr. José Rollemberg Leite (1947-1951), para substituir a professora catedrática Maria da Conceição Melo Costa, conhecida como “Dona Cecinha”, que ministrava Português e havia entrado em licença médica.

O Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB) é uma das instituições de ensino mais antigas de Sergipe, sobre a qual já foram realizados estudos e pesquisas que revelam muito de sua trajetória e de sua importância na área da educação e no desenvolvimento intelectual dos sergipanos, como os trabalhos de Freitas (1995), Brito (2001) e Barros (2017), entre outros. Criado em 1877, a instituição teve um itinerário marcado por dificuldades, sendo um espaço privilegiado de acesso às mulheres e de ampliação da formação docente. Passou por diversas reformulações e reorganizações, além de ocupar espaços

alugados, só tendo sua sede própria em 1911. Nesse prédio, situado na Praça Olímpio Campos, abrigou-se o cenário construído pela pedagogia moderna e pela necessária reforma curricular. José Bezerra dos Santos atuou nesse local tanto como professor quanto como diretor, antes de sua ida para Itabaiana.

A suntuosidade, imponência, visibilidade e modernidade pareciam ser a mensagem transmitida pela presença do Instituto em uma Aracaju ainda pouco desenvolvida no início do século passado, tornando-o um ponto de constante influência para a modernização da cidade. A estrutura hierárquica dos professores era dividida em catedráticos e adjuntos, cargo criado em 1916, no governo do presidente Oliveira Valadão (1914-1916). A função dos adjuntos era auxiliar os catedráticos, e muitas normalistas, após formadas, eram inseridas na instituição como professoras adjuntas.

Ele conciliava as aulas ministradas na Escola Normal com outras dadas no Colégio Jackson de Figueiredo, no Patrocínio São José e no Tobias Barreto⁸, especialmente no ano de 1951. Do Colégio Patrocínio São José, guardou uma fotografia tirada na Colação de Grau das professoras do 4º ano, em 1951. Esse colégio, que preparava mulheres para o exercício do magistério, foi inaugurado em 7 de abril de 1940, em Aracaju, pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Oferecia os cursos primário, ginásial, secundário e Escola Normal. De natureza confessional e privada, foi a segunda Escola Normal criada em Aracaju.

As festas de formaturas eram celebradas como acontecimentos sociais importantes, mobilizava a sociedade aracajuense e as autoridades convidados para prestigiá-las. O corpo

⁸ Consultar Conceição (2012).

docente era composto inicialmente pelas religiosas, mas aos poucos outros professores foram sendo incorporados, dentre eles, José Bezerra dos Santos (Sampaio, 2016). Um desses eventos, na fotografia guardada por José Bezerra, de 1951.

Figura 37. Colação de Grau de professoras no Colégio Patrocínio São José. José Bezerra da segunda pessoa sentada da direita para esquerda.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.



José Bezerra também lecionou no Colégio Jackson de Figueiredo.⁹ Fundado em 1938, pelo professor Benedito Alves de Oliveria, que ofertava os cursos primários, o preparatório para o ginásio (admissão), e o ginásio. Recorda-se Dantas (2019, p. 115), de sua presença no referido colégio:

Quando estivemos internos no Jackson de Figueiredo, tivemos a oportunidade de avistá-lo numerosas vezes na primeira metade dos anos cinquenta, com sua estatura mediana, terno de linho, moderadamente comunicativo, puxando de uma perna. Infelizmente não tivemos a oportunidade de ser seu aluno.

Nessa trajetória, em outubro de 1953 “Cecinha Melo” pede aposentadoria e abriu-se uma vaga para o Instituto de Educação Rui Barbosa, ao qual José Bezerra foi o único inscrito.

⁹ Sobre o Colégio Jackson de Figueiredo, consultar Pimentel (2014).

Concurso para professor catedrático

A professora “Cecinha Melo” se aposentou e José Bezerra dos Santos candidatou-se a sua vaga. O fez, defendendo a tese “Machado de Assis na Literatura Nacional”. Nessa defesa de tese, celebrada calorosamente por uma banca examinadora qualificada e uma plateia destinta, conseguiu sua aprovação: “a sapiência e empolgação do mestre despertaram na plateia uma artilharia de aplausos, consagrando diante do público presente a real vitória da competência e do saber” (Sousa, 2019, p. 22).

Figuras 38 a 41. Defesa de tese de José Bezerra dos Santos para professor Catedrático do Instituto de Educação Rui Barbosa, em outubro de 1953. (1) apresentado a tese; (2) Banca examinadora, da esquerda para a direita: professora Julia, professor José Augusto Da Rocha, Conego Domingos Fonseca, José Lino e Acrísio Cruz.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 26.01.2024.

Figuras 42 e 43. Excertos dos Jornais: Correio de Aracaju e Diário de Sergipe, n.2543, 13 de outubro de 1953, sobre o concurso do Instituto de Educação “Rui Barbosa”.

Concursos de Português e História do Brasil PRIMEIRA REUNIÃO DE PROFESSORES Será realizada no próximo dia 12 de outubro, às 10 horas, no Instituto de Educação «Rui Barbosa», a 1ª reunião dos professores Acrísio Cruz, José Augusto da Rocha Lima, José Olino de Lima Neto, Julia Teles da Costa, Cícero Domingos Fonseca de Almeida, Gonzalo Ralumborg Leite, Manoel Ribeiro, Virgílio Santana, Maria Bastos Bezerra e Gileno Francisco de Jesus, compositores das bancas examinadoras de Português e História do Brasil, respectivamente, a fim de organizarem o horário das provas das aludidas disciplinas para o Concurso de Professores Catedráticos.	Concurso de Português, A's 14 horas de hoje, terá início, no Instituto de Educação «Rui Barbosa», a defesa de tese do Prof. José Bezerra dos Santos, único candidato inscrito no concurso para a cadeira de Português.
--	---

Ele defendeu sua tese em outubro de 1953 e foi nomeado pelo decreto de 13 de novembro de 1953, como professor catedrático do IERB, aprovado com nota 9,5 e em 1954, assumiu a cátedra. O governador na época era **Leandro Maciel**, e a

Dantas (2017) escreveu uma biografia de **Leandro Maynard Maciel**, destacando sobretudo suas ações políticas. Ele era filho de Leandro Ribeiro Siqueira Maciel e de sua segunda esposa, Anna Maynard Maciel, nascido na Bahia, mas foi registrado em Sergipe, em Rosário do Catete, em 9 de dezembro de 1897. Durante a infância viveu no Engenho Rios, com seus avós maternos, sendo apelidado de “Leandrito”. Perdeu seu pai aos 11 anos de idade. Frequentou o Colégio Salesiano e depois foi estudar em Salvador, aos 13 anos de idade, no Colégio Marista. Posteriormente, estudou na Escola Politécnica da Bahia, tornando-se engenheiro, em 1922. Foi indicado para ser auxiliar técnico do Departamento de Portos, Rios e Canais no Rio de Janeiro, sendo promovido em 1924. Em seguida, instalou-se na Paraíba, onde contraiu matrimônio com Marina Alburquerque, em 27 de setembro de 1924. Deixou o referido Departamento e passou a trabalhar como engenheiro civil, por conta própria. Ingressou na política sergipana, como auxiliar do governo Cyro Franklin de Azevedo, em 1926. Foi diretor de Obras no governo de Manoel Dantas. Em 1929, vinculou-se ao Partido Republicano de Sergipe e foi eleito a deputado federal, em 1930. Posteriormente, foi deputado pelo PSD, em 1934. Em 1945, filiou-se a UDN, tornando-se um dos líderes do partido. Durante o período de 1945 a 1950, foi deputado federal. Em 1954, venceu as eleições e assumiu o governo do Estado.

direção do Instituto estava sob o comando do cônego Domingos Fonseca, que não quis permanecer no cargo. Foi quando “Pedrinho do Brejo”, como era conhecido Pedro Diniz Gonçalves, que era então secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, sugeriu ao governador Leandro Maciel a indicação de José Bezerra para assumir a direção daquela instituição.

Relata José Geraldo Bezerra que, após o término do concurso, José Bezerra sentia-se mental e fisicamente esgotado, sendo orientado pelo médico Dr. Hercílio Cruz, a passar um período de descanso na Fazenda Brejo, em Laranjeiras, propriedade de Pedro Diniz, mais conhecido como “Pedrinho do Brejo”, braço direito do governador e amigo de José Bezerra. A família de José Bezerra passou uma temporada de férias escolares na fazenda, hospedando-se na casa do contador, Sr. Biriba. José Bezerra conseguiu se recuperar do esforço feito na defesa de sua tese de concurso, preparando-se para retomar suas atividades no Instituto. Os laços de amizade naqueles tempos geravam benefícios, proteção e, também, custos (Bezerra, entrevista em 26.01.2024). Um desses benefícios foi o de ser indicado como diretor da referida instituição e foi nomeado pelo Decreto de 9 de janeiro de 1955.

Durante o período em que esteve à frente da instituição como diretor, realizou várias inovações pedagógicas, como a realização de excursões para outras escolas normais do interior do estado. Na foto abaixo, no plano de fundo atrás, José Bezerra e alunas do Instituto de Educação a Escola Normal de Estância, em cujo verso da fotografia anotou os nomes e a data.

Figura n. 45. José Bezerra na
saldá da diretoria do IERB.

Fonte: Álbum de família de José
Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à
autora em 31.01.2024.



Dessas viagens, a ex-normalista Augusta, da década de 1950, recorda-se de sua ida a Itabaiana e do almoço na casa do prefeito Euclides Paes Mendonça e do piquenique que a turma participou na aquela cidade (Freitas, 1995).

Figura 45. Salgado, em 2 de setembro de 1956, viagem
a Estância, da Escola Normal, volta em 3 de setembro
do mesmo ano. Nilda Ildonê, Aidre, Auxiliadora Sousa e
Margarida (verso da foto, caligrafia de José Bezerra).



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora
em 20.09.2024.

Em seus registros, José Bezerra mencionou o Canto Orfeônico na Escola Normal, sob a direção de Genaro Plech, amigo de toda uma vida, sendo registrados muitos momentos de visitas e encontros com ele em seu diário. O Canto Orfeônico foi incluído no currículo da Escola Normal em 8 de junho de 1934, quando o diretor da Instrução Pública era o Dr. Helvécio de Andrade, sendo os primeiros mentores o Prof. Genaro Plech e Alfeu Menezes. No período do governador Hunald Santaflor Cardoso, foi criado o Instituto de Música e Canto Orfeônico, pelo Decreto-Lei n.840, de 28 de novembro de 1945 (IMCOSE), que era vinculado ao Departamento de Educação do Estado e sediado no Instituto de Educação Rui Barbosa. Esse instituto objetivava formar professores para ministrar música e Canto Orfeônico, o que não redundou em êxito, pois, segundo Graça e Nascimento (2013), os alunos queriam aprender piano e violino e depois não se interessavam para ensinar, como era seu objetivo principal. Em 1960, o IMOSE passou a ser chamado de Instituto de Música de Sergipe (IMS). A disciplina foi excluída da Escola Normal em 1971 e substituída por Educação Artística (Santos, 2014).

Nas fotos abaixo, o maestro conduz as alunas da Instituto de Educação Rui Barbosa, no Palácio do Governo.



Figuras 46 e 47. Genaro Plech, no Instituto de Educação Rui Barbosa. José faz vários registros de suas visitas ao músico.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.

No discurso de formatura das normalistas de 1957, a oradora Carmem Dantas Siqueira, em solenidade de colação de grau realizada no IHGSE, fez menção aos professores, entre eles Nunes Mendonça e Genaro Plech, destacando-o como “alma de artista, idealista e apaixonado, que nos elevou o espírito através da arte divina de Beethoven e Mozart, de Chopin e Villa-Lobos” (Correio de Aracaju, n. 6136, 21.12.1967).

Mesmo já afastado do IERB por ter assumido a Comarca de Itabaiana como juiz, as alunas fizeram uma menção honrosa ao diretor José Bezerra dos Santos. A turma teve como patrono o governador Leandro Maciel e como paraninfo Heribaldo Vieira. Sobre José Bezerra, segue o excerto publicado no Correio de Aracaju destacando o trabalho dele enquanto diretor da instituição e de Antônio de Vasconcellos Lima, então diretor do Departamento de Educação do Estado.

formação do professor primário, e certos de que o Instituto de Educação é uma casa de formação profissional - e não de propedêutica intelectual – não se deixaram absorver pelo número, pela quantidade: souberam dar ao Curso Pedagógico a posição que lhe compete em um Instituto de Educação. A eles, portanto, as nossas homenagens sinceras e cordiais. (Carmen Prado, oradora, Correio de Aracaju, 21.12.1957).

Ele foi lembrado por uma de suas ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa, Yvone Mendonça de Souza, no livro da tese defendida por ele quando candidato à referida vaga.

tive o privilégio de ser aluna do ilustre mestre José Bezerra. Profundo conhecedor do nosso vernáculo, professor José Bezerra encantava suas alunas pelas belas aulas cuja metodologia fascinante abria caminhos para o conhecimento da “última flor do Lácio”, a língua portuguesa, também retratara no antológico soneto parnasiano de Olavo Bilac (Sousa, 2019, p. 21).

Abaixo, a turma das normalistas de 1957, cuja fotografia foi guardada por José Bezerra dos Santos.

Figuras 48 a 51. (Mural dos formandos, com paraninfo, patrono e professores homenageados; (2) Listas dos formandos, 1957; (3 e 4) Desfile de 8 de setembro de 1965, em frente ao prédio do Instituto de Educação Rui Barbosa.



AS CONCLUDENTES

Adelaide Mendonça Cardoso
Aline Andrade de Moraes
Angelina Correia de Araújo
Aurora Nascimento Santos
Carmem Dantas Siqueira
Célia Maria da Silva
Edna Matinas dos Santos
Elenice Bezerra de Farias
Eliude Siqueira
Gladys do Prado Salles
Iêda Maria dos Reis
Ivanilde Xavier dos Santos
Ivete Araújo Ferreira
Janisete Ferreira de Oliveira
Jeanete Quarante Santiago
Joana Assis Prado
Jussara Mendonça Lira

Liomar de Oliveira Quarante
Maria da Conceição Santos
Maria Alice de Melo
Maria da Conceição Santos
Maria Eunice de Carvalho
Maria de Fátima Carvalho Aguiar
Maria Helena Campos
Maria Isabel Santos Vieira
Maria Lúcia Melo de Araújo
Maria de Lourdes Silva dos Santos
Maria Lúcia Oliveira de Santana
Maria da Silva Oliveira
Maria Virginia dos Santos
Miralda Maurício dos Santos
Nilza Santos
Zuliná Passos de Andrade



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 31.01.2024.

Nos álbuns de fotografias que legou ao presente, José Bezerra deixou várias imagens que permitem viajar naqueles tempos de prestígio do IERB.

Autoria

• —◆— Machado de Assis na Literatura Nacional

Como assinalei, a defesa de tese de José Bezerra dos Santos para a cátedra de professor de Português do Instituto de Educação Rui Barbosa foi intitulada “Machado de Assis na Literatura Nacional”. Esse texto foi publicado em 2019, na celebração do centenário de seu nascimento.

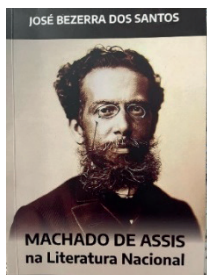


Figura 52. Capa do livro sobre tema de defesa para professor catedrático.

Nos primeiros capítulos, ele fez uma discussão sobre a origem da língua e da literatura portuguesa no Brasil, desde os primórdios da colonização e suas interações com a língua tupi falada pelos nativos e, posteriormente, com a língua dos africanos. Isso leva à seguinte reflexão:

E por que as modalidades não formam o dialeto brasileiro?

Quando ouvimos um português a falar, sua língua não destoa da nossa, exigindo de nós minutos de apuração visual e fonética, e nossos olhos não atentam seus lábios na estranha prolação das sílabas e palavras? Onde está a unidade linguística entre Brasil e Portugal? (Santos, 2019, p. 30-31).

A partir desses questionamentos, José Bezerra tratou da formação da literatura brasileira e suas transformações, considerando a autonomia literária proporcionada pelo “romantismo no Brasil”, com a prosa de ficção, a crítica jornalística e o teatro, para, enfim, abordar Machado de Assis e sua obra literária, que oscilava entre o romantismo e o realismo. Ele enfocou, então, o parnasianismo e o naturalismo como

características marcantes em sua obra. Em seguida, destacou Machado de Assis como poeta, romancista, teatrólogo, cronista, contista e crítico. Por fim, ao encerrar a tese, retomou a questão inicial da linguagem, afirmando que Machado de Assis se expressava, de fato, na língua portuguesa do Brasil. Apresentou as influências do literato pelas qualidades que demonstrou em sua obra: “Seu estilo é atraente, é verdade: os assuntos bem definidos, linguagem precisa, estilo com todas as características de um autor clássico que soube magistralmente assimilar a cultura clássica portuguesa e universal” (Santos, 2019, p. 123).

Nas conclusões de sua tese, remeteu-se às suas experiências docentes nos colégios, destacando seu esforço “como aluno e professor contratado de Latim e Português”, e considerando essas vivências “testemunhas do meu esforço para aprender, estudar, ensinar e vencer na vida”. Afirmou, por fim, que Machado de Assis é um modelo e um símbolo, pois “foi e é o defensor da língua portuguesa no Brasil”. Como escritor, “conseguiu o primeiro lugar em nossas letras e continua invicto na fortaleza inexpugnável de sua obra literária”, além de ter “conseguido tudo pela vontade, esforço e fino gosto pela arte” (Santos, 2019, p. 138).

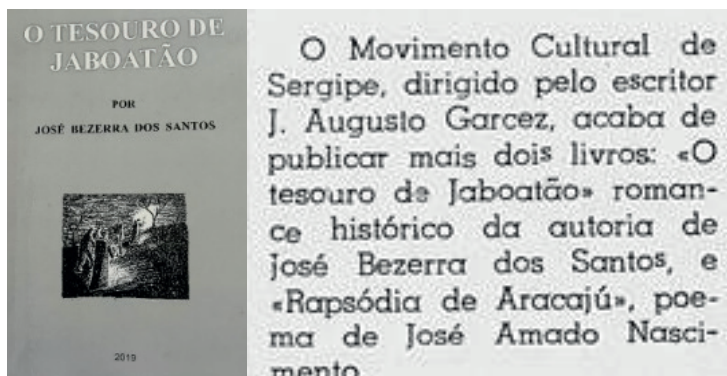
• —◆— O Tesouro de Jaboatão: seu ensaio literário e histórico

Ao ir residir em Aracaju em terna idade, José Bezerra conviveu muito pouco com seus pais biológicos e irmãos. No entanto, a escrita de sua obra literária *O Tesouro de Jaboatão: História e Fantasia* remetem a esse retorno e ao forte sentimento de pertencimento àquele lugar onde repousavam muitos de seus ancestrais. Após sair do Seminário, ele tentou voltar a

viver em Japoatã e lá permaneceu por cerca de um ano. Talvez tenha sido durante essa estadia que surgiu a ideia para a escrita de sua obra.

Em 1955, José Bezerra publicou o romance intitulado *O Tesouro de Jaboatão*. Lenda e história se misturam em uma narrativa que trata da fundação de Jaboatão pelos jesuítas e, ao serem expulsos pelo Marquês de Pombal, deixam soterrado um tesouro em túneis subterrâneos no monte Jaboatão.

Figura 53 e 54. (1) Capa da segunda edição do livro; (2) Nota do jornal. Impresso na Editora e Livraria Regina, em 1955, com o título *O Tesouro de Jaboatão*, numa época em que pouco se publicava em Sergipe, seu livro teve boa repercussão.



Fonte: A Cruz, Rio de Janeiro, 19.08.1955, n. 2010. (capa da segunda edição).

Em um trabalho de mestrado em Letras, Santos (2020) apresenta os resultados de uma pesquisa de intervenção pedagógica no ensino fundamental, realizada na cidade de Japoatã, sobre a narrativa de José Bezerra em seu romance *O Tesouro de Jaboatão: História e Fantasia*. O estudo aborda a descrição

como um dos aspectos da narração, “que interrelaciona os personagens, os lugares, os objetos e os fenômenos, elementos que possibilitaram a leitura literária da história contada na tradição oral e registrada no romance”.

Afirma Santos (2020, p.12):

O tesouro de Jaboatão: história e fantasia conta a história de um tesouro deixado pelos jesuítas na pequena cidade de Jaboatão, mas esquecido no tempo. No entanto, o povo o traz à memória mais uma vez, após uma revelação de um humilde morador. No histórico e milagroso riacho de Nossa Senhora, as lavadeiras iniciam o dia contando as novidades. Sinhá Vitória, uma velha lavadeira conhecida como “jornal da manhã”, contara às amigas sobre o lavrador Pedro de Alcântara, que em sonho recebera a visita de um padre de barba branca que viera lhe dizer o local exato onde estaria enterrado um tesouro secular. A tranquilidade das águas dá lugar à agitação, e todos na cidade, desde os mais humildes aos homens mais poderosos, desejam encontrar tão fabulosa riqueza legada “aos homens do futuro”. A existência de placas de metal que formam um mapa e uma grande chave conferem um mistério ainda maior. Seria um sonho ou realidade? Em um dia de maio, o pobre homem vai à capital, os jornais matutinos e vespertinos anunciam a incrível descoberta, e

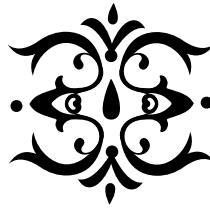
a desconhecida cidade se torna o centro das atenções em Sergipe. A igreja reivindica o direito ao que, segundo o pároco local e o bispo da diocese aracajuana, a ela pertence; o governo quer sua parte, o visionário, também. Políticos locais gananciosos se aventuram numa busca desesperada para encontrar o tesouro primeiro e se deparam com um fenômeno assustador. Enquanto os moradores da cidade se distraem sonhando com o que fazer caso o tesouro seja achado, um, uma desventura amorosa acontece à 13 jovem e inocente Belinha. E assim a história que atravessou gerações ganha força, seguindo nas águas tranquilas e mansas que banham as terras de Jaboatão.

Nesse texto, José Bezerra retorna à história de seu povo, uma lenda sobre sua cidade e constrói uma narrativa a partir do sonho de um lavrador de Japoatã chamado Pedro Alcântara. Lenda e história se misturam em um texto ilustrado pelo pintor Álvaro Santos, dando força e visibilidade a sua narrativa. Alguns textos de natureza histórica sobre Japoatã se suas origens se remetem ao texto de José Bezerra, a exemplo da Enciclopédia dos Municípios de Jurandir Ferreira.

José Bezerra escreveu também o artigo intitulado *Justus ut palma florebit* (“O justo florescerá como a palmeira” e é uma referência ao Salmo 92(91):12 da Bíblia Vulgata) em homenagem ao professor da Escola Normal Francisco da Graça Leite. Destaca que ele

foi um verdadeiro *vir justus*, moldado pelo espírito de conformidade religiosa. Era um cadinho de virtudes acrisoladas, vivendo continuamente com os seus, sem se afastar dos homens, sempre submisso, mas sempre alegre e jovial em todas as circunstâncias que a Providência lhe prodigalizava (A Cruzada, n. 916, 10 de setembro de 1955).

Francisco da Graça Leite foi professor de História do Brasil e de Sergipe, nomeado em 19 de setembro de 1939. Aposentou-se e, em Lagarto, fundou o Educandário São Geraldo, entre 1942 e 1943. Posteriormente, migrou para Alagoas, tornando-se professor do Colégio Guido Fontgalland, onde permaneceu por 10 anos, lecionando Português, Latim e História. Mais tarde, retornou para Sergipe, onde veio a falecer.



Bacharel em ciências jurídicas, advogado e magistrado

Em tempos que ser bacharel abria inúmeras portas...

Até o final da década de 1940, Sergipe não dispunha de ensino superior, e os interessados migravam para outros estados para realizar seus cursos. Eram chamados de “aves de arribação”, pois muitos deles, depois de formados, se instalavam fora do estado. Embora iniciativas tenham ocorrido desde o final do século XIX, como relata Sousa (2015), com a criação de uma comissão para a fundação da Academia de Direito em Sergipe e subsídios para a fundação de uma faculdade em 1907, só em 1913 houve a instituição do Seminário Sagrado Coração de Jesus, criado pelo bispo D. José Thomas Gomes da Silva, sendo considerada a primeira instituição de natureza religiosa com estudos avançados em nível superior.

Em 1925, foi fundada a Faculdade de Direito Tobias Barreto, que, no entanto, não funcionou. Só em 1948 surgiram iniciativas de escolas isoladas: a Faculdade de Ciências

Econômicas, a Faculdade de Química em 1950 e, também em 1950, a Faculdade de Direito, acompanhadas pela criação da Faculdade Católica de Filosofia em Sergipe. Nesse cenário, os interessados em cursar o ensino superior até então tinham que migrar para outros estados. Assim ocorreu com José Bezerra dos Santos e outros colegas que trabalhavam com ele no Colégio Tobias Barreto, os quais optaram por ir para Alagoas, estado que já possuía uma história de formação relativamente longa.

A Faculdade de Direito de Alagoas foi criada após a reforma de Francisco Campos, em 1931. Os alagoanos viviam os mesmos dramas que os sergipanos: muitos concluíam o ensino secundário e não tinham condições de ir para outros estados em busca de uma formação em nível superior. Com esse espírito, em 24 de maio de 1931, Alagoas criou a Faculdade Livre de Direito de Alagoas, sendo está a quarta a ser criada no Nordeste. A elite alagoana, por um tempo, privilegiou as faculdades de direito de Olinda e São Paulo, enquanto a recém-criada ficou destinada aos menos afortunados e às mulheres, cujos pais ou maridos não permitiam suas saídas para outros estados. Um aspecto negativo do ensino de Direito, em Alagoas, e recebia a presença crescente de estudantes de outros estados, que vinham cursar disciplinas isoladas naquela faculdade, fato que se repetiu ano após ano, o que contribuía para o descrédito da instituição. Entre idas e vindas e percalços vencidos, em 27 de agosto de 1949, a faculdade conseguiu o seu processo de federalização (Verçosa e Cavalcante, 2011). Isso consolidou seu prestígio e garantiu sua credibilidade. Foi nesse período que José Bezerra ingressou na instituição, juntamente com Lauro Pacheco, que chegou a ser desembargador e procurador-geral da Justiça, Djalma Ferreira, que ficou conhecido como “Djalma Borboleta”, e **Luís Carlos Fontes de**

Alencar, Lauro Pacheco de Oliveira, Gileno de Jesus e Thíeres Gonçalves, todos eles constituíram uma rede de relações no período em que José Bezerra esteve na Comarca de Itabaiana.

José Bezerra ingressou na referida faculdade sem precisar se afastar de suas funções no magistério, pois a instituição oferecia uma metodologia de ensino flexível, que permitia ao estudante maior autonomia na organização de sua trajetória no curso. José Geraldo Bezerra relata que a Escola de Alagoas recebia os alunos para frequentar as aulas durante 15 dias e, em seguida, eles podiam fazer as provas, o que facilitava a presença de José Bezerra, que precisava conciliar trabalho e estudos.

No mesmo ano em que fez o concurso para professor catedrático do IERB, José Bezerra concluiu o curso de Direito de Alagoas, tornando-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais em 8 de agosto de 1953, junto com outros 74 bacharéis.

Imagens 55 a 57. Colação de grau de José Bezerra dos Santos, na Faculdade de Direito de Alagoas.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedita à autora em 20.01.2024.

Luiz Carlos Fontes de Alencar nasceu em 31 de dezembro de 1933, em Estância. Era filho de Clodoaldo Alencar e de Eurydices Fontes de Alencar. Casou-se com Ilma Santos de Alencar e teve 4 filhos: Luiz Carlos, Giselda, Moema e Daniela. Era formado em Direito e chegou ao cargo de desembargador. Manteve uma relação próxima com Euclides e permaneceu em Itabaiana durante o ano de 1955. Foi promotor substituto da Comarca de Itabaiana, sendo considerado “um importante aliado do líder udenista itabaianenses, desfrutando de sua confiança” (Carvalho, 2022, p. 372).

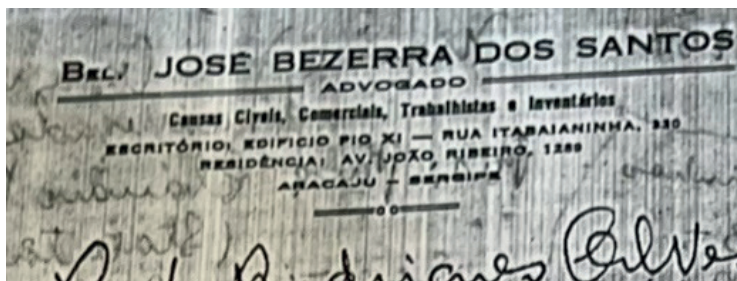
Durante sua gestão no IERB, onde realizou um bom trabalho, foi indicado para o cargo de juiz da Comarca de Itabaiana (Bezerra, entrevista em 26.01.2024). Em pauta encontrava-se a nomeação de Lauro Pacheco¹⁰, mas que teve o veto de Euclides Paes Mendonça, alegando não o aceitar no cargo por ser “um menino de engenho”. A rede de sociabilidade construída por José Bezerra abriu mais uma porta em sua carreira profissional. Formado em Ciências Jurídicas a pouco mais de dois anos, fora nomeado a Comarca de Itabaiana, com pouca experiência na advocacia e sem uma militância política engajada nos partidos majoritários de então.

Em suma, em meio as adversidades políticas carreadas pelos partidos majoritários, Partido Social Democrático (PSD) e União Democrática Nacional (UDN), sendo o Judiciário, então, subordinado ao poder executivo, responsável pela nomeação dos juízes, estes eram impulsionados a seguirem as diretrizes do governador e, sobretudo, do chefe político local, como forma de garantia e de proteção. Os laços estabelecidos de amizades e afinidades políticas se fortaleciam em meio aos conchaves políticos daquele período.

Era um Bacharel formado a cerca de 3 anos, onde exerceu ao lado do magistério a advocacia, em um escritório a rua Itabaianinha, no então edifício Pio XII. Páginas de seu diário eram escritas em papéis timbrados de Bacharel em Direito José Bezerra dos Santos.

¹⁰ Lauro Pacheco nasceu em 1918 e faleceu, aos 99 anos de idade, em 2017, em Aracaju.

Figura 58. Papel timbrado de Bacharel José Bezerra dos Santos.



Fonte: Diário do Juiz José Bezerra dos Santos.

No governo de Leandro Maciel, José Bezerra dos Santos foi nomeado juiz de 1ª entrância em Itabaiana, em 25 de setembro de 1956, substituindo o então juiz Luiz Magalhães, que alçou a condição de desembargador (Dantas, 2019). Tomou posse em 12 de outubro do mesmo ano. Foi transferido para a Escola Normal Rural de Itabaiana, assumindo a disciplina de Português no ginásio.

José Bezerra: Primeiro presidente do PDC em Sergipe

Embora tenha deixado o sacerdócio, José Bezerra não se afastou da Igreja, participando ativamente do Círculo Operário. No período, ele era membro do Círculo Operário Católico de Sergipe, fundado pelo então padre João Moreira Lima, em 1935, na Capela do Seminário Diocesano de Aracaju, em 11 de agosto de 1935. Em nível nacional, o Círculo Operário Católico foi criado em 1932 pelo padre jesuíta Leopoldo Bretano, com o propósito de estabelecer um conjunto de estratégias para organizar os operários, fazendo frente às influências comunistas, no âmbito do movimento de restauração da Igreja Católica, que

vinha se fortalecendo desde a década de 1910 (Santos, 2011). José Bezerra assumiu suas funções em 1945 como 2º orador, participando das atividades, em geral, realizadas no Cine Vitória (de propriedade da Diocese), pertencente ao órgão: “Mereceu demorados aplausos da assistência o circulista José Bezerra, que pronunciou um ótimo trabalho” (A Cruzada, n. 460, 11.10.1954).

Foi um dos oradores oficiais na posse solene da diretoria em Aracaju (A Cruzada, n. 469, 26.1.1946). Em 1952, ele apareceu novamente como orador na celebração do 17º aniversário de instalação do Círculo (A Voz do Circulista, n.1, Aracaju/agosto de 1952, apud Santos, 2011, p. 77). José Bezerra desempenhou um relevante trabalho social sob a batuta do Monsenhor Moreira Lima, que posteriormente transformou o Círculo em Ação Solidária Católica, já no final da década de 1950.

O embate da Igreja contra a ideologia comunista e sua disseminação entre os operários constituiu-se no eixo central desse órgão. Para isso, lançava mão da imprensa, do rádio, do cinema e da criação de escolas com o intuito de difundir seus valores e criar uma barreira contra as ideias consideradas contrárias à religião católica.

A preocupação da Igreja Católica com a política e sua influência encontra-se imbricada na história do Brasil. Ainda na primeira metade do século XX, destacou-se a emergência da Liga Eleitoral Católica (LEC), criada para fornecer orientações seguras aos católicos na escolha de seus representantes, longe da onda comunista que se espalhava pelo país. A LEC foi precursora do Partido Democrata Cristão (PDC) no Brasil, fornecendo base ideológica, política e eleitoral para sua formação. Assim, lançou as bases ideológicas do PDC, que, apesar de sua importância, teve dificuldades de afirmação diante das for-

ças políticas dominantes e não conseguiu se consolidar como uma grande potência eleitoral.

Em 1955, José Bezerra fez parte da composição do PDC, junto com a intelectualidade católica, tornando-se seu primeiro presidente. Ele já estava envolvido com a Liga Eleitoral Católica desde seu retorno a Aracaju, após sair do seminário com o bispo D. José Gomes da Silva. Bezerra apoiou a candidatura do general Juarez Távora à Presidência da República, cuja coligação incluía o PDC, a UDN, o PL e o PSB. Na referida eleição, Juarez Távora obteve a maioria dos votos nos estados do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

O PDC foi criado em 1945, em São Paulo, por Antônio Cesarino Júnior, professor de Direito do Trabalho na Universidade de São Paulo, e como o Partido Social Democrático (PSD) tinha o controle sobre as massas camponesas subalternas e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) sobre as classes populares urbanas, acabou alinhando-se à UDN que articulava todos os opositores de Vargas, só tendo alguma expressividade política em 1962 (Monteiro, 2013, p. 269).

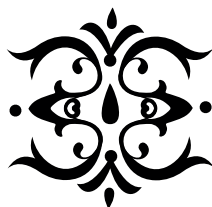
Figura 59. Recorte de papel timbrado, que aparece em várias páginas do seu diário, com a logomarca do PDC.



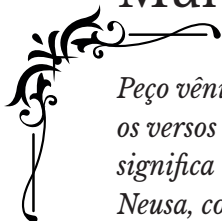
Fonte: Diário de José Bezerrados Santos.

Em seu diário, José Bezerra utilizou várias páginas com papel timbrado do PDC. Não consegui maiores informações sobre as atividades desse partido em Sergipe, talvez pela pouca expressividade que teve nos meandros do poder local. Monteiro (2013) ao escrever sobre a trajetória do PDC no Brasil, apontou a falta de apoio da Igreja católica ao partido como uma das razões de seu insucesso, cujas demandas giravam em torno, sobretudo de propostas na instauração do sufrágio universal e na autonomia e respeito entre os poderes, norteados por forte sentimento anticomunistas.

Com a experiência acumulada no magistério, com o diploma de Direito foi nomeado para a Comarca de Itabaiana e lá também assumiu o cargo de professor no Ginásio Murilo Braga. Era o ano de 1956.



Em Itabaiana: José Bezerra como professor do Ginásio Murilo Braga



Peço vênia ao poeta Gonçalves Dias para aqui parafrasear os versos iniciais de seu poema I Juca Pirama, título tupi que significa “o que há de ser morto e que é digno de morrer”: Assim Neusa, coberta de saudade, /Guardou a memória/ Do professor Bezerra, do velho Murilo Braga/ E hoje a escrever, se alguém duvidar/ do que ela escreve, / trona prudente: Meninos, eu vi!”.

Steinbach (2018, p. 121-122)

Ao chegar em Itabaiana, José Bezerra providenciou uma moradia para si e sua família, já que era exigência do cargo, residir no local. Alugou a casa de Euclides Paes Mendonça, por mil e quinhentos cruzeiros ao mês, valor razoável à época. José Bezerra fazia questão de anotar os pagamentos ao proprietário mês a mês em seu diário. A casa ficava situada ao lado da matriz de Itabaiana, onde ele residiu por cerca de sete anos. Em um dos cômodos da frente, instalou sua biblioteca, que também servia como gabinete, onde ele recebia quem o procurava, estudava, corrigia provas e fazia despachos. Em frente, havia um banco que lhe servia de assento para conversas à noite sobre os acontecimentos da cidade. Essa mesma casa foi ocupada pelo juiz Dr. Carlos Magalhães, a quem substituiu. De alguma forma, começava o entrelaçamento do juiz com o chefe político local, ao aceitar a moradia que havia sido

ocupada anteriormente pelo então juiz Dr. Luiz Magalhães, também ligado ao grupo político de Euclides, depois de romper com o grupo político de Manoel Teles. A história parece se repetir, embora com nuances, personagens diferentes e consequências imprevisíveis.



Figuras 60 a 63. (1) José Bezerra no seu gabinete; (2) a casa onde residiu ao lado da Igreja; (3) José Bezerra na janela da casa, atrás do banco; (4), José Bezerra e “Cacil” na residência, em Itabaiana.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 21.01.2024.

Sua paixão pela fotografia e sua amizade com o fotógrafo Romeu, de Itabaiana, levaram várias imagens para o presente (Décadas de 1950/1960).

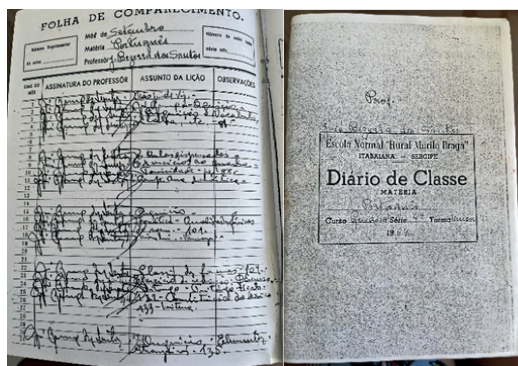
Figuras 64 a 66. (1); Coreto em meio praça; (2) Praça Santa Cruz (3) Igreja Matriz



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 21.01.2024.

No ano seguinte à sua chegada em Itabaiana, em 1957, José Bezerra assumiu a disciplina de Português, na Escola Normal Rural Murilo Braga, que oferecia o curso de formação de professores, conforme o decreto de 26 de fevereiro de 1957. Era governador do estado o Dr. Rollemberg Leite (1947-1950), e o Diretor Geral do Departamento de Educação professor Acrísio Cruz. Esta instituição foi criada em 29 de novembro de 1949, dentro do projeto do Governo Federal que visava à expansão das escolas primárias e das escolas normais rurais, cujo objetivo era formar professores para atuar nas zonas rurais, em um cenário nacional de difusão da Campanha Nacional de Educação Rural (Costa, 2016). Da mesma forma, a defesa da educação de base pela Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO) constituía um cenário propício para a criação das escolas normais rurais, fundamentais para a difusão da educação básica no campo, sendo esse um espaço privilegiado para a formação de professores.

No Murilo Braga funcionavam o ginásio, a escola normal e a escola primária, espaço de estágio para as normalistas. Nessa instituição José Bezerra lecionou português no ginásio, onde teve uma forte presença no período em que esteve lá, sendo reconhecido pelos estudantes que deram seu nome ao Grêmio.



Figuras 67 e 68. Diário de Classe e Folha de comparecimento de José Bezerra no Murilo Braga.

Fonte: cedida por José Rivadávio Lima, em 02.03.2024.

Aqui, fiz alguns recortes sobre os registros que ele fez durante sua atuação no ginásio. Isso se torna importante em razão da profunda vinculação que o juiz teve em suas ações docentes junto aos ginásianos e do desenrolar da movimentação do Grêmio Estudantil na organização e realização da passeata na qual ocorreram os assassinatos dos deputados Euclides Paes Mendonça e Antônio de Oliveira Mendonça.

Foram muitos os registros feitos em seu diário sobre o Ginásio Murilo Braga, sob os quais embasei minhas próprias lembranças, dos anos 1970, onde fiz o ginásio e o Curso Normal. Tinha feito o exame de admissão que me possibilitou a saída do Colégio Dom Bosco, confessional e particular, e entrar no mundo gigante do Murilo Braga, com seus corredores horizontais e transversais imensos, nos quais os estudantes deslizavam em algazarra durante os intervalos de aulas ou quando escapulia de uma delas. Misturei minhas lembranças com as de “alas e eucaliptos, numa enorme passarela que nos discretos degraus alcançavam sua amplitude, abrindo para todos os que ali conseguiam chegar” (Souza, 2019, p. 30).

Mas qual o cenário da educação em Itabaiana, particularmente do “Murilo Braga”? Um texto escrito por Mendonça (1958), destaca uma análise nada animadora daquela instituição de ensino. Ao tecer críticas ao IERB chama a atenção o fato de que

O currículo, os programas e os processos didáticos, ali adotados, são idênticos aos do Instituto de Educação. O ensino, porém, é mais deficiente ainda. Os professores, frutos da improvisação, não conhecem as próprias matérias que lecionam.

Aceitam-nas a título de cooperação, para que a escola possa funcionar (Mendonça, 1958, p. 175).

Reintegrar-me a essas memórias, com os registros de José Bezerra, levou-me ao texto organizado por Souza (2019), “Ecos do Murilo”, no qual personagens de diferentes áreas do saber demonstram sua dívida de gratidão para com o Murilo Braga.

A porta de entrada no referido Ginásio era o exame de admissão. José Bezerra comentou sobre as correções de provas e os resultados desses exames, que resultaram em um número significativo de reprovações:

Hoje passei provas de admissão, no Ginásio, a 11 anos, muito fracos. Não surpreende haver mais de 50% reprovados (Diário, 08.02.1962). Terminei de corrigir as provas do exame de admissão, ontem, no Ginásio. Foram 5 candidatos de Frei Paulo e 9 daqui. Fui passar as provas aos candidatos do Curso Pedagógico: 11 candidatos (Diário JBS, 13.02.1963).

Da mesma forma, José Geraldo Bezerra, filho do juiz, que em 1957 passou a residir em Itabaiana, recorda-se do seu processo de admissão no Murilo Braga. Ele frequentou a escola primária de “D. Maria de Branquinha”, apelido de Maria Menezes Santos, nascida em 11 de agosto de 1927, filha de José Faria de Menezes, agricultor, e de Maria Vivência de Jesus, artesã. Maria Menezes Santos iniciou suas atividades como professora quando ainda era aluna do 3º ano primário no

Grupo Escolar Guilhermino Bezerra¹¹, na casa de seus pais. Mais tarde, fundou o Educandário Nossa Senhora Menina, que funcionou até 1986. Era uma sala de aula instalada em uma casa alugada, onde ensinava da 1^a à 4^a série do primário, em uma classe multisseriada. Por essa escola, muitos itabaianenses passaram por seu processo inicial de escolarização, sendo reconhecida como uma instituição de qualidade e a professora como muito competente (Pinto, 2018). Certamente, foi essa reputação que levou José Bezerra a matricular seu filho caçula na escola assim que a família se mudou de Aracaju para a Itabaiana. Ele registrou as seguintes lembranças a respeito do exame de admissão:

Nos primórdios de dezembro, após uma semana de exames escritos e orais, ao sabor do entardecer percorrendo “Footing” tão cotidiano da Praça Fausto Cardoso, a direção da escola fez proclamar pelo serviço de auto falante de Zeca Mesquita a lista dos aprovados para o gaudio dos vencedores (Souza, 2019, p. 119).

Misturam-se também com as lembranças desse exame, feito em 1959, por José Rivadálvio, que também concluiu o ensino primário no Educandário Nossa Senhora Menina e fez o exame de admissão para o Ginásio Murilo Braga.

¹¹ O Grupo Escolar Guilhermino Bezerra foi inaugurado durante o governo do Estado Eronildes Ferreira de Carvalho, inaugurado em 1936, porém foi criado pelo Decreto n. 5 de 27 de novembro de 1937, situado na Praça Fausto Cardoso, em Itabaiana.

O Exame de Admissão era uma prova para o ingresso no curso ginasial ao que é hoje o vestibular para o ingresso na Universidade. O meu se realizou em dezembro de 1959 e, qual foi a alegria minha e de minha família, quando através do serviço de autofalante existente na praça Fausto Cardoso, foi proclamado o resultado da minha aprovação (Lima, 2019, p. 63-64).

O alto-falante era a forma de difusão dos resultados do exame de admissão em Itabaiana e foi inaugurado por Zeca Mesquita. Santos (2014, p. 139) assinala:

Funcionava da forma mais simples possível: uma série de cabeamentos espalhados pela cidade, em postes de madeira com mais ou menos quatro metros de altura, exibindo música, anúncios e propaganda. Isso foi o precursor do rádio em Itabaiana.

A sede foi instalada na Praça Fausto Cardoso, com horários definidos. Era através desse alto-falante que a lista de aprovação do exame de admissão era divulgada, gerando intensas emoções nos aprovados e seus familiares.

São poucos os registros feitos até então sobre Murilo Braga, dentre os quais se destacam: Costa (2016), Lima (2002) e Souza (2015). Por isso, os trechos aqui retirados do diário de José Bezerra trazem alguns flashes da dinâmica escolar daquela instituição, que funcionava com um corpo de professores que, em sua maioria, não eram formados para o magistério, mas

exerciam outras profissões, como padres, juizes, médicos, engenheiros, dentre outros. Certamente, José Bezerra fazia parte desse grupo, embora o magistério tenha sido sua profissão por toda a vida, tendo realizado exame e concurso para o seu exercício.

Ah! Murilo Braga!...Cursava eu a terceira série ginásial, quando veio a ser meu professor de Português o juiz José Bezerra, professor Bezerra, a quem nostálgicamente saudosa – e talvez muitos de seus discípulos fizeram ou estejam fazendo – agradeço o incentivo das redações diárias que nos fazia escrever e que eram lidas, por ele e por nós, seus alunos, de pé, ao lado da carteira. Eu simplesmente amava suas aulas.

Um dia, arrumávamos o salão onde aconteciam as festas – foi nesse salão que, em 1959, fui coroada a Rainha dos Estudantes, láurea cuja razão até hoje desconheço ... eu era tão menina! E em que havia um palco. Professor Bezerra estava nesse palco sentando-se numa cadeira tendo a seu lado Marilene do Piano, com um acórdão. De repente, houve música e ela teve minha atenção: era O Guarani, do compositor brasileiro Carlos Gomes, Interrompe-se a música e o professor Bezerra começa a declamar o poema épico I-Juca Pirama, do poeta romântico Gonçalves Dias. Que escrevo! Não era o poema, as palavras cheirando a flor dos campos que não conhecia, era a voz ritmada pela emoção da mensagem poeta dos versos românticos do século XIX. Escutei até o fim.

Figura 69. Formatura no Murilo Braga, da 4ª série em 1957. Realizado no auditório do antigo Cinema Santo Antônio, em Itabaiana. Da esquerda para a direita na terceira posição, José Bezerra, ao lado de Euclides, de terno de Branco.



Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.

Figura 70. José Bezerra, outros professores e alunos na Portaria do Ginásio “Murilo Braga, em 07.12.1962.



Fonte: Acervo do IERB, cedida à autora em 2025.

O **padre Arthur** nasceu em 17 de novembro de 1919, em Alagoinhas, Bahia, filho de Antônio Pereira da Silva e de Maria Magdalena de Moura. Passou a infância em Juazeiro e depois veio estudar Seminário Menor de Aracaju. Prosseguiu seus estudos no Seminário Maior em Olinda, Recife, tornando-se clérigo em 1945 sendo ordenado presbítero em 1948. Antes de assumir a paróquia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, ele foi paroquiano em Itaporanga, Lagarto e Simão Dias. Em Itabaiana, assumiu a paróquia no período de 1955 a 1966. Durante seu período lá, foi responsável pela construção da Maternidade São José, pelo Educandário D. Bosco, pelo Cine Santo Antônio e outras atividades sociais. Após deixar o sacerdócio, ele se casou com Maria do Carmo Prado Silva, com quem teve três filhos: José Antônio Prado Silva, Artur do Prado Silva e Carmelo Augusto do Prado Silva. Residiu no Rio de Janeiro depois de casado, onde lá faleceu (Carvalho, 2022).

Registrou José Bezerra sobre a nomeação dos nomes dos salões do Murilo Braga, deu conta também do salão Tenisson Ribeiro, local onde o diretor **padre Arthur Moura Pereira** fez reunião com os professores para discutir assuntos da instituição.

Mandei escrever os nomes dos patronos nos salões de aula do Ginásio. Hoje ficaram prontos: salão Dom José, salão Dr. Carvalho Neto e salão Presidente Vargas. Na Biblioteca, apenas Salão (Diário JBS, 06.03.1963).

Em 2 de abril de 1963, havia inquietude por conta da não nomeação do padre Arthur como diretor, também atraso no pagamento dos professores, de modo que José Bezerra registrou a realização de uma reunião com os professores do ginásio, logo após as aulas para tomar uma atitude a respeito. A sua nomeação ocorreu em 13 de abril do mesmo ano. O poder local havia sido ocupado pelo PSD, sendo então o diretor da Escola Normal substituído pelo padre Arthur, no cargo até aquele momento ocupado por Edson Leal, filiado à UDN.

As festividades realizadas no colégio, na mistura entre o laico e o religioso, e o glamour de uma época, foram sendo anotadas por José Bezerra:

Realmente foi excelente a festa da Páscoa e das Américas no Ginásio. Compareceu o sr. Arcebispo que celebrou a missa, cujo altar foi armado sob o telhado, frente ao compartimento da Portaria de frente para o pátio, olhando a Serra. Em nome do governo compareceu Clodoaldo Alencar. Comunhão pascoal durante a missa. Padre Arthur e Padre Rivas. Professor Horácio foi o organizador de tudo. Após a missa o sr. Arcebispo desceu e ficou entre as autoridades para ouvirmos os discursos sobre as Américas, formação e independências das nações americanas. Finalmente decida da Bandeira ao som do Hino Nacional. Após a missa viemos para a casa de Euclides, onde jantamos, Sr. Arcebispo. Clodoaldo, Horácio, Euclides e eu (Diário JBS, 15.04.1961).

Festas dos meninos da 4ª série, entre os colegas, despedindo-se. Houve bolos, pastéis e bebidas abundantes. Houve também bebedeira à vontade. Mons. Afonso Chaves, de Aracaju, esteve presente, foi ministrante. Tiramos muitas fotografias, com o fotografo Ciro [Moreira], bati chapas com minha máquina (Diário JBS, 07.12.1962).

Antes de iniciar as aulas, em presença de todos os alunos e ao som do Hino Nacional,

foi hasteada a Bandeira, por ser dia da árvore. Convidei a turma para estar nas maiores solenidades, às 15 horas. Pela tarde houve aulas até 15 horas. [...]. Às 15 horas dei início as solenidades. Poesia, discursos, e quadrinhas relativas às árvores frutíferas e de lei (Diário JBS, 21.09.1962).

Falei ao capitão para enviar uma patrulha, hoje, de noite, para policiar a festa de quadrilha, no ginásio. Soube que vai virar até 4 da madrugada. [...] À noite, houve a quadrilha formada e organizada pelos meninos dos 4ª série. Muito concorrida. A única nota dissonante foi o comportamento irregular da dança de Maria Helena e Zolaina, com Getúlio Vasconcellos – Logo no início Roberto e mais 2 soldados tentaram botar para fora do pátio o irmão de Wilson, filho de Dennis. Interferi e saiu tudo bem. O capitão bebeu em 18 garrafas e ficou quentíssimo. Veio conosco às 1,30 da madrugada (Diário JBS, 22.06.1963).

Nada é tão simples em épocas passadas, como expressou José Bezerra a respeito do professor Horácio, com quem travou conhecimento (Diário JBS, 10.02.1961). Horácio teve momentos de conflito com o diretor, devido a denúncias feitas pelos alunos sobre o resultado de uma avaliação e outro incidente, considerado mais grave. José Bezerra registrou: “Sr. Edson falou sobre a situação do ginásio com as feiuras de Oliveira e Horácio, ambos pederastas, sem vergonha. Falou-me que Horácio será logo despedido e pediu-me para assumir as

aulas de francês” (Diário JBS, 25.07.1961). Bezerra também anotou que o professor foi embora no sábado, 2 de agosto de 1961, desmoralizado, e que ele teve de assumir as aulas do referido professor (Diário JBS, 2.08.1961). Era um cenário desafiador na década de 1960 em Itabaiana, quando as diferenças eram abominadas e tratadas de forma não aprazível pela sociedade.

Ele também se referiu às suas peijas com o diretor Edson Leal, com quem, inicialmente, teve um relacionamento amistoso e colaborativo, a ponto de Edson lhe pedir ajuda na condução da disciplina do colégio, especialmente durante suas ausências. José Bezerra escreveu: “Comecei a agir no ginásio como auxiliar ou substituto do diretor Sr. Edson Leal. Aliás, desde anteontem comecei a dar ordens de disciplina” (Diário JBS, 22.06.1962). Ele também registrou: “Edson esteve aqui e insistiu que eu o substituísse na sua ausência no ginásio” (Diário JBS, 11.06.1962). No entanto, com o tempo, os desentendimentos começaram, e ele escreveu:

Deixei de supervisionar a disciplina no ginásio e a quem me perguntava o motivo, explicava o caso do sr. Edson com as desafeições comigo. (Diário JBS, 16.10.1962).
Sr. Edson Leal mandou pedir-me que ficasse no ginásio até terça feira. Neguei-me. (Diário JBS, 18.10.1962).
Li uma carta que o sr. Edson Leal enviou a d. Lilia e outra, no ginásio, encarregando-as de transmitir aos meninos a palavra de ordem e disciplina... Direção por carta e recado.... já viu? Sr. Edson Leal após meses e dias apareceu no ginásio (Diário JBS, 23.10.1962).

A vitória do Partido Democrata Social (PDS) quando, em 1961, m nível estadual, gerava pressões ao então diretor, o padre Arthur, para que demitisse os professores filiados ao UDN, posição que nem sempre adotava. Um deles foi Maria da Conceição Pereira, conhecida como “Maria Pereira”, que marcou imensamente a instituição, como professora e como diretora. O padre Arthur se negou a demiti-la. Ela tornou-se diretor da instituição durante 15 anos, entre 1967 e 1981. Filha de Pedro Pereira de Andrade (fogueteiro) e de Maria Alexandrina da Conceição, nasceu em 20 de dezembro de 1930, em Itabaiana. Fez o curso da Campanha de Aproveitamento do Ensino Secundário (CADES), depois graduou-se m Pedagogia, em Administração Escolar na Universidade Federal de Sergipe e ao ingressar no serviço público foi nomeada professora do Murilo Braga, tornando-se depois diretora, por mais de duas décadas:

cuidando dos alunos como se fossem seus filhos. ‘Casada com a escola` em que trabalhou, literalmente falando, a vida da instituição impregnou-se na alma da educadora, cujas preocupações a acompanharam até os últimos dias de vida. (Mendonça, Cruz e Silva, 2017. p. 400).

Maria Pereira faleceu aos 80 anos, depois de uma longa permanência internada no Hospital Renascença, cerca de 100 dias, com infecção generalizada.

O Grêmio professor José Bezerra dos Santos

Os registros no diário demonstram o valor e o sentido dado a José Bezerra ao Colégio Murilo, retribuído pelos

estudantes que batizaram o Grêmio Cultural e Esportivo de “Professor José Bezerra”. Ele estava no referido Colégio desde 1957, cinco anos depois, houve uma movimentação estudantil para que o grêmio recebesse o seu nome.

José Samuel de Almeida, filho de Sizinio, professor de Educação, achou de fundar o Grêmio Cultural e Esportivo que ficou denominado, “Prof. Bezerra”, em sessão convocada para a noite. Lavrei a ata da fundação [...]. O movimento contou com a boa vontade do Diretor e dos demais professores (Diário JBS, 11.04.1962).

Fui dar as aulas da manhã. Os meninos deram início à votação das 2 chapas da diretoria do Grêmio Cultural “Prof. José Bezerra: a chapa Novo Horizonte, com Djalma Lobo, à frente; e Aliança para o Progresso com José Augusto (prof.). Nota-se, no fundo, o cheirinho da política local (Diário JBS, 24.05.1963).

Fui ontem, convidado para hoje assistir à posse da nova diretoria do Grêmio Cultural Prof. Bezerra. Irei. Fui, vi, ouvi e falei (Diário JBS, 30.05.1963).

Soube que ontem, na sala do Grêmio, houve batucada e Nivaldo em briga com Djalma, secundados por José Augusto, de

José Samuel de Almeida nasceu em 12 de abril de 1939, no povoado Zanguê, filho de Sizinio de Boanerges e de Maria Souza de Almeida. Casou-se com Marly Mendonça, com quem teve quatro filhos: Eduardo, Ana Paula, Ana Karla e Ricardo. Ele faleceu em 2025.

Zé Velinha¹², xingaram-se, e houve tapa e Nivaldo foi buscar revolver em casa. Resolvi fechar o movimento do Grêmio no Ginásio, até 1ª de agosto (Diário JBS.18.07.1963).

No Ginásio, o sr. Edson se mostrou muito agastado com o barulho dos meninos em campanha das chapas do Grêmio Cultural e Artístico “Professor Bezerra”. Resolvemos fazer as eleições logo amanhã (Diário JBS, 12.03.1962).

Muitos outros eventos ocorridos no Colégio Murilo Braga, descritos por José Bezerra, contribuem para o estudo do cotidiano escolar, sendo está a mais importante instituição educativa de Itabaiana nos anos 50 e 60 do século passado. Em seu diário aparece a movimentação no colégio, as palestras que ministrava e as ações que empreendia. Por exemplo, na semana em que se comemorou o Dia da Árvore, ele saiu em busca de mudas para plantar no colégio: “De manhã e à tarde fomos ao ginásio. Demoramos desta última vez. Plantamos e revisamos as plantinhas” (Diário JBS, 06.07.1963).

MEC-USAID¹³ e o Murilo Braga: anotações

No início da década de 1960, o ginásio estava sendo beneficiado pelos chamados Acordos MEC-USAID (*United States*

¹² “José Velinha” era o apelido de José de Oliveira Santos que foi vereador em 1954.

¹³ A *Agency for International Development (AID)* tinha como objetivo oferecer ajuda financeira para sociedades periféricas através de assistência também de formação de pessoal. Os Acordos MEC-USAID eram acordos de cooperação entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) do Brasil e a *United States Agency for International Development (USAID)* que pretendiam aprimorar o sistema educacional brasileiro, aos moldes do tecnicismo educacional.

Agency for International Development), parte da Aliança para o Progresso. Esses acordos formalizaram a assistência técnica e financeira entre o Brasil e os Estados Unidos, com o objetivo de reformar o sistema educacional brasileiro. Eram contribuições voltadas à reforma do sistema educacional, protagonizadas pelos americanos, na forma de treinamentos, cursos e doutrinação, impulsionados pela ideologia do desenvolvimento, que se intensificou a partir de 1964. A criação da Sudene – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, em 1959, buscava promover a redução das desigualdades sociais no Nordeste (Sobral, 2009).

O Documento *Melhoramento e Ampliação do Sistema de Educação Primária e Básica no Estado de Sergipe, Nordeste Brasileiro* constitui o Convênio firmado entre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), o Ministério da Educação e Cultura, o Governo dos Estados Unidos do Brasil, o Estado de Sergipe e a Agência do Desenvolvimento Internacional (USAID/Brasil), órgão do Governo dos Estados Unidos da América, firmado em 30 de julho de 1963 (Oliveira, 2008).

Alguns recursos financeiros chegaram ao Murilo Braga após visitas do Secretário de Educação, acompanhado por um representante da Sudene, em 23 de abril de 1963, para fazer verificações no ginásio, especialmente no prédio. Essas visitas foram seguidas por outras que resultaram no financiamento do portão da instituição. Antes disso, o embaixador dos Estados Unidos no Brasil esteve em Aracaju, em 8 de abril de 1963, fazendo um pronunciamento na Assembleia, o que gerou a

mobilização de setores contrários aos Estados Unidos, conforme noticiado pelo jornal A Defesa (n. 899, 15.04.1968).

Às 17 horas, quase, chegou à comissão de professores paulistas com um casal de americanos estudando o prédio e as instalações para receber auxílio da aliança para o progresso (Diário JBS, 26.03.1963). O engenheiro americano da Petrobrás delimitou o lugar do portão do ginásio (Diário JBS, 23.04.1963).

Soube que o portão do ginásio será construído dentro em breve. O chefe da Petrobrás da Bahia, mandou perguntar quantos portões, pois com o recente já eram 3 (Diário JBS, 23.04.1963).

O portão foi colocado e José Bezerra se empenhou em pintá-lo. Foram muitas ações registradas desse teor.

No ginásio, foi colocada a tabela Escola Normal Rural “Murilo Braga” no frontispício do prédio. O portão de ferro também já está pronto, desde sábado passado (Diário JBS, 07.05.1963).

Fui ao Ginásio onde resolvi pintar o portão de ferro da entrada, então, fui à casa de Antônio de Rosário onde comprei tinta, pincéis, cadeado, para o trabalho e portão [...]. Voltei ao ginásio; aí comecei a lixar e pintar o portão com ferrolac preto como deixamos, quando saímos já tardinha, para amanhã passarmos o alumilac (Diário JBS, 01.08.1963).

Eram pequenas ações que revelavam o seu comprometimento com a instituição de ensino e seu empenho em ajudar na administração, ultrapassando muitas vezes suas funções de professor.

Escola de Aplicação Zenaide “Schultz”

Outra preocupação demonstrada por José Bezerra foi com a escola primária *Escola de Aplicação Zenaide “Schultz”*¹⁴, que funcionou entre 1958 e 1970, anexo ao Murilo e era o reduto onde as normalistas faziam seus estágios. Em um de seus registros, José Bezerra anota seu aborrecimento por conta da desorganização da escola primária. De igual forma, assinala que, em uma visita feita pelo Secretário da Educação, este viu dezenas de criancinhas sentadas no chão, por falta de cadeiras (Diário JBS, 23.04.1963).

A Escola de Aplicação Zenaide Schultz foi anexada ao Murilo Braga pela Portaria N° 157, de 13 de março de 1959, e funcionou de 1958 a 1970 nas dependências dele. As salas construídas eram amplas, medindo 8 metros e 35 centímetros de comprimento e 8 metros e 70 centímetros de largura. A área livre da escola era utilizada para o recreio e a prática desportiva. Em 1964, o prédio dispunha de energia elétrica e rede de esgotos, mas não tinha água encanada. A escola funcionava nos turnos matutino e vespertino. Em 1971, foi transferida para um prédio próprio e, em 1978, recebeu a nomenclatura

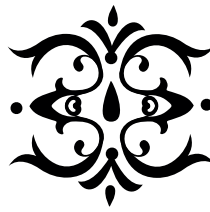
14 O nome foi em homenagem a chefe da seção de curso do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.: “Objetivo era proporcional aos alunos do Curso de Formação de Magistério (Professores Primários) da ENRMB, a prática de ensino, através de estágio na própria escola, visando o aperfeiçoamento dos formandos e o desenvolvimento escolar dos educandos” (Lima, 2002, p. 58). Ela funcionou de 1958 a 1970, no próprio Murilo Braga, como campo de estádio, depois passou a ter instalações próprias, entre 1971-1977.

de Escola de 1º Grau Professora Izabel Esteve de Freitas (Costa, 2000, p.131). Sobre essa escola escreve Santos (2023, p. 1):

Um visitante, ao andar pelas ruas calami-tosas do centro comercial de Itabaiana depara-se com um mundo à parte. Se ti-ver um olhar aguçado, este visitante pode passar demoradamente pela feira, obser-vando seus excêntricos personagens, que quase tudo negocia. Ao passar pela tumultuada feira das panelas, o curioso visitante pode ficar diante de uma pequena escola, denominada Professora Isabel Esteves de Freitas. Pequena e acanhada, a arquitetura da edificação não prende a atenção do observador.

Os registros sobre o Murilo Braga se estenderam ao longo do diário, especialmente no que diz respeito à movimentação dos estudantes para realizar a passeata em defesa da água. A atuação docente de José Bezerra dos Santos com os ginasianos foi crucial para criar um relacionamento amistoso e de confiança com os estudantes, tendo seu nome sido indicado para integrar o Grêmio Estudantil, o que marcou decisivamente a realização do evento que culminou no trágico desfecho. Desde 1954, já existia o Grêmio Literário e Cultural, mas não fica claro como ocorreu a transição para o Grêmio Estudantil Professor José Bezerra. É importante lembrar que o movimento estudantil, nos primeiros anos da década de 1960, era efervescente em todo o país, refletindo as tensões da política nacional e local. A União Sergipana dos Estudantes Secundaristas (USES) e o movimento estudantil foram estudados por Vieira (2013).

No mesmo período, José Bezerra iniciou suas atividades na Comarca de Itabaiana, a princípio com o apoio e a presença constante do chefe político local, que na época era deputado estadual, já consolidado no domínio político do município desde 1954, quando assumiu a prefeitura pela UDN. Eram tempos de grandes disputas partidárias e da supremacia do fenômeno conhecido como “coronelismo”.



Alguns cenários de Itabaiana: presença do “coronelismo”

*Para uns sou gente de bem, de boa, me misturo entre eles;
Para outros, sou indiferente, sem rosto, inexistente;
Para outrem, não valho um vintém, nada faço por ninguém.*

O coronelismo no Brasil teve sua origem na República Velha, em decorrência dos rearranjos provocados pelo realinhamento das forças políticas, devido a dois fatos importantes anteriores: a abolição da escravatura (1888) e a Proclamação da República (1890). Esses eventos afetaram profundamente o patronato rural e, contraditoriamente, acabaram fortalecendo-o na recomposição de suas formas de mandonismo, especialmente em eleições controladas por eles. Os coronéis se reorganizaram e se realinharam, fazendo uso da coerção e de milícias privadas sob seu comando. Dantas (2019, p. 33) assinala:

A vitória eleitoral que legitimava os candidatos, guardava uma dependência maior do controle da coerção do que dos votos propriamente ditos, pois eleições podem ser falsificadas e os resultados geralmente puderam ser imposto, desde que houve

suporte na força, baseada na capacidade de mobilizar homem sem armas.

Dantas (2019) apresenta as três fases na formação do coronelismo no Brasil. Na primeira, no início da República, com a chamada política dos governadores e os rearranjos políticos em níveis federal e estadual, o coronelismo se reestruturou, expandindo as oligarquias e constituindo, na esfera municipal, o coronelismo como base de legitimação e poder dessas oligarquias, formando assim a estrutura de dominação. Eram os coronéis que representavam o patronato rural e, em última instância, ficavam responsáveis pelas “práticas eleitorais a bico de pena, atas falsas e comissões eleitorais controladas pelos coronéis, que tornaram o sistema representativo extremamente viciado” (Dantas, 2019, p. 31).

Em Itabaiana, no referido período, Carvalho (2001), ao tratar da República Velha em Itabaiana, aponta que as forças locais se reaglutinaram e se dividiram em dois grupos políticos. O primeiro grupo era herdeiro direto do Império, representado por Manoel Alves Teixeira¹⁵ e pelo médico **Manoel Baptista de Itajay**, que ganhou força e presença no cenário itabaianense durante as duas primeiras décadas da República Velha. Posteriormente, ele fundou o Partido Republicano (PR) e passou a liderar o grupo. O segundo grupo era liderado pelo coronel José Sebrão de Carvalho, neto de Cassimiro da Silva Mello e filho de Francisco Alves de Carvalho, ambos com participação política na Câmara de Itabaiana ao longo do Império. As disputas entre esses grupos ocorriam segundo as práticas de mandonismo local, entre liberais e conservadores, posteriormente chamados de pebas e cabaús (Carvalho, 2001).

¹⁵ Além dele, fez parte José Ferreira Gomes de Melo, Antônio Cornélio da Fonseca e Francisco de Lavras Fonseca de Menezes.



Manoel Baptista Itajay era médico. Nasceu em 28 de junho de 1895, em Lagarto, povoado Retiro. Era filho do coronel João Baptista de Jesus e de Joaquina Maria do Sacramento. Ele casou-se em primeiras núpcias com Carlota Alves Teixeira, com quem teve dois filhos e, em segundas núpcias com Maria Mesquita. Foi deputado estadual, vice-governador, governador interino de Sergipe. Faleceu aos 59 anos de idade em Aracaju (Carvalho, 2001).

A segunda fase do coronelismo, correspondente ao período de 1930 a 1945, após a Revolução de 1930 liderada por Getúlio Vargas, embora tenha provocado profundas rachaduras na estrutura de dominação da Primeira República, especialmente com a busca por uma centralização administrativa, levou a uma certa perda de poder dos coronéis, especialmente pelo tráfico do voto. Mesmo assim, “o coronelismo persistiu fundamentando a estrutura de dominação, não tanto sustentado no controle da coerção, desgastado, mas com a hábil exploração de sua ‘honra’ social reconhecida” (Dantas, 2019, p. 52).

Na última fase, ou terceira fase (1945-1964), com o voto secreto, “os coronéis, exercitando práticas clientelísticas por meio de seus colégios eleitorais, foram revalorizados, sendo até estimulados financeiramente” (Dantas, 2019, p. 52). Essas fases ajudam a entender o que ocorreu em Itabaiana, como o coronelismo foi estruturado, tendo seu ápice com duas figuras principais: Manoel Francisco Telles e Euclides Paes Mendonça.

O fenômeno do coronelismo em sua terceira fase foi essencial para explicar a política local, cujas disputas acirradas se deram entre os dois principais protagonistas: “Mané Teles” e Euclides Paes Mendonça. Não é possível deixar de mencionar o papel singular que Euclides Paes Mendonça ocupou na política sergipana, especialmente em Itabaiana, cuja trajetória já

é amplamente documentada por diversos autores, como Mendonça (2014), Dantas (2019), Santos (2015), Carvalho (2022), Saracura e outros (2015), Baldock (2017), Bispo (2013), entre outros.

Na configuração descrita no quadro abaixo, observa-se que, em Sergipe e Itabaiana, dois partidos se alternaram no poder: o PSD e a UDN, com dois líderes políticos à frente, “Mané Teles” e “Ocríde”. A UDN, nesse período, teve pouca relevância no contexto federal, pois o domínio maior era do PTB¹⁶, sob a liderança de Getúlio Vargas.

Quadro 02. Configuração política: presidente (Brasil), governador (Sergipe) e prefeito (Itabaiana) (1937-1964)

1937	Getúlio Vargas 10.11.1937 31.01.1946 PTB	Eronildes de Carvalho URS+PSD 02.04.1935 09.07.1941 (União Republicana de Sergipe, a frente, Gonçalo Rollemberg Prado, 1933.)	Sílvio Teixeira Eleito 15.12.1935 17.06.1941
1938			
1939			
1940			
1941			
1942		Milton Pereira de Azevedo PRD+PR 09.03.1941 27.03.1942	Manoel Francisco Teles -nomeado PSD 17.07.1941 21.11.1945.
1943			
1944			
1945		Augusto Maynard Gomes PSD 27.03.1942 27.10.1945	Luiz Magalhães 21.11.1945/08.12.1945, nomeado, como juiz de direito da Comarca.
			Manoel Francisco Teles 08.12.1945 /07.03.1946 -PSD

¹⁶ O PTB foi fundado no Rio de Janeiro em 15 de maio de 1945, sob a inspiração e liderança de Getúlio Vargas.

1945	Getúlio Vargas 10.11.1937 31.01.1946 PTB	Francisco Leite Neto – nomeado 27.11.1945 05.03.1945	Manoel Francisco Teles 08.12.1945 07.03.1946 -PSD
1946		Hunald Santaflor Cardoso -interventor 05.11.1945 31.03.1946	Etelvino José de Mendonça- 07.02.1946 04 .04.1946 - UDN
1946	Eurico Gaspar Dultra PSD (1946-1951)		Antônio de Freitas Bran- dão Interventor 31.03.1946 30.03.1947
1947		Etelvino José de Mendonça 23.04.1946 31.03.1947 -UDN	
		José Abílio de Oliveira – nomea- do em 31.03.1947 até 01.11.1947 - PSD	
		Joaquim Sabino Ribeiro – nomeado 30.01.1947 29.03.1947	José Jason de corria 16.11.1947 a 1951) - PSD
		José Rollemberg Eleito PSD + PR 29.03.1947 31.01.1951	
(Partido Republicano (PR), também criado em 1945.)			
1948		João Dantas Martins Reis (1951-1951) PSD, PR, PRP, PL	Euclides Paes Mendonça – 04.01.1951 04.02.1954 - UDN eleito
1949			
1950			
1951	Getúlio Dorne- les Vargas (1951-1954)	Edézio Vieira de Melo -nomeado (1951-1951) PDS	
1951		Arnaldo Rollemberg Leite – eleito PSD +PR (1951-1955)	

1952	Getúlio Dornelles Vargas (1951-1954)	Arnaldo Rollemberg Leite – eleito PSD +PR (1951-1955)	Euclides Paes Mendonça – 04.01.1951 04.02.1954 UDN eleito
1953			
1954			
1955	João Café Filho (1954-1955)		Percílio da Costa Andrade 04.01.1954 06.02.1955
1956	Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-1961)	Leandro Maciel UDN 31.01.1955 31.01.1959	Serapião Antônio de Góis 06.02.1955 a 03.02.1959
1957			
1958			
1959			
1960	Jânio da Silva Quadros (1961-1961)	Luiz Garcia - UDN 31.01.1959 06.02.1962	Euclides Paes Mendonça – eleito 03.02.1959 1962 - UDN
1961			
1962	João Belchior Marques Goulart (1961-1964)	Dionísio de Araújo Machado (1962-1963) - PSD	Franciso Antônio dos Santos, “Francisquinho da Saboaria” (1962)
1963			José Sizino de Almeida (1963-1966) - UDN
1964	Marechal Arthur da Costa e Silva (1967-1969)		

Fonte: Dantas (2022) e Baldock (217)



Etelvino José de Mendonça nasceu em 4 de outubro de 1903, em Ita-baiana, filho de João Maria de Mendonça e de Izabel Maria de Men-donça. Casou-se com Marinete de Araújo Mendonça, natural de Japa-ratuba, nascida em 1 de dezembro de 1908, filha de Cantidiano Vieira de Araújo e de Maria da Graça de Araújo. Filhos: Irenete Araújo Men-donça, nascida em 2 de julho de 1927; o padre José Araújo Mendon-ça, nascido em 1 de julho de 1928, Ivonete Araújo Mendonça, nascida em 2 de novembro de 1933, Hamilton Araújo Mendonça, nascido em 30 de novembro de 1936, Maria Araújo Mendonça, nascida em 30 de março de 1938, Getúlio Araújo Mendonça, nascido em 28 de janeiro de 1941, José Fernando Araújo, nascido em 24 de julho de 1942, Adson Araújo Mendonça, nascida em 19 de fevereiro de 1945, Maria José de Mendonça Mello nascida em 8 de junho de 1946, José Valter Araújo Mendonça, nascido em 19 de março de 1947, Dilma Araújo Mendonça Santos, nascida em 19 de julho de 1948 e Luiz Antônio Araújo Men-donça, nascido em 15 de dezembro de 1949. Etelvino foi escritor, des-portista e político. Foi prefeito em 24 de abril de 1946 a 31 de março de 1947. Etelvino faleceu em Aracaju e sua esposa em 20 de dezembro de 1984 (Carvalho, 2022).

Em Sergipe, o PSD aglutinou as oligarquias situacionistas em 17 de julho de 1945, enquanto a UDN abrigou as oligarquias oposicionistas e os liberais em geral, sendo fundado em 7 de abril de 1945. Outros partidos também compuseram o cená-rio da década de 1940, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Republicano (PR), este último organizado em 1955 (Dantas, 2022). Nessa configuração, o PSD, liderado por Manoel Francisco Teles, dominou o cenário político, se-guido pela UDN, sob a liderança de Euclides Paes Mendonça, sempre em meio a intensas e violentas disputas entre os dois chefes políticos.

No contexto das mudanças no estado, “Mané Teles”, já presente no ramo de armazéns, ganhou força e presença na política local, embora tenha sofrido sua primeira derrota ao

candidatar-se a prefeito em 1935. Ele nasceu em 11 de novembro de 1899, no povoado Cova da Onça, em Itabaiana. Era filho de José Francisco Teles e Maria da Graça Bomfim, agricultores. Casou-se com Maria Mendonça Teles, filha do Tenente Honório Francisco de Mendonça. O casal teve um filho, **Airton Mendonça Teles**, nascido em 7 de junho de 1934.

“Em 1934 Airton de Mendonça Teles muda-se para Aracaju onde cursa o primário no Colégio Tobias Barreto. Concluído o primário, ele dá continuidade aos seus estudos no Colégio Marista, na capital da Bahia, Salvador, onde permaneceu de 1940 a 1941. Airton Teles ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1942. Concluiu o curso em 1947 e voltou a Sergipe. Neste mesmo ano, passou a atuar como médico em Itabaiana, onde conheceu Aida Prado Leite Teles, sua futura esposa, com quem se casa em 1950. Em 1950, Airton de Mendonça Teles ingressa na política candidatando-se a Deputado Estadual pelo PSD, mesmo partido do seu pai. Venceu as eleições e exerceu seu mandato entre 1951 e 1954. Como fatores que contribuíram para sua vitória eletiva, destacou-se em sua atuação como médico e o apoio de seu pai. Além disso, foi fundamental o apoio de Júlio Cesar Leite – seu sogro – liderança política no estado e que, neste mesmo pleito, fora eleito o Senador mais votado de Sergipe (1951-1954). Em 1955, lança-se candidato à Deputado Federal pela coligação “Aliança Social Democrática”, obtendo mais votos que o candidato eleito, Luiz Garcia da UDN. Assumiu como suplente de 1955 a 1959 e, posteriormente, como titular entre 1959 e 1960, devido ao falecimento do então titular, José Conde Sobral. Mesmo na condição de deputado, não deixou de exercer suas funções como médico em Sergipe: trabalhou no Hospital de Cirurgia de Aracaju, em 1959, foi chefe do Serviço Médico do Sasse (1959) e médico da Caixa Econômica Federal (1959-1960). Airton de Mendonça Teles faleceu no Rio de Janeiro em 25 de junho de 1960, com 35 anos de idade, num desastre aéreo. Foi sepultado em Itabaiana/SE, no dia 1 de julho de 1960” (Pinheiro, 2017. p. 4 -5).

Airton Mendonça Teles participou ativamente de muitos conflitos com Euclides Paes Mendonça, ao lado de seu pai, durante as disputas eleitorais em Itabaiana. Eram frequentes os

“arranca-rabos” entre os dois no cartório, especialmente durante o processo de inscrição dos eleitores vinculados a um ou outro partido. Um exemplo desse conflito foi registrado pelo juiz:

Já meio-dia houve uma pega, pega entre Airton e Euclides no cartório. Entramos no acordo de eu não ir ao cartório e ele também (o Euclides) a fim de evitar maior desentendimento entre o próprio Euclides e Airton, pois Euclides também não irá lá.

A tarde Airton esteve aqui com uma lista para diligência contra a vontade de Euclides. Ouvi, não satisfiz a Euclides (Diário JBS, 3.08.1958).

Pinheiro (2017) levantou os discursos de Airton Teles na Câmara, no período de 1955-1960), nos quais ele enfocou alguns dos conflitos entre as duas lideranças em Itabaiana, seu pai e Euclides. Em disputa encontraram-se o PSD e a UDN, e Airton Teles não poupou críticas ao segundo, sempre rebatidas por seus integrantes. Acusações de prisões, torturas, assassinatos, perseguições, contrabandos, negligências, entre outras, foram destiladas nos debates ocorridos entre o deputado Airton Teles e seus adversários políticos.

Manoel Teles foi indicado interventor por três vezes entre 1941 e 1950, exerceu o domínio político em Itabaiana. Na primeira vez foi designado intendente pelo então interventor de Sergipe, Milton Pereira de Azevedo. Manoel Teles conseguiu

o monopólio da venda do açúcar, ampliando seus negócios e realizando obras, tais como pontes, calcamentos e mercado

de carne verde, ao mesmo tempo em que teria expandido sua área de influência, tornando-se a principal liderança do município (Dantas, 2019, p. 69).

Ele era proprietário de armazém, ele manteve uma relação de troca de favores com a clientela urbana e rural. O crescimento de seu patrimônio pessoal coincidiu com os períodos em que esteve à frente do domínio político, como aponta Santos (2015). Em 1947, ele conseguiu eleger José Jason Correia, também comerciante, como prefeito, que manteve a prática política do tio, com atitudes truculenta, coercitiva e até violenta (Santos, 2015, p. 65). Com ascensão de Euclides Paes Mendonça e as perseguições políticas, Manoel Teles teve declínio em suas atividades comerciais, perdendo o poder para Euclides em 1950.

Na década de 1940, Euclides Paes Mendonça já atuava no comércio em Itabaiana, com um armazém de secos e molhados, no Largo Santo Antônio, além de outro em Aracaju. Ao entrar na vida política, alinhou-se a UDN, junto com **Othoniel Dórea**, e **Esperidião Noronha** e monsenhor **Eraldo Barbosa**. Logo assumiu a liderança do partido, separou seus negócios da sociedade com seu irmão, **Mamede Paes Mendonça**, e candidatou-se a prefeito em 1947, sendo derrotado pelo seu adversário **José Jason Correia**, do PSD. Esse partido uniu diferentes setores da sociedade itabaianense, incluindo os poderes judiciário, executivo e o religioso no município, tornando-se uma força política.

Foi o período pós-Estado Novo, e o Brasil estava em processo de redemocratização. Na liderança do executivo estadual estava José Rollemberg Leite, do PSD, que ganhou as eleições com em 1947. A vitória do PSD coligado com o PR se estendeu

também ao pleito de prefeitos de vereadores. Foi no referido período que Manoel Teles elegeu Jason Correia a prefeitura de Itabaiana, derrotando o jovem político da UDN, com ascensão de Euclides Paes Mendonça e as perseguições políticas, Manoel Teles teve declínio em suas atividades comerciais, perdendo o poder para Euclides em 1950.

Othoniel Dórea, apelidado de “Dorinha”, nasceu em 14 de setembro de 1890, em Lagarto. Migrou para Itabaiana na década de 1910, casando-se com Josepha Leite Porto em 8 de setembro de 1916. Era cego de um olho. Um de seus filhos foi Filadelfo Dórea, que se tornou deputado estadual e autor do projeto de emancipação de Moita Bonita. Othoniel foi intendente de Itabaiana entre 19 de dezembro de 1933 até 2 de março de 1934. Era comerciante no ramo de ferragens e tecidos, com uma loja em Itabaiana e uma filial em Ribeirópolis. Posteriormente, mudou-se para Aracaju, onde, junto com seu irmão Antônio, instalou a “Casa Satélite”, uma loja de vidros, quadros e imagens de santos (Baldock, 2017).

Esperidião Noronha nasceu na vila de Itabaiana, em 24 de outubro de 1875. Era filho de Benvito Tito de Jesus e Antônia Francisca de Jesus. Músico, casou-se com Teonila de Almeida Noronha em 16 de maio de 1905, com quem teve 12 filhos. Foi chefe da Filarmônica Santo Antônio, ligada aos cabaús, e compositor. Envolveu-se na política local por cerca de 40 anos. Afastou-se da vida pública, quase paralítico e cego, e faleceu em 24 de dezembro de 1956 (Carvalho, 2001).

Vide Mendonça (2013). **Padre Eraldo Barbosa de Almeida** chegou a Itabaiana em 21 de outubro de 1939 e implantou a Ação Católica Paroquial. Foi nomeado Cônego Honorário do Cabido Diocesano em 12 de maio de 1942. Em 24 de dezembro de 1946, recebeu o título de Monsenhor Camareiro Secreto. Afirma Mendonça (2013, p. 49): “Com o apoio da Diocese e a participação integral da comunidade, Mons. Eraldo Barbosa de Almeida criou a Congregação Mariana, a Cruzada Eucarística Infantil, 40 centros catequéticos para evangelizar os incrédulos e, anualmente, promoveu as Santas Missões na cidade e no interior [...]”

Mamede Paes Mendonça nasceu em 5 de agosto de 1916. Junto com Euclides, em 1936, abriu uma padaria em Ribeirópolis, aos 23 anos de idade, migrando depois para Itabaiana, onde montaram um armazém de secos e molhados. Em 1947, com o crescimento dos negócios, mudou-se para Aracaju, onde iniciou um negócio de alimentos com dois cunhados e outro irmão, Pedro Paes Mendonça. Mais tarde, desfez essa sociedade e foi para Salvador, onde instalou supermercados e, posteriormente, hipermercados, tornando-se um grande empresário do ramo. Ler Hastenreiter Filho (2022).

José Jason Correia nasceu em 1º de julho de 1907, filho de Francisco Alves Correia e Maria das Virgens Correia. Casou-se em 1º de setembro de 1930 com Maria da Vitória de Jesus, apelidada de “Vitorinha”, nascida em 26 de julho de 1912, filha de José Antônio de Jesus e Maria Joaquina de Jesus, então residentes em Gandu. Tiveram dois filhos: Jasonita Correia Teixeira, nascida em 11 de novembro de 1929, e José Correia Sobrinho, nascido em 14 de setembro de 1937. Jason era comerciante e possuía uma marinete que transportava passageiros entre Itabaiana e Aracaju (Carvalho, 2022). Ele foi prefeito de Itabaiana entre 16 de novembro de 1950 e 4 de janeiro de 1951, e suas realizações incluíram a inauguração da delegacia, a criação da Associação Atlética e a fundação da Sociedade Beneficente dos Trabalhadores de Itabaiana, em 30 de agosto de 1948 (Baldock, 2017).

Na eleição seguinte, em 1950, houve uma disputa pelo governo do estado entre Arnaldo Rollemberg Garcez (PSD e PR), Leandro Maciel (UDN) e Francisco de Araújo Macedo (PTB). Dantas (2022, p. 149) afirmou: “A campanha foi apaixonada, renhida e o pleito marcado por fraudes. A apuração transcorreu de forma difícil, demorada, cheia de batalhas judiciais e até a ‘explosão’ de uma urna.” Na época, João Dantas Martins dos Reis, presidente do Tribunal de Justiça, teve de assumir o governo temporariamente até que as pendências eleitorais fossem resolvidas. Venceu, mais uma vez, a aliança entre PSD e PR, por uma pequena margem de votos, sendo eleito Arnaldo Rollemberg Garcez.

Em Itabaiana, Euclides, candidato pela segunda vez, elegeu-se prefeito com o apoio do candidato derrotado, Leandro Maciel, ao governo do estado. Ele passou “como um rolo compressor sobre seus opositores no município, apesar de não ter elegido seus candidatos ao governo e ao senado.”

Os feirantes eram sua base de sustentação, e Euclides estava sempre pronto a socorrer e ajudar aqueles que o procuravam. Dinâmico e inovador, ele se movimentava constantemente para a melhoria da cidade. Com sua vitória, começava ali “o domínio euclidiano em terras de Sebrão Sobrinho (Dantas, 2019, p. 71).

Euclides Paes Mendonça e o coronelismo: algumas notas

Euclides Paes Mendonça destacou-se como uma das lideranças mais polêmicas de Sergipe na segunda metade do século XX. Admirado por muitos, que ainda hoje defendem suas ações, também foi alvo de fortes críticas por sua postura autoritária e violenta. Apesar das controvérsias, é lembrado como um dos primeiros políticos locais a impulsionar a modernização de Itabaiana.

Os antigos negociantes que vendiam seus produtos de feira em feira, normalmente oriundos de sítios e fazendas, foram se fixando no comércio na cidade. Há um estudo feito por Santos (2015) caracterizando o coronelismo urbano, ao se debruçar sobre Euclides, e, em particular, chamou-me a atenção a afirmação do autor: “de que em Itabaiana, o coronel não foi fruto da dominação pessoal por parte de um grande proprietário

de terras, mantendo relações ou práticas pré-capitalistas.” Em seguida, assinala o autor de que a riqueza de Euclides e de “Sinhá” não foi fruto de herança ou casamento, salientando que a sua busca de documentos nos cartórios tenha sido infrutífera. Por fim, indica a fala de Helena Silveira, que “os pais de chefe do chefe político eram pobres, tanto que, quando os filhos já estavam bem de vida, era Euclides P. Mendonça que os assistiam financeiramente” (Santos, 2015, p.79).

Penso que não tão ao Norte e nem também ao Sul, no caso de Euclides. Encontrei dois inventários, embora de poucos bens no espólio, sinalizam que de fato, ele foi filho de si-tiantes, portanto, proprietário de terras, com prole numerosa, tornando difícil abrigar todos. Isso impulsionava as migrações e busca de novas oportunidades. “Sinhá” também tinha recebido bens de herança pela morte de seu pai, João de Oliveira Barbosa¹⁷, que certamente foi incorporado a família. Ambos, no entanto, eram descendentes de pequenos proprietários de terras, pertencendo ao grau mais elevado da sociedade itabaiana, aqueles que tinham determinada renda que o habilitava a ser votante e a ser votado, a exemplo, cujo tronco comum de Euclides e de “Sinhá” era Manoel Félix Passos, bisavô de ambos.

Euclides Paes Mendonça nasceu em 1 de janeiro de 1917, e era filho de Eliziário da Costa Menezes e de Maria da Conceição de Jesus, no povoado Serra do Machado. Neto paterno de João Paes da Costa e de Maria da Conceição Andrade, ambos primos carnais. Neto materno de Manoel de Mendonça Teles e de Maria das Virgens Andrade, sendo esta última também prima carnal dos trisavôs de Euclides. Um embaralhado

¹⁷ Inventário de João Barbosa de Oliveira, aberto em 09 de maio de 1940, Comarca de Itabaiana. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Sergipe.

familiar que era regra comum nos indos da história de Itabaiana, onde os laços consanguíneos asseguravam e perpetuavam também o lastro econômico das famílias.

Essa personagem, natural de Serra do Machado, à época pertencente ao território de Itabaiana, traz em sua ancestralidade, especialmente pelo tronco materno quanto paterno, elos com os primeiros portugueses que se fixaram naquela região. De igual forma, pela linha materna, sua esposa, Maria de Oliveira Mendonça, “Sinhá”, o que foi determinado no casamento de ambos a dispensa de impedimento de 3º grau para ser realizado pela Igreja, ocorrido em 25 de novembro de 1937, ele, aos 21 anos; e ela, aos 22 anos de idade. “Sinhá” era filha do agricultor João Barbosa de Oliveria e de Maria das Graças Passos. Neta paterna de Felipe Nery Barbosa e de Angélica dos Anjos Reis, neta materna de Manoel Félix Passos Junior e de Maria Pastora de Carvalho. Da ancestralidade de seus avós paternos, só localizei os pais de Angelica dos Anjos que era filha de José Vicente dos Santos e de Ana Rosa dos Anjos, que provavelmente viveram no povoado Tapera da Serra, atualmente Campo do Brito

Manoel Félix Passos, bisavô de “Sinhã” e de Euclides, foi uma figura proeminente do século XIX, que viveu no povoado Sítios Novos, depois migrou para São Paulo (hoje Frei Paulo) e que assumiu diversas funções públicas como delegado substituto, vereador, presidente da câmara, juiz de órfão e era grande proprietário de terras. Casou-se duas vezes, na primeira com Edvirgem Duqueza de Mendonça, bisavó materna de “Sinhá” e, em segundas núpcias, com Veridiana da Costa Passos, bisavó paterna de Euclides. Em alguns inventários levantados da ancestralidade de ambos, pude observar

que houve grande espólio a ser partilhado, embora com um número grande de herdeiros, o quinhão representou um “pé de meia” para cada um deles, sendo que alguns prosperaram e outros empobreceram por razões diversas, que tem relação com oportunidades aproveitadas, empenho administrativo e gerenciamento adequado.

De fato, os pais de Euclides, ao falecer, deixaram um pequeno sítio e já dependia no cotidiano de ajuda dos filhos; “Sinhá”, recebeu um pequeno espólio do seu pai, que era agricultor em Candeias, e sua mãe, Maria Pastora de Carvalho, descendente de dono de engenho em Candeias, Alexandre Barbosa Leal e Maria do Céu de Carvalho, que faleceu com mais de 90 anos, endividado e já com segunda esposa e grande prole. Maria das Graças Passos, mãe de “Sinhã” recebeu uma fatia maior de seu pai, Manoel Félix Passos Junior, que também teve presença expressiva em Itabaiana, chegando a ser Intendente, por curto espaço de tempo, também juiz de órfão e assumiu outras funções públicas. Além desses e outros inventários da família de Euclides e “Sinhá” denotam seu pertencimento aos colonizadores e aqui fizeram fortuna, tiveram grande números de filhos e o capital partilhado nem sempre foi reproduzido por todos da mesma forma.

Há um lastro comum entre ambos indicando que para além da ideia perpetuada de que “vieram do nada e construíram um império”, elementos históricos e familiares que afirmam uma história de mando, poder e riqueza, constituindo-se em legado cultural importante e perpetuado no lastro familiar com seus descendentes. De pecuaristas e agricultores, para negociantes, comerciantes e empresários; da Guarda Nacional e funções públicas de mando (delegados, juízes) para

políticos assumindo funções legislativas e executivas. Negar esse lastro e creditar na forma isolada no empenho pessoal superando adversidades para ser o que se é e vencer, parece-me ser uma análise um tanto simplista.

Muitos foram negociantes, sendo proprietários de terras em forma de fazenda ou de sítios. Fixar-se nas cidades ou manter os negócios de feira e feira foram opções tomadas por um e por outros. Inicialmente vendendo o produto de suas terras, depois como intermediários. Euclides foi irmão de grandes comerciantes, cujas biografias sempre trazem “a força de vontade”, “o tino para o trabalho”, como forças impulsionadoras para sair da pobreza e alcançar a riqueza. A que tipo de pobreza se refere? Mesmo com a dilapidação de parte do patrimônio de seus ancestrais, devido a partilha e/ou mal gestão, eles conseguiram acumular ao longo do tempo, envolvendo-se na agricultura e no comércio, e seguindo em frente, em muitos casos com a política.

Quando escapam definitivamente da lida dos sítios e se instalam na cidade, de fato, alguns deles promoveram as necessárias estruturas para facilitar a prática do comércio, como transporte para mercadorias, em estradas adequadas, pontes nos rios para fazer as travessias em época de enchentes, além é claro, de garantir o trânsito dos sitiantes, aos seus estabelecimentos comerciais, iluminação, calçamentos de ruas e outras necessidades do mundo urbano. Depender dos chefes políticos para atender às demandas ou entrar na política para garantir e fomentar condições de realizá-las? Era a formatação do “coronel urbano”, como defende Santos (2015)? Faz uma ressalva Santos (2015, p. 79) de que Euclides Paes Mendonça tinha um pé no “campo, no tradicional, mas enquanto forma

de domínio, ele progride. Por isso se diferencia dos outros coronéis, à medida que se reveste de moderno”. Em que medida eles se caracterizam como coronéis urbanos se toda a sua estrutura se deu no mundo rural? Os lastros culturais e econômicos eram essencialmente das propriedades rurais.

Uma dessas ações era a de promover a urbanização da cidade, ainda dentro dos limiares arquitetônica e geográfico de uma vila. Essa utilizou extensivamente o poder público e financiou pela administração, sob o seu domínio pessoal e com ações legais e ilegais, do ponto de vista jurídico. Muitas vezes, as melhorias implantadas na cidade beneficiavam diretamente a Euclides e seus aliados. Nesse cenário, agiu de forma incansável e implacável na abertura de ruas e avenidas, sobretudo, a custo político e jurídico alto. Santos (2015, p. 81) assinala:

Os moradores ao redor da feira foram praticamente obrigados a vender suas casas, no perímetro comercial (dando margem a mais casas comerciais), e os grandes comerciantes se dirigiram às avenidas e bairros mais requintados, com infraestrutura, provocando um reordenamento urbano-espacial neste contexto.

O coronel urbano, como intitula Santos (2017) que me parece ser aquele oriundo da força dos proprietários rurais, na perspectiva de Dantas (2019), migra e fixa na cidade, sem deixar de lado seus sítios, fazendas onde mantém parte de seus bens, além de ser comerciante em diversas atividades em Itabaiana e Aracaju. Decerto, que empreende ações mais efetivas para o novo lugar em que passa atuar, no espaço urbano, sob o qual se empenhou e alterar e adequar ao que acreditava

necessário para o progresso da cidade e, sobretudo progresso pessoal. Ninguém que se debruça em estudar o período de Euclides, nega ou faz muxoxo de sua capacidade empreendedora e de até certo ponto inovadora nos destinos da cidade de Itabaiana. Embora, como todas as suas ações tivera um custo alto para os adversários, muitos benefícios para si e seus cor-religionários. Uma de suas ações foi o de promover invariavelmente a invasão de terras, com ou sem indenizações, para abrir ruas e avenidas.

Enquanto prefeito, Euclides aumentou seu patrimônio ao quebrar o monopólio da compra de açúcar de Manoel Teles, o que levou a desentendimentos e os transformou em adversários políticos. Uma de suas principais preocupações era a modernização de Itabaiana, buscando recursos para esse fim. Ousado, ele fazia e desfazia para realizar benfeitorias na cidade.

O Poder Judiciário em Sergipe estava sob a liderança do desembargador Hunald Santaflor Cardoso desde 2 de julho de 1942. Com a Constituição de 1947, foram estabelecidos seus órgãos: o Tribunal de Justiça, os juízes de direito, os tribunais do Júri e outros juízes e tribunais instituídos por lei (Art. 66). O poder judiciário era peça-chave nesse processo, como observa Barreto (2005, p. 118):

[...] as agitações dos partidários da UDN e do PSD desafiava a justiça, intimidava juízes, pressionava o Tribunal, dificultando a administração da justiça em todo o Estado. Cara Preta e Rabo Branco como eram conhecidos os grupamentos dos partidários, tal qual no tempo de Pebas e Cabáus, criavam fatos que a memória social e política sergipana guarda.

Quando Euclides foi eleito prefeito de Itabaiana, em 1950, o desembargador Hunald Santaflor Cardoso era presidente do Tribunal de Justiça. Ele tinha uma relação muito próxima com Euclides, estabelecendo uma convivência mutuamente benéfica para ambos, fato que teve grande repercussão nos jornais locais, especialmente aqueles alinhados ao PSD. Nesse sentido, ressalta Carvalho (2022, p. 92):

Na magistratura, favoreceu o longo tempo em que o juiz de direito demorava na comarca de Itabaiana, com residência fixa no seu centro da cidade, a amizade fácil de ser conquistada através de cortesias, a estabelecer um liame de intimidades que, ao crescer, no dia a dia, deixava o magistrado, muitas vezes sem força para reagir às pretensões do líder político, numa conquista lenta.

Carvalho (2022) aponta o momento de ruptura entre o juiz Luiz Magalhães e Manoel Teles. O rompimento ocorreu durante as eleições de 1947, quando, em uma seção eleitoral presidida por Magalhães, houve a presença de um eleitor fantasma, o que levou à anulação da referida seção. Esse fato foi articulado por “Mané Teles”, que utilizou o título de um eleitor falecido, complicando a situação do juiz (Carvalho, 2022).

Entre a última posse de Manoel Teles e a primeira de Euclides, Itabaiana teve os seguintes prefeitos: Etelvino José de Mendonça (24.04.1946 a 16.11.1947), nomeado pelo interventor Antônio de Freitas Brandão; José Abílio de Oliveira (31.03.1947 a 16.11.1947), nomeado por José Rollemberg Leite,

governador eleito de Sergipe; e José Jason Correia (16/11/1947 a 04/02/1954), eleito prefeito pelo PSD em Itabaiana (Baldock, 2017). Manoel Teles assumiu a gestão do município nas seguintes datas: de 8 de dezembro de 1941 a 21 de novembro de 1945, de 8 de dezembro de 1945 a 7 de março de 1946, e, por fim, de 4 de abril a 24 de abril de 1946, conforme a movimentação política estadual e nacional.

Amigo do juiz desde os idos de 1947, embora tenha sido derrotado nas eleições de Itabaiana, Euclides ganhou força para a eleição seguinte. Venceu o pleito de 1950, tornando-se prefeito de Itabaiana. Determinado, ele seguiu sua “via-sacra” no processo de conquista do eleitorado, sempre pronto para paradas e conversas, trocas de favores, doações em dinheiro, alimentos e remédios. Além disso, Euclides marcava presença em festas, enterros, casamentos, procissões, batizados, leilões e outros eventos sociais e religiosos. Dessa forma, ele conquistava eleitores com “sua maneira informal de manter contato com as pessoas”. Carvalho (2023) destaca: a “benevolência com Euclides Paes Mendonça era pública e notória”. Ele contava com o apoio do juiz Luiz Magalhães, que o visitava continuamente em seu armazém e em sua casa, além de o acompanhar em deslocamentos para outros municípios e povoados, especialmente nas viagens entre Itabaiana e Aracaju. O juiz José Bezerra dos Santos adotou o mesmo comportamento quando chegou a Itabaiana.

Nas eleições de 1954, sendo candidatos a governador Leandro Maciel pela UDN e Edézio Vieira pelo PSD, o primeiro venceu por uma pequena margem de votos. Euclides continuava imbatível nas urnas, elegendo também Serafão Antônio de Góis como prefeito de Itabaiana. Mesmo

assim, ele ainda não tinha controle sobre dois órgãos importantes no município: a polícia militar e a exatoria, cujos dirigentes eram designados pelo governador, que à época era do PSD.

A vitória da UDN provocou “a alternância no poder local, que passava a viver sob o signo do leandrismo” (Dantas, 2022, p. 156). Durante o governo de Leandro, apesar de seu discurso de renovação política e de tentar “desmontar a velha estrutura de poder e rearrumar a máquina pública”, ele enfrentou diversos desgastes, principalmente devido à violência desencadeada no estado, particularmente em razão dos assassinatos motivados por rivalidades políticas. Em 1955, o assassinato de Josué Modesto Passos, eleito prefeito de Ribeirópolis pela UDN, pressionou Leandro a agir para fazer justiça pela morte de seu correligionário. O crime foi fruto da rivalidade entre duas famílias locais: os Ceará e os Passos.

Dantas (2017) explica que os chefes políticos de diversos municípios, sentindo-se dono de seus territórios, frequentemente extrapolavam sua autoridade, utilizando a força policial para perseguir opositores por meio de prisões, agressões físicas e até mesmo assassinatos, situação agrava pela impotência ou conivência do judiciário frente a esses abusos.

Dantas (2022) destaca querelas em Boquim, Capela, Lagarto, Geru, Barra dos Coqueiros, Canhoba e Itabaiana. Neste último município, sob a dominação de Euclides, eleito deputado estadual em 1954, viviam constantes disputas com seus adversários políticos, chefiados por Manoel Teles, do

PSD. Leandro prometeu¹⁸ propiciar um clima de sossego para os sergipanos, mas foi impedido pelas frequentes eclosões de eventos violentos no estado.

No âmbito dos negócios, o crescimento de Euclides foi exponencial após seu primeiro mandato como prefeito (04/03/1951 – 06/02/1955). Inaugurou-se o poderio udenista em Itabaiana, com o apoio do governo estadual de Leandro Maynard Maciel, seu poderoso aliado. Euclides se destacou como “um gestor dinâmico, realizador” (Dantas, 2019, p. 165), e implantou um processo de urbanização moderno, com várias iniciativas: construção de muros ao redor do Tanque do Povo, adornado com postes; recuperação de estradas, especialmente em Capunga, Moita Bonita e Serra; início da construção do Açude da Marcela; pagamento de subsídios aos professores em 1952; compra do primeiro trator da prefeitura; construção de uma lavanderia pública; pavimentação do Beco Novo; subsídios à Associação Atlética de Itabaiana e ao Hospital Regional Dr. Rodrigues Dórea; eletrificação de Paulo Afonso em 1953 (Bispo, 2017).

Ele também promoveu a abertura de ruas e avenidas, frequentemente através da apropriação de terrenos e derrubada de cercas e casas, às vezes sem os devidos processos legais de

¹⁸ Ações governamentais do governo de Leandro Maciel abriam possibilidades efetivas em diferentes frentes, fomentando obras como a inauguração do Serviço de Água no Morro do Macaco, reforma de igrejas e clubes, melhorias de sede de sindicatos, reforma do Centro Operário Sergipano, Fomento Agrícola, instalação do Instituto de Tecnologia, expansão do ensino rural, criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), construção da Maternidade João Firpo Filho, entre outras. Várias edificações foram realizadas, sendo o setor mais privilegiado do seu governo, com criação de rodovias, estrada de Atalaia mosqueiro, expandido a capital, novo campo de aviação com o aeroporto Santa Maria. Outra realização foi o desmonte do Morro do Bonfim, entre outras que contribuíram para o desenvolvimento do Estado (Dantas, 2017).

desapropriação e indenização, o que gerou dissidências, resistências e processos (Carvalho, 2022). Como Baldock (2017, p. 120) considerou: “Desta vez Euclides fez cabelo, barba e bigode, e aí começa sua grande ascensão política e financeira.”

Nesse cenário antagônico que se estabeleceu na política em Itabaiana, embora refletindo a conjuntura estadual e nacional, havia suas peculiaridades que o tornavam singular e sempre emblemático. Foi nesse período que o juiz José Bezerra dos Santos chegou a Itabaiana para assumir as funções judiciárias na Comarca, em 12 de outubro de 1956. Sua chegada ocorreu em um momento em que muitos juízes eram ameaçados pelos chefes políticos locais. Em meio às adversidades políticas trazidas pelos partidos majoritários, PSD e UDN, o Judiciário, então subordinado ao poder executivo, ficava responsável pela nomeação dos juízes. Esses juízes eram muitas vezes impulsionados a seguir as diretrizes do governador e, principalmente, do chefe político local, como forma de garantir proteção. Os laços de amizade e afinidades políticas se fortaleciam em meio aos conchavos políticos da época.

No governo de Leandro Maciel, José Bezerra dos Santos foi nomeado juiz de 1ª entrância em Itabaiana, em 25 de setembro de 1956, substituindo o então juiz Luiz Magalhães, que foi promovido a desembargador (Dantas, 2019). Ele tomou posse em 12 de outubro do mesmo ano. Foi em 1958 que iniciou a escrita de seu diário, em meio a efervescente política local, em que a separação dos poderes nem sempre era visível e nem mesmo respeitada.



Cartografia do diário de José Bezerra (1957-1963)

Páginas encardidas...

Minhas mãos suadas apagaram tantas palavras.

Quais palavras, meu Deus, foram esquecidas?

A escrita autobiográfica em um diário pessoal traz inúmeros elementos da história social do tempo vivido pelo seu escriba e revela memórias individuais que podem ser remetidas a memórias coletivas. Na solidão de um recanto qualquer da casa, o narrador derrama sobre as páginas em branco rabiscos de sua vida pessoal, carregados de emoções negativas e positivas, que, preservados no tempo, podem ser retomados, revistos e reavaliados. Para muitos, o diário é seu confessor pessoal, onde seus segredos não são espalhados, julgados ou invejados. Escrever é, de fato, um trabalho terapêutico importante, que permite o confronto posterior com o vivido. Dessa forma, compreendi, em parte, que a decisão de escrever o diário ganhou essa dimensão fundamental na

vida de José Bezerra. Sua leitura me fez recordar o *Diário de Anne Frank*, de como fui tocada pela leitura de seu relato, e de como ele a manteve viva. Seu legado, naquele manuscrito, contribuiu imensamente para a compreensão e a repulsa ao nazismo na Segunda Guerra Mundial.

Esse foi o sentimento que tive ao ler o diário de José Bezerra, de como ele fomentou em mim o desejo de me debruçar sobre seu conteúdo, pela riqueza que nele se encerra e que potencializa estudos. A segunda edição do texto *Coronelismo e Dominação* foi embasada por Ibarê Dantas, que, de fato, ampliou e aprofundou sua tese sobre coronelismo e dominação em Sergipe, tomando como recorte Itabaiana. Trata-se de um documento precioso que pode ser estudado sob várias perspectivas, embora não se saiba exatamente quais foram as motivações de José Bezerra ao escrevê-lo, desde o início até a finalização.

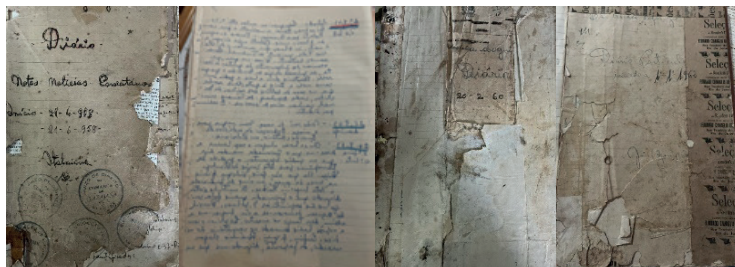
Muitos acontecimentos ficaram subentendidos ou foram mencionados rapidamente; outros tantos foram descritos com riqueza de detalhes. Sua narrativa, bem escrita e concisa, traduz elementos de diversas ordens: a situação do transporte em Itabaiana, o ginásio e alguns aspectos de sua rotina, as relações entre os grupos antagônicos, a estreita relação com Euclides e sua família, a ruptura entre ambos, seu realinhamento a outro chefe político e sua imersão no cotidiano familiar de Manoel Teles, além de acontecimentos nacionais e internacionais, entre tantos outros fatos.

Traz também seus medos, anseios, valores, preconceitos e sua paixão pelo cinema, pelos livros, pelas fotografias, seus hábitos cotidianos, sua relação familiar com “Cacil” e com os filhos, sua presença nos bastidores do poder judicial, policial e executivo, sua religiosidade e suas ideias, suas visitas e presenças em enterros e missas de sétimo dia, inaugurações, viagens e passeios.

Ele gostava imensamente de fazer compras; por isso, seus hábitos de consumo, empréstimos e suas trajetórias em lojas, armazéns, farmácias, feiras, bares, mercadinhos e restaurantes foram devidamente registrados. Era um contumaz gastador, e nem sempre receitas e despesas se equilibravam, o que gerava inquietações familiares.

Revelam pequenos segredos registrados em um cabedal inestimável de informações que permitem análises de diferentes interfaces entre a sociologia do cotidiano, a história política, jurídica e escolar, sem que se chegue a um esgotamento do potencial para entender o período vivido por ele nas entranhas de Itabaiana, em um momento deveras particular de sua política de enfrentamento e violência.

Figuras 70 a 73. Seu diário.



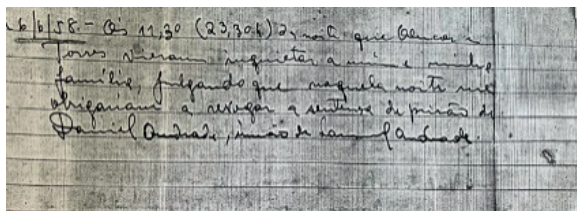
Fonte: Acervo de José Geraldo Dantas Bezerra.

Mesmo lendo algumas vezes, a cada leitura algo novo surge, possibilitando outras interpretações, se é que em um diário pessoal se pode chegar ao âmago de uma verdade, fora dos sentidos atribuídos por quem escreve. Foram deixadas lacunas, talvez intencionalmente, pelo receio de que, no futuro, esse material se publicasse, expondo o que não

gostaria de revelar sobre si e sobre a rede de sociabilidade que desenvolveu em Itabaiana e Aracaju.

Início do manuscrito

Figura 74 17 de maio de 1958, no sábado, na Praça João Pessoa, em Itabaiana, sobre o qual o José Bezerra ficou responsável pelo andamento do processo.



Fonte: Diário JBS, 06.06.1958.

Essa informação foi noticiada em manchete pelo *Gazeta de Sergipe*, em 19 de junho de 1958. Foi nessa data que o juiz fez o primeiro de muitos registros diários.

Figura 75. Título da manchete.



Fonte: *Gazeta de Sergipe*, em 19.06.1958

Na manchete, Samuel Andrade, com a coautoria do irmão, Daniel Andrade, ambos ligados a Euclides Paes Mendonça, foram acusados de assassinar o comerciante Antônio Lobo¹⁹. O jornal informou que o juiz decretou a prisão dos dois irmãos. Então, vieram da capital o promotor de Justiça, Alencar Filho, acompanhado do deputado estadual Antônio Torres, e ambos haviam ido bater à porta do juiz. “Disseram desaforos e exigiram a revogação imediata da prisão. Isto foi o bastante para que, na manhã seguinte, a prisão fosse revogada.” A manchete ainda menciona que o juiz foi interrogar o preso Samuel no quartel, pois Euclides proibiu que ele fosse levado à prefeitura para interrogatório. O juiz entrou pelos fundos do prédio para evitar que o povo presenciasse aquela humilhação. Por fim, afirma o jornal que, no dia anterior, véspera de Santo Antônio, o juiz havia almoçado na casa de Euclides Paes Mendonça, junto com o governador Leandro Maciel.

Quinze dias depois dessa primeira anotação, faz menção a uma notícia veiculada na *Gazeta Socialista*, sendo esta sua primeira anotação diária, na qual se mostrava indignado com a notícia publicada sobre ele.

A Gazeta de Orlando Dantas saiu com Manchete dedicada a mim. Não gostei, contrariei-me bastante pelas mentiras deslavadas de Orlando. No dia seguinte passei-lhe o seguinte telegrama: Protesto energicamente contra notícia incompletas histórias capciosas interesse político veiculadas seu jornal ontem atingindo dignidade pessoal pública. *Pt. Lamento*

¹⁹ Esse processo foi localizado no Arquivo Geral do Tribunal de Justiça, com todas suas peças: acusatória, defesa, testemunhos, júri e a sentença (Processo Criminal, 1963).

V. s, aproveitar-se da Gazeta órgão circulação estado e fora propagar mentiras atingido inescrupulosamente dignidade alheia pt. Tenha suas notícias fontes limpas dignas do contrário lhe falta autoridade moral *vg*, decência *vg* compostura *vg* responsabilidade. Peço publicação *pt*. José Bezerra dos Santos (Diário JBS, 19.06.1958).

Era público e notório a autoria do crime como sendo de responsabilidade de Samuel Andrade. As motivações desse assassinato podem ter sido por questões familiares, como assinala José Geraldo Dantas Bezerra (Entrevista, 20.09.2024), pois havia questões de violência familiar da vítima com a família do réu, que levou Samuel, agredido desde criança pelo cunhado, vingar-se do marido da irmã. Em sua narrativa, José Geraldo descreve a ocorrência do crime, como lembranças guardadas do que ouviu na época. Ele estava voltando da casa de uma cafetina famosa naquele período, chamada “Breguedela”,²⁰ quando aguardava Samuel e o irmão Daniel (por isso o envolvimento dele), escondido em um coreto que existia à época na praça João Pessoa. Quando Antônio Lobo ia passando foi alvejado por quatro tiros. Samuel, ainda segundo o narrador, tinha habilidade com armas, pois treinava constantemente e para o referido crime, usou um mouse automática. Embora houve esse componente familiar motivador, as questões políticas partidárias foram aclamadas, por conta do envolvimento de Daniel, então correligionário próximo a Euclides.

20 “Breguedela” ou “Déia”, nasceu no povoado Bravo Urubu, em Nossa Senhora das dores, filha de Ludugero e Jardimilina. Lembro-me de ouvir em casa xingamentos que não entendia, quando se referia a uma mulher que se queira ofender: “pior do que Breguedela”, acabo por ler essa expressão em Baldock (2012).

O componente político partidário que levou Euclides a tomar diversas atitudes para evitar a prisão de Daniel Andrade, irmão de Samuel, que trabalhava para ele e foi implicado no assassinato. Um fato curioso é que José Bezerra fez uma anotação do dia 06 de junho de 1958, mas só iniciou seus registros diários 15 dias depois. Ele mencionou a pressão que recebeu para revogar a sentença de prisão de Daniel, envolvido no assassinato de Antônio Lobo Sobrinho. Essa pressão veio de Luiz Carlos Fontes de Alencar, então promotor de Itabaiana, e de Antônio Torres Junior, advogado.

Era o prelúdio de conflitos que José Bezerra enfrentaria. Dantas (2019) destaca que o episódio chegou aos jornais, inflamando a opinião pública a respeito do caso. De fato, José Bezerra ficou ressentido pela forma agressiva de como se deu a visita de Alencar e Torres em sua casa, exigindo a soltura de Daniel Andrade. Esse episódio foi registrado por José Bezerra, aguerrido até encontrar uma forma de sobrevivência em meio ao tiroteio de palavras e xingamentos que permeavam o ambiente político. As disputas eram virulentas e desafiadoras.

Na rede protetora de Euclides, faziam parte Luiz Carlos Fontes de Alencar e Antônio Torres Junior, peças singulares, que atendiam suas demandas políticas e mediavam junto as instâncias superiores da justiça. Foram eles, que, a serviço de Euclides, empenharam-se pela soltura de Samuel. Daniel e Samuel faziam parte dos correligionários fiéis de Euclides, sendo o primeiro seu funcionário, por isso o empenho para mantê-los longe das grades sempre foi evidente, o que provocava alguns indícios de tensão entre eles, o advogado e o juiz. Houve repercussão na imprensa local desse fato, relatada por Carvalho (2020).

Na consulta ao processo crime de Antônio Lobo, o caso foi encerrado, com sentença dada pelo juiz, em favorável aos dois irmãos.

Dantas (2019 p. 116) tratou do manuscrito, com ênfase na política, como destaca:

Em Itabaiana, ao vivenciar as dificuldades do exercício de sua profissão, em meio as injunções que restringiam seu espaço de atuação, passou a anotar diariamente fatos do ambiente em que atuava, envolvendo relações com Gazeta de Sergipe, 19.06.1058.

Trata-se, indiscutivelmente, de um material rico sob todos os pontos de vista, por seu conteúdo e por oferecer ao leitor a tessitura política de Itabaiana naquele período, suas relações intestinas nas armações e encaminhamentos entre a lei e a vontade absoluta das lideranças em manter-se no poder e fortalecer-se, sem limites; na relação indissociável entre o público e o privado, estabelecida por essas lideranças, notadamente no chamado fenômeno do “coronelismo”.

Do ponto de vista político, já bem colocado por Dantas, o diário chamou-me a atenção para o fato de que as decisões das lideranças, do judiciário, da política partidária, da igreja, da administração e do poder legislativo iam se embolando no meio de campo, de modo que as negociações, os conchavos, acertos e desacertos entre eles tendiam sempre a favorecer quem tinha o domínio naquele período. Deus e o diabo em uma terra sem lei, em que a lei tinha a cara de um ou de outro, foi-se evidenciando durante a leitura.

Havia uma rede de comunicação e/ou de “fuxico” de informações entre o juiz e alguns itabaianenses, que o mantinha atento e atualizado com os fatos da cidade. No entanto, chamaram-me a atenção as constantes anotações sobre os movimentos de Euclides e seus familiares, quase diários. “Soube” por fulano, apenas soube, iam sendo destiladas ao longo de seu diário, entre notícias, fuxicos e opiniões, que eram socializados por pessoas que viviam ao redor de Euclides. Diz Carvalho (2022, p. 25):

Com o fuxico, o fuxiqueiro se aproximava de Euclides Paes Mendonça, colocando em suas mãos uma bomba que o líder udenista, na maioria das vezes, terminava por se contagiar e buscar uma repri-menda, ao seu inteiro modo.

Do ponto de vista político, como observa Dantas, as decisões das lideranças — entre judiciário, partidos, igreja, administração e legislativo — se entrelaçavam em conchavos que favoreciam sempre quem detinha o poder. A lei assumia a face de quem mandava, revelando um cenário de “Deus e o diabo em uma terra sem lei”.

Com essa percepção, destaquei aqui alguns temas trazidos no diário, sem a presunção nem a pretensão de esgotá-lo. Os recortes feitos não são suficientes nem dão conta da complexidade de tantas vidas sacralizadas no manuscrito lido. Ficou muito a ser dito e a ser explorado, pela complexidade do homem, da família, da atuação política e jurídica, da sua movimentação e descrição dos lugares por onde andava, dos fatos que privilegiava contar, de outros apenas anunciados e, certamente, de muitos outros que José Bezerra escolheu não

contar. São memórias, e elas são seletivas: por vezes fluem e materializam-se em pensamentos, nas verbalizações; outras vezes desaparecem, apagam-se ou se escondem, podendo reaparecer ou nunca mais serem recuperadas.

São retalhos de vidas, de José Bezerra e sua família, em momentos singulares de seu vivido social, profissional e cultural, que foram escritos no calor dos acontecimentos da época, muitas vezes em frases curtas e, em outras, em trechos detalhados, desfilando pessoas de seu convívio, querelas, sentimentos e emoções. Suas doenças e as doenças de seus familiares, as contribuições e doações que fez no período e, especialmente, seus empréstimos e pagamentos. A leitura desse manuscrito permitiu-me viajar no tempo e nos espaços que ele ocupou, nos bastidores da política local e até nacional, pelo que replicou em torno do período que antecedeu a instalação da ditadura militar e alguns desdobramentos em nível local.

Em outros momentos, José Bezerra demonstrava os valores e os preconceitos de sua época, reafirmando sua visão de mundo em relação ao adultério e à homossexualidade, como quando um de seus colegas, professor do ginásio, foi pego com outro em situação libidinosa e, por isso, foi demitido e expulso da cidade. “Eliseu veio aqui. Conversamos sobre Itabaiana com os (homens) homossexuais e as mulheres infiéis aos maridos, adúlteras que são muitas” (Diário JBS, 11.08.1961).

Renda, empréstimos, compras

José Geraldo me disse que o pai gastava demasiadamente, o que de fato se verificou em todo o diário: o constante desequilíbrio entre receita e despesa. Praticamente todos os

itens comprados eram anotados com seus devidos valores, muitas vezes pagos em prestações, da mesma forma que os empréstimos que fazia e como os pagava. Foram muitos os empréstimos feitos a Bebém e “Teté”, suas tias, e a Euclides Paes Mendonça, em valores significativamente altos: “Sem aceitar recibo ou promissória, me entregou cem mil cruzeiros.” Quando rompeu com Euclides, pagou um valor de 150.000,00 cruzeiros, além do aluguel da casa de propriedade dele. Possivelmente, esse fato levou à acusação de Euclides, quando se tornou seu inimigo, de que ele fazia empréstimos em troca de serviços jurídicos, o que o deixou profundamente indignado.

Em casa de Ariston, este me disse que conversara com Rui Elói, e este dissera que Euclides está disposto em entrar com uma representação contra mim, no Tribunal, alegando que me emprestou dinheiro em troca de serviços da Justiça. Não poderá haver maior calúnia e mentira deslavada. É ser errado e insidioso. Veremos. Sei que aquele ignorante sem escrúpulo é capaz de tudo. Veremos o que vai sair (Diário JBS, 27.05.1963).

Já em 1964, recebi quase 100 mil cruzeiros de empréstimo que fiz do IPES (Diário JBS, 09.11.1964). Da mesma forma que gastava bastante, doava pequenas quantias para pessoas que lhe pediam ajuda, o que ocorria continuamente. De fato, ele demonstrava seu desprendimento ao mencionar suas doações e empréstimos sem garantias. “De noite, recebi bilhete de D. Maria, me pedindo auxílio para pagar dívidas de remédios e injeções que tomou. Mandeí o que pude, com muito esforço, pois estou também arreado...” (Diário JBS, 20.10.1964). Também

fazia pequenas doações aos seus pais, inclusive comprava itens para a bodegazinha que eles mantinham em Japoatã.

Destaquei a renda recebida em 1962 e 1963 por José Bezerra, na tentativa de entender o que significavam os gastos que tanto incomodaram sua família, mas que me pareciam ser uma forma de prazer que ele encontrava nessa maratona de consumir. Ele saiu de uma situação financeira difícil desde o casamento, dando aulas em vários estabelecimentos, assumiu a função de bedel, dirigiu o Asilo Rio Branco e morou de favor na casa dos salesianos e, depois, no próprio asilo, até se instalar na casa das tias. Foi uma trajetória cheia de obstáculos do ponto de vista financeiro, enquanto ele se afirmava profissionalmente.

Na primeira década de 1950, as coisas tomaram outra direção quando José Bezerra se tornou professor catedrático do Instituto de Educação Rui Barbosa, em 1953, e, em 1956, Juiz da Comarca de Itabaiana. Nos anos em que viveu naquele município, seus rendimentos fixos eram de juiz e de professor catedrático, atuando no Ginásio Murilo Braga, mas oscilavam com acréscimos das aulas suplementares e das substituições de juiz em períodos de licença e férias nas comarcas circunvizinhas. Para entender o que esses valores implicavam em Sergipe no período, usei como referência o valor do salário-mínimo: em 1962, vigorava o salário de outubro de 1961, correspondente a Cr\$ 13.440,00; o de 1963 era de Cr\$ 21.000,00.

Em 1962, o juiz ganhava o equivalente a quase seis salários-mínimos (5,8%); em 1963, embora tenha havido um aumento, o salário-mínimo cresceu bem mais, e o do juiz caiu, equivalendo a pouco mais de quatro salários-mínimos, correspondendo a 4,2%. Em relação ao de professor catedrático, os valores eram bem inferiores, sendo de quase 1,8 salários-

-mínimos em 1962, caindo bastante em 1963, para pouco mais de um salário-mínimo, correspondendo a 1,2%. Adicionando-se aos valores das aulas suplementares, em torno de 3,5 salários-mínimos em 1962 e de pouco mais de dois salários-mínimos em 1963, correspondendo a 2,2%, José Bezerra recebia cerca de pouco mais de 11 salários-mínimos mensais em 1962 e, em 1963, pouco mais de 8 salários-mínimos. Sem contar outros valores recebidos, como da exatoria, em forma de abonos salariais e substituições de colegas em períodos de licença e férias.

Quadro 3. Salário - Renda de José Bezerra

25.07.1962	Valores	27.06.1963	Valores	28.08.1964	Valores
Juiz	Cr\$ 79.032,00	Juiz	Cr\$ 89.032,00		139.340,00
Professor	Cr\$ 25.032,00	Professor	Cr\$ 25.762,00		25.760,00
				Frei Paulo (substituto)	41.660,00
Aulas suplementares (particulares)	Cr\$ 48.000,00	Aulas suplementares (particulares)	Cr\$ 48.000,00		
Exatoria	Cr\$ 10.000,00	Exatoria	Cr\$ 10.000,00		
Total	Cr\$162.064,00		Cr\$ 162.794,00		243.900,00

Fonte: Diário de José Bezerra.

Em Itabaiana, além do armazém de Euclides, ele citou como locais de compras as lojas de “Zeca Mesquita”, Fefi - Francisco Tavares da Costa, dono do Armazém Tem-Tem (ramo de armarinhos)²¹, “Zequinha Ourives”, “Zeca Araújo”, da loja O Crediário, La Verdurita, a loja de Valdek e a loja de Antônio Doce. “Rei das Bibliotecas”. Sua presença também se

²¹ Francisco Tavares da Costa, filho de Maria da Graça de Jesus e de Antônio José da Costa. Consultar: Mendonça (2017).

dava na Farmácia Santo Antônio, Farmácia Thenisson, Hotel Santo Antônio, conhecido como “Hotel de Tancredo”²², de Tancredo Caolho, que ficava localizado na Praça Santa Cruz, Hotel Comercial, Padaria de “Zé Gordinho”, Posto Esso, Ser-raria Santo Antônio, Alfaiataria de Filadelfo, loja de Vicente de Belo, “Mané Clemente”, “Zé de Caboca”, entre outros.

Vislumbra-se, através de seu diário, uma espécie de carto-grafia do centro de Itabaiana na década de 1950, especialmente no que diz respeito às casas de comércio, que impulsionavam a circulação de mercadorias. A adesão de seus proprietários à política estava, certamente, relacionada às disputas comerciais e à concorrência na compra de produtos.

Desde os antigos vendedores que percorriam feiras até a fixação das lojas, o empreendimento comercial buscava criar condições efetivas para que as mercadorias circulassem e fossem vendidas, ampliando, assim, o poder de seus proprietários. Esse processo envolvia melhorias nos meios de transporte, a abertura de ruas e avenidas para facilitar o fluxo de mercadorias e com-pradores, além da própria instalação de prédios comerciais.

Seguir suas andanças no comércio de Itabaiana, entre o final da década de 1950 e a primeira década de 1960, possi-bilitou acompanhar sua movimentação e seu crescimento ao lado da feira livre²³, que cada vez mais abraçava os pequenos

²² “Foi o primeiro estabelecimento do ramo a usar o nome HOTEL, antes se usava PENSÃO” (Baldock, 2013, p. 128).

²³ Mendonça (2015, p. 51) assinala que a feira surgiu em 1860, “por meio do comércio do algodão ou alguns caixeiros viajantes e mascateiros que por aqui passaram, vendendo seus produtos e comprando outros”. Ela foi instalada na Praça Fausta Cardoso, onde fica a matriz, conforme o domínio dos cabaús e pebas, alternando-se com a instalação no Largo Santo Antônio. No entanto, fixou-se em definitivo no Largo Santo Antônio com a construção do mercado chamado “Zezé de Benvenuto”, em 1929. Com o crescimento dos vendedores, outro mercado foi instalado onde era antiga cadeia pública. Mendonça (2015) sobre a evolução comercial do município.

agricultores, criadores e o comércio fixo, com a abertura de lojas por comerciantes que marcaram época, muitos deles assinalados por José Bezerra, na integração contínua entre o comércio e a política local. Mendonça (2015, p. 129) reforça, ao tratar de Euclides e “Mané Teles”: “Tanto um como o outro sempre agiam com o objetivo de colocar o concorrente contra a população, e, em se tratando de comércio, tudo era ávido para se sair por cima.”

Em Aracaju, registrou suas idas ao armazém de Euclides, ao mercadinho de Pedro Paes Mendonça, e também a outras lojas, como: Suprema, Ponto Chic, Irmãos Figueiredo, Brasileira, Livraria Regina, Livraria Monteiro, Sulamericana, Ponto Exato, Ponto Certo, Bar Chile, Sorveteria Cidelândia, Padaria Ceci, loja Prado Vasconcelos, Casa Colombo, Casa Fiel, Moinho Apolo, Moinho São José, Radiante, Padaria Sergipana, Bar do Iglus, Palácio das Joias, de Zé Gonçalves, Cacique, Drogaria Confiança, dentre outras. Descrevia suas caminhadas e passeios no centro da cidade, no bairro Santo Antônio, onde residia, anotando os nomes das ruas e locais por onde passava, descrevendo parte da geografia da cidade ao final da década de 1950.

Interessava-se pelas novidades em eletroeletrônicos, outros artefatos para casa e itens pessoais. Foram relacionadas muitas compras: rádio Philips, máquina Singer, fogãozinho Jacaré, tacho de alumínio, batedeira elétrica para bater ovos, copo Walita, cofre, bule de louça, cobertura de vidro (redoma) para queijo ou bola, jarro de cristal, relógio “fortíssimo”, paliteiro em forma de garrafinha de madeira, obra de arte miúda, cálices de cristal, copos, grandes pratos, chaleira de alumínio, cama patente, cobertor, espanador, mesinha e cadeiras, poltrona giratória, mesinha de aço com corrediça no chão para

máquina de escrever, mala de luxo, estojo de barbear, frasco, copo de vidro, grampeador tipo alicate, geladeira Frigidaire, cadeira de braço e balanço tipo ICA, ventilador Super Arno, rádio GE, estufa para preparar iogurte, televisão, dentre outros.

Peças de ouro para presentear sua esposa Cacil: colar de ouro, bracelete de ouro, anel de ouro. “Depois fui a Zequinha Ourives e recebi uma pulseira tipo escrava, de ouro, para Cacil” (Diário JBS, 23.06.1961). No dia do aniversário de seu casamento: “Passei telegrama a Cacil sobre o aniversário, hoje, de nosso casamento: 20 anos” (Diário JBS, 22.06.1962). “Amanhã, aniversário de Cacil, comprei na farmácia 2 presentes para Bosco e Geraldo lhe oferecerem” (Diário, 17.09.1962). Compras eram feitas e anotadas de vestidos, saias, calefon, roupa de dormir, lenço de seda para sua esposa. Da mesma forma, para si, Geraldo e João Bosco, comprava ternos, relógios, camisas, meias de nylon Lupo e gravatas. Presentes para outras pessoas da família, encomendas para as tias e para os pais que viviam em Japoatã, inclusive produtos para a “bodegazinha”. “Saí com Pai Antônio ao comércio. Fiz as compras dele: café, sabonetes, agulhas, blocos de papel etc., para a venda em Japoatã. Fiz todas as despesas” (Diário JBS, 21.09.1961).

Os valores dos alimentos que comprava, o que era adquirido e os pagamentos a D. Lídia, a mulher que realizava as atividades domésticas em Itabaiana, eram todos devidamente anotados. Ele se responsabilizava pela economia doméstica, e comprar era uma necessidade, um vício, um prazer que ele alimentou durante toda a sua vida. “Cacil” sentiu na pele esse jeito de ser de seu esposo.

Ele também relatava frequentemente seus problemas de saúde e os de Cacilda (gripe, reumatismo, dores abdominais,

sinusite etc.), evidenciando também sua luta por ter sido diagnosticado com diabetes e precisar constantemente tomar injeções de insulina. Mencionava doenças de seus entes queridos, como a de “Chico”, seu irmão, que veio de Japoatã e ficou internado em Aracaju (Diário, 19.11.1959). Registrou o retorno dele para Japoatã em 8 de janeiro de 1960, na companhia de outro irmão, Etelvino. Anotava todos os eventos de sua família: “Soube que ‘Bebém’ e ‘Teté’ se aguentaram numa queda de escada, no quintal de ‘Teté’. ‘Bebém’ saiu com o braço esfolado, em parte, e escoriações nas costas. Foi ‘Bebém’ que procurou aguentar o peso de ‘Teté’, caindo” (Diário JBS, 19.01.1961).

Uma de suas anotações foi sobre o médico Hercílio Cruz, que instalou a primeira Clínica particular chamada de Clínica Psiquiátrica Santa Maria, situado no bairro Aribé ou Siqueira Campos.

Saí às 7,30 h diretamente ao consultório de Hercílio. Encontrei-o clinicando. Depois de atender a alguns clientes saiu comigo e fomos a antiga residência dele, no Bairro América, onde transformou a residência em casa de saúde Santa Maria, com as necessárias adaptações. Excelente dica, Sergipe lucrará muito. Abnegada e compreensiva foi a mulher dele, d. Yolanda, minha ex-aluna, não pondo obstáculos, pelo contrário, ajudando-os. Inauguração da casa de Saúde Santa Maria, de Hercílio Cruz ²⁴(Diário JBS, 01. 09.1962).

24 Interessante que localizei o Decreto n. 79.171, de 26 de janeiro de 1977, em que “Confisca bens pertencentes a Hercílio Cruz e dá outras providências”, tendo sido vários imóveis confiscados, assinado por Ernesto Geisel e Armando Falcão, em plena ditadura militar.

Diversões: cinema, circo

Ex-seminarista, José Bezerra manteve-se sempre ligado à Igreja, participando de missas e procissões tanto em Aracaju quanto em Itabaiana, sempre relatando sua presença, acompanhado de “Cacil” e dos filhos, na Igreja do Espírito Santo, na Matriz de Itabaiana, na Catedral de Aracaju e em atos religiosos nos povoados que visitava. Missas na Igreja do Espírito Santo, procissão do Bom Jesus, em frente à ‘Fábrica Confiança’ (Diário JBS, 01.04.1960).

O cinema foi um grande entretenimento para a família Bezerra, tanto em Itabaiana, no Cine Santo Antônio, quanto em Aracaju: Vitória²⁵, Rio Branco²⁶ e Palace. José Bezerra ia sozinho, acompanhado da esposa, dos filhos ou de outras pessoas ou mesmo sozinho. Ele fazia questão de anotar os locais e os filmes assistidos. Seria interessante realizar um estudo sobre a circulação de filmes em Aracaju e no interior, com um recorte específico de Itabaiana. Graça e Nascimento (2013), assinalam que nas décadas de 50 e 60 do século passado, Aracaju contava com cinemas nos bairros como o Tupy e o Vera Cruz. Era forte a presença do cinema à época, no cardápio de lazer dos aracajuanos.²⁷

Baldock (2013) observa que o cinema em Itabaiana surgiu no princípio do século XX, na era do cinema mudo, quando era necessário usar geradores devido à falta de eletricidade.

²⁵ Cine Vitória foi inaugurado em outubro de 1934 e funcionou na rua Itabaiana, no Centro de Aracaju, e era pertencente Ação Solidária dos Trabalhadores

²⁶ Cine Rio Branco foi inaugurado em 1913, na rua João pessoa, no Centro de Aracaju e era de propriedade de Juca Barreto.

²⁷ A década de 1930, em Aracaju também funcionavam o cine Guarany, administrado por Augusto Liz, o São Francisco, pertencia a Ordem Terceira de São Francisco, administrado pelos padres franciscanos alemães, segundo Andrade (2019). A autora faz uma análise sobre a divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais de Sergipe.

Na segunda metade do mesmo século, foi instalado o Cine Popular²⁸, por Zeca Mesquita, localizado na Rua do Cisco, atualmente conhecida como 13 de maio. Funcionou até 1985 (Samaorne, 2025). Posteriormente, o cinema foi administrado pelo genro de Zeca Mesquita, o farmacêutico Thenisson, e depois passou para José Queiroz, voltando ao nome de origem. O Cine Santo Antônio, por sua vez, foi instalado na década de 1950, no Edifício Pio XII, pelo Centro de Ação Social da Igreja, que era dirigido pelo então Padre Eraldo Barbosa de Almeida, na rua João Pessoa. Mais tarde, foi administrado por José Queiroz, desvinculando-se da Igreja. Nesse cinema, José Bezerra assistiu a vários filmes.

José Queiroz da Costa nasceu em 14 de julho de 1936, filho único de Antônio Sacristão e Dona Rosinha, e neto de José dos Santos Queiroz, apelidado de “Cazuza”. Casou-se com Maria do Carmo Monteiro, filha de Juca Monteiro, com quem teve seis filhos: Carmem, Zezinho, Norma, Ivan, Nana e Rui. Teve uma participação significativa na cultura itabaianense, especialmente no futebol, tornando-se patrono da Associação Atlética de Itabaiana. Criou a Rádio Princesa da Serra e foi dono dos cinemas Santo Antônio e Popular. Foi eleito deputado em 1986 e vice-prefeito de Itabaiana em 1996. Faleceu em 18 de novembro de 2024 (Samarone, 2025).

28 Interessante recordar que, em 1981, o Cine Popular foi palco de uma reunião histórica, como anota Samarone (2025). O Partido dos Trabalhadores (PT), em fase de construção, realizou um encontro com Lula e os simpatizantes de Itabaiana. Naquele momento, estávamos eu e uma amiga de infância na referida reunião, cheias de receios em razão da conotação política que era participar de um evento daquela natureza. Recordo-me bem de quanto estávamos encantadas e, ao mesmo tempo, amedrontadas; quando as luzes das câmeras passavam por nós, procurávamos sair de cena

Quadro 4. Filmes assistidos

Cinemas	Data	Filme
	10.07.1958	Vingança implacável
Cine Santo Antônio (Itabaiana)	22.05.1961	Espírito de Porco
	25.05.1961	O Circo
	26.05.1961	O viúvo, com Frank Sinatra
	22.07.1961	Cristina
	25.07.1961	O mundo da lua
	29.11.1961	Poveri Milionari
	15.05.1962	A revolta dos escravos
	30.10.1962	Rio Fantasia
	12.11.1962	Pecado do amor (2ª vez)
	12.12.1962	Noites de Drácula
	20.12.1962	Hiroshima
	22.01.1963	A pequena tenda, um grande amor
	11.07.1963	A arca de Noé
	18.07.1963	A cidade sem piedade
Cine Santo Antônio (Itabaiana)	25.07.1963	Pilatos
	07.08.1963	O vendedor de linguiças, Mazaropi
	28.08.1963	A mulher de 15 metros
	18.12.1964	A lenda de ênea
Cine Popular (Itabaiana)	22.07.1958	A flor do desejo (impróprio). “Cosme veio aqui, falando sobre o caso do cinema. Enviei, às onde horas ofício ao gerente do cine Popular, reclamando a falta de cumprimento à censura dos filmes impróprios para menores. “A noite” barricada impediu a entrada de menores no Cinema” (Diário JBS 21.07. 1958).

Cine Rio Branco (Aracaju)	06.03.1960	Noites no Papagaio verde
	05.06.1960	Encontro de três destinos
	13.06.1960	Anjo azul
	12.09.1960	Drama da página 1
	15.09.1960	Paixões desesperadas
	19.07.1961	O jacaré humano
	13.08.1961	Lágrimas e Música, de Glenn Miller
	11.09.1961	Legiões de Cesar
	03.12.1961	Ester e o rei
	18.04.1962	Viagem ao fundo do mar
	28.10.1962	Não me esqueças
	09.12.1962	Pais e Filhos
	02.01.1963	Suplicio de uma saudade
	30.03.1963	Suave é a noite
	08.07.1963	Abacaxi
Cine Vitória	05.03.1960	Os miseráveis
	13.04.1960	Imitação da Vida
	14.06.1960	Cristina
	20.06.1960	Quero viver
	31.07.1960	Kitty
	09.08.1960	O mostro sanguinário
	19.09.1960	Sem tempo para morrer
	23.10.1960	Violetera
	30.10.1960	Salomão e a rainha de Sabá
	06.11.1960	Afundem o Bismarck
	08.01.1961	O arqueiro misterioso
	08.01.1961	O imperador e a padeira
	19.02.1961	A hora final
	11.06.1961	A morte comanda o cangaço

Cine Vitória	18.06.1961	Touros e areia
	18.07.1961	Violetas imperiais
	09.07.1961	Missão secreta em Amsterdam
	30.07.1961	O rouxinol das montanhas com Joalito
	31.07.1961	Georamoche
	19.11. 1961	Os jovens anos de uma rainha
	10.03.1962	O último tango
	19.05.1962	Pecado do amor
	08.07.1962	Teus olhos castanhos
	14.07.1962	Trapézio
	11.11. 1962	O pagador de promessa
	18.11.1962	Meu anjo desceu do céu
	23.12.1962	A esquina do pecado
	16.02 .1962	O sexto homem
	03.03 .1962	O nono mandamento
	10.03 .1962	A feira das ilusões
	26.06.1962	A incêndio de Cartago
	02.07. 1962	Zé do Periquito
Cine Palace (Aracaju)	18.10.1960	Os Dez Mandamentos
	01.11.1960	Matemática do Amor Dez
	15.11.1960	Dois Titãs
	05.12.1960	Volta ao mundo em 80 dias
	28.01.1961	A escrava do pecado
	06.03.1961	Eles não voltaram
	26.03.1961	Eu pecador
	02.04.1961	A rainha do circo

Cine Palace (Aracaju)	09.04.1961	O diário da minha mãe
	18.09.1961	O milagre
	07.11.1961	Bem-Hur
	20.11.1961	Messalina
	11.12.1961	O grande circo
	25.12.1961	Rock Lane em Cow Boy e A justiça e Cary Chessman
	06.10.1962	O caminho da esperança
	21.07.1962.	A última vez que estive em Paris
	17.12.1962	O assalto do trem pagador
	21.02.1963	No vale da batalha
	25.06.1963	Doce pássaro da Juventude
Cine Aracaju (Aracaju)	18.08.1960	Meu pecado foi nascer
	13.12.1960	A fragata do diabo
	28.05.1961	Amores clandestinos
	03.09.1961	Tudo é carnaval
	15.07.1963	O maior circo do mundo, propaganda Russa
Cine São Francisco (Aracaju)	10.08.1962	Gente enxuta

Fonte: Diário de José Bezerra dos Santos.

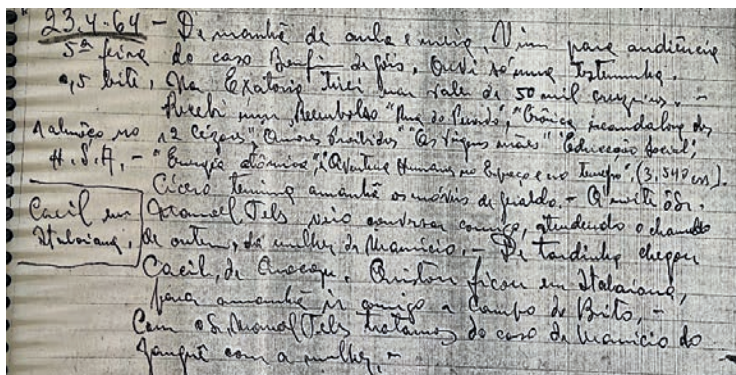
Em Aracaju, a sétima arte chegou no final do século XIX, com exibições itinerantes. Posteriormente, as exibições passaram a ocorrer no Cinema Sergipe, em 1909, e no Teatro Carlos Gomes, nas primeiras décadas do século XX. Depois veio o “Kinema Ideal”, que, em 1913, mudou de proprietários e passou a se chamar Rio Branco, também localizado no Teatro Carlos Gomes, na então Rua João Pessoa. Em 1912, foi

inaugurado o Elite Cinema, que mais tarde mudou de nome para Royal, em 1914. O Eden foi fundado em 1913 (Maynard, 2013). O Cine Rio Branco foi inaugurado em 1913, na Rua João Pessoa, no Centro de Aracaju, e era de propriedade de Juca Barreto. Já o Cine Vitória foi inaugurado em outubro de 1934 e funcionava na Rua Itabaiana, no Centro de Aracaju, vinculado ao Círculo Operário. O Cine Palace fechou as portas em 1996. Observa-se no quadro 8 o quanto os cinemas eram frequentados por ele e sua família.

No ano de 1964, as anotações de José Bezerra sobre idas ao cinema se tornaram escassas, registrando várias idas ao Circo e Teatro Zé Bezerra. Baldock (2013, p. 45) menciona: “era uma casa de espetáculos mambembe, que marcou bastante, nos meados dos anos sessenta, em todo o Estado de Sergipe, como também nos Estados vizinhos”. Suas origens remontam ao início do século, quando o intendente era João Rodrigues Pereira (“Joãozinho de Totonho”), que residia em um sobrado na Praça da Matriz, hoje Praça Fausto Cardoso. Ele era cantor sacro e se apresentava no cinema local. Um de seus netos, José Amâncio Bezerra, apelidado de “Zé Bezerra”, junto com outros familiares, fazia apresentações de teatro. O referido circo teve origem em Paraopeba, em Minas Gerais, mas sofreu um incêndio e tudo foi destruído. Os membros passaram a fazer espetáculos itinerantes em vapores, até que conseguiram recursos e se instalaram em Aquidabã, chegando a Itabaiana apenas em 1963. O circo encerrou suas atividades com a morte de seu proprietário, em 1967, na Bahia, assassinado (Baldock, 2013). Foi exatamente nesse período que as anotações de José Bezerra se voltam para o circo, e não mais para o cinema, como era frequente.

Também participava de inaugurações e festividades: Inauguração do Centro de Reabilitação, Festa da mocidade, vizinha à Rodoviária (Diário, 03.04.1962); Inauguração do Hotel Palace de Aracaju. “Lá estive com Geraldo” (Diário, 24.06.1962) Inauguração do Sesi (Serviço Social da Indústria), sob a orientação de Paulo Figueiredo Barreto (Diário, 21.05.1961); Inauguração da luz (iluminação) do coreto reformado do antro do jardim da Praça Fausto Cardoso, em Itabaiana (Diário, 13.07.1962); Inauguração da Agência do Banco da Bahia (Diário, 06.12.1962). “Às 10,30, houve solenidade de instalação do Banco Laerte na casa onde foi Abílio Andrade”. (Diário, 05.06.1962); Inauguração do Super Mercado Nunes; da loja de “Zequinha Ourives”, às 8.30h. (Diário, 14.11.1964).

Livros mencionados como compra, empréstimo ou doação: Diário da Morte Orós, *Cours de Langue et Civilisation Française*, de Gastor Mauer; livros de Física e Química de Graham; A Rússia por Dentro, As Prisões na Renúncia de Jânio Quadros, o poema de Augusto dos Anjos “Perante a Moça”, O Moço Educado, O Modo de Caráter, Voltará a Diácono da Igreja Primitiva, “A Joia do Canto Gregoriano”, de Frei Pedro Sizing, publicado em 1950; Frei Galvão, “Aventura de Cristo”, “A História Sexual da Humanidade”, O Homem Soviético, Europa e Europeus, Viagens aos Estados Unidos, Tobias Barreto, O Brilho da Mocidade, Hipnotismo e Mediunidade, O Presidente Machado de Assis, dentre outros. Na imagem abaixo alguns títulos recebidos em reembolso: “Rua do Pecado”; “Crônica escandalosa dos 12 Césares”, “Amores Proibidos”, “As Virgens Mães”, “Educação Social”, “A aventura humana no espaço e no tempo”, demonstrando a diversidade de interesses temáticos para a leitura.



Sobre a Micarane de Itabaiana, o chamado carnaval fora de época, onde foi fotografado, José Bezerra guardou as fotografias abaixo.

Figuras 77 e 78. José Bezerra na Micarene. (1) Aparece com “Cacil”, sendo a terceira pessoa; (2) no segundo plano também com a esposa.



164

Vasconcelos (2002) fez uma retrospectiva sobre as Micarenes em Itabaiana, mencionando, inicialmente, seu surgimento em Sergipe. O carnaval chegou em 1873 por meio da realização de bailes de máscaras e de passeios de Zé Pereira. Em 1892, os mascarados perderam espaço para os desfiles de blocos e bailes. A partir de 1915, houve uma redução da festa de rua e a realização dos bailes no Cine Rio Branco. Porém, foi nas décadas de 1940 e 1950 que os bailes populares passaram a ocupar as praças públicas. No entanto, os bailes fora de época, como as Micaretas, surgiram em Feira de Santana devido às chuvas torrenciais que ocorreram na cidade, fazendo com que o carnaval passasse a ser realizado depois da Semana Santa. Em Aracaju, as Micarenes ocorriam aos sábados e domingos, normalmente antes da Semana Santa.

Em Itabaiana, ainda segundo Vasconcelos (2002), as Micarenes foram realizadas entre 1950 e 1964, quando foram interrompidas por um período e reativadas em 1971. Inicialmente, ocorreu a instalação do bloco “Margem da Serra”, seguido pelo surgimento dos “Gaviões da Lua” e dos “Lobos do Mar”. A prefeitura e os comerciantes de Itabaiana financiavam a realização do evento e, certamente, muitos compareciam ao palanque para assistir aos desfiles, conforme se verifica nas fotografias anterior.

Eram carnavais fora de época que mobilizavam os itabaienses e que continuam sendo realizados, embora, ao longo de sua história, tenha sofrido interrupções. Em 17 de abril de 1949, segundo relato de Hênio Araújo (in memoriam), comemorou-se o primeiro aniversário da Associação Atlética de Itabaiana com uma modesta Micarene. Esse evento marcou o início de uma grande festa, que em 1997 já superava, em

público, a tradicional Procissão de Santo Antônio, até então a maior concentração popular da cidade (Vasconcelos 2002).

A Micarene foi realizada regularmente todos os anos, de 1949 a 1963²⁹. Neste ano, com o assassinato duplo de Euclides Paes Mendonça e seu filho, Antônio de Oliveira Mendonça em 8 de agosto, a cidade toda ficou em torpor, acabando com muita coisa, a Micarene, inclusive (Bispo, 2023).

Além das minúcias de sua vida pessoal e profissional, ele proporcionou elementos para compreender a sociologia de Itabaiana e de Aracaju, já que estava continuamente em trânsito entre essas cidades. Também anotava os acontecimentos do país e do exterior, que acompanhava pelo rádio e pelos jornais, cujas notícias aqueciam as rodas de conversa nos locais por onde passava. Bem formado e informado, atraía parceiros para trocar informações que se estendiam a tramas políticas e econômicas, além de relacionamentos interpessoais, enlaces e traições, bem como amenidades em geral.

Anotações sobre homicídios e falecimentos

Homicídios e falecimentos foram registrados por José Bezerra; Zé Ribeiro, da Jacoca, em 1958; o poeta Olegário, em 1959; José Nabuco, em 1959; Adalberto Lima, em 1959, dentre outros, do país e do estado. Em alguns casos, ele se deteve mais em seus escritos, como no relato do suicídio de Abílio

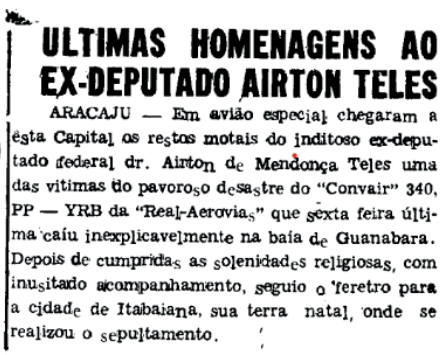
29 Descreve Andrade (2018, p.30): A micareta tinha início um pouco antes de romper o sol e ouvir-se o canto dos pássaros anunciar um novo dia. A cidade era despertada por uma pequena orquestra, com instrumentos de sopro e de percussão, percorrendo as ruas tocando marchinhas, frevos e sambas, alertando a população para o desfile que aconteceria às 16 horas. Lobos do Mar, Margem da Serra e outros grupos de foliões faziam a cidade o centro da diversão e de disputas.

Andrade, por envenenamento, em 17 de outubro de 1957; do General Flores Cunha, em 1959; de seu tio Luiz, em 1961, no Hospital Cirurgia; de Fausto Oliveira, sogro de Eraldo Lemos, em 1962; e do professor Portugal, também em 1963, que foi seu padrinho de casamento em 1959, junto com sua esposa Maria Glorita Portugal. o prefeito de Capela, em 1962; o falecimento de José Oswaldo Menezes, seu ex-aluno do ginásio, dentre outras anotações.

Da mesma forma, José Bezerra acompanhou a trágica morte de Airton Teles de Mendonça, filho de Manoel Teles, em um acidente de avião, fazendo registros em seu diário. Airton foi deputado federal, eleito em 1955, e já havia sido deputado estadual entre 1951 e 1955.

Figura 79. Excerto do jornal.

Fonte: Sergipe jornal, 30 de junho de 1960.



A cidade amanheceu alarmada com a notícia da morte trágica de Airton Mendonça Telles, filho de Mané Teles, no avião da Real, no Rio de Janeiro, na Bahia de Guanabara, ontem, às 18,30 mais ou menos. O rádio confirmou várias vezes, sendo o

nome dele o primeiro da relação. Até às 20,25hs de hoje, o corpo dele não havia aparecido. As buscas continuam (Diário JBS, 25.06.1960).

Soube que foi encontrado o corpo de Airton Teles. (Diário JBS, 29.06.1960).

Missa de 7º dia de Airton, na igreja de São Salvador, em Aracaju. Aguarda-se a chegada do corpo (Diário JBS, 30.06.1960).

Euclides pediu que eu fosse lá a casa dele, para aconselhar-se comigo sobre uma nota da Prefeitura, pedindo ao comércio que fechasse a tarde, em vista da chegada do corpo de Airton Telles. Optei pela publicação da nota. Às 10 horas da noite chegou o corpo, acompanhado de 22 carros (Diário JBS, 30.06.1960).

Missa de corpo presente na igreja matriz do finado Dr. Airton Teles. A banda do 28º BC (parte) tocou no funeral. No enterro muita gente da política do PSD, houve também da UDN. (Diário JBS, 01.07.1960).

Um fato inusitado foi uma visita que José Bezerra fez ao Colégio Salesiano, deixando-o chocado ao encontrar o velório do padre Luiz Cinciripini, cuja amizade era de longa data. Ele registrou:

Resolvi ir ao Salesiano apesar da insistência dos menininhos em não ir. Na capela provisória encontrei o Pe. Luiz Cinciripini morto em um caixão fúnebre. Havia falecido de enfarto no coração, às

6,30 horas. Surpresa sem igual. [...] Fiquei para o cortejo fúnebre no Salesiano, às 16 hora. Fiquei, largo tempo, com o Pe Nazareno, no interior do Colégio até a hora do enterro. Saímos do Colégio às 16,10h e às 17,20 chegamos ao Cemitério Santa Isabel. A pé, féretro na carreta. Pe. Luiz Cinciripini foi meu colega de noviciado do Salesiano, em 1938, em Jaboatão, Pernambuco, e 1º ano de filosofia, em 1937. Depois em 1940, 41, 42, ensinamos juntos no Colégio Salesiano daqui (Araçaju) quando, após o tirocínio, foi tirar teologia em São Paulo. Agora, depois de ter estado no Colégio São Joaquim, Pernambuco, veio para cá onde era vigário e estava adaptando o prédio e completando a nova matriz da paróquia Nossa Senhora Auxiliadora. Conversei muito com Luiz Cinciripini no dia 11.10 quando estive com os meninos e padres no passeio a Itabaiana. Conversamos, principalmente, na Fazenda Grande, durante o almoço. Senti bastante. Quando fui ao Salesiano com os meninos ainda não sabia do acontecido. Pressinto em que se trata da providência superior... (Diário JBS, 12.11.1961).

Ele mencionou um encontro com Luiz Cinciripini durante uma visita de alunos do Salesiano a Itabaiana na data indicada. Na ocasião, os alunos fizeram uma homenagem a Euclides Paes Mendonça, então prefeito, e as autoridades participaram de um almoço na Fazenda Grande, onde tomaram

banho no riacho. Esse encontro entre eles ocorreu um mês antes da morte de Cinciripini.

Aguardamos a chegada dos meninos do ginásio Salesiano, internos e externos, que em passeio geral vêm aqui. Às 11 horas passeata em homenagem ao prefeito e demais autoridades. Falei, de improviso, em nome na comarca. Almoço na Fazenda Grande com todo pessoal. Euclides presente, Luís Chispim e sobrinho. Tudo correu bem. Banho no Riacho. Os salesianos gostaram do discurso (Diário JBS, 11.10.1961).

Figura 80. Na casa de Euclides. Em primeiro plano, Mons. Eraldo Bezerra e ao lado, o juiz José Bezerra. Por trás de ambos, Euclides Paes Mendonça.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 24. 01.2023.



Ao lado uma fotografia dos dois, guardada por José Bezerra em companhia ao amigo de longa data, o padre Cinciripini.



Figura 81. Padre Cinciripini e José Bezerra. Viagem a Usina Central de Riachuelo, com o amigo Cinciripini, na chamada marinete que fazia o percurso Aracaju -Vila Nova.20.1942

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora, em 20. 09.2024.

Padre Rivas – do sacerdócio ao casamento

José Bezerra esteve em convívio com o então padre Rivas, que residiu em Itabaiana por um período. Registrou alguns eventos ocorridos com ele, que veio ao Brasil e se instalou em Sergipe. Juan José Rivas Páscua nasceu em Salamanca, província da Espanha, em 1933. Ingressou no Seminário dos Operários Diocesanos do Coração de Jesus e, depois, na Universidade Gregoriana de Roma, ordenando-se sacerdote em 1957. Em seguida, tornou-se diretor do Colégio Maior da Universidade de Salamanca, cargo que exerceu durante dois anos. Incomodado com a política franquista que dominava a Espanha, veio para o Brasil após contato com o padre Claudionor, chegando ao país em 31 de março de 1960 (Nunes, 2012). Exerceu seu ministério na paróquia de Itabaiana, onde conheceu José Bezerra e sua futura esposa, tornando-se amigo de José Bezerra.

Disse-me, há pouco, d. Cecília, de Elisio, que há diversas versões sobre a saída do padre Rivas, daqui: 1) que se foi para não mais voltar. 2) Foi uma saída disfarçada. 3) que foi embora para o sul para tirar a batina e vir buscar, depois de colocado na vida, a noiva Jaci Teixeira Lôbo. Assim

dizem os da família. Este, no entanto, não aparece nem na calçada de casa (Diário JBS 19.01.1962).

Rivas deixou mesmo a batina, passou uma temporada em São Paulo e, depois, na Bahia. Seu casamento com Jaci foi realizado por procuração: “Às 3h30 da tarde, fui à casa de João Teixeira Lobo, onde casei a filha dele, Maria Jaci Lobo, com o padre Rivas, representado pelo próprio pai” (Diário JBS, 07.06.1962). Depois, ele retornou para Aracaju e foi nomeado, em 1968, diretor do Colégio de Aplicação³⁰, sendo demitido posteriormente, em meio ao processo repressivo da ditadura militar em sua fase mais dura, cujo motivo ficou nebuloso, como afirma Nunes (2012, p. 76).

Apesar de não entender o motivo rela de seu afastamento, ele relembra que a redação de um poema em forma de planfeto, que ele redigiu e reproduziu no Colégio e depois distribuiu pela Universidade, pode ter sido o ponto de partida para uma situação que lhe deixou uma lembrança singular.

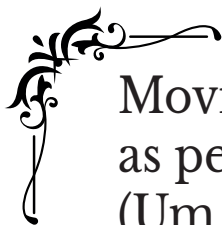
Era um poema que felicitava o Natal, como era feito em Roma, de natureza teológica, mas que foi considerado subversivo por trazer em seus versos que Jesus Cristo tinha nascido sem papéis, sem documentos. Embora tenha continuado como professor também na Faculdade de Educação e no Atheneu, ele faleceu aos 86 anos, em 2020. Era professor

³⁰ Sobre o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, consultar Bispo (2018).

aposentado da UFS, onde lecionou Filosofia, História e Geo-História. Foi meu professor no primeiro semestre do curso de Pedagogia, na UFS, na disciplina de Introdução à Filosofia. Deixou esposa, filhos e netos.

Foram inúmeros registros feitos por José Bezerra tanto pessoais, quanto públicos, tanto locais, quanto nacionais e internacionais, escrito no calor dos acontecimentos, trazendo elementos singulares do cotidiano familiar e da esfera política como a movimentação dos militares que culminaram com golpe de 1964.

Porém, seguir suas narrativas diárias e acompanhar sua movimentação dia a dia em Itabaiana e em Aracaju, nos relatos, às vezes detalhados, de suas atividades, hábitos, costumes, rotinas, alimentação, passeios, conversas, andanças pelas ruas, lojas e instituições, despachos e processos, medos, incertezas, momentos de bem-estar, alegria e conquista, desvela, do seu lugar de fala, uma cosmovisão de mundo singular, imprescindível para se entender um determinado período histórico.



Movimentação política: as pelejas no golpe em Itabaiana (Um aparte)

*Nessa página escrita, o infortúnio de um tempo confuso,
insustentável, sem leveza, de sombras.*

Um dos dados que considerei significativos foi o registro da movimentação política nacional que antecedeu o golpe de 1964, e algumas informações pós-instalação da ditadura feitas por José Bezerra dos Santos. O juiz, atento às notícias veiculadas nos jornais no rádio e na televisão, foi registrando alguns dados, como a renúncia de Jânio Quadros, em setembro de 1961, à presidência da República, nove meses após ter sido eleito com uma plataforma moralizadora, mas que não conseguiu desenvolver atividades efetivas para resolver os problemas nacionais, como assinala Dantas (2022). A saída de Jânio criou um espaço mais amplo para o descontentamento das classes políticas mais conservadoras, contrárias às reformas de base de caráter populista e alinhadas à política nacional-desenvolvimentista, sustentada por princípios autoritários, centralizadores e intervencionistas, culminando com o Golpe de 1964.



Na ocorrência da renúncia de Jânio Quadros, João Goulart, seu vice, encontrava-se em viagem à China comunista e era malvisto pelos militares e pela elite mais conservadora, especialmente da UDN. Assim, o presidente da Câmara, Raniery Mazzilli, recebeu a faixa presidencial, e sucessivos acontecimentos de resistência à ascensão de Goulart à presidência da República ocorreram. Ele era considerado tanto socialista quanto comunista. Foi um período de grandes embates, pois o poder executivo nacional era controlado pelo PSD-PR, enquanto o legislativo era dominado pela UDN. Por outro lado, a sociedade civil vivia uma crescente mobilização, com uma parte lutando pelas reformas sociais, políticas e econômicas, e outra, mais conservadora, inclusive com o apoio de uma parte dominante da Igreja Católica, se opondo às reformas (Dantas, 2014). Nesse cenário emblemático, confuso e agitado, o Brasil se tornou um palco propício para mais um golpe de estado.

O país, no período que antecedeu a ditadura militar, vivia um momento de grande efervescência com a proliferação dos movimentos de massa, como as ligas camponesas e os sindicatos rurais, estimulados, em geral, pelo PTB, pelo PCB e por uma ala da Igreja Católica. As forças trabalhistas rurais preocupavam a oligarquia e o novo empresariado. Na Educação, o Movimento de Educação de Base (MEB) realizava uma experiência educativa através do rádio, liderada pelas arquidioceses de Natal e de Aracaju, com o objetivo de instrumentalizar o povo organizado e mobilizado para as reformas de base, especialmente a reforma agrária³¹. Nesse contexto, o Acordo MEC-USAID representava uma ofensiva norte-americana, alinhada aos setores mais conservadores, para fazer frente ao

31 Ler também Sobral (2006) sobre lideranças em luta pela terra em Sergipe e os processos de alfabetização.

chamado processo embrionário de revolução social, mediante ajuda técnico-financeira que confrontava, do ponto de vista político-pedagógico, a pedagogia freiriana embutida em muitas dessas práticas educativas de natureza popular (Sobral, 2009).

O Brasil vivia a agitação popular e as iniciativas de reforma de base. José Bezerra, de forte religiosidade e tendo sido noviço, manteve-se presente em muitas solenidades da Igreja e sempre aguerrido em sua fé. Estivera fortemente ligado ao Partido Católico ainda na década de 1940, porém, nada ficou evidente em seu ideário quanto à sua posição em relação a essa ala da Igreja que preconizava preceitos mais progressistas, defendendo as reformas de base. Outra ala, hegemônica e fortemente ancorada no conservadorismo, mantinha-se em disputa naqueles idos dos anos 60 do século passado.

Em Aracaju, o ministro da Educação e Cultura, o dr. Júlio Sambaqui, inaugura a Campanha de alfabetização de 200 mil analfabetos, em Sergipe, pelo método professor Paulo Freire. Ouvi, discursos irradiados do Palácio, proferidos por Dom Távora, Paulo Freire, Seixas Dórias, e, por último, do Ministro Júlio Sambaqui. Prometeu ele criar, quanto antes, a Universidade de Sergipe, pois que, fazendo Justiça, as Escolas Superiores de Sergipe, como observou, estão em ordem, e tão bem-organizadas, e às vezes, mais ainda do que outras universidades que, por aí afora, funcionam há dois e mais anos. O discurso de Seixas Dória foi realmente, revolucionário no sentido evolucionista para o progresso nos moldes cristão (Diário JBS, 16.01.1064).

João Goulart falou ao povo brasileiro encarando a situação financeira e política da nação. Criou a agência financeira nacional (Diário JBS, 09.03.1964).

Essa movimentação em nível nacional foi anotada pelo Juiz, ainda em meio as próprias disputas internas:

Comentamos, o fato de o rádio ter anunciado que Goulart vai ficar na Presidência do Brasil, 2 meses, e ora está na Rússia, de viagem à China. Não se sabe que virá daí, ou que acordo fizeram Jânio e Jango (Diário JBS, 11.08.1961).

O exército acha “absolutamente inconveniente a posse de João Goulart”. Mensagem de R. Mazzili ao Congresso (Diário JBS, 29.08.1961).

Mensagem das Forças Armadas ao Brasil, explicando os motivos porque não desejam a posse de João Goulart. As forças armadas entraram em operações militares contra o Rio Grande do Sul. Licenciados de vários cabos e soldados, no Rio Grande do Sul. Cordeiro de Farias prepara-se para assumir o comando do 2º exército. Goulart ontem foi a Nova York - e hoje à 1h da madrugada dirigiu-se ao Panamá. Não se toma conhecimento da mensagem de Mazzili (Diário JBS, 31.08.1961).

Antes do retorno de João Goulart ao Brasil, vindo da China, houve grande fermentação entre os militares e o Legislativo, que tentavam reduzir o poder do futuro presidente, promovendo a mudança do regime político do Brasil de

presidencialismo para parlamentarismo, pois, nesse caso, o primeiro-ministro teria um papel preponderante. Dórea (1980, p. 17) ressaltou, em um livro de memórias escrito posteriormente, a respeito dessa movimentação, que houve uma “castração dos poderes do Sr. Presidente” na fórmula adotada pelo Congresso para “evitar uma guerra civil ensanguentada no país”. Houve um levante no Rio Grande do Sul, liderado por Leonel Brizola, cunhado de Jango, que abortou a tentativa de golpe. Em busca de consenso, elegeu-se então o parlamentarismo. Relata José Bezerra:

João Goulart desembarcou em Porto Alegre, vindo de Montevideu, às 19,55h. Forças da Marinha ao largo, no Sul, em posições estratégicas de manobra (Diário, JBS 01.09.1961).

João Goulart chegou a Brasília às 20h,15 numa caravelle a jato da Varig, para se preparar à Presidência da República, em regime parlamentarista. Os 3 ministros das forças armadas não compareceram. Rumaram para o Rio às 16 horas, após conformarem o acatamento às determinações do Congresso. Quase fim da crise político-militar. Falta o caso do general José Machado Lopes do Rio Grande do Sul (Diário JBS, 05.09.1961).

O dr. João Goulart (Jango) tomará posse da Presidência da República, hoje, às 15h, formando logo o gabinete do governo parlamentarista. Foram dispensados os desfilies militares no dia de hoje em todo o território nacional (Diário JBS, 06.09.1961).

Jango tomará posse do governo federal. Triste lembrança deixou Jânio! [...] (Diário JBS, 07.09.1961).

Jango já prestou o compromisso de Presidente do Brasil e amanhã, às 12 horas, receberá a faixa presidencial. Discute-se o gabinete, no governo parlamentar (Diário JBS, 07.09.1961).

O Congresso Nacional está reunido, discutindo a aprovação do 1º gabinete do regime parlamentar, 1º Ministro, Tancredo Neves (Diário JBS, 08.09.1961).

Em 24 de novembro, o juiz mencionou o restabelecimento diplomático entre o Brasil e a União Soviética, destacando a sessão tumultuada na Câmara dos Deputados e as restrições a esse fato. Remete-se, então, as anotações desses eventos nacionais, ao acompanhar as notícias pelo rádio e pela leitura de jornais:

Hoje de madrugada, no Rio, houve um atentado com bombas de dinamite, no escritório comercial de representantes soviéticos. O Gabinete de Ministros realizou sessão secreta demorada que terminou às 21 horas (Diário JBS, 01.02.1962).

Jânio Quadros vai falar pela rede de rádio e televisão. Comprometeu-se, por escrito, em não atacar as autoridades. À noite o professor Oliveira veio ouvir o discurso de Jânio Quadros que terminou às 23 horas (Diário JBS, 15.03.1962).

Juraci Magalhães declarou que o discurso de Jânio Quadros decepcionou completamente. José Carlos Lacerda que viaja hoje

(20 horas) aos Estados Unidos. Declarou aos jornalistas: “nada tenho a dizer” (Diário JBS, 16.03.1962).

O Presidente do Brasil, João Goulart, falou perante o Congresso dos Estados Unidos, e sua fala foi bem acatada como franca e amistosa, ouvia-a toda ontem, de noite, pelo Representante Internacional, da Rádio Tupi no grande Jornal falando, às 22 horas (Diário JBS, 04.04.1962). João Goulart, de volta dos EEUU e do México, reassume o governo do Brasil (Diário JBS, 12.04.1962).

João Goulart (sancionou a lei), assinou hoje o aumento dos 40% para servidores civis e militares (Diário JBS, 12.06.1962). Situação tensa entre Cuba e os Estados Unidos – confirmada e intensificado o bloqueio de Cuba pelos Estados Unidos por causa do reforço militar soviético em Cuba, onde há bases preparadas com armas nucleares de grande alcance. Kennedy falou - Cuba em pé de guerra (Diário, 22.10.1962).

A situação internacional continua tensa com o bloqueio de Cuba. Há ordens de revistar os navios e afundar se for preciso. Foi assinada por Kennedy a proclamação da quarentena para vigorar a partir de amanhã, às 11 horas, horas de Brasília (Diário JBS, 23.10.1962).

João Goulart assumiu a presidência e Dórea (1980, p.18) fez o seguinte registro:

Foi nessas circunstâncias anormais, cercado pela desconfiança, restringido em seus poderes, diante de um povo aturdido, desesperado e desenganado, que o sr. João Goulart assomou ao governo, emergindo de uma crise que abalou os alicerces do regime e os muramentos da democracia brasileira.

Sobre o retorno ao presidencialismo, depois de uma consulta popular realizada em 6 de janeiro de 1963, um referendo, após de um ano e 4 meses de parlamentarismo, anotou o juiz:

O governo Goulart declara que deixará para o congresso as providências para entregar-lhe atribuições do presidencialismo. Espera o rumo dos acontecimentos para então deliberar o modo de proceder (Diário JBS, 11.01.1963).

O Brasil retornou ao regime presidencialista, com a homologação do resultado de ontem, na câmara federal, hoje, na sessão em conjunto (Diário JBS, 23.01.1963).

Na véspera do golpe, José Bezerra fez anotações sobre a movimentação no Rio de Janeiro, no Automóvel Club, onde se reuniram as três forças armadas. O presidente da República e os ministros estiveram presentes. Na ocasião, o presidente fez um discurso político áspero, o que gerou fortes reações dos militares. Já havia ocorrido uma tentativa conciliatória do governo durante a Revolta dos Marinheiros, que não foi aceita pelos militares, e a presença do presidente no evento parecia ser uma ofensa a eles (Diário JBS, 30.04.1964). Ao tomar conhecimento das primeiras movimentações dos militares para o golpe, José Bezerra registrou:

Hoje, de manhã Minas Gerais sublevou-se com uma parte da guarnição, com os generais Guedes e Mourão. Goulart está tomando providências. Agora de noite, ouvi Ademar falando na Rádio Tupi de São Paulo, dizendo estar alerta, observando tudo o que se passa no Brasil, e que São Paulo com o seu governador está vigilante para defesa das instituições, 23h,40 estamos neste pé. [...]. No Rio, já houve prisão de líderes sindicais. A CGT [Central Geral dos Trabalhadores] está furiosa, responsabilizando Carlos Lacerda [então, governador de Guanabara]³² e está controlando os trabalhadores do Brasil, em greve, com exceção de Pernambuco, onde a CGT estadual age independente. Em notícias, Repórter Petrobrás: em governador Valadares, Minas foi assassinado o líder sindical camponês Chicão. Em Belo Horizonte foram presos jornalista etc. (Diário JBS, 31.03. 1964).

São Paulo com Ademar de Barros, governador e o general Amaury Kruegel, entram em ação em apoio a Minas Gerais, na luta anticomunista, preparam--se tropas. A estratégia é executada em silêncio, entre os rebeldes. Pernambuco e Bahia apoiam também. Em Recife cercam o palácio de Arraes. Tropas de São Paulo para contra o Rio tomam rumo, também para o Rio Grande do Sul que resiste com Brizola. De Minas desce tropas para o Rio. Do Rio segue para Minas, mas caminho adere a

Minas. Os de Minas na direção do Rio e Brasília. [...] Em Aracaju, então soube que o presidente Goulart fugiu. Do Rio foi a Brasília e na situação insustentável, daí ao Rio Grande do Sul, ameaçaram queimar a cidade, mas arribam para Uruguai. As tropas do Rio Grande do Sul aderem então (Diário JBS, 01.14.1964).

Nesse movimento que culminou com o Golpe, Dantas (2014, p. 23) afirma que se encontravam em disputa dois grupos de militares pelo poder:

Inicialmente gozava de ascendência intelectual o setor da alta oficialidade vinculada à Escola Superior de Guerra (ESG), qualificada como “Sorbone Brasileira” De outro lado situavam-se os oficiais de Linha dura que tinham na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO) uma das principais agências de suas inquietações.

Essas disputas entre os militares, que contavam com apoio significativo da sociedade civil, geraram lutas intensas e afirmações de resistência, em que a vertente mais dura do regime foi sendo deflagrada com os Atos Institucionais de coibição, repressão e autoritarismo. Dois eixos aparecem como plataformas discursivas: evitar a ascendência comunista e garantir segurança à propriedade privada, supostamente ameaçada pela presença crescente de movimentos sociais e das lutas pela reforma agrária. Efetivou-se então “a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) de cunho controlador e autoritário” (Dantas, 2014, p. 26). Em nível nacional, juntou-se um grupo composto pela tecnocracia civil-militar, burguesia e multinacionais, que

protagonizavam um modelo desenvolvimentista para o país. Dantas assinala que essas motivações, geradas na ordem partidária e ideológica, formaram a força motriz capitaneada pelos militares e apoiada por parte da sociedade civil, que advogava e desejava efetivamente essas mudanças.

Ecoss do Golpe de 1964 em Sergipe

Em Sergipe, era visível uma movimentação diferenciada no dia primeiro de abril de 1964, como relata Dantas (2014), com casas comerciais fechadas, pessoas correndo para a Praça Fausto Cardoso, notícias de prisão, apreensão, medo e insegurança, em meio à motivação dos adeptos ao Golpe, daqueles que fomentaram uma mudança radical na política nacional.

No âmbito partidário, afirma Dantas (2014), Sergipe encontrava-se em forte disputa entre dois blocos políticos, que vinham se reservando no poder desde o início do século, embora em períodos alargados, o PSD e a UDN. O primeiro com o PR; o segundo a UDN com PTB, com o apoio do PCB, embora em ilegalidade. A eleição de 1962 alterou esse quadro, conforme a dissidência da UDN foi se fortalecendo, que levou o governo Seixas Dórea ao governo do estado, com a chamada Aliança Social Democrática, houve, de fato, o respaldo desses dois grandes grupos ao movimento cívico-militar de 1964. Em meio as contradições prementes de uma ruptura institucional dessa monta, em nível nacional houve ascensão da UDN, já em Sergipe, Seixas Dórea havia abraçado o PSD e foi identificado como apoiador das reformas de base, sendo preso.

Houve ecos dessa movimentação militar, especialmente em relação à postura reformista do então governador Seixas

Dória e à força política e religiosa de uma ala da Igreja alinhada aos princípios da Teologia da Libertação, que se fortaleceu na América Latina e se difundiu no Brasil, especialmente no Nordeste. Assim, em muitas outras anotações, o juiz José Bezerra noticiava determinados fatos sem maiores apreciações, embora, aqui e acolá, demonstrasse alguma consideração apreciativa. O exemplo abaixo aponta certa filiação com o “progresso nos moldes cristãos” que ele vislumbrava nas ações de Seixas Dória.

Às 2hs da madrugada o Palácio do Governo é abafado por tropas federais. Seixas Dória que é conduzido ao quartel com todos que estão dentro: Lenine, Machado, oficiais da justiça, até os empregados, cozinheiros, todos, Estes voltam de manhã, Seixas ficou. Às 11h da noite, a Assembleia promulga o impeachment de Seixas, este já está em Salvador. A contragosto da UDN foi de 23x8. Seixas fora do governo do Estado, vago o cargo. Celso de Carvalho assume (Diário JBS, 04.04.1964).

Seixas Dória chega do Rio e Bahia. Era para ter ficado em Bahia, interfere Celso Carvalho pedi que o deixem chegar e assumir o governo do Estado. Veio com a ordem de não fazer declarações, Não obstante, às dez horas da noite, fez declarações na Rádio Difusora e foi repousar. Já no Brasil tudo começa o pega-pega dos comunistas. Desta vez, para valer (Diário JBS, 03.04.1963).

Às 2hs da madrugada o Palácio do Governo é abafado por tropas federais prendem Seixas Dórea que é conduzido ao quartel com tudo que está dentro: Lenine, Machado, (oficiais da justiça) até os empregados, cozinheiros, tudo. Estes voltaram de manhã, Seixas ficou. Às 11h da noite, a assembleia promulga o impeachment de Seixas, este já está em Salvador. A contragosto da UDN foi de 23x8 votos. Seixas fora do governo do Estado, vago o cargo de governador, Celso de Carvalho assume (Diário JBS, 04,04.1964).

Após meia noite Zé Ananias, por determinação do Presidente da Assembleia, saúda o novo governador. Fala de Nivaldo Santos. Depois Celso Carvalho fala emocionado de estar nessa circunstância. Aguarda-se. Celso Carvalho governador do Estado (Diário JBS, 04.04.1964).

Seixas Dória, depois de preso, foi levado para a ilha de Fernando de Noronha, onde ficou por 117 dias. José Bezerra anotou que ele havia sido substituído por Sebastião Celso de Carvalho. Sucessivas prisões ocorreram ao longo desse período, atingindo integrantes dos partidos ligados ao PSD e, posteriormente, também o Judiciário. Escreveu o juiz:

Efetuem-se prisões e mais prisões em Aracaju. Agnoaldo Pacheco, Manoel Vicente são incursores na Lei de Segurança Nacional e procurados (Diário JBS, 05.04.1964).

Fala-se de mais 60 presos no quartel. Que amanhã, Seixas Dórea será conduzido a

Ilha Fernando de Noronha. Francisco Julião [Líder das Ligas Camponesas] está preso no interior da Câmara Federal. Não sai. Noticiou o impedimento de Seixas Dórea em Sergipe (Diário JBS, 06.04.1964). Conversei um bocado com Walter, ex-ator, na frente da casa de Durval do Açúcar. Aí tive conhecimento de 12 a 13 pessoas presas, funcionários do D.C. T. No mesmo prédio, que foi cercado por forças do exército, pela manhã. Espera-se a vez dos ferroviários.

Em 9 de abril de 1964, José Bezerra registrou no diário a divulgação do **Ato Institucional nº 1**, que suspendia garantias constitucionais, cassava mandatos e retirava por dez anos os direitos políticos de opositores, atingindo inclusive magistrados e servidores. O Congresso permaneceu em funcionamento, mas com poderes limitados. Em 11 de abril anotou a eleição indireta do general **Castelo Branco** pelo Congresso Nacional e, em 15 de abril, sua posse na Presidência, acompanhada de grandes festividades.

Aginaldo Pacheco foi presidente da Associação dos Servidores Públicos de Sergipe, acusa-do de “atividades de agitação, subversão e fatos aleatórios contra a segurança nacional praticada por dirigentes sindicais (Nascimento, 2019, p. 272).

Manoel Vicente, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), acusado de “agitação, subversão, atos atentatórios à segurança nacional, conclamação ao povo armado e articulações para desencadeamentos de greves com finalidade d perturbação da ordem política e social da nação (Nascimento, 2019, p. 285).

Fez anotação a soltura do ex-governador, Seixas Dó-rias, que seguiu para o Rio de Janeiro e mencionou a intervenção no estado de Goiás, decretada pelo presidente Castelo Branco em (Diário JBS, 26.11.1964) José Bezerra fez referência à vinda de Castelo Branco a Sergipe, onde recebeu o título de cidadão sergipano, ressaltando a descoberta do campo petrolífero de Sergipe.

Chegada do Presidente Castelo Branco a Aracaju, as 0,30h. Ida a Carmópolis. Volta às 15h, depois de falar ao Presidente da Petrobrás, após o almoço, lá no acampamento. A noite jantar oferecido pelo governador, em Palácio. Discursos do Governador e do Presidente C. Branco (Diário JBS, 07.12.1964).

Sobre Nunes Mendonça, José Bezerra já vinha acompanhando a trajetória dele desde a disputa ocorrida para uma cátedra na Escola Normal, marcada por conflitos. Souza (2003) fez um estudo de natureza biográfica desse intelectual sergipano, que se envolveu na política, realizou pesquisas e tinha uma proposição pedagógica voltada para o ideário escolanovista, o que o envolveu em muitas querelas com seus pares. Com a ideia de apurar um movimento subversivo naquela instituição, a Comissão Geral de Investigação do Estado (CGI) acusou o professor de incompatibilidade com o desempenho da cátedra, por seus atos atentatórios à moral e ensinamentos permeados de palavras obscenas, sendo por isso aposentado compulsoriamente em 15 de setembro de 1964 (Souza, 2003).



Figuras 82 e 83. Nunes Mendonça. (1) Nunes Mendonça discursando; (2) José Bezerra e Nunes Mendonça em frente à Escola Normal, em Aracaju.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.

Registra José Bezerra: À noite, estiveram aqui d. Maria e irmã. Conteí o caso de Nunes Mendonça que foi aposentado por força do inquérito do C.G.J. No 28º BC. Aposentado pelo governo, com vencimentos proporcionais ao tempo de serviço (Diário JBS, 29.09. 1964).

No dia 27 de abril de 1964, José Bezerra anotou que ouviu do Sr. Bomfim, na venda de João Melo, que “foi apreendido vasto material de propaganda subversiva comunista no MCE - Movimento Estudantil Católico. E o Bispo sabia disso?” De igual forma, anotou a conversa que teve com Djalma [Ferreira], em 4 de maio do mesmo ano, quando, ao visitá-lo em sua casa em Aracaju, conversaram sobre a situação nacional: “soldados do Exército na rua João Pessoa com farda de campanha, 2 a 2, com 45 à cintura. O que é que há?” No mesmo dia, informa sobre a ida ao quartel do 28, a convite especial do Exército. Filemon Franco Freire³², esposo de Ofensiva Franco Freire, ambos haviam sido filiados ao PCB,

³² Filemon Franco Freire também foi acusado pelos militares de ações subversivas e atentados à segurança nacional, mas não chegou a ser preso. (Nascimento, 2019).

e ela, em entrevista, confirma que o esposo havia sido preso. Seu papel foi singular na defesa dos estudantes (Souza, 2021). Ela também sofreu represálias, sendo retirada do Conselho Estadual de Educação e afastada por um tempo do Atheneu.

Ele registrou os fatos ocorridos na Assembleia Legislativa em Aracaju, quando da cassação de deputados estaduais.

Percebi a assembleia do Estado em movimento. Tratava-se da cassação de mandatos dos deputados Baltazar Santos, Nivaldo Santos, Viana de Assis e Cleto Maia³³. Viana de Assis³⁴ descascou o Torres Junior dizendo quem é ele: rasteiro, aleijado moral, estelionatário e homicidas de parentes acobertado com as imunidades, etc. Cassado o mandato de Vianna de Assis [PR], às 22,40h, quando saiu, mas o final da apuração foi às 22,10h. De Baltazar Santos, às 23,10h, - de Nivaldo Santos, às 22,55h. A sessão terminou às 23,18h Baltazar 19x18. 27 votantes – Vianna de Assis [PR], 18x8, com 2 nulos, 29 votantes; Nivaldo Santos 21x6, 1 em branco, 28 votantes (Diário JBS, 14.05.1964)

O dia seguinte, faz referência à sua ida ao Cartório de Osvaldo, onde comentou-se o ataque contra mim, 4^a feira de tarde. Foi um ataque muito grave, fortíssimo, que revoltou os próprios assistentes na assembleia. Comentários em toda parte sobre as cassações de mandatos (Diário JBS, 16.05.1964). Havia o clamor dos udenistas para a busca da responsabilização

³³ Cleto Sampaio Maia foi indiciado e teve mandado cassado (Nascimento, 2019).

³⁴ Antônio Fernandes Viana de Assis teve mandado cassado e foi preso no 28 BC.(-Nascimento, 2019).

daqueles que estiveram envolvidos nas mortes dos deputados, em nas sessões das assembleias os discursos sempre voltavam ao fato.

Movimentação em Itabaiana

Sobre essa movimentação em Itabaiana, o juiz trouxe em seu diário, observações peculiares, extraídas de seu cotidiano naquela cidade. Lembrando que a cidade estava em situação de efervescência política, pois tinha cerca de nove meses que os deputados Euclides e Antônio tinham sido assassinados, gerando uma comoção local entre seus apoiadores, e sendo eles vinculados a UDN que teve um papel singular em nível nacional na movimentação dos militares, certamente que essas mortes teriam um cenário de apuração e punição aos responsáveis. Seixas Dória, então preso, Dionísio Machado assumiu o cargo, e manteve-se em Itabaiana na prefeitura o prefeito eleito pela UDN.

O juiz, identificado como um dos suspeitos, sofria perseguições pelos correligionários de Euclides. Embora identificado com Seixas Dória, em razão de seu rompimento com o chefe local, não sofreu consequências diretas do novo regime imposto pelos militares. Em suas idas e vindas de Itabaiana para Aracaju, ele foi acompanhando a movimentação destes, registrando os acontecimentos com certo distanciamento.

O juiz registrou a falta de notícias de três itabaianenses, considerados comunistas foragidos: Antônio Dória, Raimundo Andrade e Nilo Alfaiate (Diário, 07.04.1964). Dois dias depois, ele anotou que foi informado por Eliseu Vapor que, segundo Quinquim, Antônio Dória foi preso no Rio, em companhia de Raimundo Andrade ou Nilo Alfaiate. “Não é

difícil isto acontecer.” Essa informação lhe foi dada por “Eliseu Vapor”, com quem conversava em sua casa e trocava impressões sobre os acontecimentos do dia.

Figura 84. “Eliseu Vapor”

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.



Antônio de Dócia era o apelido de Antônio de Oliveira, nascido em 11 de julho de 1926, em Itabaiana, filho de Zezé de Requinta e de Dona Eudócia. Ele foi jogador de futebol, leitor voraz, comerciante e esteve envolvido com o Partido Comunista. Foi preso duas vezes por questões políticas e ideológicas (Samarone, 2025).

“Antônio de Dócia” (ou Dosse, como o chama Carvalho, 2020) era o apelido de Antônio de Oliveira, nascido em 11 de julho de 1926 e falecido em 20 de agosto de 2008. Filho de José Olinthio de Oliveira, apelidado de “Zeca de Requinta”, e de Eudócia Teixeira Lobo, em Itabaiana. Foi funcionário do cartório e, posteriormente, instalou uma loja de peças de bicicleta chamada “Rei das Bicicletas”, em sociedade com o médico Renato Mazze Lucas. Foi atleta da Associação Olímpica de Itabaiana, deixando o campo em 1954, e era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), mantendo correspondência com Luiz Carlos Prestes. Com a cassação do partido, filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro, em Itabaiana, participando do seu diretório.

Antônio de Dócia foi casado duas vezes: a primeira com Maria Antonieta Melo, filha de Joviniano Rego Melo e Auta Rodrigues Melo; já viúvo, casou-se com Lícia Flores-ta, filha de Manoel Máximo de Jesus e de Floresta, sem filhos. Escreveu no jornal “O Serrano” e em outros jornais

em Aracaju. Em seus escritos, tratou das perseguições sofridas pela Associação Olímpica de Itabaiana (Carvalho, 2020). Não há menção sobre a prisão dele na biografia arrolada por Vladimir de Carvalho, nem no livro de Oliveira (2000), que traz algumas memórias de Itabaiana. Nascimento (2019) assinala sua prisão por atividades de agitação, subversão e atentando à segurança nacional.

A respeito de Raimundo Andrade, a informação que temos é que ele era irmão de Samuel Andrade, que foi da Guarda Municipal de Itabaiana, criada por Euclides Paes Mendonça. Já Nilo Alfaiate, ou Nilo de Carvalho, viveu um período áureo da alfaiataria em Itabaiana na década de 1960, conforme assinala Baldock (2004). Todos eles eram ligados ao PCB local. A criação da Sociedade Beneficente dos Trabalhadores de Itabaiana, em 30 de agosto de 1948, tornou-se o locus de simpatizantes dos comunistas naquela localidade, em meio às suas disputas internas e à polarização da política na cidade. Afirma Samarone (2018):

O ourives João Océa³⁵, o mestre padeiro João Barraca, os sapateiros José Martins e Faustino Menezes³⁶, o alfaiate Nilo Carvalho, o maestro João de Matos, o médico **Renato**

³⁵ João Francisco Océa foi ourives em Itabaiana. também um dos presos políticos arrolados no relatório estadual sobre a ditadura militar em Sergipe (Reginato e Reis, 2020).
³⁶ Faustino Alves de Menezes nasceu no Sítio Riacho Doce, em Itabaiana, em 18 de abril de 1932. Era filho de Francisco Alves de Menezes e de Josefa Neves Ferreira. O pai faleceu aos 33 anos de idade. Faustino tornou-se aprendiz de sapateiro, estudou as primeiras letras no Grupo Guilhermino Leite, filiou-se ao Partido Comunista aos 13 anos de idade, influenciado pelo canto com Zé Martins, alagoano de Anadia, que havia participado da Coluna Prestes e estava escondido em Itabaiana, ao mesmo tempo em que organizava sapateiros e alfaiates. Foi atleta no time de Itabaiana, migrou para São Paulo e Rio de Janeiro, voltou e casou-se com Maria Jacira Menezes, com quem teve três filhos. Com o declínio do ofício de sapateiro, em razão do avanço da industrialização dos sapatos, tornou-se taxista. Foi preso e torturado em 1976, durante a Operação Cajueiro. (Samarone, 8.08.2024)

Mazze Lucas, o camponês Zeca Cego e o comerciante Antônio Oliveira (Tonho de Docia), se reuniram num puxadinho da casa de “Zezé da Requinta”, cantaram a Internacional e fundaram o Comitê Municipal do Partido Comunista (PCB).

Instalaram a Sociedade Beneficente dos Trabalhadores, o “Clube dos Trabalhadores”, fundado em 30 de agosto de 1948 e compuseram a primeira diretoria “Essa entidade foi fundada por pessoas simpatizantes do regime comunista e seu regimento era formado por ideias comunistas. Seus associados eram comerciários, operários e agricultores” (Baldock, 2017, p. 111-112). [...] “No ano de 1964, durante o regime militar, a Associação Beneficente de Itabaiana recebeu a indesejada visita de militares a procura de documentos que comprovasse sua ligação com partido comunista”. Posteriormente tornou-se um clube de danças” como se fosse uma Associação Atlética dos pobres”, sucumbindo sua natureza política e ideológica.

Médico **Renato Mazze Lucas** nasceu em Pojuca, Bahia, em 17 de abril de 1919, filho do telegrafista Raimundo Lucas Leão e Petrina Mazze Lucas, descendentes de italianos. Formou-se na Faculdade de Medicina na Bahia, concluindo em 1943, na especialidade de Psiquiatria. Depois de formado voltou para Aracaju, onde exerceu clinico em Japarutuba, Aquidabã e Itabaiana, onde ficou por cerca de dez anos. Foi membro do Partido Comunista. Casou-se com Helena Rabelo e com ela teve três filhos, morando em Itabaiana. Focou junto com outros itabaianenses o Grêmio Literário e Esportivo, onde o grupo mantinha atividades de cineclubistas. Abriu na cidade uma firma comercial com o amigo Antônio Oliveira. Depois veio residir em Aracaju onde dirigiu o Serviço de Assistência a Psicopatas e posteriormente o Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho. Foi membro da Academia Sergipana de Letra de n. 12, cujo padrinho era Severiano Cardoso. Faleceu aos 66 anos de idade, em 13 de dezembro de 1985. Escreveu Anum Preto (196) (Gilfrancisco, 2021).

“**Senhor de Néu**”, figura sempre citada no Diário do Juiz, cujo nome era Manoel Antônio de Carvalho, então vereador em Itabaiana, ele foi um dos implicados como civil no desfecho trágico. Além destes, os civis Antônio Diniz de Santana, conhecido como “Tonho do Bar”; Manoel Antônio de Carvalho, vulgo “Senhor de Néu”; e Cercílio Amâncio dos Santos foram apontados como autores das mortes dos deputados Euclides e Antônio, em 8 de agosto de 1963, considerados pelo Ministério Público como responsáveis pelo primeiro tiro, depois de uma briga desencadeada por Cercílio Amâncio, capanga de Senhor de Néu.

Em Itabaiana, conversando com o **Senhor de Néu** à noite, em frente à sua casa, presenciou outro fato da movimentação civil-militar e fez o registro.

Incidente com soldados da polícia, de metralhadoras, soldados e do exército armados, e calçados de alpercatas, frente à serraria do Senhor de Néu. Estavam em missão secreta do exército. O incidente foi ligeiro e não houve alteração pior por compreensão de todos, na circunstância. Mas todos acham que os oficiais do Exército, tinham obrigação de apresentar-se no quartel da polícia, identificando-se com as cautelas precisas. Estavam à paisana (Diário JBS, 22.04.1964).

A presença dos militares à paisana em Itabaiana foi um vislumbre do que ocorreu naquela cidade naqueles primeiros meses do novo regime. Os registros diários de José Bezerra ajudam a compreender a interiorização da ditadura e o reflexo na política local, atingindo a todos.

Anotou que o rompimento do Brasil com Cuba e, no mesmo registro, a conversa que teve com Wellington, Pulga de Cós [eletricista], no Crediário.

Comunista ardoroso, afirmando que se tratou de um golpe contra as reformas. Mas que os culpados perecerão. “Ele se dará bem, se assim continuar. Digam os comunistas: ‘O solo do Brasil será regado com o sangue dos traidores?’ Agora, agora, não separem um milésimo do que nos prometiam... Que diferença! Como tratam os cristãos!” (Diário JBS, 13.05.1964).

José Bezerra descreveu seu itinerário de trânsito entre Aracaju e Itabaiana: “Do ponto do Café Paris fui tomado na rural de Pedro Paes Mendonça, que me trouxe para casa. Aí fiquei até a hora de vir para Itabaiana, às 15:20h. Viagem para Itabaiana, chegada às 17:45h, tempo chuvoso, grossa chuva do Brejo para cá.”

Ao chegar (Itabaiana) Agripino motorista me visitou e comunicou a presença da força federal com a comissão apuradora de subversões, corrupções e agitação. Subversão entre os comunistas que estão sendo presos. Zé Magneto³⁷ já foi. Disse-me que já perguntaram sobre a passeata em que foi morto Euclides e o filho. Agripino, Miguelzinho³⁸ e Antônio foram intimados a se apresentarem, amanhã, no quartel do 28° BC. Agripino, mesmo, não sabe de que se trata D. Livia ainda nada

³⁷ A família “magneto” tem como sobrenome Andrade, que consertavam máquinas de costuras e amolavam tesouras. O apelido pegou ao filho do patriarca Chico Tibúrcio, passando a ser uma referência dessa família. (Baldock, 2013). Sobre os apelidos em Itabaiana ver Carvalho (1996).

³⁸ Manoel Clemente da Rocha nasceu em 26 de janeiro de 1954, em Cova da Onça. Era apelidado de “Manezinho Quelemente”, fez parte do grupo de confiança de Euclides Paes Mendonça. Possuía duas marinetes que faziam a linha Macambira-Campo do Brito e Campo do Brito-Itabaiana-Aracaju. Ele foi vereador (Baldock, 2017).

sabe dizer. Que apenas um senhor estranho estava passando por essa rua, durante a tarde. Hoje foi mais 3 vezes. Todo portanto, de camisa branca, bigode. Ela acha que seja militar... (Diário JBS, 25, 05. 1964).

Segue sua narrativa, intercalando com observações sobre fatos cotidianos.

Fui dar as aulas da manhã. Lá, por volta das 10 horas, recebi o Inspetor Geral do Banco do Brasil, que veio indagar, de mim, particularmente, se o pessoal do Banco do Brasil, nesta cidade, tem bom comportamento e disciplina, principalmente, se há algum funcionário de tendência política extremista. Dei-lhe as melhores informações sobre tudo e sobre todos, as melhores impressões, desde o tempo de Euclides Andrade. Foram-se. Veio no carro de Zé Queiroz com ele dirigindo, e o bancário Oswaldo. Saiu satisfeito (Diário JBS, 26.05.1964).

Também fez anotações sobre a interferência dos militares na prefeitura de Itabaiana e em outras prefeituras do interior do estado. Anota que Jugurta, promotor do Campo do Brito, saiu daqui na rural do Roque. “Despachamos juntos processos de casamento”, em seguida.

Comentamos o fato de a comissão do Exército nada ter apurado nas contas da Prefeitura daqui, que abonasse a conduta do

Prefeito. Tanto melhor. Soube que Epaminondas, prefeito de Cristinápolis, está na chave; mandou chamar Pedro Barreto, mas este se negou a ir (Diário JBS, 27.05.1964).

Dias depois, faz menção a outros episódios:

De volta encontrei Mané Teles na porta da casa de Álvaro [Fonseca de Oliveira]³⁹ de Agostinho e aí conversamos. [...] Disse-me que Albano, ex-prefeito de Macambira, estava preso desde domingo, de noite; que o outro não foi porque arrumou dinheiro emprestado com antecedência. Que Caio, José Augusto Siqueira e Josias Costa foram afastados dos empregos da prefeitura, por desnecessários. Havia outros funcionários da Câmara de vereadores que iam ser afastados (Diário JBS, 02.06.1964).

Ao apontar a pressão sofrida por prefeitos, aqueles identificados com as reformas de base ou mesmo acusados de corrupção, foram deflagradas ações como prisão e pressão sobre as câmaras para cassar mandatos. Dantas (1997) assinala os prefeitos que foram cassados no interior do estado: em Propriá, Geraldo Maia (PRT); em Estância, Pascoal Nabuco (PTB); em Capela, José Figueiredo (OS); em Neópolis (UDN), José Carlos Torres de Souza; e em Amparo de São Francisco, Epaminondas Martins (UDN). Itabaiana tinha à frente o prefeito indicado por Euclides Paes Mendonça, da UDN, mas, rompido com

³⁹ Álvaro Agostinho de Fonseca foi vereador eleito para o mandato de 16.11.1947 a 04.01.1951. Seu Antônio Agostinho de Oliveira foi intendente em Itabaiana por duas vezes (1918-1919 e 1923-1925) (Baldock, 2017).

Seixas Dórea, foi poupado de represálias dos militares. “Em Macambira: Durante o dia visitei Cecílio, ex-prefeito. Não viu ex-prefeito que esteve preso no 28 BC” (Diário JBS, 5.07,1964).

Segundo seu filho, José Geraldo Dantas Bezerra, seu pai sempre apontou o que considerava excesso dos militares. Eram tempos de profunda insegurança e desconfiança que envolviam a todos. Partilhava de alguns princípios defendidos pelos militares, como a disciplina, a família e a religiosidade, mas esteve sempre nos bastidores da macropolítica, lidando com seu cotidiano e seus afazeres.

Encerramento do diário

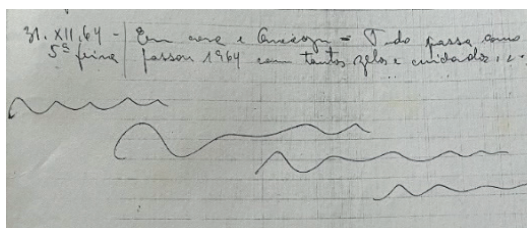
No bojo de suas anotações, José Bezerra trouxe informações e narrativas de alguns fatos, enquanto outros ficaram subsumidos no silêncio e nas reticências. Ele também descortinou seu amor pela esposa e pelos filhos, a saudade que sentia quando se encontrava em Itabaiana, seus medos e inseguranças, e sua dificuldade em encontrar o meio-termo nas disputas políticas locais. Tentou, durante todo o seu tempo de estadia em Itabaiana, ser um conciliador, embora malsucedido em razão de sua contraditória posição política, que o alinhava a um partido e, após o rompimento, a outro, em frequentes disputas virulentas naquela localidade. Quando tentava assumir alguma autonomia em palavras e ações, fazia-o alegando sua formação moral e cristã, para fugir das raias do “olho por olho e dente por dente” da política local.

Muitas das falas sobre Euclides eram anotadas por José Bezerra sempre usando o verbo “saber”, na primeira pessoa do singular: “soube”. Aqueles que o procuravam em sua residência,

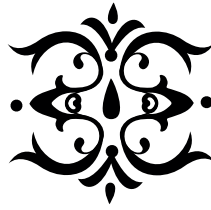
em encontros fortuitos durante seus deslocamentos para o Murilo Braga, nos cartórios onde despachava ou nas viagens que fazia à capital, tinham em José Bezerra um especial ouvinte das informações e versões dos fatos. Ele as anotava sem expressar apreciação ou censura.

Chega ao final do ano de 1964 e ele encerrou seu diário de forma lacônica. “Tudo passa como passou 1964 com tantos zelos e cuidado”!

Figura 85. Última anotação de José Bezerra, em 31 de dezembro de 1964.



O que levou José Bezerra a encerrar sua escrita? “Ele permaneceu em Itabaiana até 1967, sofrendo muitas das ocorrências e pressões que caracterizaram sua estadia na Comarca de Itabaiana, até conseguir, enfim, ser transferido para a Comarca de Itaporanga. Mesmo assim, deixou de fazer seus registros ou, se os fez, não foram preservados, certamente por razões que não ainda não foi possível de saber.



Juiz José Bezerra na Comarca de Itabaiana: proximidade com Euclides

*Tão próximos me arranho, mas distantes, estanho, como fico?
A ilusão da proteção da política partidária.*



Figuras 86 a 88. (1) Ao fundo o juiz José Bezerra e no canto direito Euclides; (2) Na frente: Gileno, sentados, Euclides e o juiz José Bezerra, atrás, Quinquim e Sinhá; (2) José Bezerra e Euclides em encontros na sua casa: (3) Caminhada para tomar posse, a frente Euclides, de terno preto acompanhado de Sinhá, ao seu esquerdo o juiz José Bezerra.



Fonte: Álbum de família. Cedido à autora em 24.01.2024.

Nas imagens acima, dois cliques feitos em casa de Euclides Paes Mendonça, em que aparece José Bezerra com outras pessoas. Em seu registro tem muitas anotações de encontros dessa natureza, demonstrando, efetivamente, que Euclides o via como correligionário, apoiador e amigo. Na primeira fase do seu registro, José Bezerra evidenciou um afinamento entre ele e o chefe político, Euclides. Registros de fatos que envolvem Euclides e Sinhá no Diário (12/10/1956 a 31/12/1961), alega Dantas (2019, p. 121): “pode-se dizer que o relacionamento entre dr. Bezerra e Euclides era muito próximo, com encontros frequentes. Empenhando em assegurar uma boa convivência, o magistrado administrava as questões com tolerância e pragmatismo”. No levantamento que fiz em seu diário, muitos registros se limitam a informar que conversou com Euclides, sem apresentar o conteúdo das conversas, uma das passagens que demonstrou seu alinhamento foi quando recebeu a informação de **Solon** que “encontrou Euclides declarando que reconhecia ser eu seu amigo” (Diário JBS, 09.07.1958).

Euclides Paes Mendonça deixou a prefeitura em 1954, para concorrer às eleições de deputado estadual, indicando como prefeito do município Serapião Antônio de Góis, também conhecido por “Serapião do Cartório”, que estava trabalhando para ele como contador, por mais de duas décadas em seu armazém. Serapião ficou à frente da prefeitura no período de 04 de janeiro de 1951 a 04 de fevereiro de 1955, embora Euclides mantivesse o controle sobre a administração municipal, em que pese afirmar Mendonça (2019, p. 55), que “a frente do executivo municipal, **Serapião Antônio de Góis** não fez uma administração política, mas sim, gerencial”. As ações da gestão de Serapião foram tratadas por Mendonça (2019) e Baldock (2017): calçamento de pedra do Largo Santo Antônio, onde era instalada a feira de Itabaiana; instalação da energia elétrica fornecida pela Companhia Hidroelétrica de São Francisco (CHESF), dentre outras. Depois de deixar a prefeitura, assumiu o cartório civil, sendo nomeado, em caráter vitalício, em 28 de junho de 1961, ao cargo de Oficial de Paz e Escrivão do 3º ofício de Registro Civil, do termo de Itabaiana, no lugar de ex-chefe do cartório, Vicente Ferreira Sá.

Solon Rodrigues dos Santos chegou ao posto de tenente. Nasceu em 3 de fevereiro de 1933, no Ceará, filho de José Rodrigues Santos e de Maria Maximiniana Santos. “Ingressou na Polícia Militar de Sergipe, como reserva de 3ª Categoria do Exército, em 22 de abril de 1955, e excluído, a pedido, em 1º de agosto de 1956, outra vez incluído em 13 de fevereiro de 1957. Promovido a cabo em 7 de agosto de 1957, a 3º Sargento em 12 de setembro de 1957, a 2º Sargento em 7 de agosto de 1958, a 1º Sargento em 14 de outubro de 1962, tendo, como subtenente, sido excluído da Polícia Militar, em 31 de dezembro de 1962, por incapacidade física.” Foi preso e libertou-se em 1963, passando a morar em Pernambuco, em Triunfo (Carvalho, 2022, p. 379-380).

Mendonça (2019) fez uma biografia de **Serapião Antônio de Góis**, a partir da qual recorri para trazer alguns dados a respeito. Ele nasceu no Vale Grande em 31 de outubro de 1910, filho de Manoel Antônio de Góis e de Maria Francisca de Jesus. Estudou as primeiras letras e depois tornou-se um leitor aguçado. Iniciou suas atividades no então povoado Saco do Ribeiro, onde já se encontrava a padaria dos irmãos Paes Mendonça e outras atividades comerciais, trabalhando na loja de tecidos de Sebastião José de Góis, apelidado de “Seu Bastos”, naquela localidade. Casou-se com a filha de seu padrão, Florência Góis, em 10 de junho de 1936. O casal teve nove filhos: Maria Luzia Góis, José Mozart de Góis, Maria Ione de Góis, José Anderson de Góis, Antônio Bertrand de Góis, José Roberto de Góis Serapião Antônio de Góis Filho, Vesta Maria de Góis e José Roberto de Góis. Mudou-se para Itabaiana, onde fez alguns cursos por correspondência, especialmente o de Contabilidade, pelo Instituto Universal Brasileiro, trabalhando na loja de seu sogro, situada no Largo Santo Antônio. Posteriormente, retornou a Ribeirópolis e foi chamado por Euclides Paes Mendonça para organizar e administrar seu armazém. Ele foi indicado para ser o gerente comercial da firma Irmãos Paes Mendonça, e, posteriormente, assumiu o cargo de prefeito, depois de eleito e indicado por Euclides, entre 06 de fevereiro de 1955 a 06 de fevereiro de 1959. Foi nomeado serventuário do 3^a ofício por decreto de 2 de junho de 1961 (Diário Oficial, 7 de junho de 1961).

Posteriormente o juiz José Bezerra dos Santos anotou em seu diário sobre Serapião: “Euclides triste com a nomeação para o cartório do Sr. Ferreira”, em 31 de maio de 1960, quando ele foi convidado pelo governador Luiz Garcia para o cargo de escrevente, passando por interino como Serventuário em 2 de julho de 1961 e, por fim, ao cargo vitalício Talvez tenha havido um princípio de desentendimento entre ambos, Euclides e Serapião, em razão de questões trabalhistas: “Serapião foi dispensado do armazém para ficar à disposição do cartório, saiu sem direito a nada depois de muitos anos de trabalho, embora tivesse direito a quase mil contos” (Diário, 12.11.1961). Serapião faleceu em 07 de agosto de 1999, já viúvo de sua esposa, há cerca de 14 anos, aos 89 anos de idade (Mendonça, 2019).

Nos idos da administração do prefeito Serapião a frente da prefeitura e Euclides como deputado Estadual, chegou o juiz da Comarca de Itabaiana, em 12 de outubro de 1956, período também de confrontos entre chefes políticos do interior e os juizes das comarcas, como assinalou Dantas (2019), embora com a esperança da imprensa em geral, de que José Bezerra teria um papel mais imparcial entre as agremiações políticas. O domínio euclidiano era praticamente absoluto em Itabaiana, pois tinha o prefeito, os principais cargos nas mãos dos udenistas, sendo ele o carro chefe: a polícia, para exercício do poder coercitivo e a exatoria, com o comando da economia local.

Entre o poder judiciário e o poder executivo, com lideranças da UDN, afiliados e simpatizantes em todos os poderes, embora tenha sempre mantido uma relação cordial com o outro chefe político, Manoel Teles, filiado ao PSD, com quem veio a se alinhar, após a ruptura com Euclides e com padre Arthur Moura, sacerdote da Matriz de Itabaiana, onde foi residir quando foi expulso por Euclides, de sua propriedade, onde morava de aluguel.

No período em que esteve em Itabaiana, o padre Arthur, ao assumir a paróquia recebeu de herança a vinculação intestina do padre Eraldo Barbosa e Euclides. Afastado da Matriz

Eraldo Barbosa de Almeida era filho de João Barbosa de Oliveira e de Joventina Barbosa de Almeida, nascido em Maruim, em 8 de setembro de 1911. Aos 13 anos de idade ingressou no Seminário Coração de Jesus, em Aracaju. Foi ordenado em 26 de agosto de 1934, na Catedral de Aracaju, e serviu como vigário da Igreja de Divina Pastoral. Ele foi o fundador da Cruzada Eucarística Infantil, a Congregação Mariana e o Centro Catequético Paroquial. Posteriormente foi para paróquia de Santo Antônio e almas de Itabaiana, em 29 de outubro de 1939, onde permaneceu por 15 anos. Nela fundou o Centro de Ação Católica Paroquial, construiu 16 capelas no interior, construiu o Edifício Pio XII, onde instalou escolas paroquiais, ambulatório médico e o Cine Santo Antônio (Mendonça, 2013).

de Itabaiana por pressões políticas fortes, padre Eraldo deixou no cenário a força da Igreja nos ditames da política partidária, que expressava sua forte presença no universo da sociedade brasileira. O padre Arthur se instalou e tal qual o seu antecessor foi afastado ao se envolver corpo e alma na emblemática trama política do município. Chegou a ser suspeito também no envolvimento do assassinato de Euclides e do seu filho, Antônio.

No período em o juiz era afinado com Euclides, o padre já mostrava seu desapontamento com ele, descrevendo algumas situações que o fez contrapor-se as suas ações. Por isso foi xingado, sendo esses fatos anotados pelo juiz em seu diário, de forma factual, sem apreciações e nem julgamentos. A exemplo destaque a questão vivida pelo médico **Gileno Almeida**, que anotei adiante.

A igreja, no início de carreira de Euclides Paes Mendonça, contou com a oportuna participação do padre Eraldo Barbosa de Almeida, vigário da freguesia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, que, “sem nenhum escrúpulo, vestiu a camisa da UDN, torando-se um excelente e fundamental cabo eleitoral” (Carvalho, 2022, p. 112). Pe. Eraldo havia chegado em Itabaiana em 1939:

Por esse tempo, entra em cena a figura im-
protocolável de Euclides Paes Mendonça,
prospero comerciante e político de visão
e grande projeção estadual. Manoel Teles,

Gileno Almeida Garcia nasceu em 4 de agosto de 1909, em Riachão dos Dantas. Formou-se em Medicina na Faculdade da Bahia, em 1931, e em seguida fixou-se em Itabaiana. Casou-se com Helena Fonseca Costa, filha de Gleide Selma Fonseca e de José Cornélio da Fonseca Filho. Gileno fez parte da fundação da Associação Atlética de Itabaiana, sendo seu primeiro presidente (Carvalho, 2022).

enquanto mostrava-se inábil e indelicado quanto aos pedidos da igreja e pleiteados por Mons. Eraldo, Euclides se aproveitava e, por conta própria, oferecia os mais diversos favores aos sacerdotes, que não teve dúvida em declarar sua simpatia [...] (Mendonça, 2013, p. 78).

Desse conchave com a Igreja, na figura do Monsenhor Eraldo, que mencionava sempre Euclides em momentos do litígio sagrado como bom para o povo e endossava a aversão aos comunistas, sempre aludidos aos membros do partido opositor, o PSD. Mendonça (2013) assinala que o Monsenhor Eraldo Barbosa chegou em Itabaiana, em 1939, procurando manter um bom relacionamento com o poder local, com a ascensão de Manoel Teles, em 1947, por fim, com Euclides Paes Mendonça, que segundo Mendonça (2015, p. 78-79):

Se até 1950, Euclides nutria a Igreja dos mais diversos favores por conta própria, a partir de 1951, com Prefeitura sob seu comando, as ajudas se multiplicavam e o povo católico, maioria esmagadora, passou a ver Euclides como um grande benfeitor e, com isso, seu conceito só aumentou no seio da sociedade, o que muito lhe foi útil eleitoralmente nas eleições seguintes

Pressionado localmente pelos adversários políticos da UDN, pela Cúria Diocesana que recebia denúncias de seu alinhamento político, sua saída de Itabaiana foi sacramentada, depois de uma certa resistência, em meio as disputas políticas que certamente interferiram na decisão da Cúria (Mendonça, 2013). Nesse cenário, chegou o padre Arthur Moura Pereira na

paróquia de Itabaiana, “que não se filia a Euclides Paes Mendonça, e, de imediato, é tachado de Pessedista. Entrou em colisão com o político udenista, a partir de certo momento, participando de vários confrontos, enfrentando-o de cabeça erguida” (Carvalho, 2022, p. 115).

Impressionante a linha ténue entre o público e o privado na dinâmica coronelística de Euclides e seus afiliados! Usava seus armazéns para o atendimento ao público e fazia alguns despachos das questões da prefeitura na residência do juiz, de igual forma, até mesmo o uso de bens públicos, como os carros da prefeitura, para deslocamentos pessoais. Isso se evidenciou em viagens feitas por José Bezerra, de idas e vindas de Itabaiana-Aracaju, Aracaju-Itabaiana, Itabaiana a outros municípios e povoados, com Euclides e/ou “Sinhá”, em carros deste particular, marinete da empresa Santa Terezinha, de propriedade da família ou da prefeitura. Almoços, jantares e festas em casa de Euclides, em Itabaiana e em Aracaju, bem como em comícios do UDN em que iam juntos. Os registros desses entrelaçamentos foram anotados de forma contínua, por vezes diárias, pelo juiz, denotando seu intenso convívio com o “chefe local”, como por vezes falava.

Compartilhando conversas diárias, em lugares diversos, como em cada de um deles, nos armazéns de Euclides, tanto em Itabaiana, quanto em Aracaju; viagens feitas para Aracaju nos diversos carros de Euclides e/ou da prefeitura, sendo guiado por ele, Antônio, filho de Euclides e seu chofer, Dionísio. Participação em festas, inaugurações, eventos religiosos, civis, comícios, recepção de autoridades, almoços e jantares. Acontecimentos familiares como o casamento de Joseisa, filha de Euclides e de Sinhá, o enterro da mãe de Euclides, Maria

da Conceição, e da missa de Sétimo Dia, realizado em Serra do Machado, o aniversário de Gilza, de 15 anos dentre outros.

Ao chegar em Itabaiana fez seu ensaio em manter-se em uma posição conciliadora, embora ao alugar o imóvel do chefe local, Euclides, a um preço que me pareceu baixo, em relação aos artefatos de consumo que ele comprava, comprometeu-se seriamente. Não só por isso, mas por ser aceito por ele em substituição ao dr. Luiz Magalhães que também foi aliado de Euclides, e indicado pelo desembargador Hunald Santaflor Cardoso, que atendia também aos reclames da UDN e do então, deputado estadual Euclides. A trama estava traçada, impossibilitando qualquer autonomia do juiz, em um período em que não havia imparcialidade de juízes e desembargadores envolvidos com as disputas pluripartidárias (Dantas, 2022).

O seu primeiro ano em Itabaiana foi de adaptação a cidade e seus costumes, também de seus filhos e esposa que tiveram que se mudar em razão da exigência legal de que os juízes residissem na sede da Comarca em que atuava. O juiz não foi recebido por Euclides, quando tomou posse, porém foi aconselhado pelo desembargador Hunald Santaflor Cardoso, que o procurasse e se apresentasse. Era desconhecido no meio jurídico e, especialmente, para Euclides, como informou José Geraldo Bezerra (Entrevista, 21.02.2024).

Os juízes do interior, de um modo geral, assumiam algum alinhamento partidário, sem ter, necessariamente, vinculação a um ou outro partido, como forma de atuação e proteção, quicã de sobrevivência. Como se movimentou o juiz durante o seu primeiro ano? Só acompanhando alguns imbróglios de Euclides e da cidade, que se pode vislumbrar o fato. Era um jovem juiz, sem experiência no campo judiciário, com pouco mais de

três anos de formado, que entrava na “cova dos leões”, lutando para manter-se vivo e atuante, com alguns ideais de justiça.

Euclides Paes Mendonça estava em pleno exercício do mandato estadual, em 1956, quando José Bezerra chegou a Itabaiana, onde o juiz que substituiu, Luís Magalhães, tinha levado em conta sua atuação junto de Euclides, saiu premiado ao ser nomeado desembargador. Euclides exercia um poder quase absoluto se não fosse a presença de outro chefe político forte, “Mané Teles”, já estruturado no poder político local e com presença na Assembleia Legislativa Estadual. Entrou, José Bezerra, em um campo minado para atuar e aplicar a lei. Euclides havia ganho as eleições, mas o governador de então, Luiz Garcia (1958-1962) pertencia aos quadros do UDN, o que o impedia de ter plenos poderes na polícia local e na exatária. Mesmo assim, com as dificuldades de carrear recursos para cidade, ia ganhando terreno, comprando arma, arquitetando ações, perseguindo adversários e realizando obras.

Nesse cenário que o juiz, a princípio, procurou estabelecer ações conciliatórias e equilibrar-se naquele meio adverso onde a política e a politicagem pareciam ser incrivelmente semelhantes.

Encontros sociais e políticos

Nas anotações abaixo, extraídas do diário de José Bezerra as anotações feitas em que ele e Euclides estiveram em harmonia, parceria e até amizade. Observa-se que o convívio de ambos era quase diário, em que de fato havia alinhamento entre ambos.

Quadro 5. Sociabilidades entre José Bezerra e Euclides e Sinhá

Data	Excertos do Diário
22.07.58	Falei ao Euclides o jipe para ir para Macambira amanhã com a família. De volta consegui inscrever 72 eleitores seus.
25.07.58	Euclides veio às 9 horas e levou uma cópia da petição de Airton para dr. Assis. Euclides esteve de novo aqui, antes de ir para Aracaju.
08.08.58	Às 8 horas, Cacilda seguiu de jipe a Aracaju, guiava Antônio (filho de Euclides).
10.08.58	Euclides estava aqui antes de ir para Recife para regressar amanhã ao meio-dia.
12.08.58	Saída no Jipe de Euclides. Chegada dos canos para encanação de água.
31.08.58	Soube que Euclides viajou com o governador na caravana política, em campanha, em Pinhão, Pedra Mole e Simão Dias
11.09.58	Euclides esteve aqui e contou-se a visita do padre ontem. Fui a casa de Euclides, ligeiramente, antes para mandar substituir, quanto antes as fichas no Tribunal.
18.09.58	Às 3 horas da tarde esteve aqui Euclides, dando-me o recado de Dr. Leandro sobre o pedido de Força Federal para esta zona.
20.09.58	Euclides ao passar de jipe com Pedro Paes Mendonça, o chofer e outro rapaz falou do comício de ontem, disse-me que Macedo iria apoiar Garcia e seguiu.
26.09.58	Manoel Teles veio reclamar da perseguição de Antônio de Euclides, atrás do carro de propaganda dele até Matapoan. Fui a casa de Euclides conversamos sobre o evento, Antônio deu uma volta e felizmente tornou em Paz.
28.09.58	A noitinha Euclides chegou com Torres e outros de Jipe e prometeu vir amanhã as 4 horas da madrugada para irmos para Aracaju.
29.09.58	Eu e Euclides a casa de dr. Assis.
03.10.58	Às 4,37 iniciou o movimento na praça com Euclides, gritando, chamando alguém. Dia de tremenda agitação eleitoral.
09.10.58	Euclides foi eleito prefeito de Itabaiana com 3500 votos, enquanto Pedro Moreno teve 1.560.

11.10.58	Euclides foi a Aracaju levando um documento a ser estudo por Luiz Garcia e Leandro. Voltou e trouxe o documento despachado com ele. Trabalhando nos mapas da apuração.
31.10.58	Euclides me chamou e disse que a força policial se prepara para ir para o sobrado de Mané Teles.
01.11.58	Euclides chegou à cidade ontem à noite.
03.11.58	Sai duas vezes. A primeira fui ao correio e passando pela casa de Euclides (armazém) ele me chamou para comunicar a presença da Força Federal que se prepara para ir para o sobrado de Manoel Teles. Disse-me que em tal caso iria falar com as autoridades hierárquicas do exército.
30.11.58	Pela manhã, Antônio de Euclides veio avisar-me que Euclides lhe telegrafou pedindo eu fosse buscá-lo em Aracaju e que eu aguardasse a chegada dele para a entrega do Diploma de Prefeito, pois a demora seria pouca, no mais tardar até 14 horas.
11.12.58	Às 11 horas ia descendo a rua das Flores, quando o carro de Euclides apareceu no caminho...fui convidado a entrar para conversarmos sob os oitões do pátio da Igreja, depois me trouxe para casa.
24.12.58	Fui ao armazém de Euclides e paguei 2.000 dos 70.000,00, incluindo o aluguel da casa 1.500,00. Falamos sobre a situação geral, Soltura do preso e habeas-corpus. Tudo ficou certo e em paz. A noite combinamos de saímos juntos a família. À tardinha enviou-me um (O Euclides). Uma garrafa de rua Mineiro e um queijo do reino. A noite fui com Euclides a feira de Natal. Percorremos a feira, ficamos no bar.
28.12.58	Deixei Cacil e os meninos em casa e vim conversar com o governador com Euclides.
14.01.59	Estive com Euclides no armazém, durante uma hora onde falei sobre o caso de Joaquim Sobral e do cabo Otoniel, no sobrado, na casa dele.
02.01.59	Pedi a Euclides que trouxesse o material eleitoral de Macambira.
02.02.59	Fui a casa de Euclides verificar finalidades de voltar com ele. O encontrei em conferência: Euclides, João Prado Franca, Torres e o governador Luiz Garcia. Não entrei.

11.02.59	Às 8,30 sai com Euclides, Sinha e filhos (fora Antônio) e muita gente em um caminhão, para um passeio na Ribeira. Lá ficamos até 12,15 na vila, no mercado. Depois do almoço (peru e capão) fomos para Itabaiana aonde chegamos às 14,30h.
17.02.59	Chegou o carro novo de Edson Leal. Andei nele, guiado por Euclides. À noite, fui ao Pé-do-Veado, no jipe de Euclides, com ele, D. Sinhá, Maria Tavares e dois meninos.
20.02.59	Estive no armazém de Euclides, fui agradecer o Jipe e conversamos muito.
27/02/59	Saímos às 10 horas da noite, tomamos o carro de Euclides e voltamos para Itabaiana.
06.03.59	Euclides, logo cedo, veio aqui anunciar o envenenamento de 5 cabeças de gado, do chefe da UDN, em Matapoan. Vai apurar... Estava aborrecido.
10.03.59	Encontrei Euclides a minha espera para falar sobre os processos do envenenamento do gado do sr. Eliezer em Matapoan.
11.03.59	Vim para Itabaiana, às 5,30 com Euclides, D. Sinhá, filha de Toinho da Farmácia.
31.03.59	Voltei para Itabaiana com Euclides, Ormeil, e um engenheiro da aeronáutica que veio inspecionar o terreno para o campo de aviação.
21.04.59	De tarde fui a casa de Euclides, acertar o carro para voltar para Itabaiana.
22.04.59	Cedinho, às 5,50 no carro de Euclides vim a Itabaiana, chegado às 7 horas. Café na casa de Euclides.
05.05.59	Acertei de voltar com Euclides logo cedo.
06.05.59	Regressei a Aracaju com Boquinha que veio comigo, no carro de Euclides, às 11 horas.
13.05.59	Às 6,45 viemos a Itabaiana, com Euclides, D Sinhá, Joseisa e a empregada. Paguei o aluguel da casa.
19.05.59	Euclides buscou-me no carro, estava com Queiroz, o irmão, Otoniel e Chico Passos.
27.05.59	Euclides me chamou para mostrar o lugar do futuro cartório eleitoral, para o qual contava conseguir, ali um balcão, um "bureau" com cadeira e uma prateleira grande para os orçamentos de arquivo.

07.06.59	Euclides na exatoria de Itabaiana.
10.06.59	Tomei café na casa de Euclides.
19.06.59	Ontem Euclides me disse, numa roda, que iria tratar da nomeação de um promotor que residisse na comarca (...).
02.07.59	Fui ao armazém de Euclides. Paguei-lhe dois meses de aluguel. Conversamos, chegou ser travessos, novo administrador da Fazenda Grande.
08.07.59	À noite, fui a casa de Euclides. À tardinha conversei muito sozinho com Joseisa na esquina de Antônio de Dócia, sobre a situação dela em casa, em relação a Olimpino.
09.07.59	Euclides seguiu para Aracaju. Suponho que foi para estimular Leandro a aceitar a candidatura de vice-presidente da República, conforme convite oficial da UDN, pelo governador de Rio de Janeiro.
15.07.59	Aniversário de d. Sinhá, ainda não falei com Euclides depois que ele chegou de Aracaju. Ainda não consegui falar com: Euclides, que chegou, hoje, de Aracaju. Pela tarde descansou, voltou para Aracaju
17.07.59	Procurei e não encontrei Euclides. A tarde falei com Euclides sobre o telhado da lavadeira....
18.07.59	Euclides mandou a cópia de um atestado para tirar outra cópia em papel timbrado sobre a existência da comissão de Proteção e Assistência à Maternidade e Infância de Itabaiana. Assinei após as devidas alterações com data de 16/07/59.
20.07.59	Soube que Euclides e Sinhá estiveram aqui (Aracaju).
25.07.59	Pela noite Euclides segue para Aracaju para viajar a passeio com Gilsa e Joseisa.
29.07.59	Sinhá, ao passar aqui, disse que recebeu telegrama de Euclides, dizendo que assistiu missa em Feira de Santana.
13.08.59	Soube ontem que D. Sinha conversou com Euclides em São Paulo.
03.09.59	Euclides esteve aqui de passagem, mostrando o cavalo, enquanto na garupa estava Gilson e Durval no outro, tinha na mão uma automática, tipo metralhadora.
11.09.59	Euclides foi deixar-me de carro no cartório Joseisa passou muito tempo aqui conversando comigo da janela. À tarde Euclides foi deixar-me de carro no cartório de sr. Ferreira, para os casamentos.

16.09.59	De volta, conversei muito com Euclides, no jardim da Praça, sobre vários assuntos inclusive estudos de Joseisa e Dr. Luiz Magalhães.
23.09.59	Euclides me chamou para viajar na ambulância. Aprontei-me logo e sai para a casa de Euclides onde deixamos a ambulância defeituosa e tomamos o carro novo. Estávamos tomando café em plena reconciliação.
28.09.59	Euclides esteve aqui com dois advogados conhecidos e conseguiu atestado de idoneidade e necessidade para Antônio de Oliveira Mendonça, no cartório de 1º ofício.
16.10.59	Euclides esteve aqui, à noite. Conversamos muito.
20.10.59	Depois veio Geraldo, Vieira e outros mais inclusive Torres e Luiz Carlos Alencar, Vem Euclides, Joseisa com o carro e o cachorrinho Bajulação dos 2 da casa.
22.10.59	Euclides de passagem no jipe, esteve aqui, com sr. Álvaro e contou a história do Padre e do José Queiroz no quartel 28 do chefe da polícia e governador do estado e interferência do bispo. Tratei de falar com o padre.
23.10.59	Vem Euclides e me leva no carro, dando voltas na cidade. Conte a história da declaração.
24.10.59	Logo após o almoço Euclides mandou pedir que antes de viajar passe lá na casa dele, queira saber resultado de nossa conversa com o comandante.
30.10.59	Euclides Paes Mendonça trouxe-me para casa. Esperei-o para vir a Itabaiana e veio ao armazém trazer-me.
15.11.59	Antônio de Euclides nos trouxe de carro.
01.12.59	Euclides e Sinhá já estão indo para Itabaiana.
03.12.59	Euclides esteve aqui as 9 horas da noite. Poucos instantes depois Pedrinho saiu certo de levar-nos amanhã para Aracaju.
22.01.60	A noite Euclides veio aqui e tratou dos casos do processo de homicídio de Baruti e da desapropriação do terreno de Antônio Severo.
25.01.60	Euclides veio me buscar para irmos ao hospital.
09.01.60	Euclides parece que chegou agora à noite.
14.01.60	Euclides esteve aqui.
24.02.60	Fomos ao sítio de Maria Correiro com Euclides, o chofer Dionisio, foi um bom dia.

06.04.60	Chega Sinhá do Sul, onde estava Euclides.
24.04.60	Euclides veio e ficamos ouvindo Rádio.
02.05.60	Na rua de São João conversando sobre Itabaiana, quando passou Sinhá de Euclides.
08.05.60	Euclides esteve aqui e levou a mim e a Cacil ao Cine Vitória.
12.05.60	Tudo acertado para a permanência Sábado, quando veem Dr. Leandro, o governador e a comitiva. Fui convidado para almoçar na casa de Euclides.
17.05.60	Euclides esteve aqui duas vezes.
18.05.60	Horas na casa de Dr. Assis, com Euclides.
19.05.60	Entrei no carro novo de Euclides duas vezes. Vim para Itabaiana no carro de Euclides.
27.05.60	Tomei um cafezinho com Euclides.
28.05.60	Fui para Aracaju no carro de Daniel com Sinhá e Joseisa.
31.05.60	Euclides triste com a nomeação de Serapião para o cartório do Sr. Ferreira.
03.06.60	Euclides me contou que lhe disse Alfredo, afirmando que seu apreço é comigo.
04.06.60	Carro de Maria de Correia virado dois mortos. Encontrei Tonho e Euclides no local, fiscais e inspetor de trânsito.
09.06.60	A noite chegou Euclides, com que conversei muito.
15.06.60	Veio com Euclides de Aracaju para Itabaiana no carro de Durval. Estive no armazém de Euclides onde falei do caso da banda de música.
17.06.60	Euclides daí daqui depois de conversamos uns 15 minutos.
20.06.60	Cacil e eu fomos para Aracaju no carro de Antônio, filho de Euclides.
23.06.60	Às 12 horas estive com Euclides no bar e tomamos um cafezinho. A noite esteve aqui e conversamos sobre o caso Zé de Belo. Com Sr. Ferreira estiveram no Cartório Eleitoral, e Euclides.
24.06.60	Com Euclides várias vezes.
26.06.60	Quase as 7horas, Euclides mandou a assistência a nos buscar.

28.06.60	Euclides mandou avisar-me que iria para Aracaju e se queria alguma coisa.
30.06.60	À noite, Euclides esteve aqui, conversamos muito.
02.07.60	Fui ao escritório de Euclides, falar sobre o caso de uma viúva, cujo terreno está em compras com interessados.
03.07.60	Estive com Euclides, antes da missa.
04.07.60	Estive com Euclides pela manhã, acerte de ir com ele para Aracaju amanhã. Mas não irei. Paguei 1.500 da casa.
08.07.60	Euclides esteve comigo no cartório com certificado do tribunal.
09.07.60	A noite fui a casa de Euclides conversei com ele.
12.07.60	O prato do dia: dentro de alguns dias será decretada a prisão de alguns juízes, no jornal. Euclides esteve aqui e conversamos.
14.07.60	Euclides esteve aqui.
15.07.60	Estive com Euclides no armazém.
16.07.60	Estive com Euclides no armazém, ficou de vir a noite. Logo nos comícios: "juízes safados".
17.07.60	Euclides esteve aqui a noite.
19.07.60	Euclides continha em Aracaju.
26.07.60	Euclides foi a Aracaju, mas não pode me levar por causa da audiência.
29.07.60	Euclides foi a Aracaju e me deu um mapa mundo.
30.07.60	Paguei o aluguel. Euclides esteve duas vezes aqui.
01.08.60	Euclides me disse que Zé Queiroz só está até por causa dos documentos.
02.08.60	Passei com Euclides pelas ruas pelas obras da cidade. A tarde encontrei Euclides novamente.
03.08.60	Almocei com a comitiva na casa de Euclides e logo após viajei com eles para Aracaju para o comício de Jânio Quadros, ouvi tudo, até o final do grande discurso do candidato. Logo após a caminhonete de Antônio de Euclides veio também, nu da cintura para cima.
06.08.60	Conversei com d. Sinha na porta do Armazém, não entrei, havia muita gente lá dentro.

07.08.60	Sai com Euclides e D. Sinhá fomos passar o resto da tarde na casa do pai de Euclides, em Serra do Machado. Na volta, em um leilão em Cova da Onça.
08.08.60	Euclides esteve aqui e conversamos longamente.
09.08.60	De noite, Euclides esteve aqui.
19.08.60	Falei com Euclides para levar o preso para Ribeirópolis.
22.08.60	Euclides mandou o carro me buscar. Fui ao armazém de Euclides e em veio me trazer em casa.
23.08.60	Passei a manhã com Euclides entre o palácio e a secretaria de finanças.
24.07.60	Bosco trouxe recado de Euclides que eu, às 9 horas por estava esperando uma família de São Cristóvão as 8:45 chegou Euclides em uma camioneta Wille as 9:20 com Joseisa, D. Sinhá, Maria José e a família de José Prado.
30.07.60	Viajei com Sinhá e Euclides.
02.09.60	Fui dizer a Euclides que levasse Pernambuco para Ribeirópolis.
03.09.60	Estive a noite na casa de Euclides. Soltei o preso Pernambuco que a 17 dias estava no quartel. O crime não foi praticado aqui.
07.09.60	Euclides me perguntou se eu não queria ir a Frei Paulo com ele e Silvo de Senhora, diretor do Departamento de Educação.
10.09.60	Conversei de Leandro no armazém de Euclides. Almoço na casa de Euclides.
11.09.60	Ao encontro de Leandro e Euclides, em uma caravana dos comícios em favor de Jânio Quadro. Euclides esteve em Matapóan.
13.09.60	Estive duas vezes ao armazém de Euclides.
14.09.60	Conversei com Euclides no cartório.
21.09.60	Euclides esteve no cartório eleitoral, depois estive no armazém.
24.09.60	Chega Euclides de Aracaju. Lá para as 9 horas fui falar com ele, falar com ele lembrei que Leandro irá a Frei Paulo e de volta me levará para Aracaju. Às 15 horas depois de estar com Euclides vim de jipe para Aracaju.

27.09.60	Fui ao abrigo Othoniel Dora duas vezes com Euclides. Comício de Manoel Teles.
29.09.60	Voltei com D. Sinhá de Kombi.
01.10.60	Estive no armazém de Euclides.
07.10.60	Euclides passa o dia em Aracaju.
10.10.60	À noite, Euclides esteve aqui.
16.10.60	Festa da vitória de Jânio, Euclides e Leandro falaram
18.10.60	Antônio de Sinhá veio buscar-me para ir para Itabaiana com D. Sinhá.
19.10.60	Euclides veio despedir-se, viaja para o Sul, em companhia de Leandro.
21.10.60	Fui ao jardim com D. Sinhá na presença de Miguel de Fagundes para arrumar um carro levando para Aracaju. O que o tribunal pediu com urgência.
04.11.60	Fui a Aracaju com D. Sinhá.
19.11.60	D. Sinhá demorou-se conversando comigo na Prefeitura.
23.11.60	D. Sinha disse que Euclides só vem na próxima semana, foi para Brasília.
02.12.60	Chegou Euclides Paz Mendonça, um mês e 13 dias acabo de chegar da visita que fiz a Euclides.
05.12.60	Euclides não veio de Itabaiana.
06.12.60	Ao chegar à noite, fui falar com Euclides.
07.12.60	Euclides mandou me buscar na casa de Hunald, pouco depois de chegar.
08.12.60	Almoço na casa de Euclides, com padre Rivas.
09.12.60	Sinhá de Euclides foi para Aracaju.
10.12.60	Estive aborrecido com o menino preso. Deixei que Euclides resolvesse com calma.
11.12.60	Fui a bom jardim. Euclides viajou.
23.12.60	Fui para Aracaju no carro de Euclides, trazendo Geraldo. Euclides distribuindo dinheiro e Sinhá Fazenda. Almocei na casa de Euclides, Rivas foi distribuir dinheiro com os doentes no hospital. Fui com ele.

10.01.61	Euclides voltou com Alencar e Prudente.
12.01.61	Dia normal, Euclides está em Salvador.
20.01.61	Euclides chegou com a família de Aracaju. Engano, Euclides não veio, apenas Sinhá. Euclides extraiu um dente em Aracaju.
25.01.60	Estive com Euclides duas vezes. Paguei o aluguel da casa. De manhã, no armazém, e agora a tarde quando lhe dei 3000.
08.02.61	Estive com Euclides.
23.02.61	Falei com Euclides comprar uma bicicleta Manark para Zezé, de tia Elói. Ascendeu nas condições de Zé Queiroz. Acertei com Euclides, do Banco viajar com ele para Aracaju, amanhã, às 12,30 horas, A noite estive com Euclides.
02.03.61	Euclides Voltou de Aracaju.
03.03.61	Com Euclides várias vezes.
17.03.61	Segui para Aracaju na Perua guiada por Antônio de Sinhá e Euclides.
23.03.61	Estive com Sinhá, convidou-me para almoçar, mas a marmita já tinha seguido. Deixei para outra oportunidade.
13.03.61	Casa de Euclides a noite, Sinhá ofereceu-me umbuzada, tomei.
14.03.61	Após a missa vamos para casa de Euclides e jantamos, Arcebispo, Clodoaldo, Deraldo e eu.
21.04.61	Euclides, com Antônio, o filho passou acompanhando o enterro da mãe do finado sargento Gervásio. Prometeu passar por aque ainda hoje.
21.04.61	Cacil chegou quase às 10 horas na perua de Euclides.
22.04.61	Euclides foi também e o professor Horácio. Festas da Macarena.
23.04.61	Euclides passou por aqui e aí soube que uma hora depois íamos a Aracaju. Uma hora depois saímos guiado por José, depois por Euclides, fomos com Torres.
23.05.61	Não tive ainda notícias de Euclides.
29.04.61	Euclides esteve aqui. Paguei-lhe o aluguel da casa. Não quis receber ainda o início dos pagamentos.
03.05.61	A noite estive com Euclides, em casa dele.

06.05.61	Estive com Euclides: acertamos ida amanhã, a Canhoba, às 5 horas da manhã.
07.05.61	As 5,30, partimos na Kombi (perua) para Canhoba: Antônio (guiando) Euclides, Sinhá, Sr. Edson Leal e esposa, Elisio Araújo, S. Miguel Fagundes (um revólver, quase sempre na mão) e eu. Inauguração da praça de Canhoba, missa celebrada por D. Brandão, presença de Luiz Garcia e outros.
9.05.61	Estive com Euclides, encontrei Alencar. Recebi os autos de reintegração de posse de Gileno.
16.05.61	Euclides já chegou do passeio.
20.05.61	Pela primeira vez vi o noivo de Joseliza. Fala-me que vão noivar amanhã. Aniversário dela. O casamento será, em dezembro, no aniversário dele.
24.05.61	Euclides veio com ele de manhã (Alencar). Almocei com Euclides e Alencar. Conheci o noivo de Joseisa.
30.05.61	Acordei de madrugada aos estampidos dos foguetes e toques de zabumbas-alvorada do Santo Antônio, padroeiro da Terra, Fui a Procissão de Corpus Christi, segurando com Euclides os paus dianteiros do Palium. Após a procissão conversei ainda com Euclides.
02.06.61	Euclides foi a Aracaju.
06.06.61	Sai às 16 horas na marinete de Euclides, o próprio Antônio de Euclides viajou também.
07.06.61	Euclides esteve aqui, paguei-lhe o aluguel da casa, mês de maio 1500,00. Estive também com Euclides no armazém antes das 12 horas.
15.06.61	Euclides continua em Aracaju. Euclides chegou de Aracaju. Euclides ficou de vir falar comigo novamente, agora aqui ao gabinete, para o deixar no armazém. Euclides mandou me dizer que se fosse possível viesse até a casa onde estava me esperando. Vim logo satisfazer e encontrei o Euclides deitado no chão, lendo uns papéis, ao lado de Etelvino acororado.
20.06.61	Com Euclides, várias vezes, passando de carro pela rua João Pessoa.
21.06.61	Euclides tarda. Desde cedo que espero. Estava vexado pois encontrei Daniel que me deu recado de Euclides para 2 horas da tarde. Respondi-lhe que não podia ser pois tinha provas às 13 horas, perto estava Euclides que me disse ter mandado recado por Daniel e este retardou. Levou carão de Euclides. Este resolveu logo vir comigo para Itabaiana onde almoçaria.

22.06.61	A família de Euclides foi buscar o noivo de Joseisa. Antônio de Euclides esteve comigo às 14h e 15h de viagem para ir buscar Cacil e os meninos. De 16 horas com Euclides na prefeitura. As 15h30 Antônio de Euclides foi buscar Cacil em Aracaju, com os meninos, entretanto tendo chegado tarde, entretanto, por ter chegado tarde não os encontrou, pois as 14 20, não tendo nenhuma notícia prepararam-se tomaram a marquete de Luiz Prado às 15 horas.
27.06.61	Euclides continua em Aracaju.
28.06.61	Pela manhã Euclides esteve aqui. Conversamos. Paguei 1.500 da casa.
30.06.61	À tardinha esteve aqui Euclides de passagem no carro de Daniel, em companhia do agente da Ford. Falou ligeiramente comigo sobre o caso dos soldados de Serra do Machado da pesca numa lagoa.
13.07.61	Passei ligeiramente por Euclides e não tive de falar sobre Chico Passos. À noite Euclides esteve aqui e conversamos bastante sobre minha visita a Ribeirópolis, e conversa com Chico Passos.
14.07.61	Euclides já foi a Aracaju.
15.07.61	Estive com Euclides no armazém.
17.07.61	Fui ao armazém de Euclides, acertei a hora da saída que será após o almoço.
20.07.61	Em Itabaiana conversei com Euclides. Café na casa dele.
21.07.61	Daí fomos ao armazém de Euclides. Ele estava. Falamos sobre o caso de Chico de Ribeirópolis (Alencar)
22.07.61	E o Comandante da Polícia pediu exoneração irrevogável do cargo e já há três dias que não comparece ao expediente. O próprio Tribunal não está olhando com bons olhos as tripulinas de Euclides.
24.07.61	A tarde Euclides me manda bilhete sobre habeas corpus de Mamede, de Ribeirópolis. Com Euclides no armazém, justamente Prudente e Alencar para a marionete de Itabaiana viagem para Itabaiana, com Geraldo. Antônio de Sinhá veio também, com Eliseu.
25.07.61	Euclides não apareceu.

26.07.61	Euclides esteve aqui dando notícias da atuação de Chico Passos ontem, em Aracaju, procurando evitar a vinda de Mamede para o interrogatório. Acertei com Euclides viagem amanhã às 6,30. A Aracaju. Onde vou falar com dr. João Bosco. (desembargador). Euclides aqui duas vezes, na segunda ficou na sala de jantar, sentado na cadeira, de frente do rádio. Conversamos sobre o caso de Mamede.
27.07.61	Pela manhã às 6 horas acordamos, ao chamado do cabo Toniel, trazendo chamado de Euclides para viajarmos na marquete das 6,30. Chegamos às 8,40. Da casa de Euclides fomos no carro novo para casa em Santo Antônio certo de nos juntarmos novamente as 10 horas com Alencar. As 10 horas chegaram Euclides e Alencar. Entraram até a sala de jantar. Encontro com Euclides, Alencar e Torres. Fui a cidade até o bar que fica de frente ao cine Vitória. Daí seguimos até o armazém de Euclides.
28.07.61	As 7,15, no carro de Daniel fui buscar Alencar e depois Euclides e viemos para Itabaiana, para uma audiência de sequestro do Povoado Serra do Machado. Várias vezes Euclides esteve conosco. Almoço na casa de Euclides com Alencar e o pessoal de Serra do Machado.
01.8.61.	Daí ao armazém de Euclides. Esperamos Passito pela feira do mercado. Chegada de Euclides, Veio trazer-me em casa. Acertei viajar com ele amanhã, de manhã.
02.08.61	Às 7 e pouco Euclides e d. Sinhá viram buscar-me na Kombi, às 9 horas em Itabaiana. Café com Euclides. Com sargento Solon fui a cidade de Frei Paulo.
06.08.61	Euclides e Alencar estiveram aqui, à noite.
15.07.61	Estive com Hunald e enviou recado a Euclides, mandei chamar Euclides. Dei-lhe o recado do dr. Hunald.
18.06.61	A noite fui a ver Euclides recém-chegado de Aracaju. Disse-me que deixou tudo encaminhado para Dr. Hunald ser presidente do Tribunal de Justiça. Fui com Euclides sobre o caso Rosario política.
23.08.61	Euclides declarou que a UDN semana está unida em torno do nome de Leandro Maciel; o resto é boato...Euclides chegou do armazém, à noite.
23.09.61	Euclides que chegara de Aracaju há poucas horas.
28.09.61	Com Euclides e Ormeil fomos ver, na Kombi, a construção do Edifícios ao lado do tanque do povo.

29.09.61	Estive em Euclides no armazém. O promotor me comunicou que Vilobaldo foi a Euclides queixar-se dele, por ter oferecido denúncia contra o rapaz de 17 anos que deflorou a moça, e correu para não se casar. Paguei 1.500,00 a Euclides do aluguel da casa.
30.09.61	Estive com Euclides e falou em ir a Aracaju, hoje, de tarde.
01.10.61	No comício de ontem, entre outros, falou Conrado, Zé Queiroz, Pedro Barretto, Vianna de Assis, Jocelino Carvalho. Não pronunciaram o nome de Leandro, Luiz Garcia ou Euclides, mas fizeram alusões.
02.10.61	Soube que Euclides passou por aqui.
04.10.61	De manhã, conversei com Euclides sobre a política. Disse-me que conversou com Leandro e Luiz Garcia sobre mim. Dr. Luiz Garcia quer conversar comigo. Falei o caso da Bomba de Gasolina a Euclides, para Jaboatão.
05.06.61.	Euclides mandou convidar-me para almoçar com ele, e os padres Nazareno e Dali que vieram preparar o ambiente para um passeio na próxima sexta feira, do ginásio Salesiano, a esta cidade. Ao ir comprar pão na padaria de Zé Gordinho encontrei sr. Edson Leal com quem conversava quando Euclides chegou.
06.06.61	Euclides viajou a Aracaju e levou a indicação de Clotilde Nogueira Campos para 2º auxiliar do cartório eleitoral. Ontem, à noite, soube, a hora do Brasil, deu que por unanimidade o STE avaliou cerca de 12.000 eleitores de Sergipe, incluindo a parte de Itabaiana.
07.02.62	A essa hora é possível que Euclides e Sinha esteja na Argentina.
01.03.62	Euclides chega às 4 horas da madrugada, já estive com ele, no armazém e disse-me que tudo vai bem.
07.03.62	Fui a casa de Euclides de onde encontrei d. Sinhá. Fui informado de que Euclides estava no armazém. Fui para lá e acertei a viagem para depois das 16 horas.
09.03.62	Às 12,30 h no taxi de Álvaro de Antônio Agostinho, vim para Aracaju com Euclides, prefeito.

17.03.62	Euclides no armazém. Comício na feira. Euclides apreciando diz: ele promete rebolar... (com José Carlo...).
21.03.62	Euclides veio conversar ligeiramente comigo, da janela do gabinete. Eu por dentro, ele fora. História do pobre tabaréu Nascimento e a mulher.
22.03.62	Euclides demora-se pouco no gabinete.
24.03.62	Estive com Euclides prefeito debaixo do Oitizeiro perto da casa dele.
30.03.62	Choveu bastante de noite pelo que chamei Apolônio, da prefeitura, encarregado dos trabalhos de Euclides, para consertar goteiras, bica e rachaduras das paredes. Veio logo. Acertei ao trabalho por fazer, juntasse a poda das plantas dos canteiros, inclusive as roseiras velhas e a grandes trepadeiras que cobria a área coberta inclusive boa parte do oitão. Estava danificado o telhado. Choveu ainda durante o dia, e agora ao anoitecer fechou o tempo. O povo está satisfeito e as cisternas que já andavam quase todas vazias, tomam água a valer. Euclides, desde ontem, está em Aracaju. Vi Joseisa no carro do pai. Disse-me Edson Leal que falou com Euclides para se esforçar junto aos deputados e mandar botar para frente o projeto que aumenta as aulas suplementares para Cr\$130,00.
31.03.62	Euclides esteve aqui, logo após meu almoço. Estava escutando Silva Lima, no momento. Tonho e Vavá estavam com ele no carro. Euclides, entretanto, veio conversar comigo dentro de casa. [...] Depois desci e estive no armazém de Euclides e passando pela frente às 20h. [...] Seixas Dórea e Mané Teles apertando-se as mãos.
02.04.62	Às 4 horas tomei a marinete Santa Terezinha, de Euclides e vim para Itabaiana. Cheguei às 18.45 a noite, conversei um bocadinho com Euclides sobre o encontro com João e Pedro Paes Mendonça em Serra do Machado, ontem.

04.04.62	Fui convidado por Euclides para almoçar na casa dele, com o pessoal da Cinzano. Esquivei-me alegando aula às 13 horas, como realmente aconteceu e churrasco de lá foi além dessa hora. Estive em casa de Euclides 2 vezes: de manhã e de tardinha após as aulas, pois verifiquei que Torres Junior estava lá. Tomei café com Euclides, eu, na cabeceira da mesa: d. Sinhá e Euclides- Maria José (na outra cabeceira) Torres e João. Conversamos muito.
09.04.62	Filadelfo me pediu para transmitir uma mensagem a Euclides: "Estão preparando uma campanha de alto teor contra ele, mas que ele, Filadelfo, estava pronto e disposto a estar com Euclides" na assembleia ou qualquer setor que ele quisesse. Podia contar com ele, pois que se está 'contra Mané Teles, não quer duas frentes, a s ^a com Euclides, com quem luta cerrada.
01.05.62	Desci, às 10 horas, no carro de Daniel, encontre Euclides no Palácio do Governo e aí acertei viagem para Itabaiana às 13 horas, almocei às 12. Antes das 13, Daniel veio avisar-me que a viagem ficou para 14,30. Fiquei esperando e só as 16,30 Euclides chegou. Viajamos para Itabaiana com o sargento Otoniel. [...]O promotor José Augusto veio falar-me e depois mostrar o processo de Representação Eleitoral contra Euclides Paes Mendonça apresentada pelo advogado representante do PR, Jaime Andrade. O promotor deve apresentar denúncia e agora?
21.05.62	Mulher de Hunald Cardoso quer comprar do Volkswagen a Euclides. Pediu-me interferência nas modalidades de compra.
31.05.62	Euclides esteve aqui, de noite. Olhou a casa e soube da cisterna.
05.06.62	Inauguração do Banco, onde foi a loja de Abilio Andrade. Presente, mas não falei, de propósito. Em 1º lugar, não estou satisfeito com a situação humilhante comigo fora do Serviço Eleitoral; 2º lugar, este mesmo Banco, em Aracaju, nunca me ajudou em momentos difíceis, quando a ele recorria, a tempo de Feltre Bezerra; em 3º lugar, é de política da oposição e seu pessoal, sem dúvida, não me vê com agrado. [...] Ao voltar do ginásio passei no cartório de Serapião, lá estava d. Sinhá, Euclides na janela por fora. Mostrou-me a velha mãe dele, doente para morrer, com a tensão muito baixa e dor no coração.
06.06.62	Hoje, às 19horas, faleceu a mãe de Euclides, d. Maria da Conceição de Jesus. Passei toda à noite, na sentinela, afastando-me da casa de Euclides às 5h da manhã.

07.06.62	Às 16horas houve o grande enterro da mãe de Euclides, d. Maria Conceição de Jesus. Compareceram todos os filhos, muitos netos, Joseisa também veio.
12.06.62	Às 3,50 da tarde, com o Sr. Edson, e outras pessoas, Borrachinha no volante de um Dodge, fomos à missa de 7º Di, por alma de d. Conceição, mãe de Euclides. Lá já estava quando chegamos o dr. Leandro Maciel, Dionísio Machado, Rui Elói etc. Missa, pregação, comunhão e encomendação.
20.06.62	Eliseu vapor me disse que na missa de 7º dia, em Serra do Machado, prepararam casamento de Sr. Elisiário, velhinho septuagenário, viúvo, pai de Euclides Paes Mendonça, com Terezinha, das injeções. Ele aceitou, ela quer, e a família quer. Mamede, ao sair, deu a ela 10.000,00 – Caí das nuvens! Que casamento é esse?” ...Afinal, Tetê?
21.06.623	À noite, Euclides foi chamado a Aracaju; o deputado Temístocles Diniz Gonçalves e Zé Carvalho vieram buscá-lo. Este que diz que por lá se discute a escolha do candidato a prefeito de Aracaju. [...] Euclides viajou. Diz ele que voltaria hoje ainda, ou amanhã.
26.07.62	Conversei com Boca Rica ⁴⁰ . Voltei – Disse-me que por aqui consta que Euclides foi à Bahia, mas ao que tudo indica foi a Brasília com Torres, aguardar o julgamento do mandado de segurança impetrado a favor dos 12.000 títulos anulados, no eleitorado de Sergipe. O julgamento será nestes dias.
03.08.62	Até agora, 20 horas, só falei com Sara (muito pouco) Jeová (pai) que me noticiou o fechamento da padraria de Zé Gordinho para fugir da fiscalização reforçada por parte do fisco, a serviço de Euclides.
07.08.62	Antônio de Euclides foi buscar-me no ginásio de manhã, para entregar-lhe as leis de postura do orçamento de 62, para instrução nas informações do mandado de segurança. Euclides já foi Aracaju e lá espera-o com os folhetos.
08.08.62	De manhã. Estive ligeiramente com Euclides no armazém. Pela noite, estive com ele duas vezes: a 1ª, em casa, no gabinete; a 2ª na praça, em frente ao posto da UDS.

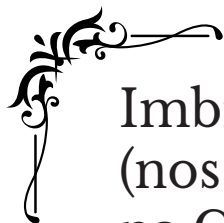
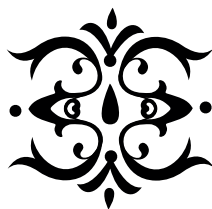
40 Antônio de Oliveira, chamado de “Boca Rica”, era filho de José Francisco de Oliveira e de Josefa Monteiro de Oliveira, da família dos “Ferreiros”. Casou-se com Maria e o casal teve três filhos: Chico, Tânia e Lânia. Foi vereador, presidente da câmara entre 1971-1974 (Baldock, 2017).

17.08.62	Depois apareceu d. Sinhá de Euclides, que me falou sobre a possibilidade de trazer Gilza para o ginásio daqui, mas receava Maria Tereza Machado: Professores também resistem a mudanças culturais que afetam suas tradições pedagógicas.
20.08.62	Soube que ontem houve caso entre Antônio de Euclides, o próprio Euclides, Torres e Chico Passos, em Ribeirópolis.
23.08.62	Conversei com Filadelfo Araújo sobre a situação de Euclides.

Fonte: Diários de José Bezerra Santos.

No quadro acima, a proximidade entre o juiz e o então prefeito e depois deputado Euclides ao longo dos primeiros anos de permanência na Comarca de Itabaiana, demonstra o quanto se tornaram afiliados, confidentes e parceiros na administração do executivo e do jurídico, sem perder de vista momentos de lazer e de convívio familiar entre eles.

Durante o ano de 1962, José Bezerra e Euclides conviveram proximamente, embora tenham tido momentos de tensão devido decisões jurídicas tomadas pelo juiz, que desagradaram a Euclides. De fato, José Bezerra procurava em alguma medida assumir uma postura jurídica mais independente e conciliadora, administrando conflitos, fazendo concessões, nem sempre satisfeito com as pressões recebidas para atender um dos lados políticos em disputa.



Imbróglios e denúncias (nos dois primeiros anos na Comarca)

A teia da política me prende e assombra como uma abelha em pleno voo quando aprisionada por uma aranha. Não é possível escapar, só transmutar e seguir o fluxo.

José Bezerra dos Santos demorou mais de um ano e meio, após se estabelecer em Itabaiana, para começar a fazer seus registros no diário. Depois disso, os desafios que enfrentou foram anotados de forma quase neutra e distante, sem maiores apreciações, especialmente quando relatos de ações de Euclides chegavam ao seu conhecimento, normalmente em conversas informais durante as inúmeras visitas que recebia em seu gabinete, em Itabaiana. Sempre que acionado judicialmente, ele estudava e tratava cada caso individualmente. Mesmo nesses primeiros anos de Comarca, o juiz teve, de fato, uma grande proximidade com Euclides Paes Mendonça, mas aqui e acolá surgiam desacordos, desencontros e conflitos. Além disso, muitas denúncias chegavam aos seus ouvidos por

meio de itabaianenses que o procuravam, especialmente em sua casa. Alguns desses conflitos chegaram à imprensa local.

A vitória de Leandro Maciel (1955-1959) e do vice, José Machado de Souza, ocorreu em meio às disputas acirradas e em um cenário controverso que antecedeu as eleições de 1954. Esse período foi marcado pelo atentado contra Carlos Lacerda, que resultou na morte do major Vaz, da Aeronáutica, e posteriormente pelo suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. Em Sergipe, os udenistas foram acusados pela tragédia. Leandro Maciel obteve 52.884 votos, mantendo uma diferença de 1.362 votos em relação ao seu opositor Edélio Vieira de Melo, do PSD, que obteve 51.522 votos

Ao assumir o governo, Leandro Maciel enfrentou, em seu primeiro ano, um conflito com Euclides Paes Mendonça, que culminou no rompimento entre os dois. Era agosto de 1956 quando o então coronel Miguel Rodrigues Pereira, apelidado de “Miguelzinho”, recusou-se a promover Solon Rodrigues dos Santos para cabo, alegando que ele não dispunha do curso exigido para essa promoção. Isso deixou Euclides enfurecido, agravado pela retirada da corrente do fisco de Manilha, em Areia Branca, e pela transferência de Carlos Noronha (Carlito) da Exatoria para Itabaiana, o que acelerou ainda mais seu temperamento impositivo e, por conseguinte, provocou o rompimento público com o governador Leandro Maciel (Carvalho, 2022).

A *Gazeta Socialista* emitiu seu parecer sobre o fato, afirmando ser um rompimento anunciado, devido ao enfrentamento do governador e às perseguições empreendidas por Euclides. Após um longo embate pela imprensa, o coronel Miguel entrou de licença por adoecimento, retornando posteriormente ao seu posto para reassumir suas funções. Só perto do

fim de seu mandato, Leandro cedeu às exigências de Euclides, após o famoso acordo na Fazenda Brejo, quando se reaproximaram com vistas às próximas eleições. Uma das exigências era a promoção do referido soldado (Carvalho, 2022).

O coronel, enfim, foi aposentado, e Euclides venceu mais essa batalha. Ele acabou falecendo em 5 de janeiro de 1958, devido a problemas cardíacos.

Em nível Estadual a rivalidade entre famílias, nomeadamente focadas em disputas políticas partidárias geravam assassinatos, evidenciando, seguramente do quanto a política local se banhava em sangue. No governo do estado a UDN, no interior o assassinato de um udenista, Josué Modesto Passos, pela família Ceará, o gerou intensas ações do governo estadual para fazer justiça pela morte de seu correligionário (Santos, 1987). O governo desencadeou a busca aos criminosos numa perseguição desenfreada e, por si, arbitrária, sob a direção do secretário de Justiça e Interior, Heribaldo Dantas Vieira, assinala Dantas (2017, p.203). Outros conflitos no interior ocorreram nos primeiros anos do governo de Leandro Maciel. Boquim, Capela Canhoba e Itabaiana, conforme assinala Dantas, procurando resolver as diferenças a tiros, muitos dos quais com pistoleiros contratados, por aqueles que não queiram sujar suas mãos de sangue. Era uma situação de guerra, certamente, em os udenistas estando no poder, agiam para restringir as ações dos adversários e construir um clima de normalidade.

Em Itabaiana, Euclides fortaleceu-se com o governador eleito pela UDN, assegurando quase que um poder absoluto no município e, por conseguinte, provocou muitas perseguições aos opositores, algumas das quais chegaram a imprensa local. Era “acusado de mandar prender, torturara e matar,

vivia a desafiar autoridades instituições, desde o juiz da comarca do município até o Tribunal de Justiça” (Dantas, 2017, p. 439). Acionado como magistrado para resolver alguns dos conflitos, José Bezerra dos Santos esbarrava-se sempre no poder imposto por Euclides e isso gerou dificuldades e desafios para o juiz. Eram entrevero que revelavam o embate que se deu entre a lei e o mando, nem sempre a primeira venceu.

Um conflito enfrentado por José Bezerra ao chegar a Itabaiana ocorreu quando ele participou de uma festa no povoado Zanguê, “e, segundo sua norma de juiz imparcial, cercou-se das pessoas daquela localidade, sem examinar as suas cores partidárias” (Carvalho, 2020, p. 104). Dias depois, Cícero José, agricultor residente no povoado Zanguê e vinculado ao PSD, foi convocado a comparecer à presença de Euclides em seu armazém, que também funcionava como espaço para gerir as questões da delegacia e da prefeitura em geral.

Cícero compareceu três vezes seguidas sem conseguir encontrar Euclides. Então, ele foi até o juiz, que o atendeu e o dispensou, afirmando que resolveria a situação com as autoridades. Euclides, no entanto, não aceitou a ordem do juiz e mandou prender Cícero, que foi solto quatro horas depois. Esse episódio marcou um momento conflituoso no início da atuação de José Bezerra como magistrado em Itabaiana, demonstrando quem detinha o poder naquele momento.

Na *Gazeta Socialista*, foi dito que “a coisa prometeu se o Dr. Juiz não reagir contra esse começo de violências” (Gazeta Socialista, 20.02.1957). Cícero já tinha antecedentes de prisão, encaminhados por Euclides, o que o fazia obedecer prontamente a seus chamados.

Ele foi preso pela primeira vez em 1955 pelo cabo Gervásio com três soldados armados com fuzis a mando do prefeito. Foi preso e jogado no quartel, passando lá três dias porque na cidade não se encontrava o juiz, Luíz Magalhães, para assinar o habeas-corpus, nem Manoel Teles, o qual assim que chegou providenciou a retirada de Cícero (Santos, 2015, p. 102).

Ele (Cícero) era continuamente convocado por Euclides e, ao ir ao armazém, “ficava de pé por algumas horas esperando, era interrogado pelo próprio prefeito e, horas depois, solto” (Santos, 2015, p. 102). Durante as rondas feitas no povoado, ele sempre procurava se esconder, com receio de ser preso. Acabou vendendo suas terras e foi residir em Esplanada, na Bahia, por cerca de dois anos, como afirmou seu filho, João de Deus de Souza, a Santos (2015).

Da mesma forma, o genro de Cícero, Maurício Manoel de Araújo, foi preso, espancado e torturado na delegacia da cidade, a mando de Euclides, com o uso do expediente da “lata furada”, uma forma de tortura criada por Euclides para punir os presos. A punição consistia em fazer o preso andar até o poço, encher de água uma lata cheia de furos, voltar para a delegacia e repetir o processo várias vezes, expondo-o à humilhação pública. Nesse caso, o juiz José Bezerra anotou em seu diário: “Habeas corpus ao genro de Cícero do Zanguê, Maurício Manoel de Araújo. Foi uma resolução firmemente contra as autoridades policiais de Itabaiana” (Diário JBS, 18.11.1958).

Em favor de Maurício, genro de Cícero do Zanguê (Diário JBS, 14.04.1959), o juiz registrou, em 7 de fevereiro de 1959: “Cícero do Zanguê esteve aqui e acertou tudo com Euclides, em paz.” Santos (2019) assinalou que Cícero era pai de José Melquiades de Sousa, secretário do ginásio Murilo Braga (1950-1954), e das professoras do Zanguê e do Cajueiro, que foram demitidas, assim como o secretário, por serem filhos de pessedistas após a vitória da UDN na cidade.

Em 1957, o jornal *Gazeta Socialista*, editado por Orlando Dantas, opositor confesso da UDN, fez denúncias sobre o processo de inscrição de eleitores em Itabaiana, acusando Euclides Paes Mendonça de colocar soldados no cartório e nas proximidades para impedir a inscrição de eleitores oposicionistas. O jornal também acusou o juiz José Bezerra dos Santos de fazer vistas grossas ao fato, o que o levou a escrever uma carta ao jornal, publicada na coluna “Panorama Político”. Nela, o juiz acusava o jornal de publicar matérias sem a verificação dos fatos sobre irregularidades eleitorais em Itabaiana, negando as acusações feitas na edição de 9 de maio de 1957: “Não houve, nem há, soldado algum da Força Policial no Cartório Eleitoral de Itabaiana e circunvizinhanças, pior ainda, com o intuito de impedir a oposição de fazer inscrições eleitorais.” O juiz solicitou, então, que o jornal não publicasse mais “notícias graciosas vindas de políticos apaixonados e tendenciosos”, para evitar incômodos para a sociedade, afirmando ainda que todos deveriam julgar com isenção política, prestando atenção a todas as partes envolvidas (*Gazeta Socialista*, 18.05.1957).

Os ataques ao juiz começaram desde sua chegada a Itabaiana. Em resposta à carta, a *Gazeta Socialista* publicou, em letras maiores do que as da carta do juiz, que suas fontes “são

merecedoras de crédito, todavia, não duvidamos que possam conter certos equívocos”. O jornal reafirmou a presença de um ou mais soldados em frente à Exatoria Estadual, localizada vizinha ao Cartório, argumentando: “Ora, Itabaiana, dirigida pelo arbitrário Euclides Paes Mendonça, com influência direta nessa repartição estadual, claro que há uma ligação entre as nossas denúncias e a realidade local.” O jornal ainda destacou que as denúncias não visavam à conduta do juiz, mas alfinetou: “Muitas vezes ocorrem fatos desconhecidos pelo Juiz, sobretudo quando o Serventuário Público é um político apaixonado, capaz de se submeter às injunções de seus chefes políticos” (Gazeta Socialista, 18.05.1957).

Entre as farpas lançadas pelos jornais de oposição à UDN, especialmente por Orlando Dantas, José Bezerra tentava se afirmar como juiz da Comarca em meio a denúncias frequentes. Este foi um dos atritos entre Euclides e José Bezerra, marcando o primeiro ano do juiz na Comarca de Itabaiana. As notícias eram veiculadas por jornais patrocinados pelos partidos majoritários, e Euclides procurava demonstrar ao juiz seu poder e domínio sobre a cidade, suas instituições e sua influência nas repartições estaduais, que o protegiam e respaldavam seu mando local. Talvez tenha sido esse contexto que originou uma relação próxima entre os dois, alinhando-os em diferentes frentes da vida política e pessoal. Seria essa proximidade uma forma de autoproteção do juiz?

Dantas (2019) assinala que o juiz se regozijou quando, de forma sutil e cuidadosa, conseguiu ser mais imparcial ao permitir que Manoel Teles, desafeto de Euclides, conseguisse fazer muitos eleitores (Diário, 19.07.2019). Os títulos de

eleitores eram geralmente entregues aos chefes dos partidos e autorizados no cartório pelo juiz, o que fazia parte do processo eleitoral em Itabaiana. Esse processo era marcado pelo conflito entre Manoel Teles e Euclides Paes Mendonça. Pessoas ligadas aos partidos também estavam à frente dos cartórios, o que complicava ainda mais o processo. Denúncias de diversas naturezas chegavam à imprensa, tanto por parte da oposição quanto dos situacionistas. Nesse contexto, o juiz validava os títulos tanto de um lado quanto do outro. Mas o que fazer quando essa atividade era marcada por fraudes, pressões e cooptações? De que forma a vigilância dos partidos tirava proveito desse processo, conseguindo coibir seus opositores e dificultar a inscrição e o voto? Isso ocorria com frequência, conforme relatam Santos, Dantas e Carvalho em estudos sobre a política de Itabaiana.

Eleições em 1958 e afastamento do juiz do serviço eleitoral.

Em 1958, os partidos políticos se organizavam para as eleições, devendo Leandro Maciel fazer seu sucessor, recaindo então sua escolha em Luiz Garcia, a indicação, depois de descartar o amigo Pedro Diniz Gonçalves, conhecido como “Pedrinho do Brejo”, que era então secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, em cuja fazenda foi costurado o acordo de reaproximação de Leandro e Euclides. Na mesma fazenda em que José Bezerra foi se recompor depois do stress do concurso para Escola Normal e se tornou amigo de seu proprietário que o indicou para juiz na Comarca de Itabaiana.

Heribaldo Dantas Vieira também era contado como substituto de Leandro, era Secretário de Justiça e Interior e consultor jurídico, mas não foi indicado, ele pediu demissão e

rompeu com o governo. Então, **Luiz Garcia** foi indicado para concorrer as referidas eleições, na disputa com o PSD, em coligação com PR, era adversário José Rolemberg Leite. Lembrando que em nível nacional, venceu a chapa PSD-PTB, com Juscelino e Jango, inspirado no modelo do nacional-desenvolvimentismo (Dantas, 2022).

Em Itabaiana na mesma eleição, concorreu Euclides Paes Mendonça, para seu segundo mandato como prefeito. Iniciou-se o processo de eleição para prefeitos e vereadores, no qual o juiz eleitoral responsável era José Bezerra dos Santos. Em 13 de agosto de 1958, em seu diário assinalou, uma disputa entre Euclides e o filho de “Mané Teles” que era, à época, deputado estadual.

Tratava-se do processo de inscrição dos eleitores no cartório, com a presença dos dois em constante conflito. Assevera José Bezerra que aprovou a lista encaminhada por Airton, a despeito da oposição de Euclides. (Diário, 26.10.1958)

De igual forma registrou que: “Euclides afrontou **Toinho do Bar**, porque se alistou independentemente.” “Toinho do Bar” esteve envolvido em muitos episódios com o juiz José Bezerra, desde o período em que ele era aliado a Euclides, e, sobretudo, após o seu rompimento. Sendo ele, alvo de inúmeras queixas e perseguições empreendidas após a morte de Euclides e de seu filho, como um dos prováveis mandantes dos crimes⁴¹.

⁴¹ Em 11 de novembro de 1967, atribuiu-se a responsabilidade do tiroteio de 8 de agosto, a ele, embora não pode ser indiciado por ter falecido de “carcinoma do reto” em 11 de setembro de 1967, aos 59 anos de idade.

Heribaldo Dantas Vieira nasceu em Capela, em 27 de maio de 1903. Era filho de Francisco Vieira de Andrade e de Maria do Carmo Vieira. Tornou-se bacharel pela Faculdade de Direito de Recife, e 1928. Elegeu-se deputado em 1958. Filiou-se a UDN e foi eleito para os Senado da República, em 1959.

Luís Garcia nasceu em Rosário do Catete, em 14 de outubro de 1910., filho de Antônio Garcia Sobrinho e de Antônia de Menezes Garcia. Fez direito na Faculdade de Direito da Bahia. Faleceu em 11 de agosto de 2011. Ele foi deputado federal em quatro legislatura, e, em 1958 foi eleito governador de Sergipe, pela UDN (Garcia, 2021).

Antônio Diniz Santana, apelidado de “Toinho do bar”, nasceu em 7 de agosto de 1909, filho de João Francisco de Sant’Anna e de Maria Rosa dos Santos. Casou-se com Alzira Santana (Carvalho, 2022).

Outra anotação do juiz, apontou como Euclides agia, em relação aos seus desafetos:

Às 11hs mais ou menos, estava aqui o sargento José Domingos da Graça, da política militar, que me veio participar o chamado do Sr. Euclides, e foi logo recebido com desacato. Recebeu intimação de ir embora na 2ª feira com toda a família. Disse ainda que Euclides prometeu mandar desarmá-lo. Veio participar-me pois não aceitaria tal atitude em paz. Que sua mulher tinha recebido ameaças de Manezinho Clemente, o que veio confirmar ele próprio. [...] Veio avisar-me para ter mais uma alternativa a seu favor [...]. Á noite, novamente, o sargento da polícia, José Domingos da Graça, veio dizer-me que a situação só piora. pois Euclides mandou que amanhã cedo deve ir embora com sua família (Diário JBS, 26.10.1958).

Manoel Clemente da Rocha nasceu em 1922, em Cova da Onça, filho de Antônio Clemente da Rocha e de Maria Magdalena de Santana. Casou-se com Julia Maria da Rocha, em 1925, e junto tiveram sete filhos. Era comerciante em Itabaiana, tinha uma marinete que operava no transporte de passageiros. Foi vereador pela UDN. (Carvalho, 2022). Fazia parte do grupo de homens de confiança de Euclides Paes Mendonça, era dono de duas marinets que faziam as linhas: Macambira-Campo do Brito e Itabaiana-Aracaju. Além disso, possuía uma linha entre Paulo Afonso e Aracaju, passando por Itabaiana. Elas foram usadas por José Bezerra e sua família em algumas viagens (Baldock, 2013).

Euclides já tinha sido eleito para seu primeiro mandato como prefeito, depois para deputado estadual, e nas eleições do referido ano era o candidato à prefeito novamente. A Gazeta de Sergipe, sempre ligada ao PSD denunciava, como sendo estratégia coercitiva da UDN. Um dos momentos dessa contenda registrados por José Bezerra, já com algum sinal de resistência as ações de Euclides, que por fim da força, batallava em frente aos cartórios, para que inscrições de eleitores pessedista não ocorressem.

No referido episódio já se especulava colocar o juiz em disponibilidade, quando este procurava agradar e atender as solicitações de Euclides e em outros episódios não o fazia. Nesse cenário conturbado, em 1959, ele foi suspenso de suas prerrogativas de juiz eleitoral, tendo sido acusado de violar uma ordem judicial. Esses e outros fatos foram se somando e gerando aqui e acolá entreveros entre o Juiz e Euclides, que procurava a todo custo atender demandas diferentes e por vezes inconciliáveis.

Contou-me José Geraldo Bezerra sobre este episódio: a família estava indo para Macambira, pela estrada de Campo do Brito, em um domingo, visitar Pedro Fiel, amigo de

seu pai, quando, de repente, um carro passou à sua frente, no qual se encontrava Airton Teles, então deputado à época. O carro atravessou a estrada, obrigando o motorista a parar. Airton desceu falando alto sobre a fraude no cartório que havia sido identificada por ele. Disse que havia saído no dia anterior do cartório e memorizado o número de inscrição da última pessoa atendida naquele dia. No dia seguinte, ao voltar cedo ao cartório, observou que havia mais 100 inscritos, o que, para ele, era uma fraude clara. Ele afirmava ser “testemunha ocular do fato”.

José Geraldo explicou-me que havia sido regulamentada uma mudança no processo de inscrição anteriormente, exigindo a fotografia do eleitor e a ficha de inscrição. De tal forma, dois fotógrafos foram acionados em Itabaiana para proceder com esse processo. Do lado da UDN, era Romeu, que em geral emprestava a máquina fotográfica, enquanto Euclides, junto com seus apoiadores, ia de povoado em povoado fazer a inscrição no local. Isso talvez explique o aumento considerável de inscrições naquele momento, quando as fichas foram juntadas às demais preenchidas no cartório. Airton e “Mané Teles” entraram com um processo, junto com o advogado Alfredo Leite, provocando assim o afastamento de Etelvino Mendonça, tabelião do referido Cartório (Entrevista, 20.09.2024).

Eleições de 1962: retorno ao serviço eleitoral de José Bezerra

No cenário em que ocorreu a preparação e realização das eleições de 1962, foram lançados como candidatos Seixas Dórea e Leandro Maciel. O primeiro fazia oposição à UDN, enquanto o segundo estava em coligação com ela. Os dados

sobre os acordos para essa eleição foram tratados por Ibarê Dantas, que assinala o jogo político envolvendo também os chefes locais dos partidos, tendo Euclides Paes Mendonça como uma figura de destaque nos acordos e na definição dos candidatos da UDN. Um deles foi feito com Leandro Maciel, com quem havia rompido e retomava o apoio político.

Dissidência da UDN, Seixas Dórias... Nos meses anteriores a realização das eleições de 1962, embora afastado de suas funções de juiz eleitoral, mante-se apoiando e próximo a Euclides. Em campanha, muitos momentos foram registrados por José Bezerra, cujo slogan era “UDN em Macha”: Tudo acertado para apoio do PTB, inclusive apoio da mesa de assembleia. Leandro disse: “Lá serei político até o dia que não contar com Euclides...!” Euclides não disse em que base foi feito o acordo. Mas, apenas, Luiz Garcia topou a parada. Foi 100% (Diário JBS, 01.03.1962).

Em campanha, muitos momentos foram registrados por José Bezerra, cujo slogan era “UDN em Macha”:

Dei a Euclides a maior e melhor parte do material eleitoral que tinha em meu poder. De volta, às 17,30 na Praça, encontro o carro de Dr. Torres com ele e Euclides e o genro do dr. Leandro que se dirigiam a Aracaju depois que a turma do PSD desistiu de uma audiência para justificação eleitoral. Atrás de Euclides vinha uma rural Wilians com chofer e o sargento

Otoniel. Eu estava em companhia do Promotor. Tudo vai bem. Euclides hoje prometeu-me com firmeza e disposição que na 1ª oportunidade, tudo fará para me conduzir a uma das varas em Aracaju. Vê que minha vida presa como está em Itabaiana, toda semana, sem a família, não vai bem (Diário JBS, 02.03.1962).

Durante esse período, o convívio com Euclides permaneceu amistoso, incluindo viagens juntos em seus carros e frequentes visitas às suas respectivas casas e aos armazéns de Euclides. No entanto, o desenlace dessa relação só ocorreu no final do ano, após a realização das eleições de 1962.

Novas eleições em 1962, Euclides mantinha-se a frente do domínio municipal com a UDN, foi substituído por Francisco Antônio dos Santos, apelidado de “Francisquinho da

Francisco Antônio dos Santos, chamado de “Francisquinho da Sa-boaria”, era filho de José da Exaltação da Santa Cruz e de Maria Vitória dos Santos. Casou-se com Theodoni da Silva Lobo, filha de Benvindo Teixeira Lobo e Maria da Silva Lobo. Ele assumiu a prefeitura de Itabaiana, quando Euclides se afastou para se candidatar a deputado estadual, ficando no cargo até ser empossado o eleito José Sizinio de Almeida (Carvalho, 2022 e Baldock, 2017).

Antônio Vieira Barreto nasceu em Capela, em 13 de junho de 1928, filho de Rodolfo Muniz Barreto e de Maria Viera Barreto. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Sergipe. Em 3 de julho de 1958 foi nomeado para o cargo de juiz da Comarca de Campo do Brito. Depois, por decreto de 16 de novembro de 1962 passou a comarca de Itabaianinha de 2ª Entrância, ficando até 1967, sendo removido, a pedido para 3ª Vara Civil da Comarca de Aracaju. Tornou-se Desembargador do Tribunal de Justiça, em 1968 chegando à Presidência, em 1972. Aposentou-se em 30 de abril de 1979, assumindo, posteriormente e faleceu em 16 de abril de 2001

Saboaria”, e se candidatou a deputado estadual, vencendo as eleições, ano em que seu filho Antônio de Oliveira Mendonça foi eleito para seu primeiro mandato como deputado estadual. Quando ocorreu as eleições foi eleito José Sizinio de Almeida, apelidado de “Cambuco de Pombo”, indicado por Euclides, portanto filiado a UDN.

O processo de suspeição de fraudes eleitorais e violação do cartório de Itabaiana em resultou no afastamento do juiz José Bezerra dos serviços eleitorais, sendo substituído pelo titular de Campo do Brito, **dr. Antônio Vieira Barreto**. Na ocasião foram afastados quatro juízes dos serviços eleitorais: Osman Buarque, Assis, Jadilson, José Bezerra. Isto indica que havia um incomodo em relação a José Bezerra no Supremo Tribunal, e essa medida jurídica que era também (o que parece) contrária aos anseios de Euclides. Em Itabaiana também foi afastado o escrivão Etelvino de Mendonça. Esse fato foi registrado por José Bezerra em seu diário.

Quando cheguei o juiz de Campo do Brito Antônio Vieira Barretto comunicando-me que no STE chegou um telegrama afastando 4 juízes das zonas eleitorais, inclusive eu, e demais servidores respectivos juízes eleitorais. Que Alfredo Leite está em Aracaju. - Os drs. Assis e Osman Buarque também foram afastados do Tribunal. Eloísio Alves estava lá no Tribunal. Está querendo entrar em ação por causa do decreto n.18, publicado no Diário Oficial da República de 19/12/61, concedendo anistia. O pau está cantando. Vieira Barreto continuou viagem para o

Brito, de onde voltará amanhã passando por aqui para receber o cargo de juiz eleitoral. Às 17h,30 recebi telegrama neste teor.N.42 de 8.11.62- em cumprimento decisão Trisupeleí⁴² comunico-lhe estardes afastado funções juiz eleitoral nessa zona vg. Devendo transmitir respectivo exercício dr. Antônio Vieira Barreto Juiz Eleitoral vigésima sexta zona. Cordiais Saudações, Hunald Cardoso. Tisupeleí ou Panaceia? (Diário JBS, 08.02.1962).

Ao tomar conhecimento de sua suspensão, o juiz José Bezerra seguiu para Aracaju, onde conversou com José Garcez. Juntos, foram até dr. Hunald Cardoso, que os aconselhou a se defenderem através de um mandado de segurança.

Fomos logo ao Cartório de José Campos Souza e os 3 passamos procuração ao dr. João Vilas Boas. Fomos com o dr. Luiz Garcia e entregamos as procurações. Geraldo ficou alegre por ter apertado a mão de dr. Luiz Garcia (Diário JBS, 09.02.1962).

Grande movimentação de José Bezerra em Aracaju, no carro, de ida à casa de dr. Assis, depois ao Palácio do governo na Atalaia, onde encontrando-nos no caminho e então seguiram a casa de dr. Luiz Garcia, então governador do Estado. Depois na casa do jornalista, na Rua Itabaiana, não conseguiram falar com ele, marcaram um encontro às 15 horas no palácio. À tarde, Daniel chegou com o carro e seguiram com Assis e

⁴² Seria Ttrisupeleí” como corruptela oral ou escrita de *lista tríplice*, muito comum no direito administrativo e constitucional.

Luiz Garcia para casa de Hunald Cardoso, nessas idas e vindas acertaram que iriam entrar com uma reclamação no tribunal, pedindo “retorno ao serviço eleitoral por vários motivos, inclusive na possibilidade de apuração de responsabilidade, ainda há decreto 18 – anistiando” (Diário JBS, 17.02.1962).

Depois disso, entraram com a petição ao TRE e no dia 22 de fevereiro: “Euclides me comunicou, aqui, na porta que Dr. Hunald resolveu atender nosso pedido de anistia formulada perante o TRE” (Diário JBS, 22.02.1962). Noutro registro, assinala:

De tarde Euclides Paes Mendonça e o juiz Manoel Barbosa [5ª vara de Aracaju] estiveram em casa e me comunicaram que o dr. Hunald Cardoso receberá um telegrama, respondendo a consulta sobre nosso pedido, deixando o caso de nosso retorno ao Serviço Eleitoral, a critério do Tribunal Regional Eleitoral. Disse-me Barbosa que um de nós 4 estava mais atrapalhado do que os outros 3, por crime de prevaricação, contra a justiça comum e não quis citar o nome, mas, de longe deu a entender que se tratava de Aloisio Abreu, de Dorés, afirmou ainda que o meu caso chegou a este ponto por abandono, falta de defesa (Diário JBS, 17.04.1962).

Euclides conversou com Barbosa sobre o julgamento de nosso pedido de volta ao serviço eleitoral (Diário JBS, 14.03.1962). Disse-me José Augusto (promotor) que Euclides afirmara: O Tribunal julgou-se incompetente, porque ele ou outros interessados da UDN não falaram com antecedência para que os juízes nos fossem

favoráveis. É interessante” essa!” Que boa Lição!” (Diário JBS, 03.05.1962).

Houve processo de impugnação de 12.000 votos em Sergipe nas eleições passadas, dos quais 1805 eram de Itabaiana. Entrou-se com um mandado de Segurança pela UDN e, no julgamento, saiu-se vitoriosa, dando validades aos votos. Escreveu José Bezerra:

Surgiu a notícia da vitória da UDN, no julgamento do mandado de Segurança, a favor da validade dos títulos eleitorais impugnados de 1958 - não senti tanto prazer, no caso pois, não tarda minha volta ao serviço eleitoral, nesta Terra! Estava tão bom assim, embora moralmente acabrunhado. Pior, entretanto, é o sofrimento diário, pelos aborrecimentos e contrariedades contínuas que aparece cada dia. O povo da UDN delira de alegria, pois os do PSD já estavam preparando carnaval para esta mesma vitória, caso fosse deles. Às 20h vai haver comício da UDN, com a participação dos maiores de Aracaju [...]. Euclides e Edson Leal estiveram aqui. Euclides veio abraçar-me com a volta ao serviço Eleitoral, temo a situação de minha saúde. No comício realizado, entre outros falaram Augusto do Prado Franco, Torres e Euclides (encerrando). Gilton Garcia também falou. O comício terminou em verdadeiro carnaval, pelas ruas (Diário, JBS, 20.09.1962).

De volta ao serviço eleitoral, José Bezerra começou a se organizar para a realização das eleições em outubro de 1962.

Após muitas discussões, negociações, acordos e desacordos, os candidatos da UDN entraram na campanha eleitoral “UDN em Marcha”, com Leandro Maciel, contra o dissidente Seixas Dória, que se aliou ao PSD e a outros partidos, candidatando-se ao governo do estado. Em Itabaiana, os candidatos foram **Sizino José de Almeida**, para prefeito, o deputado federal Euclides, e o deputado estadual Antônio de Oliveira Mendonça. José Bezerra faz anotações de sua participação na campanha, ainda ligado a Euclides.

Acho que as chapas não vão prestar, pois foram batidas em pose, quando deveriam ser em instantâneo. José Augusto mexeu no registro sem perceber. Euclides está agora não foi visto. Está na campanha eleitoral. Realmente as chapas fotográficas não prestaram. Todas queimadas (Diário JBS, 28.08.1962).

Outras situações conflitantes vivenciadas por José Bezerra, a exemplos o caso de **José dos Santos**, apelidado de “Zé Euflosina”, de Várzea da Gama que foi espancado na feira pelo sargento Daniel (Diário JBS, 24.06.1962); Zé Gordinho da Padaria fechou para fugir a fiscalização reforçada do Fisco,

José Sizínio de Almeida nasceu em 9 de dezembro de 1908, filho de Boanerges Pinheiro de Almeida e de Maria da Conceição Carvalho. Foi comerciante fogueteiro, com armazém na rua Tobias Barreto, esquina com a rua Antônio Dutra. Casou-se com Maria de Souza Almeida, em 10 de fevereiro de 1938. Filhos do casal: Josefa Suzaneide de Almeida, José Sisenando de Almeida, José Sebastião de Almeida, Sizino Antônio de Almeida e José Paulo de Almeida. Eleito em 1959, ficou até o final do mandato, mudando-se para Aracaju e colocou uma banca no Mercado Tales de Ferraz e um armazém na rua Maruim. Faleceu em 24 de maio de 1975 e foi sepultado em Aracaju (Carvalho, 2022).

a serviço de Euclides (Diário JBS, 03.08.1962); **Vilabaldo José dos Santos** soltou um assassino do filho de 2 anos, a mando de Euclides. Nesse caso, anotou a providência tomada: “Mandei dizer a Euclides que amanhã quero o preso na cadeia, pois de lá só sai com alvará de soltura” (Diário JBS, 03.10.1962)

Logo cedo, Euclides esteve aqui e falou-me sobre o caso de ontem. Disse-me que mandou buscar o preso e que Solon dissesse minha ordem. Pedi desculpas e falou que a justiça não seria decepcionada – Zeca me disse depois que o criminoso ia matar a mulher, mas tinha a criancinha agarrada a si, mesmo assim o criminoso achou de detonar a arma na criança. Às 16 horas chegou o sargento Solon com preso Antônio Luiz de Carvalho, de Sambaíba (Diário JBS, 04.10.1962).

Dois dias depois, José Bezerra soltou o homicida Antônio Luiz de Carvalho, “sob condição”. Tinha se incomodado com a soltura de Euclides, mandou buscá-lo para a prisão e logo depois soltou. Teria sido por conta das eleições? Resistiu a soltar a pedido de Euclides, depois o fez na véspera da eleição.

José dos Santos nasceu em 4 de julho de 1923, filho do agricultor Sabino José dos Santos e de Eufrosina Francisca de Mendonça. Foi vinculado ao UDN, depois alinhou-se ao PSD. Foi vereador durante quatro mandatos, sendo o último pela Arena (Carvalho, 2022).

Vivaldo José de Oliveira foi vereador durante o segundo mandato de Euclides, na prefeitura de Itabaiana. Era casado com Josefina Brito de Oliveira, tinha uma única filha chamada Maria José. Ele foi delegado de Itabaiana (Baldock, 2017, p. 139).

José Bezerra reassumiu as funções de juiz eleitoral. Do próprio punho ele anotou os números de votos de cada candidato como se verifica no quadro abaixo.

Resultado de cada urna no
Pleito Estadual de 1962
em Itabaiana - 1.ª seção

Candidato	Votos	Total
142	35	158
170	37	158
130	14	150
158	28	142
123	60	146
147	41	91
155	30	119
145	12	108
164	22	145
157	40	142
100	46	94
143	56	84
146	50	61
14	47	80
12	17	135
52	31	48
48	43	44
43	107	37
57	30	49
17	12	36
61	17	59
138	58	145
91	14	87
82	52	46
153	82	130
126	110	107
192	37	135
147	103	107
149	132	140
119	124	109
58	61	50

Figura 89. Página do diário. Resultado das eleições pleito estadual em Itabaiana, 1962.

Fonte: Diário de José Bezerra (1962).

Ao final das apurações dos votos, depois do exaustivo trabalho de apuração, elegeu-se Euclides como deputado federal, Antônio, seu filho, como deputado estadual e o prefeito em Itabaiana. Em nível estadual, Seixas Dórea na coligação de partidos oposicionistas a UDN.

José Bezerra recebeu, na ocasião, a visita de Antônio Torres que se dizia profundamente magoado com Euclides por que este

não lhe dera a votação complementar de 400 votos, conforme prometera em Macambira e Malhador. Está desarvorado ante a perspectiva de sua não reeleição,

- Disse-me que eu cuidasse de mim. Falei-lhe de minha disposição de afastar-me daqui, até no caso de uma disponibilidade (Diário JBS, 19.10.1962).

Curiosamente, com o assassinato dos deputados, Antônio Torres ocupou a vaga deixada por Antônio Mendonça na Câmara, pois estava na condição de suplente.

Na prefeitura encontrava-se como prefeito substituto Francisco Antônio dos Santos, da UDN, em 26 do mês de outubro, quando foi recriada a Guarda Municipal, como forma de manter o poder na situação adversa agora em Itabaiana, em que a exatoria e a polícia militar estariam sob o comando do PSD, depois da vitória de Seixas Dória. Foi a forma que Euclides encontrou para manter seu domínio, porém nenhuma anotação de José Bezerra foi feita sobre a implantação.



Itabaiana é “péia”! Escreveu o juiz

*Do que falo? De que lugar falo? Em que contexto falo?
Isso me remete ao meu tempo vivido, ao meu tempo sentido,
ao meu tempo sofrido.*

Destaquei também alguns fatos envolvendo Euclides que foram registrados por José Bezerra em sua fase de proximidade com ele, assim como a luta deste para manter sua independência do chefe político de Itabaiana. Residindo na praça da Igreja, ponto central da cidade, onde instalou seu gabinete no cômodo da frente, José Bezerra permitia livre acesso à sua casa para todos que o procuravam. As visitas variavam desde conversas sociais e triviais, debates políticos e até fofocas que circulavam pela cidade, além daqueles que o procurava em busca de ajuda.

De fato, criou-se uma rede de sociabilidade em torno dele, constituída por interações e relações entre José Bezerra e os itabaianenses, inclusive entre os dois grupos políticos da localidade, o PSD e a UDN. Essas interações certamente influenciavam comportamentos, à medida que compartilhavam informações, culturas e outros aspectos da cidade.

Denúncias sobre desfloramentos em diversos casos foram ouvidas e anotadas por José Bezerra em seu diário, mas não há registros claros sobre os encaminhamentos dados ou se essas denúncias permaneceram apenas no plano informativo. O estupro já era considerado crime pelo Código Penal de 1940, sob a denominação de “crime de sedução”, atentando contra a honra da mulher e de sua família. Euclides, embora acusado de deflorar algumas mulheres, e seu filho Antônio, também agiam com rigor, especialmente contra adversários, acreditando ser essa a solução necessária para as questões que surgiam.

Disse Mendonça (2015, p, 147):

Se alguma moça fosse deflorada e chegando ao seu conhecimento, obrigava o acusado a reparar o dano e se casar. Claro que se fosse de comum acordo com a vítima e sua família, do contrário, o mesmo tinha que indenizá-la para compensar o mal que teria feito a moça que ficava mal falada para o resto da vida.

O juiz recebia informações durante conversas com visitantes em sua casa, resultando em várias anotações iniciadas com “soube”:

do caso de uma moça que consta houvera sido deflorada por Antônio de Euclides e outro rapaz, encontrando-a, assim, deu o alarme e fugiu de Itabaiana. Contou-me Hamilton (Diário JBS, 28.07.1958).

Sr. Amélio, do Capunga, esteve aqui com Manoel José dos Santos para tratar sobre o caso da exigência de Euclides para que o menino case com Maria de tal, já vetou.

Euclides esteve em Capunga, no domingo, e queria que a moça afirmasse que o Manoel lhe era devedor, mas a moça defendeu dizendo que antes dele já havia estado com 1º Jorge Góis e 2º Albérico, enfermeiro de lá, e o 3º era o Manoel. [...] Amélio voltou com o filho alegando ameaças de Euclides de levar o menino para a chefatura. Mandeí recado a Euclides dizendo que o rapaz voltou a Capunga, deixando o acocho para outra vez. Euclides disse ao rapaz que fora procurar o protetor. Euclides mandou justificar-se. Soube que Euclides mandou soltar um criminoso que praticou lesões corporais na pessoa de sua esposa na Serra a qual ainda está hospitalizada. (Diário JBS, 12.11.1958).

Um chefe de família veio aqui, acusar Euclides de perseguição a funcionário acusado de deflorar uma moça maior de idade (Diário JBS, 13.11.1958).

Um engenheiro da CHESF veio aqui aborrecido com as atitudes de Euclides, perseguindo funcionário da subestação por causa do desfloramento de uma moça maior de idade (Diário JBS, 03.12.1958).

Ontem Euclides obrigou um cidadão em Aracaju a dotar uma moça deflorada na importância de 100.000 contos em audiência pública (Diário, 10.12.1960).

Recebi o coronel João José acompanhado de Zé Vermelho, da Serra, um filho e um amigo. Caso do defloramento e filho foragido. Euclides quer que o pai dê conta do filho, custe o que custar (Diário JBS, 18.01.1960).

Manoel Telles disse-me que Euclides prometeu rasgar o processo do irmão da filha de Zé Vermelho no caso dela entregar ao menos 14 títulos de eleitores do pai dela, está perseguindo (Diário JBS, 26.04.1960).

Ouviu o seguinte relato e o registrou: “Solon me disse, logo cedo, que ao prender, com um sargento e um soldado de feira, João Fogueteiro, ontem mesmo, Sinhá mandou soltá-lo logo após sua prisão, depois da saída de Euclides. Isso para ver se eu tomava satisfação. ‘Putá que a pariu’. Ignorantes sempre têm a razão” (Diário JBS, 28.04.1959). José Bezerra fez menção a um fato ocorrido com Euclides, narrado Por Eliseu:

Elizeu Rego contou: Que não faz 5 anos, Euclides levou uma balzaquiana daqui de Itabaiana, para Aracaju. Lá deu-lhe casa alugada e mobília necessária. Conviveis com ela até o dia em que a surpreendeu com F. D. Que fez Euclides? Rebentou tudo quanto foi de móvel; a mulher terminou vindo para cá, trazendo duas filhinhas louras. Andou vadeando alguns dias por aí, e depois foi para o Rio, deixando as crianças com o pai. Itabaiana é péia! (Diário JBS, 26.1.1962).

Ainda em 1958, no contexto de perseguições capitaneadas por Euclides, o juiz José Bezerra registrava cuidadosamente as informações recebidas. No dia 15 de junho daquele ano, ele anotou a visita de “Mané Teles”, às 8h30, acompanhado de Antônio Gabriel dos Santos, que havia sido espancado na noite anterior. Gabriel era filho de José Felipe de Santiago e residia

no Campo Grande. Estava acompanhado de seu cunhado José quando foi agredido. Cheio de escoriações, a vítima e “Mané Teles” foram conversar com o juiz. Após esse registro, José Bezerra intercalou com outras informações. Em seguida, anotou a visita de Solon, que veio relatar o ocorrido, mencionando que Gabriel havia puxado a faca para o soldado que o agrediu. Posteriormente, o juiz registrou que vislumbrou o fato, envolvendo a vítima:

Boca Rica veio sondar meu estado de referência aos acontecimentos de ontem. Com essa jogada quiseram tirar dois proveitos: 1º vingar a desatenção e o desprestígio da parte de Bispo com Passos Porto, pois fizeram e organizaram tudo sem lhe dar a mínima atenção; e 2º lançar o Sargento Solon contra mim, pois desde muito procuram tirá-lo de visitar minha casa; não conseguindo de outro modo razoável. Ordenara depois do conluio que Solon praticasse o crime a fim de que o caso viesse estourar entre mim e o agressor, pois eu teria que fechar os olhos (como amigo) ou julgá-lo (como juiz) o que seria um choque entre mim e o famigerado valente (Diário JBS, 16.12.1958).

As relações entre ambos ainda se mantinha bem próximas até o ano de 1962, apesar de episódios de enfrentamento, que foram anotados ao longo do diário de José Bezerra. Da mesma forma, ele anotou o que soube a respeito de depoimentos de terceiros ou testemunhados diretamente por eles sobre ações de Euclides.

Coletor de impostos, Adergal Aguiar, tinha um bom relacionamento com o padre Arthur Moura Pereira, então administrador do Cinema Santo Antônio. Ele fazia parte dos adversários de Euclides. Um dos descompassos entre Euclides e Adergal foi relatado por José Bezerra:

Soube do início da intriga entre Adergal e fiscal da Prefeitura, no cinema Santo Antônio: É que o fiscal exigiu que uma empregada do cinema pagasse o ingresso pelo que Aderbal exigiu que o fiscal também pagasse. Ao ter conhecimento do fato, o sr. Euclides disse ao rapaz, assistindo Sr. Ferreira: Quando ele estiver bêbado meta a peixeira nele não tem coragem? Você é um covarde? (Diário JBS, 04.10.1959).

Às 1h,30 da madrugada fui chamado na porta pelo dr. Pedro Moreno, deputado Baltazar e dr. Dorinha pois em Itabaiana Euclides mandou prender sr. Adergal, coletor fiscal de Itabaiana. Quase que apanhava no xadrez, se não resolvesse fazer um bilhete para Sinhá, pedindo interceder por ele, junto a Euclides. Quando cheguei já havia saído do xadrez e estava na casa do padre. Dei entrada no pedido de habeas corpus (Diário JBS, 12.10.1959).

Outro episódio conflituoso entre Euclides e José Bezerra, a respeito de **Antônio de Anibal**, foi relatado da seguinte forma:

Pedro Garcia Moreno Filho era médico higienista e lecionou no Murilo Braga. Nasceu em 22 de julho de 1920, em Maruim, filho de Pedro Garcia Moreno e Ambrosina Brandão Moreno. Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1947. Casou-se com Ivone Magalhães Moreno em 1946. Disputou a primeira eleição com Euclides Paes Mendonça, em 1958, perdendo-a; depois, elegeu-se deputado estadual pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro, em 1970, e, em 1975, desta vez pela Arena. Faleceu em 5 de janeiro de 1990, em Aracaju, sendo sepultado no Cemitério da Igreja do Bonfim, em Laranjeiras (Carvalho, 2022).

“**Dorinha**”, apelido de Othoniel Da Fonseca Dórea que foi intendente de Itabaiana o período de 19 de dezembro de 1933 até 02 de agosto de 1934. Ele nasceu em 14 de setembro de 1890, em Lagarto e migrou para Itabaiana na década de 1930, onde casou-se Josepha Leite Porto. Foi deputado estadual na Constituinte de 1934. Era comerciante no ramo de ferragens e tecidos em Itabaiana, com filial em Ribeirópolis. Posteriormente mudou-se para Aracaju, e me sociedade com um irmão, fundou a Casa Satélite. Faleceu aos 71 anos de idade (Bradock, 2017).

Antônio de Anibal era pintor e Oficial de Justiça, conforme informação de José Geraldo Dantas Bezerra (Entrevista, 20.06.2024)

Despachei com Helena. Por meio dela soube do que aconteceu com Antônio de Anibal, terça-feira passada, às 13 horas, a chamado de Euclides. Recebeu ordem de só intimar as partes depois de ouvi-lo. Desaforo! Que quer ele se interferindo nas atribuições da Justiça? Escrevi ao Dr. Hunald Cardoso, contando o sucedido (Diário JBS, 01.10.1959).

José Bezerra dos Santos demonstrava algum nível de independência e resistência em relação a Euclides, especialmente no conteúdo do atestado solicitado e expedido, atestando o conceito deste perante a sociedade em relação aos valores morais e à probidade no uso dos recursos públicos. Embora estivessem alinhados naquele período, José Bezerra procurava encontrar formas e atenuantes que atendessem a Euclides sem se comprometer com os desmandos dele.

Euclides mandou requerimento tendencioso para eu assinar: “Euclides Paes Mendonça, comerciante, ora exercendo as funções de Prefeito Municipal de Itabaiana, para os devidos fins, [...] possui formação moral adequada para dirigir o município, coisa pública e ainda como comerciante tem capacidade para produzir sem usar de meios violentos (Diário JBS, 16.02.1960).

Euclides apareceu em casa e saiu quase meio-dia. Veio procurar o atestado pedido em 16/02. Não darei o atestado que pediu e senão outro. “Para sabido, sabido e meio”. Não posso desdizer-me. Absolutamente não. Eis a íntegra do atestado: “Atesto que o Sr. Euclides Paes Mendonça comercialmente e como administrador do dinheiro público goza de alto conceito da sociedade local. Euclides mandou buscar o atestado duas vezes, levou na última (Diário JBS, 03.03.1960).

Conflitos envolvendo Antônio de Oliveira Mendonça, o filho de Euclides, que foram anotados por José Bezerra.

Como por exemplo sobre o que aconteceu no armazém de Euclides, em Itabaiana, ocorreu uma briga entre Antônio de Euclides e José Prado, 1º delegado da capital. Antônio agrediu Prado com socos no rosto e nas costas, enquanto o pai, Euclides, não conseguiu conter o filho. O motivo foi um comentário favorável de Prado a Joseisa, sua irmã, no caso de Olimpino, feito diante de D. Sinhá, que se ofendeu e repassou a situação a Antônio. O episódio, considerado grave, circulou em voz baixa pela cidade, exigindo prudência, pois o clima político em Itabaiana estava tenso (Diário JBS, 11.1.19610).

Outro episódio anotado por José Bezerra, que ocorreu durante a quadrilha na Associação Atlética de Itabaiana, que foi informado por seu filho Bosco. Durante a referida festa Getúlio Vasconcellos provocou tumulto jogando pó de espirro no salão e, ao ser advertido por Carlito Noronha, reagiu agressivamente. Antônio de Euclides tomou as dores e agrediu Carlos de Noronha, desrespeitando até o próprio pai. O episódio resultou em briga, palavrões e desordem, terminando o baile em “batucada”. No dia seguinte, Bezerra interpretou o fato como um plano premeditado do grupo de Euclides contra a arrogância política dos Noronha, especialmente Carlito, que vinha abusando de sua influência. Assim, Getúlio e Antônio teriam sido usados como instrumentos para reafirmar a autoridade única de Euclides e sua família em Itabaiana, concluiu o juiz (Diário JBS, 23 e 24.06.1961).

Foram muitos os conflitos anotados por José Bezerra, dentre eles, os que envolviam Euclides e Manoel Teles, seja diretamente ou por meio de seus correligionários e apoiadores.

Euclides contou-me que ontem teve aborrecimentos com Mané Teles, Por causa de contrabando e sacos guardados em sua casa, levando-os hoje para Carira. Ontem mesmo mandou desarmá-lo novamente, por Solon e três soldados. Tomaram-lhe um revólver que tive em minha mão: um colt cavalinho 32, cano longo (Diário JBS, 17.07.1961).

Seguem os registros sobre fatos e atos de Itabaiana protagonizados por Euclides, em 1962.

Chegando à casa encontrei o padre Artur e José de Caçula. Queixou-se de perseguição política por motivos de política. Esteve na casa de Mané Teles por ocasião da chegada de Seixas Dória. Às 10 horas, vim para Itabaiana de marinete Sta. Teresinha de Euclides Paes Mendonça (Diário JBS, 19.03.1962).

Deixei Euclides livre quanto a viagem e disse que vinha para Itabaiana, às 17,30h na marinete de Luiz Prado. Chegando a Itabaiana fui buscar as chaves da casa e da cisterna em casa de D. Sinhá. Em casa de Euclides conversei um bocado com a velhinha mãe dele (Diário JBS, 28.02.1962).

No entanto, ele passou a registrar mais elementos sobre Euclides, incluindo a abertura espaço em sua casa e convívio para desafetos dele, além de anotar denúncias sobre ele ou testemunhar pessoalmente algumas de suas ações como chefe político. Um desses episódios foi uma viagem feita a Moita e Serra do Machado, em 11 de janeiro de 1962. Ao chegar lá foram visitar uns minadouros que estavam sendo recuperados a mando de Euclides. No local encontrava-se cerca de 200 a 300 pessoas fazendo a limpeza dos minadouros até então abandonados. Relata José Bezerra:

Euclides mandou esses homens e outros tantos que foram divertir-se em palestras e curiosidades. Mandou para lá ainda para o almoço da turma, 1 saco de feijão, 45 quilos de carne seca, 2000 cruzeiros de raspadura e farinha. Tive a impressão de um mando de... Havia soldados com fuzis e rifles, 3 ou 4 cruzadores (fuzis). Cazuza deu tiros a valor nos pés de pau. Já quando estava descendo a ladeira ouviu tiros de mauzer, revolver, etc. Havia mulheres, mas eram em menor quantidade. [...] Demoramos em Moita. Aí estão trabalhando já na torre da igreja e na abertura da praça e alinhamento das ruas. Vi um bonito tanque d'água. Cheguei à casa, em Itabaiana, às 19,20h no carro de Euclides. – À noite Euclides veio falar comigo. Assuntos? Tribunal – caso de Benedito Cardoso, Belmiro Gois e aposentadoria de Britinho. Substituição ou preenchimento por antiguidade: João

Garcez Sobrinho de Itaporanga. Itabaiana para a 2ª entrância, eu promovido. Diário JBS, 11.01.1962).

Senhor de Neú e d. Josefa Paula Neto, mulher de Florencio Castro Neto (Flo-ro), veio apresentar-me o caso singular criado por Euclides: o marido dela com um companheiro Pedro, compraram um caminhão. Pedro mora em Macambira, mas é de São Cristóvão. O marido dela, depois algum tempo permitiu que o companheiro ficasse com o caminhão mesmo com prejuízo. Antes, porém, ambos compraram 2 pneus a Jason Correia, em Aracaju, pelo que Euclides, sabedor da compra, se irritou, intimou os dois, prendeu o carro (caminhão) no Posto e só soltou quando pagaram uma taxa. Os dois deviam 60 mil a Amélio, entretanto Pedro não pode pagar e está trabalhando no caminhão. Então Euclides manda Amélio e a família ocupar a casa de Flor quando este nada mais tem a ver com a dívida, não havendo documento assinado, nem sobre dívida nem do carro. A mulher tem a escritura da casa (Diário JBS, 26.01.1962).

Esses episódios registrados por José Bezerra dão conta da complexa teia de relações que se estabeleceu em Itabaiana e, sobretudo, das relações entre afetos e desafetos canalizados nos grupos políticos locais. O disse-me-disse, as conversas

compartilhadas, as versões dos fatos, movidas por interesses e paixões, ganham força no ambiente social e privado de Itabaiana, em um tempo em que os meios de comunicação que lá chegavam eram as ondas de rádio, os jornais nem sempre atualizados, o alto-falante, o cinema e, especialmente, as conversas no fim de tarde, nos bancos das praças ou sentados nas calçadas, entre os moradores mais próximos.



Ruptura de José Bezerra com Euclides: invasões de terras e a modernidade impositiva

Há razões e desrazões para juntar e separar, compartilhar e centralizar. Nas relações humanas, esses atos são (in)justificados, doloridos e, por vezes, permanentes.

Qual foi o preço da modernidade em Itabaiana que compensou os custos?

Na literatura produzida sobre Euclides Paes Mendonça sempre aponta seu lado realizador, operoso e modernizador. Embora ressalte suas ações coronelísticas, autoritárias, voluntaristas e truculentas, demonstra sempre que Itabaiana tem um divisor de águas, no qual Euclides é uma personagem central. São muitas as iniciativas atribuídas a ele, quase da mesma forma que lhe são atribuídas historietas, anedotas, piadas e sua forma jocosa de se portar e de agir. Entre os paradoxos de queixumes pelas injustiças a ele atribuídas e pelas benesses a ele creditadas, a história recente de Itabaiana traz, em suas memórias e nas falas de seus moradores ou originários,



sentimentos e lembranças dessa personagem que marcou decisivamente a história política local.

Euclides aprendeu a ciência do pragmatismo, agindo de forma imediata e cotidiana, seguindo uma diretriz própria do que deveria ser feito, como fazer e para que fazer. Não havia distinção clara entre o público e o privado para ele; ambos eram facetas do seu modo de operação para o crescimento econômico pessoal e para os avanços que considerava relevantes para a cidade.

Sua morte trágica trouxe ao cenário da cidade uma sombria sensação de que o medo de alguns, a incerteza de outros, o desejo de muitos e a vontade de mudança de tantos conspiraram para esse desfecho, que, em última instância, transforma o homem em um mito, e, como todo mito, sujeito a inúmeras interpretações. São inúmeras narrativas simbólicas que rondam sua vida, suas ações e suas falas, tentando explicar sua trajetória e sua morte trágica. Ao morrer, ele, de certa forma, renasceu na narrativa: como força do bem, como força do mal, como homem de seu tempo, como político modernizador, enfim, como ser humano envolvido em uma emblemática teia de complexidades, embora simplificadas pelas relações diretas que mantinha com aqueles que comungavam de sua história e alinhavam suas ações, por medo, proximidade, empatia, interesse, afeto ou qualquer outra razão. Foram muitos desafetos construídos ao longo de sua trajetória pessoal e política. José Bezerra dos Santos foi um deles.

Desde que Euclides assumiu o seu primeiro mandato para prefeito de Itabaiana, um projeto de urbanização passou a ser desenhado e executado, no qual pretendia abrir ruas e avenidas, alargar outras, organizar praças etc., em modernos espaços

urbanos pois a cidade mantinha as características de vila, rodeada por sítio. De onde ele depreendeu essa ideia? Como ela foi encaminhada nos mandos e desmandos voluntaristas de suas práticas administrativas? Seriam uma expansão citadina para o crescimento dos negócios e do poder? Ele atingiu afetos e desafetos no processo de desapropriação de propriedades, mediante processos legais e indenizatórias, para os primeiros, de invasão e destruição com tratores para os segundos. Esse foi a gota d'água lançada nas relações entre o juiz e Euclides para azedar de vez o relacionamento de ambos, que vinha sofrendo arranhões ao longo do tempo.

Gileno Almeida Costa, médico atuante em Itabaiana, teve um de seus terrenos invadidos no afã de Euclides em reordenar o espaço urbano da cidade. Dr. Gileno possuía uma propriedade rural no local onde hoje se encontra a Maternidade São José, que foi ocupada pela prefeitura, sendo transformado em um espaço urbano de comércio e moradia. Entrou com uma ação judicial e após a morte de Euclides, foi indenizado (Carvalho, 2022). No diário, apareceu o entrevero entre o padre e Euclides, acerca deste fato, nos indos de 1959. Registrou José Bezerra:

O padre Artur veio aqui, pela manhã, e me disse que esteve ontem à noite em casa de Euclides e depois do assunto de 1ª ordem,

Gileno Almeida Costa nasceu em 4 de agosto de 1909, em Riachão do Dantas. Formou-se em medicina, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1931, instalando seu consultório em Itabaiana. Casou-se com Helena Fonseca Cosa, filha de Gleide Selma Fonseca e de José Cornélio da Fonseca Filho. Um dos membros fundadores da Associação Atlética de Itabaiana, tornando-se seu primeiro presidente (Carvalho, 2022).

entrou no caso do terreno de Gileno Costa, sendo repreendido por Euclides, por ele, o padre, servido de testemunha em cartório de Aracaju. Disse que ele tinha perdido muito, pois isto não era da conta dele, do padre. O padre relutou ao que disse Euclides e acrescentou que o Euclides deveria deixar de fazer estas coisas, sendo mais compreensivo, deixando de fazer o que é incorreto. Euclides se aborreceu e disse ao padre que ele era o prefeito e que o padre pisasse devagarinho, porque senão com ele se arrombava. O padre virando-se (pois ia saindo) e afirmou: somos os dois. Contando-me o padre essa história disse-me que olhando todos os lados só via gente que só testemunharia a favor de Euclides e que Euclides não é homem para resolver tudo sozinho. Tudo que faz é confiando em que está por perto. Avisou-me então, que não tinha inimigo para tanto, mas se algo lhe acontecer posso crer que vem de Euclides. (Diário JBS, 16.1. 1959). A noite estiveram aqui [Pedrinho] Oliveira, o padre [Arthur], o Major com ordem de dar cobertura a tomada do terreno de José Carlos Teixeira que foi desapropriado e indenizado pela Prefeitura. Não permiti isso, senão pelos caminhos legais (Diário JBS, 06.03.1959).

A Maternidade São José foi fundada em 1º de setembro de 1959, por iniciativa do Centro de Ação Católica de Itabaiana (CASCI), e foi administrada pelas irmãs vinculadas à Congregação

das Irmãs Missionárias da Mão de Deus, situada em Santarém, no Pará. O grupo era composto por irmã Maria Acácia de Almeida, irmã Maria Auxiliadora Graça Leite, que fundou o Colégio D. Bosco, e irmã Evencia Vasconcelos, sendo dirigido pela irmã Rafaela Pepel, de nacionalidade alemã. Elas chegaram a Itabaiana em 1963, quando a maternidade ainda estava em construção, e foram abrigadas por Antônio, segunda esposa de João José de Oliveira, pai Arrojado⁴³ (Baldock, 2013). O terreno no qual se estabeleceu a maternidade foi objeto de disputa entre a prefeitura e o proprietário. Nesse evento, José Bezerra esteve presente.

Figura 90. Inauguração da Maternidade São José. À esquerda, o padre belga, dr. Pedro Garcia. Sentado o juiz José Bezerra.

Fonte: Álbum de família. Cedida à autora em 20.09.2024.



Os registros foram se sucedendo, sobre invasão de terras, por parte de José Bezerra, sem indicar nenhuma intervenção ou censura.

Estiveram aqui [Pedrinho] Oliveira, o padre [Arthur], o Major com ordem de dar cobertura a tomada do terreno de José Carlos Teixeira que foi desapropriado e indenizado pela Prefeitura. Não permiti isso, senão pelos caminhos legais (Diário JBS, 06.03.1959).

⁴³ Sobre Eliseu de Oliveira, “Arrojado”, consultar Mendonça e Oliveira (2016).

Passeei com Euclides por toda Itabaiana, onde está trabalhando. O caso do trator grande (elefante) abrindo a rua e que o dr. Da DENOCS veio reclamar, mas saiu tudo bem (Diário, 2.08.1960).

Dei um passeio sozinho vendo as casas derrubadas por Euclides para abrir ruas. (Diário JBS, 23.07.1960).

Para abertura da av. Dr. Luiz Magalhães, derrubaram a última casa restante da Praça da Matriz: a casa de Zé de Itabuna (Diário JBS, 26.07.1961).

Os tratores começaram a aplinar o local donde saíam as casas indenizadas da av. Dr. Luiz Magalhães. Aborreceu-se Euclides ao chegar e encontrar o trator Diesel com a esteira quebrada. Fez que conser-tassem durante a noite. [...] Aborreceu-se Euclides ao chegar e encontrar o trator Diesel com uma esteira quebrada. Fez que concertasses durante a noite (Diário JBS, 27.01.1961).

Notícias de perseguições, atritos, atos de violência, fraudes eleitorais, espancamentos, mortes e ingerências políticas de toda ordem no Judiciário iam se acumulando ao longo dos registros, e, na maioria das vezes, sem apreciação, julgamento ou encaminhamento. Eram fatos e atos contados por outros, que pareciam extraídos de um romance policial, nos quais Euclides raramente ou quase nunca era o mocinho.

Durante quase todo o ano de 1962, a proximidade entre José Bezerra e Euclides se manteve. Eles mantinham contato frequente em viagens, idas e vindas entre suas casas, no armazém e em

outros locais públicos, como na recepção no aeroporto quando Euclides viajou para o Sul do país. Entretanto, em dado momento, os pequenos atritos se transformaram em feridas que acabaram por não cicatrizar, resultando na ruptura e término das relações amistosas, e por vezes cúmplices. Certamente, o histórico registrado por José Bezerra ao longo dos anos indica que nada ocorreu de maneira brusca, mas foi se construindo ao longo da convivência, à medida que o juiz se sentia invadido e desrespeitado em suas responsabilidades. Euclides, por sua vez, que esperava alinhamento e obediência incondicionais, começou a se incomodar com as tímidas medidas que o juiz tomava.

O cenário para o rompimento, de alguma forma, já estava sendo montado no contexto das questões nacionais. Jânio Quadros, do PTB, venceu as eleições, mas renunciou, dando lugar a João Goulart, em meio a grandes resistências dos militares e de parte da sociedade, em 1961. No estado de Sergipe, houve uma reviravolta política com o sucesso de Seixas Dória, dissidente da UDN, que migrou para o PSD e, em coligação com outros partidos, enfrentou Leandro Maciel, da UDN. Em Itabaiana, Euclides continuava com imenso poder, elegendo-se deputado federal, além de eleger o prefeito de Itabaiana, José Sizino de Almeida, e seu filho, Antônio Oliveira Machado, como deputado estadual. No entanto, Euclides perdeu o controle de duas instituições estratégicas: a polícia e a exatonia (responsável pela fiscalização e cobrança de impostos), que passaram a ser comandadas pelo poder executivo ligado ao PSD. Ele ainda mantinha forte relacionamento com alguns desembargadores no Judiciário.

Nessas eleições, José Bezerra recuperou o controle sobre o serviço eleitoral e foi responsável pela apuração dos votos. Durante o desenrolar do pleito, Euclides e José Bezerra ainda

mantinham proximidade. Euclides, ao garantir sua vitória, abriu uma frente em Brasília como deputado federal. Certamente, compartilhar o poder em Itabaiana não fazia parte de seus objetivos. Ele ainda tinha influência sobre o Judiciário, mas já não contava mais com o apoio da Igreja. A prefeitura continuava sob seu controle, mas a polícia e a exatonia estavam fora de seu alcance, como já foi referido.

Logo após as eleições, denúncias começaram a surgir em relação ao projeto de arruamento de Euclides. Na Gazeta de Sergipe (25.11.1962), a matéria intitulada Itabaiana: “Proprietários violentados irão à Justiça” destacava: “O terror implantado pelo chefe udenista é tal que os proprietários, totalmente prejudicados, assistiam inertes à destruição de suas plantações, ao cercamento de suas residências, e cumpriam com passividade bovina a absurda ordem de derrubada de suas casas.” As casas eram derrubadas com tratores da prefeitura, embora se observasse que Euclides respeitava os terrenos de seus correligionários, e, em certos lugares, a avenida se estreitava e fazia curvas, como qualquer estrada. A matéria ainda relatava a destruição de seis poços e um minadouro, além de 18 roças de mandioca e cereais, e de mangueiras, cajueiros e outras árvores. Assinalava também que “o prefeito já passava fios de arame farpado nos limites da ‘avenida da destruição’”. As ovelhas e outras criações passavam por baixo do arame e faziam a festa, destruindo o que restava.”

Abrir ruas: uma modernidade impositiva

Após ser eleito deputado federal, Euclides viajou para Brasília, e, durante sua ausência, por ordem dele, houve uma intensificação nas invasões de terras para abrir ruas e avenidas, gerando queixas e denúncias de proprietários Vários

documentários recentes realizados pelo historiador itabaianense José Almeida Bispo, sobre as personagens que deram nome as ruas de Itabaiana, intitulado Guia Cultural de Itabaiana e publicados no Youtube, dão conta da história da cidade entrelaçada a sua expansão urbana. Esse processo, certamente, torna-se mais claro quando me debrucei sobre o diário de José Bezerra, muitas dessas ruas foram forjadas na década de 1960, pelo espírito empreendedor e impositivo de Euclides.

O processo se intensificou quando ele ganhou as eleições para deputado federal. Muitas terras foram indenizadas e outras propriedades foram invadidas, tendo suas plantações destruídas o consentimento dos proprietários. Alguns aceitaram ser indenizados, mas não receberam o pagamento. Esses acionaram a Justiça, e o juiz foi obrigado a agir. A sequência dos fatos foi relatada por José Bezerra.

De casa, resolvi ir com Antônio de Anibal verificar o estrago dos tratores abrindo ruas novas, para o lado do açude Grande da Marcela. Verdadeira violação dos direitos à propriedade. Durval quis meter-se a brabo e depois veio pedir desculpas. Passei-lhe um ofício mandando sustar o trabalho dos tratores. Estive com o prefeito Franscisquinho, duas vezes. Ele não ordenou trabalho algum de tratores. Telefonei ao Presidente do Tribunal comunicando o acontecido. Foram alguns proprietários prejudicados: João Firmino, de Góis, Costinha, Maria Luiza Lima, José Máximo de Jesus, e outros, como Maria Florita de Oliveira que perdeu a malhada completa (Diário JBS, 20.11.1962).

Às 11 horas, mais ou menos veio o Sr. João Firmino dizer-me que os serviços dos tratores continuam e que Durval diz abertamente que não obedece nem a governador do Estado quanto mais a juiz. Vendo-me desrespeitado, resolvi deixar a comarca e ir a Aracaju, falar com des. Luiz P. Melo, Presidente do Tribunal e Dionísio Machado, governador. Este passou telegrama ao Durval, delegado de Polícia ordenado cessação das invasões de Terras. No momento em que fui falar com o governador aparece José Carlos Teixeira e comparece também. O governador ameaça exonerar o delegado Durval, em caso de reincidência, e nega-se a vir in loco observar as invasões de terras. Mas explica-se como nunca se valeu desses meios na administração de Lagarto (Diário JBS, 21.11.1962).

De casa, resolvi ir com Antônio de Anibal verificar o estrago dos tratores abrindo ruas novas, para o lado do açude Grande da Marcela. Verdadeira violação dos direitos à propriedade. Durval quis meter-se a brabo e depois veio pedir desculpas. Passei-lhe um ofício mandando sustar o trabalho dos tratores. Estive com o prefeito Franscisquinho, duas vezes. Ele não ordenou trabalho algum de tratores. Telefonei ao Presidente do Tribunal comunicando o acontecido. Foram alguns proprietários prejudicados: João Firmino, de Góis, Costinha, Maria Luiza Lima, José Máximo de Jesus, e outros, como Maria Florita de Oliveira que perdeu a malhada completa (Diário JBS, 20.11.1962).

Da casa de Anibal ao local das invasões verificar se os trabalhos continuam, constatei que há lugares, aberturas de ruas, transversais que não fizeram ainda e que é do programa executar. Continua a reclamação geral. Amanhã farei nova verificação (Diário JBS, 22. 11. 1963).

Soube por D. Lilia que Euclides foi chamado urgente e culpam a mim por terem constituído advogados, os prejudicados. Isto, entretanto, é insustentável. Qualquer pessoa pode e deve procurar seus direitos ao sentir-se ameaçado ou prejudicado. Já antes desse caso, José Carlos Teixeira estava com ação idêntica, por causa da invasão da casa de sua avó [...]. À noite conversei muito com o sr. Francisquinho, na porta. Soube que a mulher de Durval deu ataque, por causa de bilhete debaixo da porta, ameaçando-o de morte... Durval, o delegado está à frente dos trabalhos de invasão de propriedades para abrir estradas...Oliveira (prof.) saiu daqui agora (21,20h) disse que d. Sinhá disse chegou à tardinha-sinal que de Euclides já está perto de chegar (Diário JBS, 26.11.1962)..

No entanto, em 28 de novembro, José Bezerra constatou que as invasões de terra haviam sido reiniciadas. Informa ainda que telegrafou ao desembargador Dr. Luiz Pereira de Mello, denunciando o fato. Nesse período, Euclides havia retornado de viagem e, a par da situação, reagia aos atos jurídicos encaminhados pelo juiz, criando fissuras na relação entre ambos.

Disse que nada mais tinha a fazer senão aguardar os recursos legais que poderiam advir. Fui verificar o trabalho do trator para confirmar a veracidade do meu telegrama. Realmente, se houve alguém que consentiu no trabalho, houve quem não consentiu e teve o quintal invadido. Disse-me Franscisquinho que a pedido de d, Sinhá, resolveu a paralização dos trabalhos dos tratores. Isto pe. D. Sinhá perguntou-lhe o que desejava ele para resolver o caso das invasões de propriedades. Respondeu-lhes que parem os trabalhos esta semana. Isto veio mais ainda reforçar minha opinião de des-prezá-los, uma vez que não sou eu o atendido. (Diário JBS, 29.11.1962). Os oficiais da justiça distribuem mandados de emissão de posse na prefeitura, dos terrenos desapropriados e indenizados, inclusive o velho prédio da Praça da Matriz de Zé de Mané Curto. Euclides desapropriou para museu e biblioteca, entretanto está entregue a Chi-co Bateria para bodega e faz adaptações para estação telefônica de sua propriedade (Diário JBS, 25.01.1963). Antes da saída de Itabaiana, mandei chamar Euclides por José Augusto, ex-promotor. Veio. Entregue-lhe 150 mil cruzeiros. Disse-lhe um bocado de cousa que sentia e saiu na última hora. Paguei também o aluguel da casa 1500, de novembro (Diário JBS, 15.12.1962). Soube que, por duas vezes, Euclides me procurou. Felizmente eu não estava. Rui Elói, à tardinha, veio aqui, procurar

pacificar-me com Euclides. Saiu abalado com minhas insistentes e chorosas queixas e negativas. Tenho brio e vergonha. Perguntou se eu queria permuta. Neguei também. Aleguei que sairia quando Itabaiana pas-sasse a 2ª estância, para a disponibilidade. Tentou levar-me a Ara-caju. Alegou que com Euclides não me interessa viajar. Fomos am-bos para lá. No cartório, felizmente calei-me ao ouvir o que o bruto dizia. Em certas horas é melhor calar que falar (Diário JBS, 12.12.1962).

Nesse ínterim, José Bezerra sabia que a volta de Euclides de Brasília, diante de suas ações sobre as invasões de terras, iria complicar a situação. Encontrou-o na inauguração do Banco da Bahia, mas só o cumprimentei ao chegar. Depois, não lhe dei atenção (Diário, 06.12.1962). Posteriormente, informou que Euclides o procurou por duas vezes, sem encontrá-lo, e que Rui Elói também tentou pacificá-lo com Euclides.

José Bezerra movimentou-se para encontrar outra residência, justificando seu desejo de morar mais próximo ao Colégio Murilo Braga. Na verdade, isso já fazia parte do entrevero com Euclides, e ele temia as consequências, uma vez que residia em uma propriedade dele. Registra José Bezerra (28.11.1962): “Comecei a pedir que procurasse nova casa para mim, por motivo de precisar morar mais perto do ginásio”.

Prudente, promotor de Campo do Brito, residia com José Bezerra nessa ocasião e foi até Euclides para acertar o pagamento da casa, quando este xingou o juiz, recusou-se a receber o aluguel e pediu a casa de volta, afirmando ainda tê-lo entre seus inimigos (Diário de JBS, 30.04.1963).

As ameaças de Euclides já eram frequentes, levando-o a solicitar proteção à polícia militar. Ele passou a ser acompanhado por soldados, como registrado:

Requisição de mais dois soldados para ficarem a minha disposição, por medida de segurança. Às 19 horas chegaram dois soldados, armados de fuzil e metralhadora e vão dormir aqui comigo e Roberto. São os soldados Antônio Bezerra e Antônio Cupertino. Vou dormir disposto a enfrentar o que vier. Sai ainda a procura de casa para alugar, em companhia de Roberto. Prudente arribou no jipe de Jackson da Silva Lima, dizendo que o inquilino era eu. Deixou suas arrumações a meus cuidados. Saiu assombrado e arrepiado com o cacique (Diário JBS, 30.04.1963).



Figura 91. Roberto, guarda que acompanhou José Bezerra.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 24.01.2024.

De fato, isso veio a ocorrer quando o Promotor Prudente, que se encontrava dividindo o imóvel em que vivia com o juiz, procurou Euclides para pagar o aluguel. Euclides reagiu mal, de forma tumultuada e violenta:

Dia azarado para mim. Tratei logo de arribar da casa de Euclides, mas não tinha para onde ir. Enfim consegui com o padre Arthur dois compartimentos em sua residência. Com a irmã de D. Izelte consegui uma ampla sala para guardar o que desinteressava ao uso diário. Desarmou-se tudo, deixei a casa limpa e varrida por d Lúcia. Organizei o gabinete na 2ª sala de frente, janela de oitão (2ª) e o quarto de dormir, o 1º da entrada, Fiquei bastante cansado e meio desorientado por causa das idiotices do carrasco de Itabaiana. [...] Falei com Durval da Coletoria e entreguei a Boca Rica as chaves da casa de Euclides, com 1500 do mês de abril. De volta, Boca Rica trouxe o dinheiro, mas eu não quis receber, alegando que estava devendo, pois não pedi prazo nem recebi. [...] Quase seis anos passei na casa de Euclides (Diário JBS, 01.05.1963).

No dia 2 de abril de 1963, chegou à Câmara um pedido do juiz José Bezerra solicitando garantias para sua segurança, requerendo que soldados devidamente armados ficassem à sua disposição, devido às ameaças de Euclides Paes Mendonça, como noticiou a imprensa.

O assunto ventilado, a princípio, tratava do aluguel da casa que hábito, de propriedade daquele deputado federal, cujo valor estipulado em 1957, deveria ser aumentado. A seguir, o Sr. Euclides Paes Mendonça, alegando que o Juiz havia

concedido mandado de busca e apreensão de armas em sua própria residência, nos acontecimentos de 20 a 21 do citado mês, e, também, que o mesmo Juiz apresentara para a denúncia os papéis de crime de homicídio de Carlito, cujo autor, segundo consta do domínio público, teria sido o Sargento Otoniel dos Santos reformado da Polícia Militar do estado e sempre amigo de acompanhamento do Sr. Euclides Paes Mendonça, achou este de enxovalhar a dignidade do juiz, com palavras sumamente injuriosas, de baixo calão e irreproduzíveis aos ouvidos de pessoas educadas, ameaçando inclusive, a integridade física de minha pessoa, reproduzindo as promessas anteriores ao lamentável caso, em que foi vítima o delegado e de queimar a própria habitação do Juiz, após derramar gasolina, afim de dali expulsar o inquilino. (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, n. 186, 10 de agosto de 1963).

“Zeca do Crediário”, era um dos personagens que sempre visitava José Bezerra em sua casa. Informou-também “Pulga de Crós”, “José de Cabloca” (José Alves de Lima).

Estive com Zeca do Crediário. Conversamos um bocado. Falamos sobre Bando-leiros ou pistoleiros na cidade, trazidos por Euclides. Este ainda não chegou. Foi Welligton (Pulga de Crós) que me despertou a lembrança quando, no momento

passava um deles por nós, moreno, de bicicleta e olhou demoradamente para mim. De volta para casa conversei com o Sr. Joviniano e Zé de Cabocla. Disse-me este que o delegado anda preocupado porque é espreitado por toda a parte, onde anda. A noite veio falar comigo o Sr. Sizino ainda sobre o caso da invasão do terreno de Santa, por Zé e Antônio dos Reis. Prometi ir amanhã ir por lá (Diário JBS, 25.01.1963).

Quando o juiz rompeu com Euclides, a postura de Daniel, aliado de Euclides, mudou radicalmente e José Bezerra passou a sentir temor, conforme registro.

O Daniel a disposição. Que o perigo está sob mim a todo momento e eu sou um dos mais visados, por causa também da prisão preventiva do pessoal da guarda; ainda pela ordem de busca e apreensão de armas em casa de Euclides, o que não foi feito. Que eu sou caça agora, que devo a ser caçador também, porque se trata do caso de vida ou morte, sendo o meu principal inimigo Daniel que deve

José Alves de Lima era filho de Geraldo Alves de Lima e de Minervinda Alves de Lima, apelidada de “Cabocla. Foi aprendiz de sapateiro, alfaiate e esteve alinhado a Othoniel Dória, vinculado a UDN. Foi integrante da Filarmônica Nossa Senhora da Conceição, como clarinetista. Casou-se com Francisca Pereira Lima. Foi vereador pela UDN. Faleceu em Aracaju (Carvalho, 2022).

ser caçado. Não devo descansar enquanto ele viver. Que seria bom de ver-me livre dele... Não combinei e nem combino em dar caça para matá-lo; a meu ver ele deve ser perseguido pela polícia com justiça. Vamos pedir a Deus que o tempo leve tudo isso (Diário JBS, 18.11.1963).

No decorrer do diário, antes da ruptura, Daniel esteve presente na mediação entre o juiz e Euclides. Ele passou a ser visto pelo juiz como uma das principais ameaças à sua vida, devido à onda de vingança que se espalhou em Itabaiana após a morte de Euclides e de seu filho. A presença de Daniel na cidade era uma sombra ameaçadora que pairava sobre o juiz e os desafetos de Euclides. De fato, havia uma rede de informações que mantinha o juiz alerta quanto à presença de Daniel e de qualquer pessoa estranha que chegasse à cidade, especialmente porque ele era visto como uma das principais vítimas da família e da UDN.



Guarda Municipal

X

Polícia Militar, em Itabaiana

*Valha-me Deus das memórias perdidas, dos tempos de outrora,
das vacas vendidas, dos sonhos desfeitos, da vida, daquela vida!*

Depois de um longo período tendo o domínio absoluto em Itabaiana, inclusive na polícia, onde agia como delegado, a perda da UDN nas eleições de 1962, do governo estadual, colocou o comando da política nas mãos do PSD, o que representava um problema grande para o domínio de Euclides na localidade. A alternativa que encontrou Euclides foi a de recriar a Guarda Municipal, fardada no final de 1962. O entrevero se estabeleceu pois o quartel, que era do município, não foi permitida a entrada da força policial. Ficaram duas forças coercitivas em Itabaiana, ligadas aos dois grupos políticos: a força policial sob o comando do governo estadual, vinculado ao PSD e a guarda municipal, sob o comando local, vinculada a UDN.



Mendonça (2014) afirma que a Guarda Municipal de Itabaiana (PMI) foi criada em 1939, na gestão de Sílvio Teixeira (1935-1941)⁴⁴, regularizada em 5 de abril de 1952, na primeira gestão de Euclides Paes Mendonça, destinada objetivamente a exercer serviços de fiscalização das normas administrativas. No entanto, só em 26 de novembro de 1962, com a vitória do PSD em nível estadual, Euclides reorganizou e efetivou na política administrativa do município: “o uniforme da Guarda Municipal de Itabaiana era brim americano, calça e túnica, trazendo na gola a insígnia PMI, gorro e o brasão do município, cacetetes e revolveres e um apito de metal” (Mendonça, 2014, p. 200). Nas ruas da cidade, desfilavam os guardas da PMI e da força militar estadual, criando tensões e medos.

As acirradas disputas entre esses dois partidos amedrontaram a população, que temia os embates que poderiam surgir a qualquer momento entre as forças policiais que circulavam pela cidade, especialmente em dias de feira — e, de fato, isso logo aconteceu. Quem mandava em quem? Essa era a grande questão. As duas forças coercitivas estabelecidas na cidade, ambas detentoras de poder legal, geraram inúmeros conflitos, representando, em última instância, os chefes políticos locais.

O delegado de polícia, até então udenista e ligado a Euclides, passou a ser indicado por Seixas Dória e Manoel Teles. A primeira substituição ocorreu com Durval da Costa Oliveira,

44 Depois do Estado Novo foram realizadas as primeiras eleições para prefeito e vereador, em Itabaiana, candidata-se Sílvio Teixeira e Manoel Francisco Teles. Ele nasceu na Fazenda Taquari, em Itabaiana, em 11 de abril de 1906. Era filho de João Teixeira dos Santos e de Maria São Pedro dos Santos, conhecida como “D. Caçula”. Foi comerciante, migrou para o Rio de Janeiro, depois retornou e abriu uma loja de tecidos intitulada “O Barateiro”. Casou-se com a viúva de Antônio Silveira, de Frei Paulo, que tinha um filho apelidado de “Tonho de Anita”. Tornou-se, então, fazendeiro em Frei Paulo (Baldock, 2017).

sendo empossado o tenente Erundino, sobre o qual José Bezerra fez a seguinte apreciação:

Delegado, tenente Erundino, homem de bem e educado. Achei-o meio ingênuo em relação as causas de Itabaiana. Disse-me que, do quartel, ninguém quis vir para cá. Conversamos muito, amistosamente. Entramos em assuntos secretos, inclusive a maneira de segurar Otoniel (Diário JBS, 05.02.1963).

Erundino passou quase um mês em Itabaiana, sendo substituído pelo major José da Silva Teles, conhecido como Major Teles, conforme registrou José Bezerra:

La encontrei Erundino, Solon e o guarda. Conheci o sargento (gordo). Estávamos já no fim da conversa quando chegou José Carlos Teixeira trazendo o novo delegado regional para substituir o tenente Erundino: O major José da Silva Teles (major Teles). Alto, forte e desenvolvido em assuntos de delegacia, é perito em inquéritos. - Ótimo para aqui. O tenente foi embora logo (Diário JBS, 06.03.1963).

Figura 92. Foto do Major Teles. A foto acima foi mandada reproduzir em seis cópias por José Bezerra, depois que ele faleceu.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.



O major Teles chegou a Itabaiana como delegado, devido a arranjos políticos, e era alinhado ao PSD, mantendo diálogo aberto com “Mané Teles” e com o juiz. Ambos estavam sofrendo ameaças de Euclides, o que levou o juiz a pedir segurança.

Conversei pouco antes como major Teles que entre outras coisas disse-me que ia apresentar-me o soldado, ontem requisitado, para me acompanhar. Que Euclides está munido, além de metralhadoras, com carabinas automáticas, segundo lhe contou o Otoniel (sargento reformado) que os guardas de Euclides andam desarmados, mas em caso de urgência, basta entrar pelo portão longo da casa de Euclides e o arsenal está pronto. Que Otoniel ao ser avisado que lhe tomaria as armas (45) que ele leva quase sempre, ele aflito disse ao major que se quisesse se ajoelharia aos seus pés, mão não o procurasse desmoralizar. A noitinha apresentou-se o soldado n. 999 da 4 CGT João Rodrigues de Freitas, com ofício do major Teles, delegado Regional, para me acompanhar (Diário JBS, 13.03.1963).

Conflitos pontuais começaram a pipocar entre os guardas municipais, como no caso do assassinato de Jovaldo Novaes Pinto pelo soldado Petronilo, envolvendo também o soldado Solon Rodrigues, que trabalhava para Euclides. Nesse período, Euclides e José Bezerra já estavam rompidos, e o juiz enfrentava ameaças e perseguições, enquanto Euclides se sentia traído por quem considerava amigo e aliado. Foi no início de abril de 1963 que José Bezerra instaurou o inquérito para apurar a responsabilidade pelo crime.

Antes disso, o juiz José Bezerra já tinha algumas informações sobre Jovaldo Novais Pinto, pai da vítima. Em 23 de fevereiro de 1959, Jovaldo, que era motorista de “Mané Teles”, esteve em sua casa para contar o que estava acontecendo com seu filho, pois havia um plano dos soldados para matá-lo.

Às 17 horas, voltei à estação rodoviária e soube aí do assassinio de Jovaldo, filho de Oscar, chofer de Mané Teles, pelo soldado Petronilo, da guarda do Posto Fiscal, estando embriagado, Jovaldo é aquele do caso de 9.2.59 e o pai me pediu socorro para tirá-lo daqui a 23.2.59 e fiz um físico ao direto do DCT. No dia 9, daquele ano 2ª feira de carnaval, á noite, uma briga, ele rebentou o solado Pacatuba, e Adubal saiu apanhado, - sem dúvida, daí para cá, Jovaldo ficou jurado, e, agora, a desforra por outro soldado...Um tiro de revólver, à queima-roupa, lado esquerdo, quase debaixo do sovaco, lado do peito, em direção ao coração. Morte quase imediata. Maus prenúncios para a paz de Seixas Dórea.

Chegando a Itabaiana, fui à casa de Jovaldo, encontrando-o ainda na cama. Tinham acabado de prepará-lo para o caixão fúnebre que já estava na sala, à espera do cadáver. Disseram que ao vesti-lo começava a hemorragia externa. Vi deitá-lo no caixão e expô-lo na sala. Gente, muita (Diário JBS, 16.01.1963).

José Bezerra registra que, no caso de Jovaldo, não houve discussão. Na porta do cemitério, Toinho do Bar lhe informou sobre a soltura do assassino Petronilo. Solon contou a história e o próprio Petronilo, preso, afirmou desconhecer como cometera o crime ou como chegara à prisão (Diário JBS, 17.01.1963).

Outras notícias sobre os antecedentes de Petronilo chegaram aos ouvidos do juiz, como o fato de ele ter baleado Carminho, irmão de João de Felipinho, deixando-o aleijado, e a morte de uma moça no Rio das Pedras, pela qual ele foi acusado.

Euclides, dizendo que recebeu telefonema do comandante, enviou o soldado Petronilo, assassino de Jovaldo, para Aracaju. Tudo errado. O criminoso deve ser julgado no lugar onde cometeu o crime. Não pude interferir por não estar requisitado pela justiça. Soube que nem sequer o auto de prisão em flagrante foi lavrado. Uma estupidez! O réu foi preso, ainda a presença da vítima desfalecida. O cúmulo? Há segundas intensões e acusa mais claramente o interesse de outros culpados na morte de Jovaldo. - Li o telegrama do comandante da política coronel João Machado, pedindo remessa do soldado Petronilo dos Santos Brito, n. 262, da 1ª Cia, com escolta, logo após o interrogatório. Pelo que fui informado é para excluí-lo da cooperação, quando for requisitado pela justiça. Seguiu hoje mesmo no carro jipe de Euclides, guiado por Otoniel (Diário JBS, 18.01.1963).

O juiz José Bezerra resolveu promover uma acareação entre o subtenente Solon e o soldado Petronilo. Solon, que até então era próximo de José Bezerra, foi à sua casa em 17 de abril de 1963, como ele registrou: “À noite, Solon veio aqui falar comigo. Disse-lhe que a mim não interessa fazer mal a ninguém, mas que devo cumprir meu dever. Ele me disse que ainda não tinha vindo falar comigo porque tinha acanhamento!”

Preparei o ambiente para a audiência de acareação entre Solon e o acusado soldado Petronilo Santos de Brito. Presentes o promotor Prudente, Carlos Henrique e Antônio Torres, o acusado e Solon. Torres ficou a porta e Carlos Henrique [...] Acareação tremenda, de mim, e para que tudo se realizasse em Paz Euclides foi o único que penetrou no recinto do povo, armado. Provocou o soldado Roberto, que está comigo, empurrando-o, por três, mas foi revidado da mesma maneira. Soube que depois, ele mesmo saiu gabando a coragem de Roberto. O major saiu-se otimamente, observando e supervisionando tudo, enquanto o sargento Florival Mendonça comandava a patrulha em ação. – Solon não se deu bem, a meu ver. No final entrou em crise, chamou Petronilo de “criminoso frio” e que ambos deviam resolver ali mesmo... e disse enfim que nada mais tinha a dizer (Diário JBS, 18.04.1963).

A acareação mobilizou a política e os cidadãos, que acompanhavam o espetáculo com curiosidade e, certamente, tomavam partido conforme suas ligações políticas com os partidos. Soldados bem armados guarneciam o local e vigiavam a realização da audiência, por solicitação do juiz, que queria que o ato fosse realizado em paz. Esses momentos eram, de fato, provocadores de interesses e comentários na cidade.

Um dos episódios conflitantes daquele ano, envolvendo a guarda municipal e a polícia, ocorreu na feira de Itabaiana, quando a prefeitura resolveu mudar de lugar os feirantes que vendiam redes. Um deles, que estava no local há mais de uma década e era, certamente, do grupo opositor, resistiu. Dessa forma, o juiz foi acionado para intervir na questão.

Roberto amanheceu aqui fazendo-me (cobertura) companhia pela noite. Mas graças a Deus, tudo correu em paz. Agitações não tardaram. No ginásio fui procurado pelo prefeito Sizino e mais tarde por Antônio Torres para resolver o caso das redes na feira, pois Euclides queira por fim da força retirá-lo do lugar que ocupa há 12 anos. Entretanto, ao lado desse velho, na árvore vizinha havia um Cândido vendendo também redes, mas elemento de Euclides. Que fez o cacique? Determina um outro lugar para os vendedores de rede e exige que só o velho se retire de onde está. Como não conseguiu na hora, de boa vontade, Euclides vai até a banca do velho, acompanhado

de Otoniel e outro guarda Gordo dele, arranca as redes das cordas, chuta a banca do velho e chegando debaixo do jenipapeiro da esquina, abre a camisa, perante o povo, fazendo alarido, vomitando coragem e “o homem daqui ainda sou eu”. Exibe dois revólver na cintura, cada um em cada mão desafia os homens de coragem, levantando-se ao ar, ao mesmo tempo, as duas armas, até que vai para casa. É quando chego do ginásio e nada mais posso estudar para entrar logo em um acordo. Tirei o pessoal da feira, para discutir o assunto na sala de jantar de Mané Teles, indo para lá Mané Teles, Torres e eu. Conversa muita. (Diário JBS, 20.04.1963).

Continuando sua narrativa, José Bezerra relata que, de repente, Toinho do Bar irritado, proferindo insultos. Disse que Torres e seus aliados precisavam compreender que estavam em posição inferior e que não aceitariam um acordo com humilhações. Diante disso, sugeriu uma conciliação: que fossem restituídas as redes ao velho, que ele e Cândido permanecessem ali até hoje, e que, no sábado seguinte, os dois se transferissem para o novo local, junto aos demais vendedores. Ele ficou de dar uma resposta depois.

Ao sair — continua José Bezerra —, notou que o velho havia ido buscar novas redes e selins para vender, enquanto soldados fortemente armados garantiam sua permanência e defendiam seus direitos. Os patrulheiros estavam equipados com metralhadoras e fuzis, transformando o ambiente

em uma verdadeira praça de guerra. Convidei, então, Sinzino para uma reunião de acordo no cartório de Etelvino. Ele compareceu e aceitou. Mais tarde, voltou a me procurar, informando que Euclides havia chamado o governador e o Secretário de Segurança. Nesse meio-tempo, com os ânimos já mais calmos, o major retirou a tropa, deixando apenas o soldado Zamba de guarda junto ao velho das redes (Diário JBS, 20.04.1963).

A cidade vivia um clima político assustador!

Tiroteio e o major atingido

Naquela noite, o juiz seguiu para Aracaju. Em Itabaiana, no dia seguinte, em 21 de abril, segundo Mendonça (2014), “Sinhá” convocou o major Teles para conversar com ela a respeito do homem das redes. Ao ir ao encontro dela, o major foi alvejado por soldados da Guarda Municipal. Duas versões circularam sobre o mesmo fato. O tiroteio se estendeu pela noite, e a chegada da força federal no dia seguinte encerrou o conflito, deixando feridos o major Teles e o sargento Solon. No dia seguinte, o juiz foi avisado e imediatamente seguiu para Itabaiana.

Ao chegar baixei numa portaria para as autoridades competentes realizarem todas as diligências e fazer o inquérito policial sobre as ocorrências. Ouve que o soldado Gordo foi atingido por bala de fuzil e morreu, no sobrado, 12,20h. Às 12,25h a fala do Coronel Ariosvaldo Silva Fontes. Apela para o povo, retomar os trabalhos

normais. O capitão Candeias assumiu a delegacia. Otoniel sargento já foi preso para Aracaju (Diário JBS, 22.04.1963).

Depois, José Bezerra relata a melhora do major Teles, inclusive que ele estava fora de perigo, pois já havia passado mais de 72 horas. Informa também que Salon perdeu uma perna em razão da bala dum-dum e, ainda, que Otoniel delatou que as armas de Euclides estavam na cisterna de sua casa e que ele seria trazido de volta por Euclides no dia seguinte. (Diário JBS, 25.04.1963).

O major faleceu em 27 de abril de 1963, e muitas insatisfações e inquietações surgiram no quartel, gerando tensão na corporação à qual o major Teles pertencia. Os membros da Guarda Municipal, responsáveis pelo assassinato do major, não foram punidos. Idas e vindas judiciais foram registradas por José Bezerra.

Euclides Paes Mendonça, em Brasília, apresentou sua versão dos fatos, afirmando que o major Teles, embriagado, desentendeu-se com os policiais da Guarda Municipal, prendeu seus membros e trocou tiros com eles. “Sinhá”, sua esposa, retornou de Aracaju para Itabaiana ao saber dos acontecimentos e relatou que sua casa estava sendo vigiada por investigadores. Ao chegar, foi recebida com uma rajada de metralhadora, sendo obrigada a deitar-se no chão para se proteger. Nesse episódio, um pedreiro foi atingido e veio a óbito. Com esses argumentos, Euclides pediu garantias à Câmara Federal para retornar a Itabaiana, embora tenha afirmado que o faria de qualquer forma para “defender sua família”.

Figura 93.
Recorte do Jornal:
Deputado enfrenta
ameaça dizendo
que vai a Sergipe
“garantido ou
como homem”.

Fonte: O Globo, 27 de
abril de 1963.

Deputado Enfrenta Ameaça Dizendo Que Vai a Sergipe “Garantido ou Como Homem”

BRASÍLIA, 26 (O GLOBO) — O Deputado Euclides Mendonça, da UDN, cuja residência em Itabaiana foi atingida por uma rajada de metralhadora no instante em que sua esposa chegava numa Kombi, responsabilizou o Governador em exercício, Sr. Celso Carvalho, do PSD, pelos acontecimentos, e disse que voltará a Sergipe “com as garantias que vier a receber como deputado, ou como homem, para defender minha família”. O representante udenista viajou para o Rio, onde falará com o Sr. Seixas Dória, que está licenciado. Disse que o Governador em exercício quer proteger seus correligionários em Itabaiana, onde ele elegeu 6 dos 8 vereadores. O prefeito, dois deputados estaduais e conseguiu a maior parte de sua votação, e que não interessa aos possedistas daquele município a reaproximação do Sr. Seixas Dória com a UDN. Por isso hostilizam os udenistas.

Os Fatos

Em declarações antes de viajar para a Guanabara, o Sr. Euclides Mendonça disse que os fa-

tos remontam a uns 20 dias, com desentendimentos policiais na sua cidade, onde o Major Teles, delegado especial, embriagado, prendeu toda a guarda munici-

pal, trocando tiros com um subtenente aposentado. Sua esposa, ao tomar conhecimento dos fatos, inclusive de que sua casa estava vigiada por investigadores, dirigiu-se de Aracaju para Itabaiana. Quando chegava à casa, uma rajada de metralhadora obrigou-a a deixar-se no chão para não ser atingida. Um pedreiro que trabalhava numa construção vizinha, contendo mores no local. Tanto a fachada de sua casa como a Kombi ficaram civandadas de balas.

A Mesa da Câmara, a quem foram pedidas garantias, telegrafou ao Governador em exercício, que ainda não respondeu aos esclarecimentos solicitados.



Essa versão contradiz outras sobre a morte do major, entre elas a de que ele havia sido chamado por “Sinhá” para esclarecer os fatos referentes ao homem das redes e, ao dirigir-se à residência dela, foi alvejado por membros da Guarda Municipal.

O episódio demonstrava o quanto Euclides tinha força e poder para intervir na Justiça. Seixas Dória conseguiu dissolver a Guarda Municipal, embora não tenha tido força suficiente para punir os policiais envolvidos no assassinato.

Chegou o procurador Geral Tarcísio dizendo-me que às 14 horas iria haver sessão extraordinária para julgar o processo de Itabaiana. Agora, às 20,45, chegou Pedrinho dizendo que o cacique chegou trazendo os guardas que tomaram parte do tiroteio do dia 21, 22 de abril – Otoniel,

Solon, Pedro Rezende e que decretei a prisão preventiva, no dia 11. Um verdadeiro escândalo. A câmara criminal que julgou o habeas corpus, de Torres, foi constituída por Hunald Cardoso, Assis e Carlos Sobral. Aliás, antes da sessão, já se sabia do resultado – Soube que os idiotas de Euclides está regogitantes.

Alguns membros da Guarda Municipal deixaram Itabaiana, enquanto outros permaneceram a serviço de Euclides. Muitos outros episódios de conflito entre as duas forças policiais ocorreram no curto período em que ambas circulavam pela cidade, e foram registrados pelo juiz. Ele tomou conhecimento de vários acontecimentos e foi acionado para intervir, adotando encaminhamentos jurídicos, como no caso do tiroteio em Serra do Machado.

Do final de 1962 até a morte de Euclides e de Antônio, José Bezerra se sentiu ameaçado e perseguido, vivendo um verdadeiro calvário junto com sua família, que desejava que ele solicitasse transferência daquela comarca. Ele enfrentou os conflitos com Euclides durante todo esse tempo, contando com uma rede de informantes que o mantinha atento a qualquer movimentação na cidade.

Fui informado que Euclides perdeu, ultimamente, duas questões que lhe valeriam muito a reabilitação da guarda municipal, e o mandado de segurança sobre a criação de Moita Bonita. Tudo caiu nesta semana que termina hoje (Diário JBS, 22.06.1963).

Euclides se sentia traído por aquele que considerava amigo, inicialmente no caso das terras, em que o juiz foi pressionado a tomar decisões jurídicas que contrariaram Euclides. José Bezerra, por sua vez, era ameaçado e se sentia perseguido, tendo que abandonar a casa onde morava em tempo recorde, por conta da pressão exercida por Euclides. Ele se alojou inicialmente na casa de um desafeto de Euclides, o padre Arthur, tal era a urgência de sua mudança. Entre os dois, havia uma rede de informantes (e fofoqueiros) que alimentavam o caos e garantiam um clima constante de acirradas disputas e paixões, ao qual os itabaianenses em geral se sentiam enebriados e embriagados. Entre o final de 1962 e a morte de Euclides, esse clima pesou como chumbo na vida do juiz e de sua família, pois entendiam que Euclides não era de “deixar barato”, muito menos de perdoar o que considerava ofensa e traição. Alguns excertos do diário dizem muito sobre aquele período.

Na ida ao ginásio Cazuza passou por nós
5. Percebemos movimento desusado da
gente de Euclides. Estou desconfiado mais
atento. Recebi uma carta de Euclides. Res-
pondi em bilhete (Diário JBS, 08.05.1963).
Durval me deu a entender o caso da car-
ta e do bilhete de Euclides [...] Expliquei
que o “diário” é particular e nada tem a
ver com ninguém. Cupertino me falou
do caso que se relaciona a Euclides, com
clareza e disposição. Aconselhei-o a de-
sistir disso, no caso, eu poderia ser toma-
do como suspeito, quando nada tenho a
ver (Diário JBS, 09.05.1963).
Soube que Otoniel, Euclides e Cia passe-
aram muito pela cidade, passando inclusive

pelo Beco Novo, frente a casa. De noite, o capitão mandou Cupertino buscar o fuzil, deixando a metralhadora a pedido meu. Soube agora de noite que o cacique os guardas com Otoniel não mais estão na cidade. Sem dúvida foram para Aracaju. O Sr. Neú perguntou a Roberto por que devolvi os e soldados ao quartel... e sorriu... como guarda algum segredo (Diário JBS, 14.05.1963). Passava desde ontem pelo excesso de velocidade, inclusive pela zona de ginásio, ameaçando atingir os meninos da saída do ginásio. sabe-se que queria pegar a mim e o padre. Foi perseguido pela polícia e pegado já, na estrada de Autas Verdes, perto de Carira (Diário JBS, 16.05.1963).

O capitão Lenine, que substituiu Candeias, cuja permanência no cargo foi curta, veio ocupar a vaga do major Teles, que havia falecido. Ele ficou menos de um mês no cargo.

O capitão Lenine deixou para chegar hoje. Só o Senhor Neú e Gabriel apareceu aqui, agora, de noite. Senhor de Neú nada disse, mas deu a entender pela conversa que “tem gato na tuba”. Fala-se que Durval coletor anda bem-disposto e alegre... E que amanhã Euclides vai desmandar o Durval do Açúcar, e de outro vendedor de carne de porco etc. Estão aguardando. Soube que o rapaz da kombi veloz já está na sala livre do quartel (Diário JBS, 17.05.1963). No Boletim Oficial deu a nomeação do

Coronel Manoel Machado Filho para delegado Especial de Polícia em Itabaiana. (Saída de Lenine). Faz pouco o sargento Florival me falou nisso, quase não acreditava, mas o rádio confirmou. Acredito que houve alguma cilada contra seu João, pois o Coronel Machado é udenista retinto (Diário JBS, 26.06.1963).

Depois de Lenine, o major Hermínio Florêncio assumiu como delegado de Itabaiana, mas logo foi substituído pelo coronel Machado: “Hoje tomou posse do cargo de delegado o major Hermínio, substituindo o coronel Manoel Machado, o qual, no domingo passado, teve atitudes amistosas com Euclides, em Moita e Capunga. Não era isso que se esperava dele” (Diário JBS, 11.07.1963).

Os conflitos protagonizados por Euclides e seus aliados se sucediam, todos devidamente registrados por José Bezerra, que também enfrentava um processo de suspeição acionado por Antônio Torres, enquanto as ameaças continuavam a circular pela cidade.

O jipe de Euclides com o sargento Otoniel dobrou a esquina e parando junto a nós, perguntou o Otoniel se a gente ia para o ginásio e se queremos ir. Resposta negativa. Saiu danado (Diário JBS, 06.01.1963).

Antônio Torres entrou com um processo de suspeição contra o juiz José Bezerra em março de 1963. Foi mais um período tenso para José Bezerra, que estava envolvido nas

querelas políticas de Itabaiana. A denúncia alegava que ele havia assinado títulos eleitorais fraudulentos, em uma ação orquestrada por Euclides. Vale lembrar que, na última eleição, em 1962, José Bezerra havia sido recolocado na função de juiz eleitoral, após um longo processo de afastamento, devido a questões já mencionadas nas eleições anteriores.

Iniciei o trabalho de despacho da ação de suspeição de Torres contra mim no processo dos criminosos. Chico Passos me telefonou de Aracaju, indagando da situação de Manoelzinho que está preso. Passei-lhe o corrido, dizendo que havia sido informado que tinha sido preso o Manoelzinho, em poder do qual tomara a polícia peixeiras, um bacamarte e revolver. E que não sabia se estava atuado ou não. Logo depois mandei chamar o capitão e disse-lhe para soltar o Manoelzinho, depois de boa lição de conselhos (Diário JBS, 04.06.1963).

Passei o dia trabalhando no processo de suspeição de Torres contra mim. A tarde resolvi ir ao Cartório de Zeca mostrar o trabalho para melhorar alguns pontos (Diário JBS, 05.06.1963).

Entreguei para o Tribunal o processo de suspeição de Torres contra mim (Diário JBS, 06.06.1963).

Regista José Bezerra que na Praça da Bandeira, José Bezerra esteve com Toinho, quando soube por ele que Euclides Paes Mendonça teria dito a Alfredo Leite que possuía três pacotes

de títulos eleitorais fraudulentos, supostamente assinados pelo próprio juiz. José Bezerra percebeu a manobra: o objetivo de Euclides era incompatibilizá-lo com Alfredo Leite, deixando-o sem aliados na defesa. Alfredo, ao notar a intriga, reafirmou a Toinho sua lealdade e honestidade em relação ao juiz (Diário JBS, 12.07.1963).

Ondas de ameaças continuavam a chegar aos ouvidos de José Bezerra, assim como constantes denúncias a respeito de Euclides.

Às 15hs 15 chegou o capitão e me contou toda a história, inclusive que tinha falado com o prefeito e este achou de ir fazer consultas a Euclides. [...] Avisou-me o capitão que mandou buscar a chave do caminhão e se Euclides não mandasse iria buscar e, então podia haver São João antes do tempo. Que eu estivesse prevenido com Roberto. A noitinha, ao chegar, Roberto saiu e voltou dizendo que a chave fora enviada ao capitão e ao dono do caminhão, sem resistência. O capitão saiu daqui agora e explicou-me enraivecido com o Zé de Eliziário, este tinha outra chave na ignição do caminhão. Usou-a depois de beber cachaça e saiu com ele a passar pela frente da casa de Euclides. O pensamento do capitão era colocar nova chave de ignição no carro com garantia da polícia, pois não sabia o capitão que havia a segunda chave. Mas o Zé de Eliziário estragou tudo. O capitão não é homem de picuinhas. Ficou aborrecido e retou o apoio da polícia e pensou em botar o Zé no xadrez, pois mentiu-lhe dizendo que não tinha

outra chave. Euclides permanece com a 1 chave. Soube que quando o caminhão passou pela casa de Euclides, este levantou-se da rede, mas Sinhá agarrou-o. Agora a casa dele está fechada (Diário JBS, 20.06.1963).

Em 1963, José Bezerra relata que sentia que “algo fermentava na cidade”, percebendo-se vigiado por Antônio de Euclides, inclusive na entrada do cinema. Ele e Roberto sentiam-se como alvos de vigilância (Diário JBS, 18.07.1963). Um dos fatos que corroboraram essa impressão foi a presença de Daniel na cidade e as idas e vindas de um jipe circulando pelas madrugadas, próximo ao cemitério. Também ouvia, de quem o visitava, informações sobre a movimentação do pessoal de Euclides, o que sempre o inquietava.

O afastamento de José Bezerra de Euclides gerou muitas críticas por parte dos apoiadores do então deputado federal, que chegavam aos ouvidos do juiz.

De tarde Gileno esteve aqui no ginásio e conversou longamente comigo sobre o serviço eleitoral, minha situação. De Brasília recebeu pedido de remessa do inquérito eleitoral, por isso achou de publicar edital de citação de eleitores impugnados para reabilitação dos títulos. Falou-me das expressões de Hunald chamando-me de fraco por ter abandonado Euclides e procurado Mané Teles. Não sabe ele que encontrei uma diferença estúpida entre a maldade ativa do Euclides e a mansidão de Mané Teles (Diário JBS, 22.03.1963).

Logo cedo Djalma passou aqui, a caminho da Igreja e pediu-me que passasse por lá, para terminar as sentenças em seus processos. Às 10 horas, fui lá, Djalma me contou que ouviu de alguém da UDN me ameaçar porque afastei-me de Euclides, mas também por favorecer a Mané Teles. Ao menos ficasse neutro. E por isso meu inquérito foi remetido a Brasília, só o meu, por influência de Euclides, que a estas horas, sem dúvida é parte interessada em tirar-me de Itabaiana. Fiquei logo sem coluna tentei sair sem nada resolver. Fui logo a casa de Leite Neto com o qual conversei, e prometeu-me ir ao Tribunal, logo que chegasse a Brasília ver minha situação, pois até o momento de nada tinha conhecimento, pois há muito que se afastou dos recursos.

As relações entre ambos se tornaram um cenário de constantes conflitos, levando o juiz a se munir de todas as formas de proteção que conseguiu obter. Euclides, por sua vez, provocava, sempre que possível, novos acontecimentos para destituir o juiz do cargo que ocupava, amedrontá-lo e mantê-lo em um estado de contínuo desassossego, em um cenário já belicoso, marcado pela ruptura do alinhamento entre o poder municipal e o estadual.



Passeata da água e a morte de Euclides e de Antônio

Tempos de efervescência dos movimentos civis e políticos, tempos de busca pela democracia, como conter os estudantes?

Historicamente, Itabaiana viveu o drama da falta de água. Sem grandes rios em seu território, sempre enfrentou as secas, aguardando longos períodos pela benevolência divina para que chovesse sobre suas terras. Ao longo de sua história, soluções foram buscadas para resolver ou minimizar esse problema, como a abertura de açudes e fontes, chafarizes e cisternas. A água encanada chegando às casas, por meio das torneiras, era um sonho imensamente desejado, especialmente quando se conheciam os benefícios de sua canalização.

Em 1757, existia apenas o tanque da Pedreira, como assinalou o padre Francisco da Silva Lobo em carta ao rei de Portugal, D. Pedro I, pedindo recursos para abrir um açude como “remédios para os caboclos” (Bispo, 2013).



Ainda no início do século XIX, dizia Souza (2005, p. 69):

Havendo tantos regatos cristalinos nos montes vizinhos no recinto da vila não se encontra nenhuma fonte perene. Os moradores vão buscar água em lugares distantes uma légua da vila, porque dois tanques em que se depositam água da chuva, um chamado do povo e outro pedreira, não podem fornecer água no tempo do verão, pois que não só é nociva e imunda como secam pelo calor da estação: isto mais concorre para a desvantagem da vida.

Mais recentemente publicou Bispo (2013, p.185):

de todos os elementos que conspiraram contra o desenvolvimento de Itabaiana, o mais grave deles foi a falta ou o mau gerenciamento da água. A abundância atualmente verificada é produto de anos de sofrimento e lutas pela conquista da água.

A vila se transformou em cidade, mas os problemas de abastecimento de água persistiram, sendo historicamente enfrentados por seus moradores. Em busca de sanar o problema foram construídos: Tanque do Povo (atualmente Mercado), o Açude da Marcela (Açude Novo), o Açude Santa Cruz e Tanquinho. Era tamanha a falta de água, que muitas crianças e jovens, com moringas, iam a feira vender água. Havia também o transporte e venda de água, carregada desses açudes para

as residências, em jegue, constituindo-se assim em uma rede de distribuição precária e escassa, agravada sempre quando o período era de estiagem.

Já as famílias mais abastadas encontraram uma alternativa: a construção de cisternas em suas casas, que serviam como reservatórios para armazenar a água colhida durante o inverno, garantindo o consumo nos períodos de estiagens e longas secas. Aos pobres, restava, em geral, caminhar longas distâncias em busca de água, carregando potes sobre rodilhas que colocavam na cabeça. O juiz José Bezerra morava na residência de Euclides, que tinha uma cisterna, e no verão, muitas vezes, doava água a amigos, especialmente para Sinhá, quando a cisterna da casa dela se esvaziava.

Choveu bastante de noite pelo que chamei Apolônio, da prefeitura, encarregado dos trabalhos de Euclides, para consertar goteiras, bica e rachaduras das paredes. Veio logo. Acertei ao trabalho por fazer, juntasse a poda das plantas dos canteiros, inclusive as roseiras velhas e a grandes trepadeiras que cobria a área coberta inclusive boa parte do oitão, antena de rádio etc, estava danificando o telhado. Choveu ainda durante o dia, e agora ao anoitecer fechou o tempo. O povo está satisfeito e as cisternas que já andavam quase todas vazias, tomam água a valer (Diário JBS, 30.03.1962)

Os itabaianenses acompanharam, ao longo de mais de três séculos, a luta pela água em suas vidas cotidianas. No início da década de 1960, surgiu a oportunidade de sanar esse problema secular:

Ele [Euclides] mais uma vez se desentendeu com o governo estadual agora com relação as obras de abastecimento de água na cidade. A SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), em convênio com o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas) e com recursos da AID (Agencia Internacional de Desenvolvimento, órgão do governo americano) estavam promovendo obras de canalização de água em vários municípios e Itabaiana foi contemplada com tais obras, água essa que o DNOCS queria trazer do povoado Ribeira para a cidade, o problema era que pelo convênio com AID os serviços deveriam ser explorados por empresas de economia mista e não pelo poder público diretamente (Leal, 2015).

Mendonça (2015) argumenta que a objeção de Euclides ocorreu por ele não aceitar que a Companhia de Água e Esgotos do Nordeste (CAENE), empresa responsável pela distribuição de água na cidade, desse continuidade ao trabalho já iniciado, que teria duração de 30 anos. O autor considera razoável a objeção de Euclides, devido aos entraves que o autor identificou no contrato, que deixava a administração nas mãos de terceiros e, sobretudo, de seus opositores na cidade. Euclides acreditava que o poder público pudesse dar conta da tarefa. Ele chamou de farsa a convocação dos estudantes para a passeata, afirmando que a espera por melhores condições seria o ideal, “pois da mesma forma que se viveu até ali sem água encanada, dois ou três meses a mais ou a menos em nada

mudariam a rotina do povo, que ainda buscava água no chafariz”. Seria mesmo? O público e o privado, especialmente em tempos de Euclides, estavam profundamente imbricados, e a separação entre eles nem sempre ocorria. Quatro meses depois, o então prefeito José Sizino de Almeida assinou o contrato e a canalização e distribuição de água foi retomada.

Planejamento e realização da passeata

A imprensa local e nacional acompanhou essa trama do processo de distribuição de água em Itabaiana e o seu desfecho trágico em Itabaiana, trazendo a realização da passeata pelos estudantes do Murilo Braga.

Figura 94 e 95. Recortes de Jornal: “Situação tensa em Itabaiana: verdadeiro êxodo para Aracaju”.

Situação Tensa em Itabaiana: Verdadeiro Êxodo Para Aracaju

ARACAJU, 13 de Maio. (Mundo) — Situação tensa em Itabaiana, onde a população está se deslocando para Aracaju em busca de água. A situação é crítica, com a população em estado de desespero. A situação é crítica, com a população em estado de desespero.



Confusão com falta de água causa revolta na população



reparação ao prefeito Paulistino

A História da Água

O problema da água em Itabaiana estava na dependência de um pronunciamento do Deputado Euclides Mendonça, que estudava a conveniência ou não de entregar sua exploração por 30 anos, com exclusividade, à Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (CADENE), recém-criada pela SUDENE. A instalação da rede está a cargo do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, dirigido, em Sergipe, pelo engenheiro Humberto Santos. O pronunciamento do parlamentar seria dado após o estudo que fazia de um sítio endereçado pelo Sr. Humberto Santos ao prefeito de Itabaiana, Sr. José Sizino de Almeida, em julho, e no qual afirmava que as obras estavam ameaçadas de ser paralisadas por falta de verba.

Fodersem prosseguir se o prefeito insistisse junto à Câmara Municipal no sentido de autorizar o término da construção, mediante concessão à CADENE, que se encarregaria de concluir os trabalhos com recursos próprios. O parlamentar estudava a situação, e, ao que se informa, não estava disposto a permitir a concessão, preferindo que o abastecimento ficasse a cargo exclusivo da Municipalidade. Estava mesmo disposto a conseguir por outros meios, fundos necessários para a conclusão da obra.

O Governador Seixas Dória, referindo-se ao problema disse a O GLOBO que o Sr. Humberto Santos se encontrava em seu gabinete, exatamente no dia em que foram trancados os dois parlamentares, pedindo que o Governador interferisse junto a Euclides Mendonça para que este determinasse à Câmara Municipal a votação da lei autorizando a concessão à CADENE. O Governador prometeu fazer o possível, alegando que mantinha as melhores relações com o deputado, que, a propósito, no dia anterior estivera também em seu gabinete, de onde se retirara ofuscado com o tratamento que recebeu.

Fonte: O Globo, 13.08.1963

É importante ressaltar dois pontos dessa temática: o papel do movimento estudantil na década de 1960 e o papel do juiz José Bezerra nesse evento, conforme registrado em seu diário. Era um período de intensa movimentação da sociedade civil no país, especialmente após o fim da ditadura do Estado Novo

e durante a luta pela redemocratização. Os estudantes desempenhavam um papel significativo no debate sobre questões nacionais, e em Sergipe não foi diferente. Os jovens assumiram papéis importantes em momentos cruciais da vida nacional.

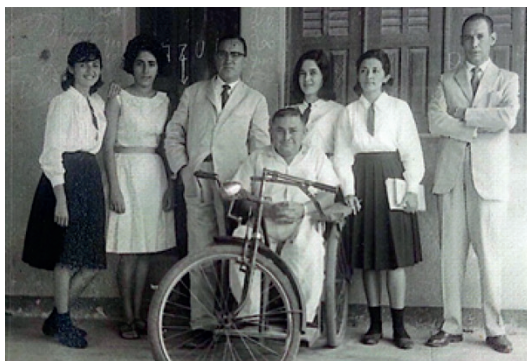
Embora o grêmio estudantil tenha sido criado durante o governo de Getúlio Vargas, em 1937, a União Nacional dos Estudantes (UNE) continuou protagonizando importantes mobilizações ao longo dos anos, como a campanha “O Petróleo é Nosso”, em 1947. Seguiram-se outras, especialmente durante o governo de João Goulart, como as reformas de base (agrária, urbana, tributária, bancária e constitucional) (Cruz, 2012). A segunda metade da década de 1960 foi marcada por intensa atividade política que mobilizou grande parte da sociedade civil em todo o país.

Nesse contexto, a passeata do grêmio estudantil pela canalização da água em Itabaiana refletia os antagonismos das lutas políticas internas da cidade, enquanto os estudantes do Colégio Murilo Braga acompanhavam de perto a movimentação política nacional, principalmente através do rádio e jornais que circulavam na cidade.

O Grêmio Professor José Bezerra, do Colégio Murilo Braga, foi acionado pelo professor de matemática Gabriel para organizar uma passeata em defesa da instalação de água em Itabaiana. A ideia surgiu em uma conversa informal, em que o juiz José Bezerra estava presente, e o professor Gabriel levou a proposta ao grêmio, que foi imediatamente aceita pela diretoria. Era o desejo de todos ter água encanada em casa, abandonando a dependência das buscas em potes em cachimbas, açudes e fontes, ou das chuvas para encher as cisternas das famílias mais privilegiadas.

Figura 96: Da esquerda para direita. Floralice, Luzia “Massa Crua”, Dr Bezerra, Berenice, de Ribeirópolis, Dr. Ormeil.

Fonte: Álbum de família de José Geraldo Dantas Bezerra. Cedida à autora em 20.09.2024.



Nos registros de José Bezerra, ele traça a trajetória desse movimento, que se tornou quase uma razão primordial para o desfecho trágico dos assassinatos. Destaquei aqui os momentos anteriores à sua idealização:

← INICIATIVA →

Os alunos do Ginásio estão se preparando para uma passeata da água encanada na cidade [...]. Ouvi sair o carro de propaganda anunciando o movimento da juventude de Itabaiana no sentido de convidar o povo para a passeata de amanhã, na luta pela água encanada na cidade [...]. A ideia dessa luta, por parte do povo de Itabaiana, partiu de mim quando nos fins de julho falei ao Senhor de Neú na Praça Santa Cruz e à noite falei a Gabriel no dia 31. Gabriel saiu e falou a Manoel Teles, perguntado: o que achava da luta pelos estudantes? Ele aceitou com satisfação. (Diário JBS, 07.08.1963).

Às 8h fui ao ginásio tudo bem! Dei as 2 primeiras aulas. Após as aulas conversei

CONSULTA

com os membros da diretoria do Grêmio Cultural e Esportivo. Falaram-me do caso da luta que querem abrir para a canalização da água na cidade. Soltei meu riso de aprovação e disse que toda a cidade civilizada tem o direito de ter sua rede de água. Pela tarde, resolveram ir a Aracaju, conversar com dr. Humberto para saber, no certo, das disposições de Euclides junto a direção do DNOCS - Falou-se então na ação da CAENE, órgão distribuidor durante 10 anos o que Euclides não quer consentir. Quer que só a prefeitura faça a distribuição com o auxílio de 40 milhões do governo Federal, com SUDENE concedem. Os meninos chegaram. Comunicaram a decisão de entrar em ação para forçar a prefeitura e os vereadores, estes vetando e o prefeito assinando. Euclides penteando macacos.

FAIXAS

Fui informado que os meninos estão preparando faixas e escrevendo nas mesmas, por aí afora. Campanha forte pela água encanada, querem pressionar a câmara de vereadores e prefeito para assinar a lei de instalação dos canos. Soube que de Aracaju, os estudantes querem ajudar pelo Rádio (Diário JBS, 06.08.1963).

De lá, fui diretamente para o ginásio. Às 14 horas falei aos menos e deixei Valneri falar sobre a passeata de amanhã, numa campanha pela água encantada.

PROPAGANDA

Às 19,40 ouvi sair o carro de propaganda anunciando o movimento da juventude estudantil de Itabaiana no sentido de convidar o povo para a passeata de amanhã, na luta pela água encanada na cidade. A prefeitura está esperando porque quer valer-se das verbas e da política parcial dos apaniguados.

Euclides apareceu hoje, e tenho a impressão de que ele está assanhado, planejando, maquinando alguma coisa para ver se consegue boicotar, tumultuar a passeata amanhã. Roberto o viu de perto apertando a 45 na cintura, com pequeno trejeito. Viu-o novamente, saindo de Jipe, com uma metralhadora. Pareceu-lhe ver Daniel lá dentro.

AMEAÇAS

As 21,30 minutos, Djalma e os demais companheiros de luta, vieram comunicar-me que Antônio de Euclides acompanhou-os até certo ponto, com o carrinho, fez parar o carro de propaganda, ameaçou a todos, xingou o juiz de corno, e o padre Artur, os chefes e mundo, e disse que não tomasse por surpresa o que houvesse amanhã. Disse Djalma que o juiz nada tinha a ver com o movimento dos estudantes nem o padre, nem ninguém.

PROTEÇÃO

Às 10,30 (22,30) Roberto saiu para dizer ao major Herminio que amanhã cedo viesse aqui, caso esteja dormindo vai ao circo chamar o sargento Florival. Herminio esteve aqui, Depois de ouvir o acontecido prometeu que daria garantias para

a realização da passeata e que tudo se desenvolveria em paz, a Deus querer. Disse, que ira, amanhã cedo falar com prefeito.

Tensão e medo permeavam a população devido às disputas acirradas entre os dois partidos, com a possibilidade de confrontos a qualquer momento. Os pais de filhos udenistas proibiram sua participação na passeata. José Bezerra registrou todos os encaminhamentos dados ao longo do dia, até o momento em que a passeata saiu do Colégio.

MANHÃ

O dia amanheceu normalmente. Fui às aulas do ginásio, às 8 horas. Lá para as 9 horas o Padre Arthur chegou e me perguntou como se processava a passeata. Informei-lhe de tudo inclusive das ameaças e dos xingamentos recebidos por ambos. Demos isso por brincadeira. Os meninos preparavam-se ainda para sua passeata, na campanha pela instalação da água em Itabaiana. O padre disse que ia viajar, mas que antes da passeata estava de volta.

TARDE

Às 15h30 passou ligeiramente a Kombi de Euclides pela frente do ginásio, segundo disseram com ele e a cabroeira, inclusive Daniel, Pedro Gordo e Cazuzza. Passaram em velocidade subindo para a cidade.

A passeata saiu. Do portão para fora nada mais me interessou. Ao subir para casa ainda distante da passeata encontrei Toinho do bar e segui para casa. Aí Toinho do Bar e segui para casa. Aí Toinho me

pediu que seguisse um pouco mais e resolvi acompanhá-lo até a praça da Igreja onde deixei-os.

RETRATO

Depois de separados, em bem separados, aí com Roberto, descendo para comparar pão na padaria de Zé Gordinho quando tive de estacar por causa de Antônio de Euclides que procurava me focalizar com uma máquina de retratos. Fui advertido por Roberto. Parei. Roberto tomou minha frente. Esperei que Antônio desistisse. Não desisti. Dei meia volta e prossegui a passo lento, passei ainda, dizendo: não sou “fotogênico”. Subi e, da frente à Igreja, decidi ir à casa do Dr. Florival, sendo cavalheirescamente recebido.

Roberto ficou comigo.

TIROS

Em dado momento, um tiro; outro, intervalo, depois outros. Fui informado de Antônio ferido, depois Euclides, depois ambos mortos. Demorei-me em casa de Florival, até mais ou menos 7h15, tomando cafezinho. Tenisson e Edson, aconselhando-me de não sair.

NOITE

Às 19h15, saímos, Roberto com a metralhadora e eu com os dois revólveres nas mãos. No Beco Novo, a Kombi de Euclides estava a certa distância com os faróis acessos. Cosei-me à parede andando depressa até chegar em casa. Segundo depois o carro passava correndo, mais ou menos 20h, depois Bosco me chamou à porta. Entrou. Veio buscar-me. Aguardei

a chegada do Secretário de Segurança. Chegou. Conversamos. Tomou cafezinho preparado por Lídia. Bosco também já tinha preparado café e tomado, pois, estava com fome, ele e Valdemar (chofer de praça). Às 10 horas mais ou menos fui acompanhando os carros da comitiva, chegando à casa mais ou menos a 23h13. (Diário JBS, 08.08.1963).

As versões sobre este fato foram sendo relatados e anotados por José Bezerra até o ano seguinte:

Zequinha dentista que me disse ter assistido a todo barulho da morte de Euclides. Disse que logo que Euclides caiu, chegou Did, Edgar e o irmão de Daniel, do Ponto Chic. Edgar retirou logo a 45 que Euclides tinha na mão. Morreu com ela. E a arma de Antônio de Euclides, foi Joãozinho, o chofer de Euclides que tirou e levou. E por ele também, o chofer Joãozinho que atirou no major Herminio (Diário JBS, 27.07.1964).

A imprensa nacional apresentou uma das versões sobre os assassinatos de Euclides Paes Mendonça e Antônio de Oliveira Mendonça como o “resultado de uma série de acontecimentos locais”, descrevendo Euclides como “impiedoso para seus inimigos políticos” e “capaz de morrer pelos amigos”. A reportagem destacou que a passeata foi realizada sob forte segurança e tensão. Quando ocorreu o primeiro disparo, o tiroteio se desencadeou, com um resultado trágico.

Encerrou-se, de forma trágica, o período de dominação política de Euclides em Itabaiana, assim como seu possível sucessor, o filho, Antônio de Oliveira Mendonça. Isso ocorreu durante um período conturbado em âmbito nacional, em movimentações sociais e políticas fomentavam um contexto de confusão e insegurança.



Suspeição e repercussão da tragédia

As dores da alma replicam no corpo, no dia a dia, trazendo à memória o sentido perdido da vida.

Na literatura consultada, o juiz José Bezerra dos Santos tem sido apontado como envolvido, de uma forma ou de outra, no episódio das mortes de Euclides e Antônio. Mendonça (2015, p. 285). afirma que: “apesar das evidências e das acusações, não acredito na participação direta e acintosa do juiz José Bezerra dos Santos, do padre Arthur Moura Pereira e muito menos do Deputado Manoel Teles”. Para o autor, estes foram usados por forças políticas maiores.

Santos (2015) menciona o juiz em dois momentos, como responsável pela solicitação da polícia para assegurar a passeata de forma pacífica e como um dos acusados da morte dos deputados.

No livro organizado por Saracura (2015), sobre a morte de Euclides, nos diversos textos elencados, Rogério Santos mencionou uma fala de Antônio, filho de Euclides, a respeito da passe-

ata, estando de posse de uma máquina fotográfica, queira fotografar o juiz acompanhado de Roberto, o soldado responsável pela sua segurança, que se encontrava de metralhadora na mão, com o objetivo de enviar ao Tribunal. O autor atribuiu também a coordenação da passeata ao juiz que era professor do Ginásio Murilo Braga, do padre Arthur Moura Pereira, então diretor daquele estabelecimento e de Manoel Telles, líder político do PSD, principal oponente a Euclides Paes Mendonça, na cidade.

Em uma publicação recente que biografou Euclides Paes Mendonça na política, de Carvalho (2022), a figura do juiz José Bezerra apareceu expressivamente documentada. O autor se debruçou sobre a relação de Euclides com o judiciário e o religioso, particularizando o relacionamento dele com o desembargador Hunald Santaflor Cardoso, em nível estadual, em nível local com o juiz Luís Magalhães, que entre 1942 e 1956, de forma similar a José Bezerra, morou em imóvel alugado de Manoel Teles, por 5 anos, rompeu com ele e se alinhou a Euclides.

Na noite do assassinato de Euclides e Antônio, o juiz José Bezerra foi para sua casa em Aracaju. No dia seguinte, anotou sobre os boatos de ameaças de morte envolvendo várias pessoas. Registrou o também do horário do enterro, às 16 horas, e de que, naquele dia, não saiu de casa. No dia seguinte, ainda fez referência aos boatos das promessas de vingança de Sinhá e dos filhos, e de que ele seria uma das futuras vítimas.

No Jornal do Brasil, dois dias depois dos assassinatos foi noticiado a saída de sete deputados, liderados pelo então presidente da Câmara, o deputado Clóvis Mota, para Aracaju. Foram relatadas as primeiras impressões colhidas a respeito do crime:

Que os criminosos usaram uma metralhadora do tipo militar e que, segundo

testemunhas, as rajadas partiram de um jipe da Polícia Militar Estadual, atingindo o deputado quando este procurava proteger o filho, já mortalmente ferido no chão. Um major da Polícia e dois civis foram também feridos na ocasião (Jornal do Brasil, 10.08.1963).

Em uma reportagem, o Jornal expõe que o deputado da Bahia, vinculado a UDN, que sempre se sentava em cadeira próxima à de Euclides nas sessões do plenário, falou sobre as perseguições que este dizia sofrer em sua cidade. Por isso, ele havia pedido segurança no final do mês de julho, entre os dias 20 e 21, argumentando que “elementos armados da Polícia Militar teriam alvejado seu carro e vasculhado sua residência, após conflito e troca de tiros com a guarda da Polícia Municipal de Itabaiana”, conflito esse que provocou a morte do major Teles.

A Câmara Federal, então, encaminhou telegrama a Câmara de Aracaju e ao governo do Estado de Sergipe, comunicando o fato e elencando as prerrogativas que gozam o deputado, pedido solução. O então governador em exercício, Celso de Carvalho, respondeu em 30 de abril de 1964 sobre o empenho do governo em restabelecer a ordem, que foi alterada graças a criação da Guarda Municipal de Itabaiana, que

fazendo uso armas, inclusive privativas do Exército Nacional, desfechou tiroteio contra destacamentos da Polícia Militar, ferindo gravemente Delegado Regional referida cidade, Major da Força Policial José Teles que acaba de falecer no Hospital Cirúrgico..., Autores fatos delituosos

preso em Flagrante, na casa Deputado Euclides, onde se encontravam homiziados, entregues ao próprio Secretário de Segurança pela esposa referido Deputado, presença parlamentares UDN. Governador Leandro Maciel e Senador Heribaldo Vieira, [...] Nenhum atentado foi cometido contraparentes ou residência Deputado Euclides que receberam plenas garantias.

Ainda na mesma reportagem, o jornal fez menção ao pedido de segurança do Juiz José Bezerra, face as ameaças recebidas por Euclides.

José Bezerra manteve-se em casa todo o final de semana, após os assassinatos de Euclides e Antônio, só na segunda feira mobilizou-se para retornar a Itabaiana,

antes, porém foi ao quartel da Polícia e pôs Roberto Moura a disposição, pois sabia que toda a guarnição policial de Itabaiana, havia sido recolhida. No entanto, Roberto permaneceu em sua companhia, por entender que estava à disposição do juiz e não do destacamento (Diário JBS, 09.08.1963).

Antes de viajar para Itabaiana, voltou para casa quando recebeu a visita do capitão Lenine, relatou ele:

chegou o capitão Lenine e depois de poucas conversas, pediu uma assinatura de um documento, um ofício que servisse

de meia cobertura do major Herminio Florêncio da Silva, em caso de necessidade. Trouxe o ofício já escrito, no qual, eu me dirigia ao major encarecendo providências para o policiamento da passeata dos meninos no dia 8, e este ofício tinha data do dia 7. Encarecia providência, disse, face a visita do grupo de meninos, à frente, do Djalma, dizendo do último encontro com este no carro de propaganda, fazendo ameaças de alterações graves, a Antônio de Euclides, dizendo este ainda: “não seja surpresa o que houver amanhã”. Para não desgostar, alterando um pouco a redação do ofício, assinei, apesar de Cacil, ali perto, atrás do Capitão me advertir que abrisse os olhos.

Ao sair o capitão, a Cacil se mostrou muito preocupada e contrariada. Procurei confortá-la, explicando o que era, realmente, eu havia pedido ao major para acompanhar os meninos. Às 16h15 saímos Roberto e eu, no carro com o pessoal, rumo a Itabaiana. No caminho, resolvi retornar a Aracaju, logo que chegasse a Itabaiana, a fim de pedir a devolução do ofício ao Capitão Lenine, para uma revisão e consultar Tertuliano sobre uma maneira que não viesse a prejudicar a nenhum dos dois, nem o major, nem a mim, pois cedi um documento sem ficar com qualquer cobertura.

Explicou-me o major Victor Machado e o Capitão que não se tratava de ato judicial, ao qual o major se sentisse obrigado

a cumprir, mas de um simples pedido a que ele, o major, obedeceria a se quisesse. Procurei por três vezes o coronel Arivaldo Fontes, em cujo poder se achava o documento, este me chamou para cima, quando estava nós conversando, chega o governador Seixas Dória, perguntou-me se quero garantias de segurança. Ouviu minha explicação e demonstra que, diante da situação atual, não era prudente minha presença ali. Soube que, na câmara federal, ele recebera fortíssimos ataques, sem defesa, por isso estava bastante nervoso. Saí, e lá embaixo, quando eu estava com o Coronel Arivaldo Fontes, no banco do oitão do Palácio, o major Victor disse-me que àquela altura o governador não permitia a cessão do documento. Expliquei ao Coronel que iria estudar o caso com o dr. Tertuliano Azevedo. Não era caso de última forma. Fiquei de ir ao Tertuliano. Dali parti e à frente da casa de Tertuliano esperei-o até 22h15, com quem conversei bastante. Afirmou-me que realmente não havia, no ato, nada que me prejudicasse, pois não se tratava de ato judicial a que ele, o major se visse obrigado a obedecer. Falou-me que iria reforçar o pedido para eu ser removido para São Cristóvão, na vaga de Bonifácio. Despedi-me e voltei para Itabaiana, sem que Cacil saber que estivera bem perto (Diário JBS, 12.08.1963)

No dia 14, em Itabaiana, José Bezerra escreveu que a cidade “amanheceu em plena frente de batalha”, pois lhe chegavam muitas informações sobre vingança, e no dia seguinte sobre a repercussão dos assassinatos na imprensa nacional, particularmente no Jornal o Globo como “promotores da passeata” e de seus envolvimento no crime.

De manhã, o Padre Arthur esteve no ginásio, e com ele conversei sobre a reportagem de Torres ao “O Globo” do Rio, na segunda feira. Meu pensamento é de que aquela reportagem foi uma preparação psicológica do Partido, para os incidentes que planejam realizar conosco. Quando o Brasil souber do caso, interpretará que foi vingança de família... (Diário JBS, 14.08.63).

Figuras 97 a 99. Recortes do jornal Globo, 13.08.1963.



Fonte: Acervo de O Globo.

Escreveu o Juiz de uma conversa que teve com o padre Arthur: “meu pensamento é de que aquela reportagem foi uma preparação psicológica do Partido, para os incidentes que planejam realizar conosco... quando o Brasil souber do caso, interpretará que foi vingança da família...” (Diário JBS, 14.08.1963). De Igual forma registrou a conversa que teve com o promotor Prudente:

Falamos das acusações de “O Globo”, como mentiras que são provadas pela opinião pública. Aconselhou-me a nada responder no caso. D, Pedro Ribeiro de Oliveira foi enviado hoje pelo Inquérito Policial instaurado no caso de Euclides. Disse-me que tentam envolver o depoente com perguntas capciosas, astuciosas, insinuantes.... Ontem, foi ouvido o estudante Djalma Teixeira Lobo (Diário JBS, 14.08.1963).

Ele também registrou a realização da missa de 7º dia de Euclides e de Antônio na Igreja, às 17h, “sem a presença de Sinhá, alegando que a família queria que ela tivesse se realizado na Capela do Cemitério” (Diário JBS, 14.08.1963). Fez anotações da repercussão na imprensa nacional sobre os assassinatos, no jornal o Globo, da segunda-feira.

No dia 15, o repórter Raimundo Gênio, da Televisão Tupi chegou a Itabaiana, para entrevistar sobre os rumores da pas-seata, do qual assinalou sua boa impressão (Diário, 15.08.1963)

Às nove horas apareceu aqui José Leal, da televisão Tupi e Raimundo Genito, também da Televisão Tupi do Rio. Queriam

entrevista sobre o rumoroso caso da semana passada, ocorrido com Euclides e o filho. Tiveram uma impressão geral e me cinegrafaram escrevendo. Tive deles boa impressão. Sai e andei um bocado com Roberto na rua para espairer. Descendo até a casa de Romeu estive com Baltazar, o deputado, o qual me afirmou que o repórter é nosso e que vai fazer ampla reportagem sobre o que se passa e o que se passou em Itabaiana, no tempo de Euclides. Foram chamadas todas as viúvas cujos maridos foram mortos por ordem de Euclides. Os meninos estudantes também foram ouvidos e cinegrafaram Sr. Joãozinho, pai de Antônio Pereira Lobo (finado, assassinado sob a cobertura de Euclides) também foi chamado para contar sua história (Diário JBS, 16. 08.1963).

No mesmo dia, José Bezerra foi até Romeu, onde viu o retrato de Antônio morto, descrevendo horrorizado a situação em que ficou o rosto do deputado, de igual forma, anotou que Sinhá encontrava-se com médico a cabeceira. Ele também mencionou ter assinado o ofício para o capitão Lenine:

enviei uma carta ao coronel Arivaldo Fontes por Bosco. Consegui, enfim, que ele não entrasse no depoimento do major Hermínio, o que muito iria me prejudicar, porque traz diretamente o nome do Deputado Euclides Paes Mendonça (Diário, 16.08.1963).

No dia seguinte, José Bezerra fez anotações sobre o enterro das vítimas, as ameaças o os quatros que deveriam pagar com a vida: ele, “Mané Teles”, Padre Arthur e o capitão Hermínio, além de “Durval do Açúcar”, Djalma, Toinho do Bar, “Senhor Neú” etc., do ódio do soldado Roberto Moura que o acompanha como segurança, e escreveu: “Tenho fé em Deus e Nossa Senhora, Algo parece-me dizer que meu dia ainda está longe...Devo agir com cautela e prudência”. Perde o sono e escreveu neste mesmo dia:

Esta noite, às 3h40 acordei, e vim escrever: “Euclides foi morto pelos amigos que o prestigiaram e endeusaram por causa do dinheiro dele e da política; pelas viúvas, cujos maridos ele mandou trucidar; pelos pais e pelas mães cujos filhos ele mandou chacinar; pelas famílias inteiras que tiveram prazos muitos curtos para abandonar seus bens e lares, e arribaram pelo mundo afora. Pela experiência que tenho da vida, sempre achei que, por muito menos, outros viveram menos do que ele; mas nunca desejei sua morte. Tenho minha formação moral diferente da de meus acusadores, e, sabem eles que, diante do poderio econômico de Euclides, eu sou um pobre-tão. Deveriam calar-se. Seria melhor que eles e eu nos mantivéssemos em silêncio. Eu, cumprindo o meu dever, para falar só na hora precisa; eles para não me provocarem em assuntos, a eles importunos e não soltarem falsidades e mentiras e calúnias com tanto azedume (Diário JBS, 16. 08.1963)

Foi informado no dia 19 que o repórter José Leal, da TV Rio, fez uma excelente programação no Rio, entre uma rede de rádio e de televisão. O povo teve a impressão de que se deu fim a um chefe do cangaço. Porém no mesmo dia, notícias acusatórias lhe chegam do jornal “baiano que Gil Veloso, deputado federal da UDN me acusa como principal causador da tragédia do dia 8, pois agitava e insuflava os meninos ostensivamente na passeata. Que grande patife mentiroso!” (Diário JBS, 19.08.1963).

Comissão Parlamentar de Inquérito

Como deputado federal, a Assembleia Legislativa se mobilizou, imediatamente para instaurar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para tentar elucidar os responsáveis sobre a morte trágica de Euclides Paes Mendonça e de seu filho, Antônio de Oliveira Mendonça. No dia 20 de agosto do mesmo ano, dr. Rosalvo Vieira de Melo chama o juiz para ir depor na prefeitura com o procurador Geral da República. Dr. Cândido de Oliveira Neto, em presença de Tito Lívio, assistente de Sobral Pinto: “Depois toda a história do caso de Euclides até após o crime, até de noite quando fui para Aracaju com Bosco” (Diário JBS, 20.08.1963).

A Comissão Parlamentar de Inquérito chegou e iniciou seus trabalhos de apuração, no dia 30, o juiz prestou o seu depoimento. Importante ressaltar que, pelo menos na época, o juiz não deveria ter prestado depoimento sem a autorização do Tribunal de Justiça. Esse fato desencadeou um processo e junto com outra acusação, levou o juiz a ser posto em disponibilidade, em 1967. Sobre o depoimento prestado na referida Comissão, José Bezerra fez uma avaliação negativa sobre si:

Só às 14h sentei-me na cadeira da inquisição, que não foi santa, mais perversa, da Comissão Parlamentar de Inquérito, cujos deputado queira incutir culpa de mandante no homicídio de Euclides e do filho. Fui infeliz diante da opressão, coação de um interrogatório forçado. Fui quase agredido ao menos moralmente pelos inquisidores. Em uma cousa me senti bem em outras, nervoso como estava, respondi mal... Passei duas horas e 20 minutos no inferno de tiroteio de perguntas. Saí triste. Contudo minha consciência me diz que não tenho culpa, no caso. Depois vim ao padre Arthur. Contei-lhe tudo. Padre Arthur ficou contrariado também. Depois o padre Arthur me chamou e disse que esteve com o presidente da comissão, deputado Medeiros Neto e com ele conversou. O Presidente Medeiros Neto disse-lhe que não se incomodasse pois estavam ali proforma só para dar uma satisfação ao congresso, que nada havia comigo. Fui dormir mais conformado (Diário JBS, 30.08.1963).

No dia seguinte em conversa com Desembargador Waldemar Fortuna, oficializa ao Tribunal solicitação de suspensão do julgamento da ação de suspeição, visto que havia dado depoimento ao Inquérito policial: “Estou impedido para funcionar no crime de Euclides” (Diário, 20.08.63). “O juiz em processo de suspeição, impedido de funcionar nos 2 últimos processos: o caso major Zé Teles e Euclides Paes Mendonça” (Diário JBS, 31.08.1963).

Desde os assassinatos, que houve várias cogitações de transferência de José Bezerra dos Santos para outra comarca. Um deles foi sugerida por Seixas Dória, que indicou a Comarca de Santa Luzia do Itanhhy, mas devido à proximidade que ficava do reduto de Leandro Marciel, ele declinou. Em 6 de setembro ele relatou uma briga entre Zeca da Boa Vista e Leandro em Santa Luzia do Itanhhy, contada por Pedrinho de Oliveira, em visita à sua casa. Dantas (2017, p. 275-276) menciona foto que o fato: “Leandro continuava a medir forças com o chefe político José Dantas de Almeida, também conhecido como Zeca da Boa Vista. “Nos tempos de correligionário, o proprietário da fazenda Sete Brejo forneceu cana para o estabelecimento daquele usineiro e ajudou a elegê-lo. Todavia, as desavenças políticas fizeram-nos adversários”. Assinala José Bezerra que essa discórdia levou Zeca a ser acompanhado por 30 pistoleiros, para garantir sua segurança.

Pergunto-me então: Por que Seixas Dória queira que eu fosse para aquela Comarca? Não seria para sofrer mais ainda, agora com Leandro de frente, em 7 brejos? Com o meu fim, aquele documento assinado no dia 12 com data de 7 apareceria... (Diário JBS, 06.09.1963).

Eram tempos difíceis vivenciados pelo juiz que se sentia em muitas ocasiões entre a cruz e a espada, querendo sair da Comarca de Itabaiana, mas as oportunidades nem sempre apreciavam, quando ocorriam era enuviadas de muitas dúvidas. Vivendo nesse clima assustador, sua família tentava de demovê-lo da permanência em Itabaiana, mas sem lograr êxito.

José Bezerra continuou anotando os fatos que envolviam a família de Euclides, como a realização da missa de um mês, falecimento de Euclides e Antônio. Ao final, dentre outros com a presença dos filhos, Leandro e Torres, mas sem d. Sinhá; da nomeação de Dr. Gileno para Santa Luzia, já que ele não quis assumir, informado pelo próprio governador.

Prudente esteve aqui de manhã e disse que Sobral Pinto está lutando pela prisão administrativa dos militares participantes do tiroteio em que pereceram Euclides e o filho. Disse que há troca de correspondências entre o governo e eles. Que a perícia sabe que os ferimentos do major, Senhor de Neú e Gercílio foram causados pela própria polícia; que sexta feira Tito Livio chegaram com laudo da autópsia de Euclides e o filho (Diário JBS, 15.09.63).

Ainda sobre a circulação de notícias anotou que o “Correio de Aracaju” escreveu sobre o pedido de prisão para mim e os militares, no caso da morte de Euclides e do filho. É interessante essa! Ficamos rindo! Entretanto não se deve menosprezar o inimigo com suas tramas e calúnias, apesar de eu ter minha consciência tranquila (Diário JBS, 16.09.63).

Em conversa com Prudente, recebeu a informação de que no processo policial não há nada para ele temer, pois Sobral Pinto leu minhas declarações convenceu-se que nem eu, nem Manoel Teles tinham relação com o caso. “Fiquei mais satisfeito” (Diário JBS, 19, 09.1963), escreveu o juiz.

Encontro com Jesuíno de Abreu. Lamentei eu ter dado depoimento aos parlamentares da CPI. Expliquei-lhe ao meu modo. Soube que Jubal Carvalho explicou tudo à família sobre o caso de Euclides. Disse que os udenistas já sabiam, com antecedências o que estava para acontecer com a passeata, dispersão da meninada aos tiros, acompanhantes estando eu visado, em 1º lugar, Mané Teles, Senhor Neú etc. Tanto assim que filhos de udenistas se havia, na passeata era numa porcentagem mínima. Todos estavam avisados, A própria Didi fora avisada por Antônio Mendonça que segurasse os filhos em casa. (Diário JBS, 29.09.1963).

Segue fazendo suas anotações, sobre a exumação dos cadáveres de Euclides e de Antônio, de uma possível transferência sua para outra comarca e da reportagem da Revista Cruzeiro, trazida pelo seu irmão Bráulio, que estampava um retrato seu (Diário JBS 23.09.1963). “Helena mostrou o “Cruzeiro com fotografias e explicações do caso de Euclides”.

Figuras 100 a 103: Recortes da Revista O Cruzeiro.





Fonte: O Cruzeiro, edição 52. 05.10.1963. Primeira imagem Sinhá; depois Euclides e Antônio. Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito, em Itabaiana; abaixo, o deputado Baltazar dos Santos, prestando depoimento; na última imagem, Manoel Teles, abaixo o padre Arthur e membros da Comissão e, na última, o Juiz na CPI.

Nessa reportagem da Revista O Cruzeiro, na edição n. 52, foi publicada uma longa matéria sobre a tragédia ocorrida em Itabaiana, intitulada “Sergipe: Morte dá aviso prévio”, escrita por Nilo de Oliveira. Na matéria, aparecem as imagens acima, Sinhá, de luto, com uma expressão triste, com a mão na cabeça e ao lado; ao lado, Euclides e Antônio, com uma tarja preta, pois haviam recebido suas fotografias com as respectivas tarjas pelo correio. O repórter aborda os crimes como frutos do crime organizado, que era operado por prisioneiros profissionais em Bahia, Alagoas e Sergipe, quase sempre a mando de um chefe político.

O cenário de onde ocorreu a coleta de dados das testemunhas e suspeitos pela CPI foi a prefeitura da cidade, com a de presença dos apoiadores e curiosos acompanhando os eventos relacionados à tragédia na cidade. Baltazar dos Santos, deu seu testemunho assegurando sua inocência. Ele já tinha sido acusado de mandar matar Josué Modesto de Passos em 1951. Afirma o repórter que a “puxou o fio da meada e viu que o que existe é o

próprio crime institucionalizado. Não há mais “culpados nem inocentes: já mortos e sobreviventes”. Nessa mesma página é mencionado que o juiz de direito afirmou “que não podia exercer o cargo, porque a justiça é feita de bala” (p. 38). Ao ser censurado, o juiz respondeu: “Só quem vive em Sergipe pode entender a vida que levamos. O Juiz de Boquim quis exercer sua magistratura e levou uma surra. Eu sou um pobretão sem quaisquer condições para enfrentar os poderosos da terra” (p. 40).

A matéria trouxe ainda o argumento da institucionalização do crime e a dificuldade que a justiça tem em se punir os culpados. O processo foi descrito como simples e não se restringia a um lugar específico: “para matar em Sergipe, recrutam-se assassinos profissionais na Bahia; para operar na Bahia, vem homens de Alagoas; Sergipe exporta as suas pistolas de aluguel para Alagoas. Estabelece-se um triângulo da morte, em que os gatilhos são acionados por mãos desconhecidas dirigidas por controle remoto – o dos chefes político”. Por fim, retoma as tarjas recebidas pelos deputados, afirmando que eles já estavam marcados para morrer, e que Manoel Teles também havia recebido, o que veio a se confirmar o seu assassinato anos depois. Apontou que Euclides já tinha mandado matar 21 vezes fora as surras e que tinha comprado em São Paulo, “12 metralhadoras e munição suficiente para ensanguentar Itabaiana” (p.44)

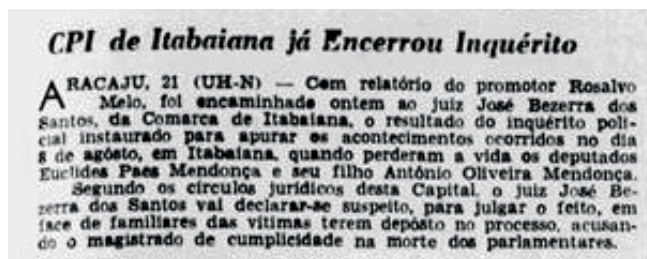
Sobre a Comissão Parlamentar de Inquérito, registrou José Bezerra: “A noite, na voz do Brasil saiu o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito em Itabaiana, apurado o caso de Euclides, pedindo inclusive instauração de processo contra mim. O relator foi Melo Mamão” (Diário JBS, 04.10.1963)

Em 12 de outubro anotou: “Hoje completo 7 anos de juiz em Itabaiana. 7 anos de penitência. Ouvi pelo rádio o resultado do

Relatório da CPI, oficialmente publicado no Rio. Chama-me de mandante. Vou tomar atitudes agora”. Procurou então Valdemar Fortuna, e pediu conselhos sobre o seu caso, em relação as acusações da CPI, sendo aconselhado a não falar a respeito, por ainda desconhecer qual foi o ponto atacado (Diário JBS, 12.10.1963).

Figura 10. CPI em Itabaiana.

Fonte: Última hora, 23 de setembro de 1963, Rio de Janeiro, n. 426.



O relatório da Comissão de Inquérito foi publicando nos Anais da Câmara dos Deputados e reproduzido, em parte, por Carvalho (2022). Em dos trechos assinalou o envolvimento do Juiz, de forma dura e incisiva, de que este estimulou e participou da referida passeata, inclusive residindo de favor de Euclides, sem pagar aluguel e que “assistia placidamente o trucidamento que perecera seu antigo protetor, fazendo-se acompanhar durante o percurso da desgraçada passeata, a cosa guardada com um soldado de metralhadora” (Carvalho, 2022, p. 323).

que fora amigo e instrumento do Deputado Euclides e que se bandeava para a facção oposta quando caíra em oposição ao Governo do Estado. Em seu lamentável depoimento essa infeliz figura da Magistratura incrimina o Deputado

Euclides da prática de vários delitos, de seu conhecimento por ciência própria, confessando nunca haver tomado as providências judiciais que lhe competia por temor ao poderoso chefe político, e por ser um “pobretão” (sic), não se sentido com força para cumprir seu dever (Carvalho, 2022, p. 322).

Nas conclusões, foi recomendado, a quem de direito, a instauração de processo competente contra Dr. José Bezerra, Juiz de Direito da Comarca de Itabaiana, além dos integrantes do destacamento com prisão preventiva, com abertura dos pronunciados e foragidos, substituir as tropas da polícia militar de Itabaiana por tropas federais. No entanto, Carvalho assinala as “omissões e inverdades do relatório”, analisando o conteúdo do relatório da CPI, de forma criteriosa e detalhada. Aqui destaquei suas colocações acerca do juiz José Bezerra dos Santos. Disse ele (Carvalho, 2022, p. 328):

Malgrado o impacto que o depoimento do juiz José Bezerra dos Santos causou, da existência de habeas corpus – que concedeu liberdade aos elementos da Guarda Municipal -, não inspirou os seus membros a ouvir alguns elementos da Corte sergipana, para se atracar no fundo do poço ou atingir o pico da montanha, a abastecer o quadro de toda a paisagem histórica de Itabaiana que se prende a violência ali plantada. Melhor não mexer na caixa de moribundo. O magistrado serrano ficou sozinho no terreiro onde só

lobos campeavam, transformado em autêntico e único saco de pancadas dentro do judiciário, não existindo o segundo graus, o que tornava a sua decisão plenamente irrecorrível.

Mais adiante, salienta que José Bezerra foi autoridade mais massacrada pela CPI, o que era inverdade no referido inquérito, já que não se envolveu ou estimulou a realização da passeata. No entanto, como ele reconheceu ter conversado com algumas pessoas, e daí ter surgido a ideia de que fosse uma passeata estudantil em prol da água em Itabaiana. Carvalho (2022, p. 332-333) considera:

Era mais cômodo para a Comissão apresentar a acusação do que descer até o fundo do poço a fim de constatar as circunstâncias factuais que envolviam o comportamento do magistrado na comarca serrana, sem o apoio do Tribunal de Justiça (leia-se do desembargador Hernaldo Santaflor Cardoso) e sem ser obedecido pela Polícia Militar, fiel ao líder udenista. Qual o ato de heroísmo restava ao juiz José Bezerra dos Santos, diante de um tribunal cujos membros da Câmara Criminal recebiam suborno do líder udenista itabaianense para conceber a ordem de habeas corpus aos integrantes da Guarda Municipal, acusados de terem matado o major José Teles? [...]

Por fim, assevera: As acusações não merecem pertinência: o magistrado não teve participação ostensiva, reservado o papel de o projeto ter nascido dele; sempre pagou o

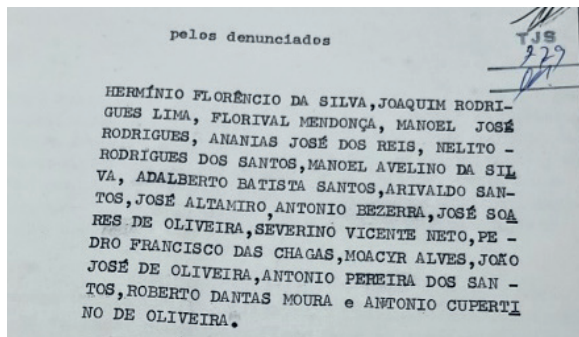
aluguel ao líder udenista, munindo-se de recibos; não acompanhou o préstito estudantil.

A noite deu na Hora do Brasil e na rádio Tupi que os responsáveis pela morte do deputado Euclides estavam com pedido de prisão preventiva, incluindo o major Hermínio Florêncio da Silva, os soldados e o juiz (Diário JBS, 01.11.1963).

O Inquérito Policial⁴⁵ teve outros desdobramentos, nos quais a juiz não foi indicado diretamente, embora algumas observações tenham sido feitas a respeito dele. Tive acesso a parte do documento, disponibilizado no Arquivo do Tribunal de Justiça a esse respeito, que aponta inclui as alegações finais do Ministério Público, da Assistente do Ministério Público, da defesa dos militares e da defesa dos civis. Além disso, menciona a vista juiz, a sentença, o recurso ao Egrégia Câmara Criminal, a recusa deste recurso.

Figura 105.
Os implicados

Fonte: Ministério Público.
Alegações Finais, TJS, 26
de dezembro de 1968.
Arquivo do Tribunal de
Justiça de Sergipe.



As denúncias incluíram a denúncia do Major Hermínio Florêncio da Silva e de oficiais, bem como do 1º Sargento Florival Oliveira, cabos e soldados que fizeram parte do destacamento que acompanhou a passeata dos estudantes,

⁴⁵ Delegacia Regional de Itabaiana, Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

pertencentes a Polícia Militar. Além destes, os civis Antônio Diniz de Santana, atende pela alcunha de “Tonho do Bar”; Manoel Antônio de Carvalho, vulgo “Senhor de Neú”, e Gercílio Amâncio dos Santos, foram apontados como autores das mortes dos deputados Euclides e Antônio, em 8 de agosto de 1963.

Nas alegações finais do representante do Ministério Público⁴⁶, foi considerada como vingança política a causa da morte dos deputados. Para tanto, foram feitas alusões à história de Itabaiana, destacando sua tradição secular de uma política marcada por ódios e paixões, onde vidas eram ceifadas em “lares ricos e modestos”. Foi observado que “a instrução criminal feita há cinco anos depois dos fatos decorridos, pouco de novo apresentou”, com a ressalva de que a demora não dependeu do representante do Ministério Público.

O representante do Ministério Público argumentou que o “Sinhô de Neú”, “Toinho do Bar” e Gercílio Amâncio dos Santos eram membros da “facção policial local contrária”. Eles teriam se infiltrado na passeata “reivindicatória da água e aproveitaram-se do incidente criado por eles, iniciando o tiroteio,”. Afirmou ainda que as provas colhidas não levam a culpar os acusados, exceto aqueles que tiveram participação ativa nos crimes, excluiu-se os membros do destacamento. Foram os responsáveis: Manoel Antônio Carvalho “Senhor de Neú”, que teria disparado o primeiro tiro; Gercílio Amâncio dos Santos, Capanga do Sr. Neú, que teria provocado e discutido com os deputados Antônio Diniz de Santana, “Tonho do Bar”, que faleceu e, portanto, não seria pronunciado, e Florival Mendonça, 1^a sargento, que teria armado o destacamento e disparado a metralhadora.

46 Ministério Público. Alegações Finais, TJS, 26 de dezembro de 1968. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

destacando as constantes disputas políticas em Sergipe desde a colonização. Remeteu-se a UDN e Euclides, quando este assumiu a prefeitura como sendo

um homem de parcos conhecimentos intelectuais, combativo ao extremo e assaz combatido pelos adversários políticos, o qual não obstante chefiando a oposição municipal, fizera riqueza no comércio, penetrando nos campos, dono de frases e expressões jocosas, ditos que eram repetidos pelas populações do Estado, menos com o fito de provar a ignorância dos textos gramaticais, que afirmar sua capacidade de trabalho e a nunca desmentida condição de líder.

O Assistente do Ministério Público afirmou então que Euclides, “em tempos de adversidades e arbitrariedades, alvo de calúnias”, era considerado um “homem mais terrível do Estado”. No entanto, ele argumentou que na verdade ele “lutava pelos seus negócios, aproximando o poder municipal do seu povo, buscando o campo, fortalecendo o seu prestígio político”. Dito isso, assegurou que essas características garantiram seu sucesso eleitoral, como ocorreu nas eleições de 1962, quando ele, seu filho e o prefeito da cidade foram eleitos.

Mencionou também a criação da Guarda Municipal, com funções específicas, o que foi desmoralizada pela polícia local. Isso resultou na morte do delegado regional de Itabaiana, o Major José Teles, e outros ainda feridos. Os responsáveis por essa morte foram soltos, o que gerou insatisfação na polícia. A morte do major Teles impactou a polícia e o governo do

estado, Seixas Dórea, que fez restrições ao Judiciário por ter absorvido os membros da Guarda Municipal. Isso culminou no desfecho trágico com a morte dos deputados.

O Assistente do Ministério salientou que a “falsa campanha reivindicatória, dos estudantes, por conta do retardo da execução do abastecimento da água na cidade, despertou em Euclides “a convicção absoluta de mais uma injúria e uma torpe mentira que os seus desleais adversários políticos preparavam, desta vez utilizando a juventude, com o fito incontestado de desmoralizá-los perante os seus concidadãos”.

Nesse ponto, ainda mencionou o apoio e a solidariedade recebidos pelos manifestantes do Juiz José Bezerra e do Vigário da paróquia, apontando-os como “homens totalmente desnudos das suas responsabilidades para com o povo”. A polícia, o já “palpitante por um acontecimento que envolvesse as vítimas, através do seu líder”, foi destinado a figura do major Hermínio, como delegado e sendo uma questão de honra da própria polícia, aprovaram o “desusado e singular movimento, selecionando os cartazes e dobrando a força policial para acompanhar os estudantes com membros do destacamento policial de Frei Paulo”.

No dia da passeata “com um aparato bélico excepcional, o comando local da força policial traça um trágico plano de ação para seus homens, distribuindo-os como verdadeira cortina de ferro, ao lado dos estudantes”, com o objetivo de desmoralizar as vítimas pelas ruas e praças de Itabaiana da cidade. Com esse argumento, o assistente considerou que o tiroteio foi planejado, fazendo alusão ao misterioso tiro recebido pelo major Hermínio, já que o considerava o executor “do plano sinistro e o maior responsável pelos graves delitos”.

Por fim, a assistente do Ministério Público fez considerações aos erros do Inquérito Policial, que “preocupou-se em nada querer apurar, deixando de adotar as medidas mais comezinhas inerentes a tão delicado caso, omitindo-se, deliberadamente, na apreensão das armas do crime”. Apontou as conclusões de que o ocorrido foi premeditado: “Agiram sabendo e entendendo o caráter criminoso do que pretendiram e exercitaram”. Pediu que todos os denunciados fossem pronunciados, “devendo ser submetidos a julgamento pelo Tribunal da Justiça da Comarca”; assinou esse documento a advogada, assistente do Ministério Público, Maria José Cruz e Freitas, em 26 de dezembro de 1968.

Nas alegações finais feitas pelo representante dos denunciados militares, foi destacado o poder de mando das vítimas, consideradas “senhores absolutos”, que determinavam a vida e a morte na cidade, decidindo que deveriam ser deportados e quais pessoas tinham permissão para viver livremente na cidade. Itabaiana viveu em completo desrespeito aos direitos humanos, subjugado aos caprichos do “chefe poderoso”.

Com a ascensão de Seixas Dórea, continua a defesa dos militares, este resolveu “fazer chegar aos itabaianenses a ideia de autoridade”, pois essa já havia sido esquecida ou negligenciada. O governador também procurou “desmontar a máquina administrativa do Estado, já viciada, mormente o Fisco, que funcionava contra e a favor de alguém, jamais do Estado”. Ele fomentou para Itabaiana

“uma nova Polícia, cuja frente era escolhida os oficiais mais gabaritados da nossa Polícia Militar, sem escolher a cor, ideologia ou o partido político a que se

achasse o Oficial filiado. Victor Manoel, irmão Manoel Machado, Lenine Mendes, Roque Simas, José Teles e Hermínio Florêncio da Silva”.

Nesse contexto, Euclides ficou insatisfeito com os rumos dados pelo Governo e criou a Guarda Municipal, que exercia ilegalmente, as funções de polícia municipal, quando a lei somente assegura ao Estado o poder de Polícia dos municípios.

A paralização dos serviços da água e a questão de sua distribuição foram pontos de conflito na já arranhada relação de Euclides com seus adversários. Ele se opôs a se submeter as ordens do Departamento Nacional de obras e Saneamento (DNCOS), e a suspensão do serviço de encanamento causou revolta na população, que passivamente aderiu a passeata de protesto com fins reivindicatórias. Euclides ameaçou os organizadores da passeata, e Antônio Mendonça foi atrás do carro de propaganda que divulgava o evento, também provocando e ameaçando os estudantes. Por isso, eles pediram proteção à polícia, que efetivamente garantiu a realização da passeata. Pai e filho apareceram na passeata com “atitudes provocativas e às vezes usando palavras de baixo calão, com o povo que se comprimia assistindo aquela manifestação”.

O representante dos denunciados militares fez alusão aos tiros iniciais, que atingiram p “Senhor Neú” e o major Hermínio, afirmando que não era do interesse da polícia atingi-los. No entanto, esses eventos provocaram o tiroteio e morte dos deputados. Descartou, portanto, a alegação de crimes premeditados e considerou que: “Indícios levam à denúncia, jamais à pronúncia, que só é aceitável quando a autoria se acha, perfeitamente caracterizado”. Concluiu, por fim, afirmando não haver

provas contra qualquer dos denunciados. As alegações foram feitas em 20 de fevereiro de 1969 pelo Dr. Anselmo D. Valente.

Da defesa dos civis Manoel Antônio de Carvalho e Gercílio Amâncio dos Santos, que respondiam ao processo-crime, foram feitas algumas considerações iniciais sobre a dificuldade de ser realizar um julgamento no âmago de uma sociedade desorganizada, fundamentada em valores morais marcados pela maldade e na ignorância, condições em que vivia Itabaiana na época.

Em seguida, foram feitas considerações dos papéis de seus clientes: mencionou-se que, ao final da passeata, o deputado Estadual tentou impedi-la e o “Senhor Neú” reagiu, resultando em uma discussão. Afirmou ainda que deputado Antônio sacou a arma contra “Toinho do Bar”, e que Euclides interveio abruptamente, fazendo que o tiro tomasse outra direção atingindo o Major e dando início ao tiroteio. Argumentou que foi o tumulto provocado por uma rixa enraizada ao longo dos anos e o representante da defesa dos civis pediu a absolvição dos acusados por insuficiência de provas (Itabaiana, 20 de fevereiro de 1969).

Juiz de Direito da Comarca de Itabaiana, fez o Visto dos autos, fazendo um histórico do inquerido. Mencionou a passeata, a discussão e os tiros e afirmou:

Tudo seria evitado se à prepotência dos parlamentares, e a explosão de ódios recalcados de seus opositores se sobrepuhasse o equilíbrio do Magistrado e a prudência do Delegado em não permitindo a realização da passeata, proibindo-a, responsabilizando-o a seus promotores

pelas consequências funestas, dela advindas. Mas, ao equilíbrio cedeu lugar a impulsividade, a imponderação esquecida todos, de que, sobretudo em Itabaiana, onde uma simples justificação pode degenerar numa guerra civil, o imponderável, tem sido sempre, a resultante de imensas tragédias.

Após o encerramento da Instrução Criminal, foram oferecidas alegações pelo representante do Ministério Público, pelo procurador, o advogado dos réus militares e pelo defensor dos réus civis e ausentes, além do Assistente do Ministério Público. O juiz faz uma apreciação dos fatos e do inquérito, e considerou que os réus deveriam ser acusados e julgados perante o Tribunal do Juri do Termo Sede da Comarca de Itabaiana. Foi solicitado o mandado de prisão para os réus Manoel Antônio de Carvalho e Cercílio Amâncio da Silva, em 28 de fevereiro de 1969, por ordem do juiz José Barreto Prado, da Comarca de Campo do Brito, substituto do titular de Itabaiana. No entanto, o mandado não foi cumprido porque os réus não foram encontrados, conforme afirmou o oficial de justiça Antônio de Oliveira em 13 de março de 1969.

Após a primeira Instância, houve a apelação da sentença, na qual três acusados, um militar e dois civis, foram punidos, enquanto os outros militares foram inocentados. No recurso, argumentou-se que os outros militares também tiveram participação nos assassinatos de Euclides e Antônio, portanto não poderiam ter tido esse desfecho. Também foram feitas menção ao juiz e ao padre, sem citar os nomes, por ter idealizado a passeata e, por fim, que as mortes foram premeditadas para garantir

a vitória nas urnas dos adversários, já que Euclides era imbatível nas eleições. Além disso, foi mencionado que as vítimas estavam desarmadas, por isso pediu a revisão da pena e a inclusão dos militares. O documento foi assinado pelo Bel. Maria José Cruz e Freitas em 13 de março de 1969. A Egrégia Câmara Criminal do Tribunal de Justiça faz uma longa descrição do Inquérito e nega o recurso em 20 de maio de 1969.

Ao longo das décadas seguintes, muitas perguntas ficaram sem respostas e a certeza da impunidade pairou sobre esses trágicos crimes. Em um desdobramento sinistro, Manoel Teles foi assassinado no dia 31 de agosto de 1967, possivelmente como vingança pelos assassinatos de Euclides e Antônio. Nas narrativas de José Bezerra, evidencia-se também a rede de relações estabelecidas entre José Bezerra e pessoas do judiciário, onde as visitas de natureza pessoal em residências somavam a outras em locais públicos voltados para as ações judiciais, presencialidade e conversação eram a chave para o entendimento e a resolução de problemas.

Comentamos o fato de a Comissão do Exército manda ter a Senhor de Neú. Este me disse que, na semana passada, e deu na hora do Brasil que Lourival Batista pediu a continuação do processo da morte de Euclides Paes Mendonça e do filho. Disse ainda que o juiz de Aracaju, concedeu a revisão requerida no processo. Falou-me ainda senhor Neú que Chico de Miguel citou 10 que devem morrer, com a vitória da UDN (Diário JBS, 27.05.1964). No informativo cinzano [Rádio Liberdade] deu que o processo da morte de Euclides

e do filho continua tendo Marques Guimarães requerido a volta ao quartel para conseguir cópia datiloscopia dos indiciados.... De volta encontrei Mané Teles na frente da casa de Álvaro de Antônio Agostinho e aí conversamos. Disse-me que ainda trouxe o rifle porque é prudente esperar a saída do exército daqui; que alguém denunciou arma proibida da casa do padre. Trata-se do ataque, o próprio Mané Teles emprestou a ele. Que Caio, José Augusto Siqueira e Josias Costa foram afastados dos empregos da Prefeitura, por desnecessários. Havia outros funcionários da Câmara de Vereadores que iam ser afastados (Diário JBS, 02.06.1964).

De manhã fui à casa de Alfredo Leite. Estava de saída para Dorés. Disse-me que conversara com Rosalvo Vieira de Melo sobre o caso de Euclides. Este dissera que a protelação é proposital para o processo ser requisitado pelo 4º Exército, aonde já foi denúncia implicando com maior reforço o ex-governador Seixas Dória. Depois dele vem o padre Arthur, eu, Mané Teles e todos que naquela data estávamos com desafeto do finado Euclides. Que já dissera e prevenira muitas vezes, em processo crime não se dorme. Agora a situação torna-se cada vez mais grave. Vim desalentado para casa, não porque me ache com culpa, mas porque, hoje, estou convencido das injustiças e a maldade humana. A UDN conta com gente para

tudo, calunias, mentiras, falsidades, testemunhas, tudo até para matar mil, que marque e queira. (Diário JBS, 14.06.1964)
 Aí conversei com Marques Guimarães sobre o caso denuncia no processo de Euclides. Disse-me que eu nada tinha a ver com o caso. E que sobre o tópico de Rosalvo, sobre mim, não tomava conhecimento. Disse-lhe que o próprio Sobral Pinto disse que o Juiz nada tinha a ver com o caso (Diário JBS, 15.06.1964).

Nos primeiros movimentos processuais, um ano após a morte de Euclides, o senador da República Lourival Fontes, que mais tarde foi indicado governador do estado (1966–1970), solicitou a revisão do processo — um empenho que se estendeu ao período em que ocupou o cargo de governador. Ele havia vindo da UDN, partido pelo qual se elegeu deputado e senador.

Ao chegar em casa encontrei o Djalma. Depois entramos em assuntos mais sério disse-me que estavam para serem aposentados da Justiça o dr. Hunald Cardos, Carlos Vieira Sobral, Osman Buarque, Bezerra e outro, ele não sabe bem, desconfia que dele mesmo, sendo que os outros por corrupção e eu pelo caso de Euclides, que teria oportunidade de defender-se (Diário JBS, 22.06.1964).
 Encontrei chamado de Alfredo Leite. Assunto: processo de Euclides. Identificação de Senhor Nêu, Tonho do Bar e Cercílio. Mandeí chamar Toinho do Bar (Diário JBS, 27.06.1964).

De manhã, as 9 horas, cheguei o escritório de Alfredo Leite. Aguardamos.

Demorei ali meio-dia. Fazendo consultas e comentando o processo de Euclides. 07.07.64 chegada Genésio. Chegou às 9,30h. Alfredo Leite e Genésio foram a chefatura. Demoraram-se lendo o processo, não permitiram trazê-lo. Fizeram anotações. Explicou Batista: Sobral Pinto e Tito Lívio advogados da viúva estão em Aracaju e querem que hoje mesmo o processo suba para a Justiça. Tomei conhecimento de tudo. Alfredo Leite arbitrou os honorários de Genésio em 200 mil, com 50 de entrada (Diário JBS, 09.07.1964).

Mané Teles me disse que conversou com Celso Carvalho sobre a remessa do processo de Euclides para o juiz de Campo do Brito. Depois conversou com Pedro Barretto e este explicou que quer desviar o processo de futura remessa ao Supremo Tribunal Militar. É preferível aqui mesmo, na justiça comum. Carlos Henrique me disse que conversou com dr. Hunald e este lhe dissera que contra o Bezerra não havia nada, estava tudo em paz, a própria situação de Itabaiana, há já um ano. E que Marques Guimarães dissera: contra o Bezerra não há provas para denunciar (Diário JBS, 16.07.1964).

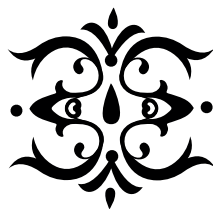
De manhã desci ao ponto chic, onde Barreto Prado, juiz de Campo do Brito, me disse que o Tribunal havia remetido o processo de Euclides a Procurador Geral do Estado para verificar minha situação. Aconselhou-me a ir a dr. Gonçalo Rolemberg. Tomei o

carro e fui. Fui bem recebido. Dr. Gonçalves me disse que, no processo, nada consta comigo que me complique. A câmara federal é que tenta trabalhar com a publicação do folheto e ofícios impertinentes e exigentes. Que muita coisa vai depender da resolução do Conflito da Jurisdição pelo Tribunal. Se for a Justiça militar, melhor para mim, o que pode acontecer, em tudo é a separação em dois processos; um para mim. Voltei esperançoso, passando por Alfredo Leite (Diário JBS, 18.08.1964).

Daí fui a casa de Pedro Barreto. Conversamos um bocado sobre minha atitude de esperar oportunidade, com prudência, para libertar-me de Euclides. Disse-me ele que Euclides não me perdoaria nunca. Garantiu-me ainda que no Tribunal ou Procuradoria Geral nada há contra mim e que se houvesse, ele saberia, pois, em toda parte tem gente para avisar o que houver. Finalmente, que não tivesse, pois, desse caso sairia incólume (Diário JBS, 13.09.1964)

Quais foram realmente os responsáveis por tais desastinos? Seria fruto da ação política do PSD e do contínuo confronto com a UDN, em disputa de seus líderes? A polícia, vingando a morte do major José Teles e a soltura dos responsáveis? Manoel Teles, que perdeu seu posto de chefe político e teve perdas financeiras em seu armazém, em razão da concorrência feroz exercida por Euclides? Os adversários políticos de Euclides, que sempre tiveram dificuldades em se contrapor aos seus atos truculentos? O juiz, que foi ameaçado inúmeras vezes após

romper com ele? O padre Artur teve alguma participação? Teria sido o ressuscitamento da Guarda Municipal por Euclides, em confronto com a política, gerando insatisfações profundas com o líder político? Pedro, seu irmão, que construiu grande inimizade quando da separação da Moita de Itabaiana, levando parte do território e dos eleitores de Euclides, teve relação com os eventos? São muitas peças no xadrez, sem xeque-mate. Silêncio de alguns, falas inapropriadas de outros, alinhamentos políticos e muitos descontentamentos tornaram o cenário fértil para gerar um clima insustentável de confronto entre forças políticas contínuas naquele alvorecer dos anos 1960.



Lucas de Oliveira, “vestido de velha”

Às vezes as memórias se perdem no recôncavo da alma humana, quando acionadas, sentimos um estranhamento, como se nada tivéssemos com elas.

Encontrei alguns documentos no Arquivo Geral o Judiciário de Sergipe a respeito de Euclides e José Bezerra, que adicionam novos ingredientes à trama. Trata-se dos depoimentos de Maria de Andrade Oliveira e Lucas de Oliveira sobre o Juiz José Bezerra dos Santos, dados nos dias 26 e 28 de maio de 1965. Esses dados não constam no diário do Juiz em razão de que ele encerrou seus registros no ano anterior. Maria de Andrade, uma dona de casa de 39 anos de idade, filha de João Batista de Andrade e de Maria Vivência de Andrade; Lucas de Oliveira, um caminhoneiro de 41 anos de idade, filho de João Araújo Oliveira e Maria Conceição Oliveira. Os depoimentos indicam uma história complexa, sugerindo possíveis conexões entre os envolvidos.

Em seu diário, antes desses depoimentos, o juiz fez algumas anotações sobre Lucas de Oliveria, com o qual parece-me que passou a ter um relacionamento depois que José Bezerra rompeu com Euclides. Registrou o juiz que Lucas o procurou no Ginásio: “falou de suas intenções para Euclides... não pude convencê-lo da desistência. Falou-me de atacar vestido de mulher velha, como um pote na cabeça, chale cobrindo parte do rosto e revolver dentro do pote, seguro na mão” (Diário JBS, 04.05.1963). Na volta do Ginásio, José Bezerra encontrou com ele e o levou ao capitão, este lhe falou que Seixas Dórea tinha enviado uma carta “reclamando o comportamento e as ameaças de Lucas...” (Diário JBS, 31.05.1963). Como essa informação chegou ao governador Seixas Dórea?

Outro episódio em 20 de outubro de 1964 ocorrido entre Lucas e Zé de Pérsia, conforme registro abaixo, no calor recente dos acontecimentos dramáticos, tendo o juiz como testemunha ocular.

Presenciei uma briga de facção entre Lucas e Zé de Pursóia em frente da farmácia de Tenisson, bem no meio da travessa. Roberto procurou intervir até que chegaram os soldados, quando Zé de Pursóia correu e foi para a casa do Sr. Mané Teles, encontrando fechada. Os soldados foram em perseguição e trouxeram-no preso ao quartel, soube que houve espancamento, Lucas foi logo levado ao hospital.

Fui lá a porta do quartel e disse que autuas-se os dois, em flagrante, para ninguém conseguir tirá-los.

À noite, estava no cinema Sto. Antônio, com Roberto, quando fui chamado por alguém que me disse que “Toinho do Bar” queria falar comigo. Sai e ouvi os reclames de “Toinho do Bar” porque Lucas estava em casa e Zé de Pursóia no hospital, guarnecido por guardas, incommunicável.

Reclamei da parcialidade do major, tomando tais atitudes. Falei do uso de armas e me disse que tinha sido tomado por Agenor. Lucas ficou alvoroçado, reclamei porque ele ao invés de conversar, tratava de destruir com tal comportamento. Vim embora dizendo que iria reclamar ao major. Encontrei com Mané Teles e disse o que sentia que queria tratamento igual para os dois, em caso do flagrante. Responsabilizei a polícia, caso o Lucas fugisse. O major saiu, procurou tomar medidas, ouvindo o Roberto (Diário JBS, 29.10.1963).

No cartório de Zeca encontrei o agravo de Prudente sobre a soltura de Lucas Oliveira (Diário JBS, 19.11.1963).

Encontravam-se no subsolo dessa trama as disputas entre dois grupos políticos: o PSD, que certamente apoiava Lucas Oliveira, sendo este privilegiado com sua soltura após a briga com lesões corporais, já que a polícia estava sob o domínio de Mané Teles; e Zé de Pursóia, que foi detido em flagrante, permaneceu preso e guarnecido, sendo posteriormente encaminhado ao hospital para tratar-se das lesões provocadas por Lucas.

Nos registros abaixo, evidencia-se que Lucas manteve, antes das declarações mencionadas, uma relação próxima com o juiz, sendo um dos seus informantes privilegiados.

Logo cedo apareceu Senhor de Neú que conversou bastante sobre toda situação. Falou de Lucas, que, na semana passada, andou por aí dando tiros atoa na 6ª feira, de noite, com revólver. Disse-me o Senhor que Lucas dizia por aí que dos cinco que estavam na lista da morte, já dois foram tirados: O padre Artur e Manoel Teles. Os outros três são: Senhor de Neú, outro e eu (Diário JBS, 10.03.1964).

As declarações dos dois na Secretaria de Justiça do Estado ocorreram em maio de 1965. No entanto, quando Lucas de Oliveira foi convocado pelo juiz, Dr. José Pereira, ele apresentou uma versão consideravelmente diferente dos eventos, especialmente em relação ao teor das ameaças a Euclides Paes Mendonça, com quem havia tido conflitos em seu trabalho de caminhoneiro.

Parece que houve uma preocupação por parte de Lucas e de sua esposa em não serem considerados suspeitos no caso. Eles buscaram contato com o juiz, provavelmente para tentar se proteger de qualquer implicação nos eventos relacionados aos assassinatos de Euclides Paes Mendonça e Antônio Oliveira Mendonça. A possível declaração assinada e registrada por Lucas poderia ajudá-lo ao fornecer um registro oficial de sua versão dos eventos, na esperança de que isso pudesse absolvê-lo de qualquer envolvimento nos crimes. No entanto, é possível que o juiz tenha sido ingênuo ao acreditar que um pedido desse tipo pudesse ser atendido, especialmente dada a gravidade dos

acontecimentos e das acusações envolvidas. Pode ter sido um momento de desespero, tanto por parte de Lucas quanto do juiz, diante da complexidade e gravidade da situação.

A declaração feita por Maria Andrade descreve os eventos que envolvem o juiz José Bezerra de maneira cronológica. Segundo seu relato, em 12 de maio de 1963, um funcionário do Ginásio, chamado “Sr. Zuzu”, a pedido do juiz, foi até sua casa à procura de seu marido, Lucas de Oliveira, mas ele não estava, pois tinha ido ao mercado. Preocupada, ela foi ao Ginásio e conseguiu conversar com o juiz, perguntando-lhe do que se tratava. Ele a tranquilizou, dizendo que era um assunto pessoal, e ela concordou em informar ao marido para encontrá-lo, o que ocorreu no dia seguinte. Quando Lucas foi ao Ginásio, ela o seguiu à distância e ficou conversando com Creusa e Isaltina, duas amigas suas, observando o juiz e o marido de longe. Ela não ouviu a conversa entre eles, mas viu o juiz entregando um papel a Lucas. Ao questionar Lucas sobre o papel, quando ele voltou para casa, ele mostrou um convite para comparecer ao juiz, o que ele fez.

Durante esse encontro, o juiz pediu a Lucas que o “ajudasse a sair de uma situação difícil”. Em seguida, deu-lhe uma declaração que deveria ser datilografada em cartório, assinada e testemunhada. O conteúdo foi o seguinte:

Que o esposo da declarante, em certa ocasião, vestindo-se de “velha”, com chale na cabeça, conduzindo um pote, tinha no referido pote uma arma, e que o fim disso era praticar a morte de Euclides Paes Mendonça, deputado federal, quando saísse da fazenda.⁴⁷

47 Termo de Declaração que presta Maria Andrade de Oliveira, na Secretaria de Segurança Pública, 28.05.1965. Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

Após aceitar a proposta do juiz para ajudá-lo, sem qualquer gratificação, Lucas de Oliveira saiu do encontro com algumas desconfianças. Ele retornou ao juiz logo em seguida e pediu uma garantia. O juiz prontamente concedeu um documento escrito e assinado com o seguinte teor: “A polícia não molestasse o declarante”. No entanto, ao retornar para casa, Lucas começou a reconsiderar o acordo feito com o juiz e ficou com medo das possíveis consequências. Mesmo quando o juiz tentou procurá-lo novamente, enviando funcionários e indo pessoalmente à sua casa, sua esposa sempre respondia que ele estava viajando para São Paulo (Frei Paulo).

A visita do juiz à residência de Lucas e sua esposa foi testemunhada por quatro vizinhas que ela citou: Maria Rosa de Oliveira, Antônia Frique Prado, Maria Antônia Sandes e Maria das Neves Cunha. Todas moravam na rua Jackson de Figueiredo, em Itabaiana. Com os três papéis em mãos – o convite, o manuscrito da declaração e o documento de garantia de proteção – o casal decidiu viajar para Aracaju em busca de ajuda.

Em Aracaju, procuraram o Dr. Antônio Torres Júnior, advogado e deputado estadual conhecido deles, que os orientou a ir ao Quartel do 28º BC em busca do coronel-comandante. Após uma segunda visita, conseguiram acesso ao comandante. Em seguida, dirigiram-se ao Secretário Geral da Segurança Pública e prestaram seus depoimentos. O termo de declaração que a Sra. Maria Oliveira Andrade prestou ocorreu em 28 de maio de 1965, na Secretaria de Segurança Pública. O termo de declaração prestado pelo cidadão Lucas Oliveira foi dado no dia 26 de maio de 1965.

Não consegui outros dados a respeito dos desdobramentos dos fatos envolvendo o juiz e Lucas após as duas declarações. O que sei é que sua aproximação com o juiz ocorreu após a ruptura entre José Bezerra e Euclides, e o episódio em que Lucas se vestiu de velha para matar Euclides já havia sido registrado no diário do juiz muito antes de ele pedir para registrar o documento.



Manoel Teles e José Bezerra: proximidade e articulação

O que somos sem nossas memórias?

Até a década de 1930, Itabaiana foi dominada por coronéis que exerciam um forte controle sobre o poder político local. Um desses coronéis foi Manoel Itajay, casado com a filha de José Ferreira Gomes⁴⁸, figura proeminente do Império e ligado ao Partido Liberal Monárquico. Itajay, por sua vez, foi o fundador do Partido Republicano em Itabaiana. Por outro lado, o coronel José Sebrão de Carvalho, alinhado aos Bezerras e vinculado ao Partido Conservador, era seu principal adversário político.

Como mencionado, na década de 1940, Manoel Teles teve a ascendência política dominante em Itabaiana, assumindo a gestão da cidade por quatro períodos alternados. Em 17 de julho de 1941, durante o governo de Milton Pereira de Azevedo, Manoel Teles foi indicado para a chefia do executivo municipal, permanecendo no cargo até 1946, com intervalos. Com

48 José Ferreira Gomes de Melo, conhecido como “Capitão Zé Ferreira”, tornou-se o primeiro intendente de Itabaiana, após a Proclamação da República.

a mudança no sistema partidário em 1945, foi criado o Partido Social Democrático (PSD), ao qual “Mané Teles” se filiou. Nesse contexto, ele foi nomeado novamente prefeito de Itabaiana pelo governo de Augusto Maynard Gomes. Após afastar-se da prefeitura, “Mané Teles” manteve sua forte presença como a principal expressão do PSD, em disputa com a UDN (Dantas, 2019, p. 79).

Desde que chegou a Itabaiana, o juiz José Bezerra procurou assumir uma posição conciliadora, embora fosse muito próximo de Euclides. Nos primeiros anos, ele manteve um relacionamento com Manoel Teles distante, porém cordial, sem indicar, ao menos em seu diário, que tenham ocorrido grandes atritos entre os dois, mesmo quando algumas decisões jurídicas o desabonavam.

Mas quem foi “Mané Teles”, apelidado de “Boi Laranja”? Ele nasceu em Cova da Onça, atualmente pertencente a Moita Bonita, em 11 de novembro de 1899, filho de agricultores, José Francisco Teles e Maria da Graça Bomfim. Inicialmente, viveu parte de sua vida no sítio, trabalhando na lavoura como muitos agricultores da época. Levava seus produtos para a feira e, com a renda obtida, conseguiu montar um armazém em Itabaiana, onde começou a prosperar. Casou-se com Maria Mendonça Teles, filha do tenente Honório Francisco de Mendonça. O casal teve um filho, Airton Teles de Mendonça, que foi deputado estadual e faleceu em um acidente de avião, como mencionado.

Mendonça (2014) destaca o processo administrativo durante o tempo de Manoel Teles, quando a Constituição de 1945 concedeu plenos poderes aos municípios brasileiros sobre a cobrança e arrecadação do Imposto sobre Indústrias e Profissões, reservando 70% do montante para uso local. No entanto, em Itabaiana, poucos desses recursos foram direcionados para o

benefício público durante os dois mandatos de Manoel Teles e os intervalos entre os prefeitos sob sua indicação, resultando em poucas realizações significativas durante suas gestões. Mendonça (2014, p. 83) observa que, durante o período em que Mané Teles esteve no poder: “fora alguma esporádica realização, a preocupação mesmo era com os negócios empresariais do chefe, talhado para o comércio sem concorrente, nunca para a política”.

Quadro 6. Sociabilidade entre José Bezerra e Manoel Teles

Data	Excertos do Diário
04.02.1963	Durval falou comigo sobre o acerto com Mané Teles. Fui almoçar mais cedo. As 12,15 encontro direto com Mané Teles no interior da Coletoria Federal que terminou as 13,40 h. Conversamos muito e acertamos os ponteiros. Prometeu-me resolver logo o caso eleitoral e garantia de toda cobertura necessária para o que quiser. Lembramos muita coisa passada. Vamos à luta. O caso do guarda de Euclides está preocupando cada vez mais a população e aos políticos. Também demonstrei que sou contra.
06.04.1963	Cheguei no Palácio, onde encontrei Celso, substituindo Seixas Dórias e pouco depois falei com Arivaldo e com Pedro Cardoso, aí mesmo, justamente com Mané Teles que aí já estava. Conseguimos o que desejamos. Voltamos para Itabaiana, onde despachei 6 habeas-corpus.
08.10.1964	Às 1 horas, juntamente com Manoel Teles, Toinho do Bar, no carro de Mané Teles para Aracaju, a fim de assistirmos à posse do cargo de desembargador dr. Pedro Barreto de Andrade. No caminho recolhemos Padre Arthur na kombi de Zé de Beto. Tomei banho, aprontei-me e fui ao Palácio da Justiça...
15.10.1964	Dia do Professor. Dei uma viagem ao ginásio, sem efeito. De volta, estive com Mané Teles, disse-me que ontem esteve com autoridades maiores do Estado. Perguntaram-lhe se o juiz estava assombrado...! Sr. Mané resolveu despistar a realidade dos fatos enquanto as autoridades faziam que de nada sabia.

11.11.1964	Sr. Mané Teles desde ontem que está interessado em grandes atos políticos, entre executivo e legislativo. Sessões da assembleia são constantes, de manhã, de tarde e de noite.
25.11.1964	Às 12 h, pouco mais, rumei para Aracaju, no jipe de Mané Teles. Fui direto a casa de Alfredo Leite. Não o encontrei, mas deixei tudo escrito.
11.11.1964	Estive ontem conversando com d. Pequena, quando chegou Walter, Aquino, Eliseu e outros.
11.13.1964	Depois fui à casa de sr. Manoel Teles. Demorei-me em boa palestra. Contei-lhe o caso do JB, senha enviada por Jugurta, a ele que mandou dizer a Zeca Mesquita que considerasse rasgada a petição de recurso. Manoel Teles me disse que conversou com Celso sobre a remessa do processo Euclides para o juiz do Brito. Depois conversou com Pedro Barreto e este explicou que quer desviar o processo de futura remessa ao Supremo Tribunal Militar. É preferível aqui mesmo, na Justiça Comum; Carlos Henrique me disse que conversou com dr. Hunald e este lhe dissera que contra o Bezerra não havia nada, estava tudo em paz, a própria situação de Itabaiana, há já um ano.

Após os assassinatos de Euclides e Antônio, o juiz e outros desafetos das vítimas passaram a viver assombrados com uma possível vingança, tanto por parte da família quanto de membros do Partido ao qual estavam vinculados. Um dos episódios anotados pelo Juiz em seu diário foi sobre o pistoleiro Elias, no qual houve sujeita de que ele se encontrava na cidade para vingar a morte de Euclides e de seu filho. Nesse contexto, José Bezerra esteve falando a respeito com autoridades, em especial com o Secretário de Segurança coronel Arnaldo Atin-gir que procurou tomar providências a respeito, em meio as severas e contínuas ameaças que circulavam de boca em boca na cidade e em Aracaju. Esse período foi de grande tensão e preocupação para José Bezerra e sua família.

Entre a morte dos deputados até início de 1967, José Bezerra viveu em Itabaiana, porém não estava já quando do assassinato de Manoel Teles, pois havia sido transferido para a Comarca de Itaporanga. Os anos finais de sua vivência em Itabaiana não foram anotadas em seu diário, pois encerrou seus escritos em 1964. Depois de sair de Itabaiana nunca mais retornou, como informa José Geraldo Bezerra em uma de suas entrevistas.

Manoel Teles viveu até 1967, quando foi assassinado. Decerto que a morte dele deve ter trazido novas inquietações para o juiz, pois pertencia ao cenário narrativo construído, tecido e alimentado ao longo dos anos de ter sido por vingança.

Durante esse período, despontou uma nova liderança em Itabaiana, Francisco Teles de Mendonça, nascido em 1926, filho de Miguel Teles de Mendonça e de Maria Angélica da Conceição, em Várzea da Gama. Seus pais eram agricultores. “Chico de Miguel”, como ficou conhecido, migrou para São Paulo, onde conseguiu um pequeno capital e retornar para Itabaiana e instalou uma bodega em seu povoado, onde eventualmente tornou-se subdelegado. Em 1959, mudou-se para a cidade de Itabaiana. Depois do golpe militar de 1964, houve a recomposição dos partidos políticos e a instalação da ARENA, no qual se filiou e se submeteu a eleição em 1966 para deputado estadual, porém ficou na suplência (Mendonça. 2013).

O lugar vazio deixado por Euclides foi ocupado gradativamente por “Chico de Miguel”, que ganhou destaque na política local, suplantando seu maior adversário, Manoel Teles. Quando “Mané Teles” foi assassinado em 31 de agosto de 1967, quatro anos depois da tragédia ocorrida com Euclides e Antônio, ele foi acusado de ser um dos mandantes (Dantas, 2019).

Figura 106. Recorte do jornal Gazeta de Sergipe:



Fonte: Gazeta de Sergipe, 31.08.1967.

Passou a circular a boca miúda a informação de que Chico de Miguel teria recebido uma fazenda para administrar a realização do crime. Por coincidência, Francisco Teles de Mendonça tornou-se proprietário da fazenda Gravatá- Marcela, que pertencia à viúva Maria Oliveria Mendonça, por meio de escritura de compra e venda registrada em cartório, em 1966 (Dantas, 2019, p. 210 e 211).

O processo seguiu, entre idas e vindas, no emblemático período duro do regime militar. “Chico de Miguel” foi preso durante três anos e meses em Aracaju, sendo posteriormente absorvido (Mendonça, 2013). Ele também foi incluído entre os cassados pelo regime militar. Dos acusados da morte de Euclides e Antônio, apesar das inúmeras ameaças, José Bezerra e o padre Arthur saíram ilesos, porém, Manoel Teles acabou sendo assassinado e ainda paira no cenário, a crença de que sua morte foi vingança pelos assassinatos dos deputados.



“Sinhã” e “Cacil” (outro aparte)

Não há choro, nem vela, nem mesmo fita a amarela, apenas lembranças que deixamos e aquelas com as quais partimos.

Nesse momento, gostaria de fazer algumas considerações sobre “Sinhã”, esposa de Euclides, e Cacilda, esposa de José Bezerra, no conturbado cenário familiar e político em que viveram.

“Sinhã”, assim conhecida, nasceu em 15 de julho de 1914, no povoado Candeias. Era filha de João Barbosa de Oliveira e Maria das Graças Passos. Casou-se com Euclides Paes Mendonça, seu primo em terceiro grau, em 25 de novembro de 1937. Como mencionado, era parente de Euclides e tornou-se sua esposa, acompanhando-o ativamente por 24 anos durante sua ascensão política. Ela assumiu o comando de várias situações quando Euclides estava ausente. “Sinhã” desempenhava o papel de atenuar os acessos intempestivos do marido e procurava contê-lo, intervindo em favor de pessoas que a procuravam para resolver problemas criados por ele. Era uma mulher forte, presente e atuante na família, sempre colaborando com seus irmãos e irmãs.

Originária do povoado Candeias, “Sinhá” sempre retornava à casa de seu irmão, Senhor de Janjão, que era casado com sua tia “Zabilinha”, meus avós maternos. Era querida por todos e, da mesma forma, os familiares reverenciavam Euclides, inabalavelmente ligados à UDN. Minha tia contou que meu avô assumia, naquele povoado, o papel de autoridade subordinada a Euclides, ouvindo as pessoas e resolvendo questões, certamente em favor dos aliados!

“Sinhá”, apelido herdado de uma tradição dos antigos engenheiros, em que a esposa do proprietário era assim chamada, reflete o cenário político persistente em Itabaiana. Não se sabe ao certo quando ela recebeu esse apelido, já que era comumente reservado às senhoras casadas. Mãe de cinco filhos, vivia em trânsito entre Aracaju e Itabaiana, administrando as duas residências, especialmente quando os filhos começaram a estudar na capital.

A presença de “Sinhá”, embora aparentemente coadjuvante e discreta, foi nada invisível, revelando-se ao longo do manuscrito do juiz José Bezerra. Ela conquistou um lugar no cenário político de Itabaiana que ia além do papel tradicional de mãe e esposa. Os laços entre Euclides e Sinhá ultrapassavam os limites do casamento, da paternidade e maternidade, pelo papel singular que “Sinhá” desempenhou ao lado de Euclides, tanto na família quanto nos negócios e no exercício do poder político em Itabaiana. Como expressou Carvalho (2022, p. 17):

Maria de Oliveira Mendonça, que, entre todas as esposas dos chefes políticos dos idos republicanos, passados e hodiernos, até agora, carrega os louros de ser a única com coadjuvação constante, influenciando

o marido de sobremaneira. Alcançando o seu recuo de muitas prisões, concedendo liberdade a pessoas confinadas no Quartel de Polícia ao talante do esposo, que a polícia, prontamente cumpria.

Na incursão sobre a história da família, a personagem “Sinhá” emerge como uma força política singular, embora limitada pela sua formação familiar, que via a alfabetização de mulheres como algo negativo, relegando-as aos trabalhos domésticos. Certamente, enquanto viveu no sítio do pai e ficou órfã, possivelmente com um pequeno cabedal de espólio, ela contribuiu para o patrimônio da família. No entanto, quando conheceu Euclides, ele já possuía sua casa comercial em Itabaiana. Essa mulher, embora mencionada aqui e ali na produção literária, está presente com a força de sua história e dos traumas que certamente enfrentou ao longo da vida. Ela se destinou a apoiar e manter o poder político de seu marido e de seu filho, tendo um desfecho difícil de precisar ao final de sua vida.

A perda traumática do marido e do filho, no mesmo momento, certamente foi uma provação muito difícil para “Sinhá”. Ela migrou para Salvador, abandonando parte de sua história, e retornou ao sepulcro quando faleceu, para o descanso eterno junto de sua família, em 27 de agosto de 1986.

Por outro lado, temos a figura de Cacilda Dantas, “Cacil”, esposa do juiz José Bezerra, que, embora estivesse nos bastidores dessa história, sustentou a movimentação de José Bezerra e de sua família. Ela manteve-se forte diante dos solavancos que sofreu junto com o marido, em meio a ameaças e perseguições, contribuindo para preservar a tranquilidade da família.

Entre os momentos de proximidade de José Bezerra e Euclides, “Cacil” teve alguns encontros com “Sinhá” durante as viagens que faziam de Itabaiana para Aracaju e vice-versa, além de algumas solenidades e festividades em Itabaiana, mas não estabeleceram maiores laços de amizade. José Geraldo me contou uma passagem que diz muito a esse respeito:

papai quando ficou diabético, ele não sabia tomar injeção ainda, depois ele aprendeu. D. Terezinha, solteirona que vivia com um tio e um primo, era quem aplicava injeção nele. Um dia, minha mãe saiu cedinho para chamá-la. Quando ia descendo a rua, viu “Sinhá” e está percebeu minha mãe que ia naquela direção, entrou e bateu à porta. Resultado: Terezinha disse a ela: - d. Cacilda, quando a senhora ia descendo, ela bateu à porta. Sabe por quê? Já vem aquela peste da mulher do juiz, pedir carro para levar para Aracaju.

Isso a fez se afastar de “Sinhá”, inevitavelmente. Observando as idas e vindas do juiz, no quadro 2, muitas viagens eram feitas com a família de Euclides, o que certamente incomodava “Sinhá”.

Cacilda foi retratada por seu filho como uma mulher forte, que proporcionava um certo equilíbrio ao marido e cuidava da família. Há muitas anotações feitas pelo juiz em seu manuscrito que mostram que, para ele, “Cacil” não era apenas sua esposa, mas também uma amiga e companheira. Ele mencionava os presentes que lhe comprava, os momentos em

que ela estava doente e se recuperava, além dos lugares para onde iam em momentos de lazer — as compras, as idas à missa, ao cinema e outros passeios em geral. Certamente, houve problemas entre o casal, alguns difíceis de lidar para Cacilda, como a forma com que José Bezerra administrava o dinheiro, o que trouxe muitas dificuldades à família, e sua resistência em permanecer em Itabaiana, apesar das oportunidades de sair, o que gerava medos e inseguranças constantes devido às ameaças recebidas.

Sem estudos e vivendo com uma pessoa de grandes habilidades intelectuais, “Cacil” enfrentou os desafios de ser esposa de um juiz do interior, focada em manter sua família bem, com a disposição de quem teve poucas escolhas na vida e, aquelas que abraçou, procurou fazer o melhor.

A vida dessas duas mulheres, certamente, não foi fácil. Cada uma, em seu papel, lidou com as consequências das escolhas de seus maridos, sem possibilidade de retorno. “Sinhá” perdeu o marido e o filho de forma trágica, e a dor a acompanhou pelo resto de sua vida. Por outro lado, “Cacil” viveu cotidianamente com a possibilidade de uma tragédia semelhante atingir sua família, em meio a um clima de suspense, ameaças, emboscadas, pressões e tensões constantes.

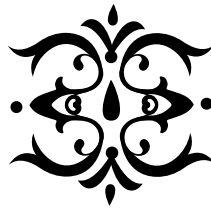
“Cacil”, centrada, assertiva e forte, por vezes silenciosa, enfrentou muitos sabores ao longo do período, tanto de ordem pessoal quanto na condução de sua família. Mudou-se com José Bezerra e seus dois filhos para a cidade, onde tentou viver pacificamente e construir boas relações de amizade. Envolvida indiretamente nas tramas de Itabaiana, passou anos naquela agonia de enfrentamento das ameaças sofridas por seu marido, quando ele rompeu com Euclides, e, depois, após

os assassinatos. Viveu a incerteza angustiante de uma possível vingança, quando o juiz foi colocado na condição de suspeito.

Com os filhos crescidos e precisando fazer o curso secundário, Cacilda voltou para Aracaju, enquanto José Bezerra permaneceu em Itabaiana, com viagens constantes entre ambos. Ao acompanhar as andanças de ambos, em estradas empoeiradas e esburacadas, por meio de marinete, jipe, rural, caminhão, ambulância e outros meios de transporte, lembrei-me da primeira viagem que fiz a Aracaju, no final de 1960, no sacolejo da marinete e do deslumbramento que senti com a cidade grande.

Ambas tiveram poucas oportunidades de escolarização, em contextos diferentes, enfrentando os percalços da vida com altivez, cuidando de suas famílias e filhos, assegurando que seus maridos pudessem “ganhar a vida”, como era atribuído às mulheres daquela época, em um período singular de movimentos femininos e lutas emancipatórias, especialmente no período que antecedeu o Golpe Militar de 1964.

Viúvas, seguiram suas vidas nos afazeres que lhes competiam. “Sinhá”, longe da terra onde nasceu e viveu, casou-se e criou seus filhos, faleceu em 22 de agosto de 1986 e foi sepultada junto com seu marido e filho no Cemitério Santa Almas de Itabaiana. “Cacil” também faleceu longe da terra onde nasceu. Enviuvou aos 61 anos de idade e, como relata José Geraldo Dantas, conseguiu se equilibrar financeiramente com a pensão que recebeu do marido, chegando a adquirir um imóvel. No entanto, morreu na mesma casa onde viveu com José Bezerra, enquanto dormia. Está sepultada no Cemitério Santa Isabel, em Aracaju.



(In) conclusão possível: disponibilidade, aposentaria e morte

A história de meus pais me conduziu a Euclides, a história de Euclides me conduziu a José Bezerra, e José Bezerra ganhou vida pelo legado que deixou em seus escritos, o que me levou a ampliar o conhecimento sobre a vida deste homem e de sua família.

José Bezerra dos Santos percorreu os caminhos da formação sacerdotal e, depois, acadêmica. Dotado de notáveis habilidades intelectuais, ele estabeleceu uma rede de contatos interessantes, o que lhe permitiu ocupar determinados cargos. No entanto, apesar de seu empenho pessoal em superar obstáculos e sobreviver em meio a constantes turbulências políticas e econômicas, ele não conseguiu prosperar financeiramente. Sua vida esteve submersa na intricada trama política que enfrentou.

Apesar das ressalvas que José Bezerra tinha em relação a algumas ações de Euclides, é inegável que ele contribuiu significativamente para o domínio do chefe político como confidente e amigo, especialmente nos meandros das questões judiciais que envolviam Euclides, muitas vezes favorecendo-o. Em contrapartida, Euclides oferecia suporte ao juiz recém-formado e recém-chegado ao interior, disponibilizando-lhe uma casa para alugar, concedendo empréstimos sem contrapartidas e realizando pequenos favores cotidianos durante viagens e passeios.

José Bezerra pagou um alto preço por atender demandas judiciais que contrariavam os desejos de Euclides. Ele foi isolado no âmbito judiciário, embora contasse com o apoio do governo e do chefe político Manoel Teles. Euclides, por sua vez, contou com o apoio de José Bezerra durante cerca de quatro anos, vendo-o não apenas como um aliado, mas como um amigo. Contudo, sentiu-se traído quando José Bezerra mudou de posição, e, como era de sua natureza, Euclides não tolerava interferências em seus planos.

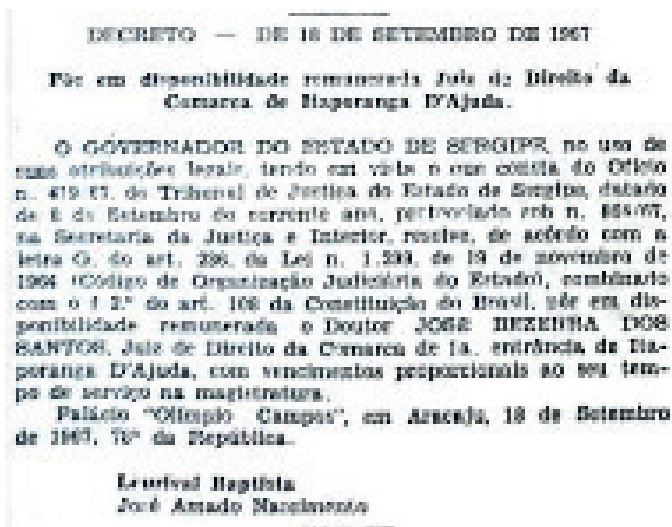
José Bezerra permaneceu como juiz da Comarca de Itabaiana e professor do Murilo Braga até 1967, quando foi transferido para a Comarca de Itaporanga. Menos de um ano depois, foi colocado em disponibilidade. Inicialmente foi transferido para Itaporanga, em 1967. Durante sua estadia nessa comarca substituiu o juiz de São Cristóvão, Epaminondas Silva de Andrade Lima, quando este entrou de férias. Nesse período, tomou uma medida jurídica que contrariou o juiz titular daquela Comarca, ao realizar o sorteio de um júri que estava sendo protelado. Albino Silva da Fonseca, cujo filho havia assassinado violentamente um desafe-

to, em um caso amoroso, pediu-se para agilizar a realização da seleção dos membros do júri. Essa ação criou uma fissura entre os dois juízes, já que José Bezerra fez o sorteio sem consultar o titular, e circulou então uma falsa notícia de que José Bezerra teria dado 500 mil para encaminhar a referida ação. Esse foi o momento considerado apropriado por alguns desembargadores para afastar José Bezerra.

Somou-se a isso o fato de ele ter dado depoimento na CPI do caso dos assassinatos dos deputados de Itabaiana, sem a autorização do Tribunal, o que foi visto como outra infração. A acusação de suborno circulava junto com a ideia de que Lourival Batista, ao assumir o governo do estado, desengavetou o processo contra José Bezerra, que desejava a retirada do juiz do serviço jurídico. Até então, o processo não havia prosseguido por falta de justificativa legal para colocá-lo em disponibilidade.

Sem acesso ao processo e às acusações, José Bezerra foi chamado a se defender. Uma funcionária, amiga dele, deu-lhe acesso ao processo, o que permitiu que ele transcrevesse algumas peças e montasse sua defesa. As acusações envolviam seu depoimento à Comissão de Inquérito Parlamentar, sem autorização judicial, o que violava as normas, além das suspeitas de suborno que pairavam sobre ele, mesmo sem acusações formais.

Figura 103. Decreto - disponibilidade



Fonte: Diário Oficial do Estado de Sergipe, n. 15.561, 20.12.1967.

Foi um processo administrativo que resultou em sua punição, inclusive com a redução de seus vencimentos. Contudo, ele entrou com um processo para reaver o salário, já que não havia legislação que legitimasse tal procedimento. Isso foi garantido por um levantamento feito pelo Dr. Armando Rollemberg, amigo de José Bezerra. Seu advogado de defesa, Dr. Viana de Assis, conseguiu reverter a situação, assegurando o pagamento dos vencimentos, embora o retroativo só tenha sido pago muito depois, já durante o governo de Lourival Batista (1967-1971).

Durante o processo de transferência de José Bezerra do Murilo Braga de volta para a Escola Normal, em Aracaju, ele passou por um período sem vencimentos, enfrentando dificuldades financeiras até que a situação fosse normalizada.

Além disso, além desse período em que o diário do juiz encantou, assombrou e me levou a inúmeros questionamentos, procurei trazer outros dados sobre a história de vida destas duas famílias que foram marcadas pelo que viveram durante o curto período de cerca de seis anos.⁴⁹ e ele foi ministrar aula do Colégio Estadual Johny Kennedy, depois pediu transferência para o Colégio 17 de março⁵⁰, situado no bairro Santo Antônio, próximo a sua residência, onde ficou até a sua aposentadoria. Colégio Estadual 17 de Março foi criado em 14 de janeiro de 1975, em homenagem à mudança da capital do Brasil de São Cristóvão para Aracaju.

Voltou a ministrar aulas no Instituto de Educação Rui Barbosa ao retornar para Aracaju, e lá, com o maestro Leozirio Guimarães e outros colegas, fundou a SOFISE – Sociedade Filarmonica de Sergipe, dedicando-se à música e chegando a tocar clarinete. Embora seu nome não seja mencionado nos textos sobre a SOFISE, ele participou da criação dessa entidade, ajudando financeiramente na compra de alguns instrumentos e estantes, como lembra Geraldo Dantas (20.10.2024), que assinala que o pequeno grupo alugou um espaço na Rua de São Paulo, em um prédio. José Bezerra reencontrou-se com a música, uma paixão que sempre demonstrou no seminário, mas que foi vetada pelos padres.

49 Formação de professor na Lei N°5692/71 levou o curso normal a sofrer um processo de descaracterização. A Escola Normal tradicional deixou de existir, passando a ser uma Habilitação Específica para o Magistério de 1° grau – HEM, tornando-se um modus de formação e não mais um locus de formação do professor das séries iniciais do chamado 1° Grau. A Escola Normal perdia “a sua identidade como agência de formação do professorado primário” (Lelis, 1989, p.42), configurando-se um quadro de precariedade. A falta de uma política articulando os três níveis de ensino, favoreceu um descompasso entre a formação do professor na Habilitação para o Magistério e as reais necessidades no ensino de 1o grau, local de exercício profissional do futuro professor. (Barros, 2013, p.52)

50 Colégio Estadual 17 de Março foi criado em 14 de janeiro de 1975, em homenagem à mudança da capital do Brasil de São Cristóvão para Aracaju.

Em 1976, aposentou-se como professor do ensino médio em escolas públicas e particulares. Foram cerca de 20 anos que viveu em Aracaju, após deixar a Comarca de Itabaiana, cujas memórias devem ser estudadas para acompanhar o desdobramento das posições que assumiu na comarca. Colocado em disponibilidade, encerrou sua trajetória profissional como juiz e depois, aposentou-se como professor.

Em 1980, sofreu um acidente vascular cerebral (AVC), ficando hemiplégico do lado esquerdo, o que lhe causou dificuldades de locomoção, conforme relatado por seu filho, José Geraldo. Como já era diabético, sua condição evoluiu para insuficiência renal, levando-o a óbito em 23 de setembro de 1982. Em sua certidão de óbito, anexada ao inventário, a causa da morte foi registrada como “acidose metabólica, septicemia”, ocorrida no Hospital São Lucas.

José Bezerra morreu sem acumular patrimônio, sempre demonstrando desprendimento em relação ao dinheiro e ajudando muitos que o procuravam. Deixou um imóvel herdado de suas tias, um carro popular (Fiat 147) e um telefone. Assim, encerrou sua vida de maneira modesta, sempre buscando novos desafios. Deixou poucas obras, entre elas um livro de sua produção literária, um livro acadêmico e o manuscrito de quatro volumes que retratam sua vida pessoal, social e profissional, tanto como professor quanto como juiz.⁵¹

Embora gostasse de consumir, suas compras eram limitadas a artefatos domésticos, vestuário e itens culturais, como livros, discos e algumas máquinas fotográficas. As acusações de que teria se beneficiado de serviços jurídicos em troca de

⁵¹ Inventário de José Bezerra dos Santos, em 13 de fevereiro de 1983, Aracaju. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

dinheiro foram desmentidas pelos dados levantados. Sem vícios, José Bezerra fez raras viagens, principalmente dentro do estado e ao Rio de Janeiro, e sempre esteve disponível para ajudar quem o procurava, seja com pequenos empréstimos ou doações, para familiares ou não. Ao falecer, mesmo sem ter adquirido muitos bens, exceto o carro, não deixou dívidas.

Na magistratura, adotou uma postura conciliadora e mediadora, tentando sobreviver ao confronto entre as forças políticas de Itabaiana, embora nem sempre tenha conseguido. Precisou tomar posições e arcar com as consequências, o que lhe custou caro. Teimoso por natureza, não seguiu os conselhos de familiares e amigos para deixar a Comarca de Itabaiana, especialmente após os assassinatos dos dois deputados, quando foi considerado suspeito devido ao seu envolvimento na passeata dos estudantes do Murilo Braga e ao conflito com Euclides desde a invasão de terras.

Entre uma formação cristã conservadora e a formação jurídica, viveu entre os valores adquiridos no seminário e a vida laica após abandonar o sacerdócio para buscar seu lugar no mundo. Suas ambiguidades entre o “certo” e o “necessário” para se afirmar e sobreviver são evidentes em seus escritos, que mostram sinais de insegurança e uma constante necessidade de afirmação, frente aos desafios da política e das decisões judiciais. Uma personagem emblemática que enfrentou as intempéries de seu tempo, muitas vezes à custa de tempo e dedicação que poderiam ter sido dedicados à sua família.

Durante sua estadia em Itabaiana, ele desempenhou um papel essencial além de suas funções como juiz e professor, nas relações interpessoais que construiu. O banco em frente à sua casa na praça principal tornou-se um ponto de encontro,

onde ele ouvia e ajudava quem o procurava, independentemente de filiações partidárias ou da condição socioeconômica.

José Bezerra despertou afetos e rancores, admiração e críticas, exaltação e condenação, sem jamais perder a compreensão que tinha de si mesmo. Foi quase sacerdote, professor, juiz, músico, escritor, pai, marido e avô.



REFERÊNCIAS

ACADEMIA MAÇÔNICA SERGIPANA. **Acadêmicos**. Disponível em: <https://academiamaconicadesergipe.com.br/cadeira-no-01-jose-geraldo-dantas-bezerra/>. Acesso em: 04 jan. 2024.

A CRUZ, Rio de Janeiro, 19.08.1955, n. 2010. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

ALMEIDA. Sayonara do Espírito Santo. **Economia doméstica: uma disciplina escolar no Secundário Ginásial Sergipano do Atheneu Sergipense (1944-1954)**. Universidade Tiradentes. Programa de Pós-Graduação em Educação. As Disciplinas de ciências naturais na Escola Normal Rural Murilo Braga (1954-1972), Aracaju: Unit, 2017. Disponível em: <file:///D:/OneDrive/Jos%C3%A9%20bezerra/SAYONARA%20Defesa%20-%20Final.pdf>... Acesso em: 10 maio 2024.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA João Paulo Gama; Costa, Rosemeire Macedo, 2021. **A Reforma Gustavo Capanema no**

Atheneu Sergipense: entre a legislação educacional e as práticas educativas discentes (1942-1961). Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, vol.29 no.59 Salvador jul./set. 2020 Pub. 19-Jul-2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000300180. Acesso em: 22 mar. 2024.

ANDRADE, Tane Monteiro. **Educação, Devoção e Romanização:** a história dos salesianos em Sergipe e a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora (1902-1958) Edla Tane Monteiro Andrade Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado, Aracaju: UFS, 2019. Disponível em: [file:///C:/Users/Neide/OneDrive/TRANSCRI%C3%87%-C3%95ES/EDLA_TUANE_MONTEIRO_ANDRADE%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Neide/OneDrive/TRANSCRI%C3%87%-C3%95ES/EDLA_TUANE_MONTEIRO_ANDRADE%20(1).pdf). Acesso em: 10 ago. 2024.

ANDRADE, Liliane Costa. **Cinema e segunda guerra mundial:** análise da divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais de Sergipe (1942-1945) Departamento de História, do Centro Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Sergipe. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12025/2/Liliane_Costa_Andrade.pdf, 2018. Acesso em: 20 set. 2024.

ANDRADE, Luiz Carlos. **Coisas da vida.** Aracaju: Infografias, 2018.

BALDOCK, José Augusto. **Cartilha de Itabaiana.** Itabaiana: Infogrphis, 2017.

BALDOCK, José Augusto. **Itabaiana Grande:** seus causos e mais. Aracaju-Se, 2013.

BALDOCK, José Augusto. **Causos de Itabaiana Grande.** Aracaju: Infografias, 2012.

BARRETO, Luiz Antônio. **História do Poder Judiciário em Sergipe**. 2 ed. Revista e ampliada do livro comemorativo O Poder Judiciário de Sergipe – 100 anos de História. Aracaju: Typografia Editorial: Edição do Tribunal de Justiça de Sergipe, 2005.

BARRETO, Luiz Antônio. O tesouro dos Jesuítas em Sergipe. **INFONET**, 26.03.2014. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/o-tesouro-dos-jesuistas-em-sergipe-i/> Acesso em: 23 mar. 2024.

BARRETO, Laura Matos dos Santos Figueiredo. **O Ensino contábil na Escola de Comércio Conselheiro Orlando, Aracaju/Sergipe (1923-1944)**. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, 2028.

BARROS, Lúcia Violeta Prata de Oliveira **O Instituto de Educação “Rui Barbosa” nas décadas de 1970 E 1980: representações das práticas escolares**. 2013. <https://mestrados.unit.br/wp-content/uploads/2015/07/disserta%3%87%c3%83o-o-instituto-de-educac%3%87%c3%83o-%e2%80%99cru-i-barbo-sa%e2%80%9d-nas-d%3%89cdas-de-1970-e-1980.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

BOMFIM, Clóvis. **Retratos da História de Santo Amaro das Brotas**. Santo Amaro das Brotas, 2007.

BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Uma educação para a vida: as práticas educativas dos salesianos para formação de meninos em Sergipe (1911-1945)**. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas, 2017. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=->

true&id_trabalho=5025087. Acesso em: 29 set. 2023.

BISPO, Marluy Mary Gama. **O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe**. Tese de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 1918.

BISPO, José de Almeida. **Itabaiana, nosso lugar**: quatro séculos depois. Itabaiana-Se: Edição do autor, 2013.

BISPO, José de Almeida. 93 Notícias. **E assim nasceu a Micarana**, 23 de agosto de 2023. Disponível em: Disponível em: <https://93noticias.com.br/noticia/92814/e-assim-nasceu-a-micarana>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BRITO, Luzia Cristina Pereira. **Ecos da modernidade na Escola Normal “Rui Barbosa” (1930 – 1957)**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2001 (Dissertação de Mestrado). Aracaju: UFA, 2001.

BEZERRA, José Geraldo Dantas. Entrevista realizada em 21 de janeiro de 2024, na sua biblioteca, situada no centro de Aracaju. 21.01.2024.

BEZERRA, José Geraldo Dantas. Entrevista realizada em 24 de junho de 2024, na sua biblioteca, situada no centro de Aracaju. 20.06.2024.

BEZERRA, José Geraldo Dantas. Entrevista realizada em 20 de setembro de 2024, na sua biblioteca, situada no centro de Aracaju.

BEZERRA, José Geraldo Dantas. Entrevista realizada em 09

de setembro de 2024, na biblioteca, situada a rua de Estância, centro de Aracaju.

CARVALHO, Vlademir Souza. **Euclides Paes Mendonça:** um político (ensaios, crônicas e anedotas). Aracaju: Editora ALESE, 2022.

CARVALHO, Vlademir. **A República Velha em Itabaiana.** Aracaju-SE: Fundação Oviêdo Teixeira, 2001.

CARVALHO, Vlademir Souza. **Apelidos em Itabaiana.** Curitiba: Juruá, 1996.

CONCEIÇÃO, Joaquim. **A configuração espacial do internato do Colégio Estadual Tobias Barreto (1913-1950).** Anais do IV Congresso sergipano de História e IV Encontro Estadual de História da ANPUH/SE, 21 a 24 de outubro de 2012. Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe > Disponível em: http://www.encontro2014.se.anpuh.org/resources/anais/37/1408645233_ARQUIVO_ComunicacaoCongresso.pdf. Acesso em: 29jul.2024.

COSTA, Silvânia Santana. **Histórias contadas e vividas:** memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950/1972). Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

CORREIO DE ARACAJU. **Concurso de Português:** primeira reunião de professores. N.1953. 13 de outubro de 1953. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO DE ARACAJU, n. 6136, 21.12.1967. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO DE ARACAJU, 21.12.1957. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO DE ARACAJU, n. 163, 04.02.1864. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO MERCANTIL E INDUSTRIAL. N. 59. 29/02/1868. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO SERGIPENSE, n. 54, 22.07.1938. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO SERGIPENSE, n. 10, 8.02.1951. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO SERGIPENSE, n. 78, 2.10.1861. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO SERGIPENSE, n. 39, 11.07.1863. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CORREIO SERGIPENSE n. 10, 4.02.1964. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

CRUZ, José Vieira da. **Da autonomia à resistência democrática:**

movimento estudantil, ensino superior e sociedade em Sergipe, 1950-1985. 527 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35028>. Acesso em: 20 mar. 2024.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. 2 ed. Revista e ampliada. Aracaju: Criação, 2019.

DANTAS, Ibarê. **A tutela militar em Sergipe (1964-1984)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. 2 ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

DANTAS, Ibarê. **Leandro Maynard Maciel na política do século XX**. Aracaju: Criação, 2017.

DIÁRIO DE SERGIPE. Concursos de Português e História do Brasil, n. 2543, 13.10.1953. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/43606>. Acesso em 3 ago. 2024.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE. Aracaju, 07.06.1971.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SERGIPE, n. 15.561, 20.12.1967

DÓRIA, Seixas. **Eu, réu sem Crime**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Ed. CODECRI, 1980.

FAMILY, Figura n. 3. Livro de Matrimônio. Itabaiana. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/collection/2177298>. Acessos diversos.

FERREIRA, Jurandy Pires (Coord. e Org.) **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. IBGE, 1959.

FOLHA DA MANHÃ. **Tópicos**, n. 441, Aracaju, 20. 08. 1942. Disponível em: Acesso em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/43606>. Acesso em: 25 mai. 20224.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normatistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920=1950). Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Campinas, 1995.

GAZETA SOCIALISTA. **Panorama político**. Aracaju, n. 117, 18.05.1957. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/43606>. Acesso em: 20 mai. 2024.

GAZETA SOCIALISTA, 20.02.1957.

GAZETA DE SERGIPE. **Euclides Paes Mendonça mandou que o juiz de Direito de Itabaiana fosse fazer o interrogatório de um preso, na cadeia, em 19.06.1958**. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/43606>. Acesso em: 20 jun.2024.

GAZETA DE SERGIPE. **Assassinado Manoel Teles com três tiros na cabeça**. Aracaju, 31.08.1967.

GAZETA DE SERGIPE. 25.11.1962

GILFRANCISCO. **O Tempo na história**: Renato Mazze Lucas, Efidencie-Se, 21.02. 2021.Disponível em: <https://evidencie-se.com/o-tempo-na-historia-renato-mazze-lucas/>. Acesso em: 10 set. 2024.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da; NASCIMENTO, Ana Cristina do. **A trajetória do Conselho Estadual de Educação de Sergipe**: Textos de sua História. Recife: Linceu, 2013.

GARCIA, Luiz: **Im governador inovador**. Aracaju: EDISE, 2021.

INFONET NET. **Morre o médico Hugo Gurgel**. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/saude/morre-o-medico-hugo-gurgel/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

INVENTÁRIO de José Bezerra dos Santos, em 13 de fevereiro de 1983, Aracaju. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Sergipe.

INVENTÁRIO de João Barbosa de Oliveira. **Comarca de Itabaiana, 09. 05.1940**. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Sergipe.

INVENTÁRIO de Eugênio Bezerra da Silva. **Termo de Pacatuba, Comarca de São Francisco, 18.03.1915**. Arquivo Geral do Tribunal de Justiça de Sergipe.

JORNAL DO BRASIL. N. 186, 10.08.1963.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro. **Suplemento n. 113, 24 e 25.04.1948**. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro. **Suplemento n. 115. 25.04.1848**. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro, suplemento n. 139.

31/05 e 01.06.1841. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 dez. 2023.

JUSBASIL. **Sessão especial marca passagem dos 100 anos de Edézio Vieira de Melo, 2009**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/sessao-especial-marca-pasagem-dos-100-anos-de-edelzio-vieira-de-melo/1864668>. Acesso em: 10 mar.2024.

LAPA, Dayse de Araújo. **Linha entrelaçadas: História da educação, arquitetura dos grupos escolares. Cidade de Aracaju (1914-1925)**. Dissertação de Mestrado da Pós-graduação da Universidade Tiradentes. Aracaju: Se, 2019. Disponível em: https://mestrados.unit.br/pped/wp-content/uploads/sites/2/2019/06/LAPA_Dayse-LINHAS-ENTRELA%C3%87ADAS-1914-1925.pdf. Acesso em: 14 ago. 2024.

LIMA, José Rivadálvio. **Cinquentenário do Colégio Estadual Murilo Braga (1949-1999)**. Aracaju-Se: J. Andrade, 2002.

LIMA, José Rivadálvio. **Recordações da minha vida no ginásio Estadual Murilo Braga**. 2019

LIMA Tatiane Oliveira. **Memórias e histórias de duas mulheres da Escola Normal Rural Murilo Braga na década de 1960 em Itabaiana/se**. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/19680/2/Tatiane_Oliveira_Lima.pdf. Acesso em 23 jul. 2024.

LEAL, Antônio Meneses Leal. **Coronelismo e violência na**

política de Itabaiana. Disputas políticas e mortes de parlamentares udenistas (1963). Disciplina Prática de Pesquisa Histórica, Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015.

MAYNARD, Andreza S. C. **“Presepe de Sombras” em Aracaju (Sergipe –Brasil):** Uma reflexão sobre exibições cinematográficas no início do século XX. Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe, 2014. Disponível em <file:///C:/Users/Neide/Downloads/2134-Texto%20do%20artigo-8894-1-10-20140916-1.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MAYNARD, Armando. **Professor Joaquim Vieira Sobral e o se mecenato estudantil.** Facebook, 8 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.hp?fbi-d=721005811251869&set=gm.790182511010414&type=1&the-ater>. Acesso em: 20 de mar. 2024.

MENDONÇA, Carlos. **A Itabaiana Grande:** Euclides e Manoel Teles: dois homens. Duas Visões. Uma história e o mesmo destino. Aracaju SE: Infographs, 2014.

MENDONÇA, Carlos. **Comendador Serapião Antônio Góis.** Aracaju: Infogrphis, 2019.

MENDONÇA, Carlos. **Francisco Tavares da Costa -FEFI:** uma lenda viva do comércio, do esporte, da cultura e da história de Itabaiana. Aracaju: Infographs, 2017.

MENDONÇA, Carlos. **Mons. Eraldo Barbosa de Almeida:** uma história de fé, lutas e conquistas, dentro e fora da Igreja Católica. Itabaiana-Se: Infographs, 2013.

MENDONÇA, Carlos. **A Evolução Comercial de Itabaiana**. Itabaiana-Se: Infographis, 2015.

MENDONÇA, Nunes. **História de Educação em Sergipe**. Aracaju, 1958.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; CRUZ E SILVA, Maria Lucia Marques. **Educadores de Sergipe: à luz da República (1911-1971), reconstruindo trajetórias**. Aracaju: Editora UNIT, 2017.

MENDONÇA, Carlos; OLIVEIRA, Maria da Conceição. **Eli-seu de Oliveira: Um Empreendedor Folclórico e Arrojado**. Aracaju/SE. Info Graphics, 2016

MINISTÉRIO PÚBLICO. **Alegações finais**. Tribunal de Justiça de Sergipe, 26.12.1968. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

MINISTÉRIO PÚBLICO. **Alegações finais do assistente do Ministério Público**. Tribunal de Justiça do Ministério Público. Alegações Finais, TJS, 26 de dezembro de 1968. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

MINISTÉRIO PÚBLICO. **Alegações Finais**, TJS, 26 de dezembro de 1968. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe. e Sergipe, 28.12.1968. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

MONTEIRO, Lorena Madruga. **O Partido Democrata Cristão no Brasil (1945-1963)**. História: Debates e Tendências – v. 13, n. 2, jul./dez. 2013, p. 266. file:///D:/Downloads/Dialnet-OPartidoDemocrataCristaoNoBrasil19451963-5965821.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Memórias da Resistência: O MDB e a luta pela contra a ditadura militar em Sergipe**. Aracaju: Criação, 2019.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS: memórias de um Ginásio de Ouro, São Cristóvão SE**: Editora UFS, 2012.

OLIVEIRA, Nilo. **O sindicato da morte**. Revista O Cruzeiro, ed. 52, 05.10.1963. **O GLOBO**, 27.04.1963. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade. **Melhoramento e Ampliação do Sistema de Educação Primária e Básica no Estado de Sergipe, Nordeste Brasileiro (1963)**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.29, p 302-310, mar.2008 - https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/5059/doc01_29.pdf

OLIVEIRA, Antônio. **História breve (e um tanto cifrada) de uma paixão**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2002.

O GLOBO, 27.04.1963. Deputado dizendo que vai a Sergipe “garantido como homem, Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 30 mar. 2024

O CRUZEIRO. **Sergipe: morte de aviso prévio**. Rio de Janeiro. Edição 52. 05.10.1963. Disponível em:

PINHEIRO, Diego Menezes. **Os discursos do deputado Airtón Teles na Câmara Federal (1955-1960)**. Monografia do curso de História da Universidade Federal de Sergipe, 2017.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **Instruir e educar**”:

Práticas de formação no Colégio “Jackson De Figueiredo” (1938-1980). Universidade Federal de Sergipe, dissertação. 2014. Disponível em:-legado. https://sucupira.bapes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/view-TrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=232453. Acesso em 02.09.2024.

REGINATO, ANDREIA Depilei de Albuquerque; REIS, Gibson Sérgio Matos (Org.). **Comissão Estadual da Verdade “Paulo Barbosa de Araújo” Sergipe: Relatório Final** [recurso eletrônico]. Aracaju: Editora Diário Oficial de Sergipe- Deise, 2020.

SAMARONONE. Antônio. **Gente Sergipana: João Océa**, em 18 de agosto de 2021. **Destaque notícias**. Disponível em: <https://www.destaquenoticias.com.br/gente-sergipana-joao-ocea/>. Acesso em: 2 set. 2024.

SAMARONE, Antônio. **Uma História Cultural do povo Itabaianense**. Aracaju: Criação, 2025.

SAMPAIO, Dilson Gonzaga. **“Para tornar o estudo um farol: No colégio o lema tracemos”** O Colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953) Aracaju: Universidade Tiradentes, 2016. Disponível em: file:///D:/Downloads/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Dilson%20Gonzaga%20Santana-4.pdf.. Acesso em: 12 set. 2024.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **Poder Local e Relação de Dominação**. Itabaiana 1945-1963. Porto alegre: Rede Editora, 2015.

SANTOS, Gilvan Vitor dos. **O Círculo Operário Católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1936-1969)**. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão,

2011. Disponível em: file:///D:/Downloads/GILVAN_VI-TOR_SANTOS-1.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

SANTOS, Clédia Maria dos. **Descobrimdo a descrição na narrativa**: uma proposta para aulas de Português. Universidade Federal de Sergipe. Dissertação de Mestrado Profissional em Letras – PROLETRAS. São Cristóvão, 2020.

SANTOS Gilvan de Jesus; SANTOS, Silvaney Silva Santos. **Santo Amaro das Brotas do Histórico ao Lúdico**: século XX. Aracaju: J. Andrade, 2017.

SANTOS, Alexandra da Silva. **As disciplinas de ciências naturais na Escola Normal Rural Murilo Braga (1954-1972)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, 2023. Aracaju:se, 2023.

SANTOS, Pe. José Gumercindo. **Memórias**: pedaços d'alma. Bahia: Artes Gráficas LTDA, 1981.

SANTOS, Isabel de Carvalho. **Colégio Estadual Murilo Braga, Itabaiana-SE (1949-1999)**: uma contribuição à sua história. Monografia (Licenciatura em História) – Polo Regional de Itabaiana, Programa de Qualificação Docente II, Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Face opaca da República**: Isabel Esteves de Freiras e as escolas de Primeiras letras em Itabaiana (1926-1932). Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n° 53, p. 403-413, out2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/>

view/8640212/7771. Acesso em: 10 de nov. 2024.

SANTOS, José Bezerra. **O Tesouro de Japoatão**. Edição Centenária do Nascimento do Autor. Aracaju: ArtNet Comunicação, 2018.

SANTOS, José Bezerra dos. **Machado na Literatura Nacional**. Aracaju: Gartner, 2019.

SANTOS, José Bezerra. **Diário**. Itabaiana, 1956-1964. Manuscritos. (4 volumes).

SANTOS, Tarso. **Homenagem ao Promotor de Justiça, Valdir de Freitas Dantas, morto em 10.03.1998**. Disponível em: https://portalweb.mpse.mp.br/Memorial/Documentos/AbrirDocumento.aspx?cd_documento=2439. Acesso em: 22 mar. 2025.

SANTOS, Maria Nele. **A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Departamento de História. UNICAMP, 1984.

SANTOS, Elias Sousa. **Genaro Plech e Alfeu Menezes**: docentes da disciplina canto orfeônico da escola. **ANAIS VIII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão-SE, 18 a 20 de setembro de 2014. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9524/26/25.pdf>. Acesso em: 21 03. 2024.

SANTOS, Rogério. **Zeca Mesquita**. Aracaju: 2014.

SANTOS, Rogério. **João Retrartista: o mestre da fotografia**. Itabaiana: Infrograhcs, 2011.

SANTOS, Elias Souza dos. **Educação Musical escolar em**

Sergipe: uma análise das práticas de disciplina Canto orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1931-1971). Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29112012-104629/pt-br.php>. Acesso em 29 set. 2024.

SOCIEDADE JOSELEITOS DE CRISTO. PE. José Gumercindo Santos (15.08.1907 – 10.09.1991). Disponível em: <https://joseleitos.org.br/biografia/>. Acesso em: 20 set. 2024.

SOLIDÁRIOS-SE. **Projeto Social, Asilo Rio Branco**. Disponível em: <https://solidarios-se.com/projeto-social/asilo-rio-branco/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SERGIPE JORNAL. **Últimas homenagens ao ex-deputado Ailton Teles**. Aracaju, n. 14.145, 30.06.1960. Disponível em: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/20196>. Acesso: 1 maio de 2024.

SARACURA, Antônio FJ. **A Morte de Euclides Paes Mendonça**. Aracaju: Infografhica, 2015.

SOBRAL, Maria Neide. **Estado, Cultura e Escola:** políticas de alfabetização em Sergipe. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

SOBRAL, Maria Neide Sobral. **História Oral da Vida Camponesa:** assentamentos de reforma agrária em Sergipe: Da Prática Social à prática de alfabetização. Aracaju: Editora Ufes; Fundação Oviedo Teixeira, 2010.

SOUSA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça:** um escolanovista sergipano. São Cristóvão: Editora UFS, 2003.

SOUSA, Yone Mendonça de. **Testemunha ocular**. SANTOS, José Bezerra. **Machado de Assis na Literatura Nacional**. Aracaju: Artner Comunicação, 2019. p. 21-22.

SOUSA, Eliana. **História e Memória da Universidade Federal de Sergipe**. Editora UFS, 2015.

SOUZA, Yvone Mendonça de. Prefácio. SANTOS, José Bezerra. **O Tesouro de Japoatão**. Edição Centenária do Nascimento do Autor. Aracaju: ArtNet Comunicação, 2018.

SOUZA, Marcos Antônio de. **Memória sobre a capitania de Sergipe**. Aracaju-Se, 2005.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **Mestra na essência da palavra**: trajetória docente de Ofenísia Freire (1941-1966) – Aracaju :Editora SEDUC, 2021.

SOUZA, Tereza Cristina Pinheiro. **Ecos do Murilo**. Aracaju: Infografics, 2019.

STEINBACH, Neusa. **Ginásio Estadual Murilo Braga, 1959... “Meninos eu vi!”** SOUZA, Tereza Cristina Pinheiro (Org.). **Ecos do Murilo**. Aracaju: Infografics, 2019. (p.119-122).

TERMO DE DECLARAÇÃO que presta Maria Andrade de Oliveira, na Secretaria de Segurança Pública, 28.05.1965. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

TERMO DE DECLARAÇÕES que presta o cidadão Lucas Oliveira, 26.05.1965. Arquivo do Tribunal de Justiça de Sergipe.

ÚLTIMA HORA. N. 436. 23.09.1963. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov>.

br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 8 dez. 2023.

VASCONCELOS, Marilene da Graça. **Carnavais fora de época em Itabaiana: da Micarene à Micarana (1950-2002)**. Monografia da disciplina Prática de Pesquisa. Curso de Licenciatura Plena em Itabaiana, Universidade Federal de Sergipe, 2002.

VERÇOSA, Elcio; CALVACANTE, Simone. **História de Alagoas: o livro dos 50 anos**. Maceió: EDUFAL, 2011.

VIANA, Sayonara (Org.) **Retratos e Paisagens afetivas de Sergipe**. Aracaju: J. Andrade, 2021.

Tecer essa história foi um desafio, pois deixei outros escritos de lado para me concentrar nesse texto, como se houvesse uma urgência, como se projetasse uma finalidade, como se algo novo pudesse ser dito. Depois de escrito, ficou apenas a sensação de mais uma tarefa cumprida, embora cheia de incompletudes, inconclusões e possíveis lacunas. Também permanece a esperança de que possa abrir caminhos para outros pesquisadores e interessados nas coisas e nas pessoas de minha terra.

Devo essa incursão ao professor Ibarê Dantas, com quem tenho procurado aprender os meandros da história de Sergipe e sua didática assertiva sobre como investigar e escrever. Foi Ibarê quem colocou em minhas mãos a cópia do manuscrito do juiz José Bezerra. Por mais que eu expresse minha gratidão, nunca será suficiente.

Também gostaria de expressar minha gratidão ao Dr. José Geraldo Dantas Bezerra, guardião do original do DIÁRIO, com quem tive tardes e manhãs ricas de aprendizado, ouvindo-o narrar suas memórias com riqueza de detalhes e significados, transportando-me para os eventos como se pudesse testemunhá-los pessoalmente. Sua contribuição foi inestimável e, por isso, sou profundamente grata.

Maria Neide Sobral